



MEDITAÇÕES

BREVES

AGOSTINHO BOTH

Agostinho Both

Meditações breves



Acrílico sobre tela de Silvana Oliveira



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2013

Agostinho Both

Meditações breves

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Literatura, Romance. -Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2013. E-book

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-CompartilhaQual 3.0 Nao Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado pelo Autor em: 03/03/2013

Capa de Silvana Oliveira

B749m Both, Agostinho
Meditações breves [recurso eletrônico] / Agostinho
Both. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2013.
E-book (formato PDF).
ISBN 978-85-64997-77-6

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Meditações. I. Título.

CDU: 869.0(81)-84

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

Da ternura: pra além da dor	11
Por pensar em virtudes.....	27
A longa esperança.....	32
Vim de Santa Catarina.....	38
Meditação de final de inverno.....	52
De Imre, Cecília e Drumond	56
Da morte e da paz	63
Um pouco de virtude e de Borges	68
Os dias sagrados.....	74
Um pouco da fé e da loucura	78
Entre o amor, a morte e o pecado.....	82
Da irracionalidade.....	86
Lembranças e outros dias	89
Do pequeno e do incomensurável.....	94
Do pobre Rousseau.....	96
Aconselhando-me.....	99
Da composição das almas.....	104
Ser um pouco mais.....	108
De uma árvore e de outros animais	110
Das aracuãs, de um cachorro e de Ovídio	113
Insegurança e defesa	117
Das casas e do mar.....	120
Chegando em casa.....	123
A oficina da alma	126
Dúvidas e perguntas.....	129
Transformações.....	132
Meditações muito breves.....	141
Brevíssimas meditações.....	169
MEDITAÇÕES AVULSAS	173
MÁSCARAS E A INTIMIDADE.....	173
PRUDÊNCIA E COMUNICAÇÃO.....	174
FIDELIDADE E COMUNICAÇÃO.....	174
DAS CIRUNSTÂCIAS E DA PAIXÃO.....	175
EST-ÉTICA AMOR E COMUNICAÇÃO	176
COMUNICAÇÃO E AMOR	177
A PAIXÃO:	178
DA TERNURA.....	178

DO AMOR GRATUITO	179
COMUNICAÇÃO E HUMOR	180
COMUNICAÇÃO E TOLERÂNCIA	182
A SIMPLICIDADE	182
A PRECARIIDADE	183
SOBRE A HUMILDADE	184
PEQUENA CONVERSA SOBRE A GRATIDÃO	185
CONVERSA SOBRE CRIANÇAS AGRADÁVEIS	185
UMA COMUNICAÇÃO MENOR	186
PARA A SALVAÇÃO DOS MAIS VELHOS	187
CONVERSANDO GREGO	188
FINADOS	189
ESPAÇOS D'ALMA	189
AS HORAS	190
MEU CUSCO COMUNICADOR	191
COMUNICAÇÕES EMPRESTADAS	191
COMUNICAÇÃO COM A MORTE	192
NÃO ACREDITAI NO CORAÇÃO	193
AS DORES SE MULTIPLICAM	194
DISCURSO PARA A PARA A PAZ	194
DE REPENTE	198
COMUNICAÇÃO DE UM PSQUIATRA	199
COMUNICAÇÃO E PEQUENEZ	200
ANTES DE PARTIR	200
COMUNICAÇÃO COM A SOGRA	201
BUSCAS PARA UM CONSOLO	201
A TRISTEZA E COMUNICAÇÃO	202
COMUNICAÇÃO E AMIZADÉ	202
CONVERSAS COM MINHA AMADA	203
SÃO MILTON CAMPOS	206
O QUIXOTE DE MENARD	206
PEDRA E AMOR NO MEIO DO CAMINHO	207
O DELEGADO SAMPAIO	208
DESEJO ETERNO	209
MEMÓRIA DE UMA TARDE	209
POEMA RÁPIDO	210
ESTÚRDIAS COMUNICAÇÕES	210
A DOR E A COMUNICAÇÃO DIVINA	211
A INVENÇÃO DO PODER	212

AS MEDIDAS DO CORAÇÃO	212
SOBRE A RESSURREIÇÃO DE UM ANJO.....	213
DA AMIZADE EM OFERTA.....	213
FRÁGIL COMUNICAÇÃO	214
ENTRE A MELANCOLIA E A ALEGRIA	214
PEQUENO CANTO E FLORES FORA DE HORA.....	215
DA PALAVRA VIRTUAL	215
DIA DO AMIGO.....	216
AS POUCAS FLORES	217
PARA LER MELHOR TODAS AS INFORMAÇÕES!	217
DA TERNURA FINAL	218
PALAVRAS E O DOMÍNIO.....	219
MEU DEUS PORQUE ME ABANDONASTE?	220
BUSCANDO AS COISAS PERDIDAS.	220
COMO DIZ SPINOZA	221
CONVERSAS COM AS CADEIRAS.....	222
UMA PEQUENA MÚSICA	223
SAUDADES	224
ENTRE A FÉ E A MEMÓRIA.....	224
A MEMÓRIA E O PENSAMENTO	225
O TEMPO SE BIFURCA.....	226
O TEMPO E OS MOMENTOS	227
POR FALAR EM DOMÍNIO NA COMUNICAÇÃO.....	228
O HOMEM DA TAL INTEGRIDADE	229
ENCONTRO	230
A PALAVRA TOMA VIDA	231
QUEREMOS DIZER	231
ANGELUS.....	232
DA DOR E DO ÓDIO.....	233
A PERDA I	233
A PERDA II	234
DIÁLOGOS EMERGENTES.....	235
IMORTALIDADE E COMUNICAÇÃO	235
EXPLICAÇÃO DAS DOENÇAS.....	236
DIALOGANDO COM O CORAÇÃO	237
O TEMPO E O ESPAÇO COMO DIÁLOGO DIVINO.....	237
ENTRE MÃE E FILHA	238
COISAS PRA VELHOS	239
MEDITAÇÃO SOBRE O RISO	240

DOIS QUADROS E TRÊS LOUCOS	242
PARADOXOS	242

Da ternura: pra além da dor

Começo minhas meditações com um grupo de jovens. Ao terem lido o livro *Sonhos pedagógicos da professora Antônia*, comentavam, com certa crítica, que o texto fora duro por mostrar tantas mortes, mas, por outro lado, fazia pensar sobre os caminhos de suas vidas. Teriam mais cuidado de si.

Não me pejo, então, de começar com as dores da vida para ver se consigo tirar mais proveito de tudo que tenho, a começar pelo próprio nome, tendo-o com tal dedicação como se dele dependesse a salvação do mundo. E de fato assim é, uma vez que ninguém me garante que outro haverá ou como será, além daquele que está ao alcance de minha presença.

Dia 29/04/08

Enquanto vigiava sobre a doença de Orlene, a mais doce sobrinha, foi me dada a sorte de visitar o padre Jovino peleando com seu sofrimento. Homem de fé e de uma palavra simples, ilustrada. Tinha um verbo exímio, parecendo efetivar, por ele, o melhor de sua alma. Agora, aí estava ele pedindo um pedacinho de pão consagrado. Em sua fé, uma certeza inarredável. Convivi com ele durante todo o ano de 1964, auscultando, agora, mais uma vez, a firmeza de sua crença.

Ao me despedir em seu leito 503 do São Vicente, disse-lhe que havia em mim um grande reconhecimento por ter convivido e aprendido a cuidar das palavras como se fossem animais de estimação. Ele como um sopro, disse: no início foi a Palavra. Seus olhos diziam que Ela continuaria após sua morte. Meu pensamento duvidoso falou: com que boca vamos falar é que não sei. Jovino sabia mais que eu, e quem não sabe fica

quieto. Calado, tomei o elevador. Ia participar com os agentes de idosos do DATI de uma reunião e ver sobre a II Conferência de Idosos de Passo Fundo e, no caminho, vinham as lembranças jovinas de 64.

- Pois é, Agostinho, havia uma mulher linda em Quarai, uma tentação. Ela se apaixonou por mim. E foi tanta a paixão dela, fazendo com que me afastasse da paróquia.

Pensei: de quanta fé e decisão o avassalavam?

Bem que naquela mulher palavras tão bem postas, e, nelas, cuidado e afeição, faziam emergir fantasias de tê-lo por íntimo companheiro.

Quarenta e quatro anos se passaram, e eu aí com a imagem retida. Lembranças de paixões resistidas e agora, como nunca, pedindo que tivesse o poder da palavra absoluta. Terminada a oração e a comunhão, a irmã, que levava o pão consagrado, pediu para beijá-lo. Riu Jovino com certo humor... não estaria Jovino pensando... agora pode beijar... a carne em mim está envelhecida e envejecida. A Palavra já toma conta de mim.

Buenas, sigamos... 30/04/08

Uma vez que as lembranças, facilmente, se irmanam, lembrei de uma velha lenda. Dizia a tradição grega: quando Zeus desceu ao mundo para ver se tudo estava em ordem, encontrou uma argila muito boa. Modelou uma forma muito interessante e, por não querer que o sol, a chuva e os ventos desmanchassem o que havia feito, solicitou ao deus do Sopro que soprasse sobre sua linda figura. Chamou-a de húmus ou de homem, pois que era feita do barro. Causou espanto aos deuses que a bela figura falasse como os deuses. A deusa Terra levantou-se dizendo que ela lhe pertencia... afinal de seu ventre é que havia saído a matéria. Zeus disse: quem a modelou foram minhas mãos! Falou o deus do Sopro: mas fui eu quem lhe deu o espírito! Chamaram, então, o deus da Justiça para pôr ordem na casa dos deuses. Veio a sentença: enquanto a bela figura viver o deus Cuidado tomará conta desse novo ser. Ele é frágil como

argila e é poderoso como os deuses. Seja por causa da fragilidade, seja por causa de sua grandeza divina, somente o Cuidado será capaz de ter a contento essa bela figura enquanto viver. Depois que se for, a deusa Terra tomará conta de seu barro e o deus do Sopro tomará conta de seu sopro. Enquanto viver, o Cuidado tomará conta dele! E Zeus vigiará sobre tudo. Assim falou o deus da Justiça. Jovino espera que o Sopro tome conta de seu sopro. Sonha em sua fé na perfeição da Palavra. Aí, sim, terá se completado nele, conforme sua fé, a solidariedade que tudo compreende e tudo ama e suas palavras serão ainda mais perfeitas.

Dia 01/05/08

O quadro de Orlene se agravou. A esclerose, mal diagnosticada, tornou-se agressiva, inibindo a respiração e a visão. Via-se nela um profundo mal-estar. Às 14h30min do dia 01/05/09 o quadro se revelou ainda mais agressivo, temendo-se pela sua morte. O pavor aconteceu por se ver uma mulher morrendo de uma doença universalmente tida como perfeitamente controlável. Uma rede de comunicação se estendeu anunciando o medo e a impotência que se metiam nos familiares e nos amigos.

Já é dia 2/5, mal inicio a escrever, 9h30min, toca a campainha e chega o irmão Cezar, o pai e a mãe de Orlene. Os encontros são devastadores sobre o coração quando uma mãe se sente ameaçada. E por ver sua filha em coma, surge o desespero... de onde podem se arranjar tanto sofrimento e tanto desamparo? Dia 3/05, mais lágrimas, mas surge a esperança... um pouco de luz... era encefalite... agora poderiam atacar com decisão e precisão, mas o quadro ainda era grave... dia 4/05, 6h45min, vamos com a esperança nas mãos. O quadro, porém, inalterado... febre alta, mas, a esperança permanecia. Dentro de mim ficou a angústia... que amargura... este desamparo em que se tem uma mulher... a mais amável e sensível... o que tem esses seres primitivos de agredir assim.

A terrível hora de 20h20min do dia 4/05. Hora em que, de repente, parte de mim se perdeu como fumaça. E eis a dor de não saber quem se

é. E quando a mesma dor perpassa a Nila e o Bento, tudo se torna uma agressão sem amenidades. É então que desponta o poder do sofrimento solidário a quem se ama.

Avança, de vez, o desejo distante de que se eleve a alma de Orlene em direção a um lugar etéreo e desconhecido. Sonho da fé... Sua figura diáfana, como o pensamento sereno. Seu irmão já falecido, ao recebê-la entre paisagens que desconheço, nem imagino. O que sei é do silêncio sufocante. Um lençol cobre o que fora vida. A Tati e a Natacha vestem o corpo morto. Meu Deus, como é difícil avaliar aquela que vibrava agora aí sem sentido! Aí fraqueja meu corpo. Vou pra casa a ver se ponho em ordem meu desespero. Minha filha Fernanda, em casa, brinca e distrai a Marcela, sobrinha, e o Vini, filho de quem não ama mais. Desdobra-se sobre os dois pequenos: com cuidado de anjo, afasta dos dois o que lhe vai na alma: ela que tinha em Orlene suas confidências.

O menino descansa sobre meu peito, e somente o consolo de saber que o piazinho não sabe. Em tudo se põe o embaraço humano. Quisera ter a fé de meu cunhado, que, sereno, sabe: ela está em paz, dizia convicto. Me alegro de vê-lo dando a mamadeira ao piazinho. A pequenez de sua alma o salva do momento. Manhã do dia 5/5 horas de dor e despedidas... Um padre diz bondosamente que ela foi exemplo. Bate o definitivo desespero: as horas escuras se confundem com a inocente oração. Aí reside a esperança que se agrega às dores do padre que mal suporta sua coluna. Despedidas de Passo Fundo. 9h30min. rumo à Divisa, seu pequeno lugar. Aí as dores se avolumam sobre todos. Quando sua irmã, chegando do Paraná, se aproxima: meu Deus, que profundo e inóspito mundo eu vivo! Cantos de esperança dizendo mais perto de meu Deus, ó pai dos céus... Como é grande a esperança humana! A verdade de um ser poderoso, imaginário, que possa conceder sentido ao desespero. Minha filha Fernanda agradece por nos terem permitido amar Orlene.

Com pães e manteiga alivia-se o corpo por se saber vivo. Entre palavras e silêncios, brincadeiras, lágrimas fortuitas, vai se tomando a força necessária. Navegar é preciso, mas parece que no viver nada é

preciso, a não ser a caridade, a dor e a alegria. E para tantos: a fé de uma semente com grandes pretensões de se multiplicar... em que terras, não sei. Meu cunhado me afiança que ainda vou saber.

Comecei minhas meditações com a intenção de fortalecer a importância das horas. Noite do dia 07, com meu cunhado, o guardador de esperanças, a Solange e a Tati, fomos comer um galetão. A Solange diz que não sabe que vou fazer parte de uma banca em POA. Se sente mal, e eu lhe digo que ela não me ouviu quando falo. Saiu em silêncio e durante a noite chorou comovida, por se ver novamente ameaçada por minhas palavras e pelos acontecimentos. Tudo se pôs em ordem entre desconfianças e amor. Assim se vive e assim se morre.

9h45min, dia 08/05:

A primeira ajuda se resume em organizar as finanças, garantindo um pouco de serenidade. Por mais que o amor conta, sem recurso material toda virtude fenece.

Junto a tudo a revolta do pequeno Vini que cospe indignado... por sentir falta da mãe? Tudo se faz para preservar a vida, ou por não tê-la mais, tudo se faz pra não perder o que se tem.

Na verdade, pequenos seres que se debatem amavelmente em busca de proteção diante do desamparo. Carinho, cuidado, remédios, falas, lágrimas: tudo em torno do que se quer ter. Imagino o terrível destino das famílias judias diante do genocídio dos anos 30 e 40. Mal se pode ver sentido na condição humana de matar e morrer.

Dia 10/05|2008

Missa de sétimo dia, sem graça. Pouco havia da dor. Viemos para casa concentrados no Vini, olhamos futebol e comemos peixe. Bebemos vinho e cerveja. Parece que estamos nos resignando, mesmo porque não há outro jeito. Estou agora 11, 7h30min, querendo preparar o café, e lá vou eu. Virão o Paulo a Cris, o Marco a pequena La e o Vini, uma amizade cercada de dor da qual ninguém abre a boca para falar. Boa essa companhia para suportar o mal da morte. Ao preparar o café e, no

movimento, amar um pouquinho as facas, as xícaras, o pão, o mel, e os espíritos, que penso, estarem reunidos.

Este maio sereno e inconsequente me faz arder o peito. Às vezes é amargo o viver. Definitivamente, viver não é preciso, as incertezas aparecem em sua gravidade. Vou compor com o cardiologista um meio de tornar mais preciso o viver. No meio dessa andança celebra-se o casamento: a precisão do amor. Um pouco de matemática faz bem na vida: alguma lógica há que se ter. É a certeza de que o amor pode conviver com o temor. Um pouco de escravidão e medida não faz mal a ninguém. Desejo que minha interlineação, mesmo que não se saiba da próxima linha, seja tal que evite maior sofrimento. Uma ausência penetrante em todas as coisas que se tem. Mas por compensação parece haver um estímulo a que se aperfeiçoem as outras pessoas que se ama. Fui ver como está o Henrique no colégio. A Tati está silenciosa, mais que antes quando estava em Cascavel. A Solange, possuidora de um amor assustado diante de tantas vicissitudes. E eu converso com meus personagens em meus livros, passando a limpo reflexões sobre a intimidade de minha casa. Me aborreço por não amar mais. Há uma espécie de celebração da minha vida, como se houvesse bandeiras a meio pau. Compenso essa mortalidade nos encantos do futebol. Talvez tanta vida em campo e tanto movimento possam compensar esse meu andar de pouca expressão, ou seja, a minha satisfação é de frágil expressão. Queria dar para Solange uma ternura imorredoura, mas a hora está morredoura. Que bom que no trabalho ela se realize como uma rainha em seu reino de grande prosperidade.

Invejo minha sogra, que se debruça com devoção dentro de casa. É bom pensar: o estudo alarga as fontes, mas as águas se turvam mais. A visão mais nítida sobre tudo torna o ser humano mais angustiado? *Não se pode viver a liberdade onde se viveu a servidão*, conforme o pensamento de Kertész, o ermo. Talvez seja isso mesmo que o conhecimento gera: uma espécie de servidão, porquanto se fica preso ao que se conhece e, em razão dos limites a que se está preso, são geradas diversas angústias: a de se saber o quanto a natureza humana é carregada de contradições,

quanto a história gera prisões, quanto a morte é misteriosa, sem destino certo. As pessoas simples, em vez de grandes estudos, carregam largas virtudes e tornam-se mais confiantes na vida. Têm na fé a certeza. Entregam-se a ela e não ficam se perguntando sobre os destinos e os graves conflitos; põem nas mãos de Deus seus transtornos, passando adiante o que não compreendem ou o que não conseguem solucionar. Imagino, assim, que nos campos de concentração, enquanto um pequeno judeu sem muita eira estaria rezando, confiante em Javé, o intelectual judeu estaria amaldiçoando o tamanho do absurdo que estava sendo cometido. E tão profunda seria a ira na prisão que, mesmo após sua liberdade, dela se impregnaria todo o seu ser. Passaria a entender que essa judiaria se apoderou dele, a ponto de dizer que jamais teria liberdade.

O homem simples é capaz de olhar pela janela enquanto chove ou de chorar rapidamente sobre a morte de um ente querido, enquanto o homem cheio de sofismas vê em ambas as situações, questões pesadas de serem respondidas, contudo, em nenhuma delas encontra satisfação.

Levantei filosofando com meu neto: filosofar é ficar a distância para ver melhor, mas pensar melhor é como se debruçar sobre uma obra de arte: põe-se ternura, que se esparrama sobre o que se pensa. Disse-lhe: escuta, guri, esnoba o professor e diga que o bom pensar, segundo Platão, é buscar com o outro as melhores impressões sobre o que pensamos. Fale pra ele que Aristóteles escrevia que o melhor pensamento é aquele que obedece à observação, não concordando com Platão. Diga ao professor, em tua prova de filosofia, que Hegel afirmava: sozinhos, nosso pensamento é indeterminado, por isso não dá garantia de nada. Diga também que Habermas avalia a filosofia da seguinte maneira: pensar sobre algo é convidar todos que estão, sinceramente, interessados em pensar e que ninguém se imponha, a não ser pela lógica do que é falado. E depois fui levá-lo ao colégio Notre Dame. Vou estar de olho no piá. Se não é bom em matemática, pode tomar conta de uma bondade bem vivida. O conhecimento pode levar à soberba e viramos demônios um dos outros, mas, também, sem a disciplina do pensamento, ficamos perdidos como cusco em procissão.

Mas urge tomar conta do meu coração, que anda desfalcado das melhores forças e, de lambujem, anda inconstante, feito voo de pica-pau chanchan, quando perseguido. Quer ser ágil, mas a circunstância concedeu-lhe a inconstância. Ainda hei de vencer distâncias, mesmo que de pernas mecânicas. Afinal, tudo se arranja com uma boa tecnologia. Ainda vou encontrar o ferreiro competente. Afinal, uma prótese no ânimo pode compensar o que a natureza ou as circunstâncias fazem sofrer. Lembro, então, minha infância, em que transportava com carrinho de mão o que minhas costas de menino não transportavam. Se agora soubesse, ao menos, o peso que levo, poderia ter o meio adequado pra suportar a medida que transporto. Colocaria tudo num carrinho de mão e precipitaria tudo em qualquer lixeira. Acaso são meus olhos que se obnubilam, são meus humores que transbordam, ou minha alma que paga o preço da realidade e insiste em sofrer pelo amor de Deus e da salvação de alguma alma que clama para sair de seu purgatório? Creio ser nada disso: passarão os meses da desolação e terei as águas puras da alegria. O que não pode acontecer é o que Dante diz dos primeiros sofrendores do inferno: aqueles que nada fizeram, nem foram fiéis ou infiéis. Pra ser rigoroso é assim que o poeta escreve o diálogo com Virgílio:

Logo que entrei ouvi gritos terríveis, suspiros e prantos que ecoavam pela escuridão sem estrelas. Os lamentos eram tão intensos que não me contive e chorei. Gritos de mágoa, brigas, queixas iradas em diversas línguas formavam um tumulto que tinha o som de uma ventania. Eu, com a cabeça já tomada de horror, perguntei:

- Mestre, quem são essas pessoas que sofrem tanto?

- Este é o destino daquelas almas que não procuraram fazer o bem divino, mas também não buscaram fazer o mal. - me respondeu o mestre. Se misturam com aquele coro de anjos que não foram nem fiéis nem infiéis ao seu Deus. Tanto o céu quanto o inferno os rejeita.

Continuo minha perdida confissão.

Me persegue também a ideia cristã de haver um Deus que manda seu filho ser morto para redimir a humanidade de um pecado, cuja

explicação carrega a ingenuidade de um fruto. Que Deus grotesco seria esse tendo para desagravo seu filho trucidado? É como se, pelo grande sacrifício, ela estivesse salva. E igualmente sugerem certas inclinações ascéticas: que Deus estaria bem servido com o martírio e a morte de seus fiéis? Prefiro um Deus mais simples que este que está posto na doutrina eclesial. Um Deus de leis incríveis e belas a governar a vida e a morte. A salvação seria dar cumprimento a essas leis que se revelam solidárias umas com as outras. Então me inclino e busco dar minha contribuição, menor que um grão de areia, para que participe da solidariedade. Sem ela apenas a ausência e o silêncio: sou apenas uma ficção sem o auxílio do meu corpo e da reciprocidade que atravessam minha vida. Seixo pequeno que rola, também, compõe o rio que o faz rolar.

Outono ameno, prestes a me oferecer o inverno. O azul da manhã comove meu vizinho, mas reclama que neste dia 18/05 já se anuncia a chuva. É assim: as horas se sucedem e com elas, os acontecimentos, ora claros, ora escuros, como este que estou tentando fazer passar com certa graça enquanto a hora do futebol não chega. Vou secar o Grêmio e ficar um pouco feliz com a desgraça dos gremistas. Coisa pequena, pois são as horas de pouca intensidade, ficando apenas a solidariedade colorada rindo da desgraça alheia. Riram eles cheios de satisfação com o afastamento do Inter da Copa do Brasil. E me enche de irritação pensar que meu time perdeu por pura covardia. Queriam segurar o resultado do primeiro tempo, ao passo que deveriam buscar mais. São as leis da vida e da morte. Busca-se um pouco de satisfação na vitória. E assim segue a carruagem do meu ser entre gritos de alegria, silêncios, ausências, torcidas e lágrimas. E não me ponham a notícia de que Deus apita este jogo. Seu dedo onipotente fez o que tinha de fazer e eu o respeito de todo o coração pela grandeza e pequenez de todas as coisas.

Leio o *Guardião de memórias*, só não sei como este livro pode vender tanto assim. E eu, de bobo, comprei, confiante na seleção feita não sei por quem. Mais uma vez as leis campeiam entre a vida e a morte. A vida, em todos os casos em que estiver ameaçada ou vilipendiada, tenta superar o que lhe é ignóbil. Nesse sentido, vou me aproximar dos escritos

estéticos, embora, um tanto tristes, de Kértetsz, tentando avaliá-los da melhor forma possível. Olho para além das memórias, preferindo o entristecido húngaro à mediocridade.

Olho também minha pátria, onde, apesar de inúmeros ladrões, temos um chão onde podemos pôr os pés e cantar a plenos pulmões *gigante pela própria natureza*, apesar da pobreza resistente, fruto de uma história cuja natureza é feita de injustiças. Mas se podem ver as crianças correndo contentes. Pode-se ver a exuberância de um tucano metendo seu bico no caqui amarelo, cercado respeitosamente por papa-figos e sabiás. Tem-se o poder de arrumar um banheiro com perspectivas de arte e estar tranquilo dentro dele, ouvindo o hino gaúcho:

*Mas não basta pra ser livre
ser forte, aguerrido e bravo,
povo que não tem virtude
acaba por ser escravo.*

Assim pensando, me dispus a ser fiel a quem me cerca, e nessa simplicidade de amar me elevo a Deus, o Deus de leis constantes e amáveis, tendo um pensar positivo, mas não absoluto. Enquanto isso, aparece um sol furtivo, anunciando que estará assim por pouco tempo. Entre nuvens se despede. A volubilidade do tempo me leva a querer impor em mim uma constância: me desdobrei em compor ações institucionais e agora tento ser um escritor das pequenas coisas. *Afinal, tudo é graça*, no dizer de Bernanos. E nunca se sabe a dimensão dos nossos atos. Se o movimento de asas de uma borboleta pode causar tempo bom ou tempestades, quem medirá a importância de cada ação?

Sou filho de uma ditadura sem grandes mortes. Aqui não se mata, se manda embora. Que a oposição vá se coçar noutra lugar. Alguns pobres ficaram para a satisfação de carneiros. Não existem grandes tumultos, e mesmo os grandes roubos não causam grandes constrangimentos. Fico desse jeito, sem grande orgulho de uma pátria sem

grandes raivas e sem grandes heróis. Não temos grandes humilhações, e é, então, da mediocridade que retiramos do que nos alimentar.

Ao caminhar na praça, junto a Assis Brasil, 20/08, em POA, contemplei uma pitangueira solitária, sobrevivente de uma terra pobre. Ramos e tronco desfigurados: as formas das árvores do serrado. Via nela minha sobrinha Dite, solitária luta contra quem a devora. Por mais que tenha quem a abrace e proteja, fica à mercê da solidão. Leio, então, em Kertész, que incha por causa de sua envelhecida fisiologia, mas detecta um pouco de felicidade, mesmo que seja a de esperar seu fim. Eu aqui vendo a todos e, de maneira igual, retiro de tudo um pouco de alimento, e do primo Omir recolho o prazer das cantinas e sua bondade. De Dite retiro a fé, mesmo que seu sorriso seja como a casca de uma ferida que lhe dói: é uma santa que esconde a dor de morrer. Da pitangueira, a necessidade de resistir. Em tudo persiste Solange com sua ternura e temor de não ser amada, embora envolta em amor que se cumpre em horas austeras. Assim vamos nesse processo de viver-morrer, retirando a felicidade dos costumes e das circunstâncias, com pitadas de boa vontade e as disposições do corpo.

Vinha pela estrada POA-PF. Pela janela iluminada pelo sol, reconhecia na fímbria do horizonte, um serviço estético dado pela cor escarlate das nuvens. O verde estava esmaecido, tendo a escuridão que se punha nos vales. Havia silêncio. Me prendi ao grande desejo de ser. As cores contribuíam para que se cumprisse o desidério. Me animei a ponto de entender a preciosidade de Deus, o imaginador das feições da terra. Levei a intenção dessas coisas até a presença de Cristo, que me dizia ser Deus incapaz de matá-lo. A sua onipotência não carecia de ser cruel. Era isso mesmo que estava a argumentar comigo: sobre as leis que regem o mundo, e uma delas dizia que à morte de Jesus era apenas obra bárbara da história. Prefiro isso a ter um Deus perdoando não sei a quem e o que com a morte de seu filho. Por outro lado, Deus se manifestava tanto na obra das cores como nas contradições humanas. E nesse andar de pensamentos avaliei meu pequeno lugar, Linha Divisa, e sua importância na constituição de minha identidade. Deus, para mim, morou doze anos

naquele lugar. Assim passei um momento bom ao passar na Estrada da Produção. Foi pouco antes de chegar a Passo Fundo que percebi, mais uma vez, a fragilidade de Kertétz que confirma a frágil experiência do indivíduo face à arbitrariedade bárbara da história. Assim ele, tanto quanto todos aqueles que morreram pela onipotência de homens sobre outros homens. As grandes utopias matam, sem perguntar e sem argumentar sobre a extensão de suas pretensões. Na opinião de Kertétz, não somente as grandes utopias matam, como exemplo a utopia nazista, sentida em sua pele e, principalmente, na alma. O reducionismo dos preconceitos não é menos matador. Ser negro, ser judeu, ser velho ou qualquer outro substantivo pode gerar sofrimento humano pela desqualificação. O conceito de Deus e as ilações proféticas dele retiradas podem ferir. Cristo morreu dentro de duas utopias, a romana e a judaica, não por que Deus necessitasse de reparo moral.

Juvelino, personagem de um livro de mesmo nome, também mede as formas de exclusão em torno de si: se aos judeus se obrigava o uso de estrelas no peito para todos saberem o quanto eram indesejados, aqui se obrigam aos pobres usarem casas miseráveis e roupas que não fazem bem nem a cães. Aprendi de meu pai um pouco de estética humana e o que vejo em torno de mim cansa os sentimentos. E mais fico triste e animado ao ver o esforço de certas mães tentando um pouco de grandeza no meio dessa miséria.

Me sinto solicitado a não pensar sobre as contradições humanas. Escrevo não para me sentir triste, mas, em uma espécie de catarse, para buscar destino melhor. Não avalio metanarrativas, mas o cotidiano, e em sua extensão, proposições, mesmo que pobres. As afirmações são particulares. Nem sempre se pode servir aos outros o que é servido a si próprio. Cada qual possui um universo de conexões das quais resulta uma personalidade que pode ter um modo próprio de felicidade, ou seja, uma adequada e interessante organização estética de si mesmo. Como o interior das igrejas possui sua personalidade, geralmente grave e solene, assim os seres humanos apresentam sua forma de ser. Nem a todos cabem ruídos mundanos, a exagerada alegria de uma festa ou a

austeridade de um mosteiro. Há uma espécie de magnificência divina nos vitrais que filtram cores, convidando para a circunspeção. A alegria que aí existe transcende aos desejos do cotidiano. Assim, muitos filtram sabiamente a realidade, transcendendo-a. Se para Kertézt a história de sua vida é a das mortes, para outros a vida pode conter a história de diferentes vidas que se expressam incansavelmente. Se nas mortes kertéztianas são reveladas as diversas faces da perversidade humana, pode haver na vida de uma só pessoa as inesgotáveis faces do encanto e da ternura.

Também é verdade que, por certos momentos, a história de regiões inteiras se precipita com horror, de outra parte, regiões inteiras buscam a paz e se esforçam para imprimir e praticar leis carregadas de boa vontade. Nesses contextos, as pessoas ficam sujeitas a formas de sofrimento ou bem-estar próprias de cada época. E surgem heróis e anti-heróis. Quem há de explicar com exatidão as razões e os fatos que produzem os tempos do mal e os tempos do bem?

Parece que a melhor explicação, por menor validade que tenha, é dizer que é inerente ao ser humano uma carga de maldade, principalmente quando sente que pode perder qualquer tipo de vantagem. Isso Santo Agostinho observara num menino que mostrava ciúmes do irmão menor que mamava no seio materno. Outros desprezam por não quererem se assemelhar e, assim, querem se distinguir melhor, sentindo-se superiores. Muitos, como o menino de Santo Agostinho, carregam ódio porque não são iguais e não têm o mesmo poder. Não há necessidade de muita coisa, portanto, para os tempos imprimirem sua maldade. O mesmo tempo que nos enche de rancor por pouca coisa pode nos fazer agradáveis, principalmente, quando estamos em situação de precariedade e nos esforçamos para sermos solidários. Percebemos, nessa situação, o quanto é bom estarmos juntos, tendo a certeza de que somos muito mais nos estendendo aos outros. Pode ocorrer, por conta disso, um tempo de purificação, como a brisa após a tempestade. Pode, logo a seguir, levantar-se o ódio quando a virtude é frágil, ou quando sentimos que podemos perder o que nos pertence: encontramos inimigos até debaixo de

nossas camas. Novamente o tempo escurece e pode se precipitar o horror. Nessas alturas o amor custa um pouco mais...

Mais associações ocorrem por se pensar em relações: existem crises que solicitam guinadas nos vínculos. Tais mudanças podem advir de perdas ou de ameaças. Quando perdemos quem amamos, fica um espaço vazio. Então, procuramos preenchê-lo, o que nem sempre é conseguido, parecendo apenas que estamos pondo uma casca sobre a ferida. Por outro lado, quando sentimos que podemos perder coisas ou pessoas que movem o sentido de nossa existência, buscamos novos apelos e nos esforçamos de todas as maneiras para resgatar o que foge de nossas mãos.

Outra ideia me faz pensar mais demoradamente sobre o que fazemos após uma perda muito lamentável. Ninguém é tão materialista ou reducionista a ponto de julgar que a perda de pessoas íntimas possa se igualar a perdas de objetos. Quando se trata de pessoas com as quais privamos de foma interessante e importante, nos consolamos com as lembranças: seu rosto e seus gestos passam a ser ainda mais valiosos e, às vezes, são minimizados aqueles comportamentos que nos incomodavam. Muitos que têm fé, isso é poético e consolador, põem as pessoas amáveis num lugar imaginário, onde um dia as encontrarão. Pessoas há que conversam serenamente em seu interior com o ser íntimo que peregrina em outras esferas. Rezam acreditando, que mediados por Deus, elas possam ter boa sorte. Outros há que têm certeza, não se permitindo dúvida alguma, de que retornam de outras formas, avançando em busca da perfeição. Há quem ame tão profundamente que se identifica com o falecido, não perdendo o que de melhor o caracterizava. Entende, então, que a imortalidade se constitui na solidariedade, que caminha no tempo e em todos que passaram deixando, direta ou indiretamente, marcas na alma. Dessa maneira, carregamos desde o grego e o romano até aquele com quem até há bem pouco tempo dividíamos sentimentos, palavras e ações.

Todos se consolam por saber que a morte possui duas virtudes: é justa e incorruptível. Se assim não fosse, muitos, pela habilidade de

ampliando a perfídia dos acontecimentos, diminuindo a defesa e dando poder às situações desconfortáveis.

A Míriam, que trabalha aqui em casa, de repente diz: minha gravidez, pela idade que tenho, é de risco. Por tudo que ela tem feito, este desconforto deve ser carinhosamente bem pensado. O acontecimento poderia gerar insatisfação, mas aí é que está um princípio: examine-se bem o que deve ser feito e, sobretudo que se tenha respeito nos passos a serem dados em situações irregulares para que seja preservada o clima sadio pelo qual respiramos o bem-estar. Acredito que é assim que se possa ser feliz. Afinal, algum lucro é bom que se tenha, mesmo que seja a alegria irmanada.

Em todas as situações acima referidas é bom que se tenha um espírito de humor. Rir dos joelhos que doem, ou, minimizar o sofrimento quando a barra fica muito pesada pode ser uma forma de dourar a pílula, mas às vezes é preciso. Brincava com minha cunhada diante da morte iminente da filha. Quero jogar contra você e te judiar, já que você está com a vida fácil! Rimos entristecidos, mas rimos.

Espírito de humor busco ter com Solange. Reclama que não sou mais tão ardente. Penso, rindo comigo, que não é falta de amor. O que anda sem exuberâncias é o que sobrava em mim dos 15 aos 30: era o tempo que havia consagrado todo apetite a Deus. Que cobrasse dele o tempo perdido, uma vez que ele, em sua onipotência, não carecia de humores ardentes. Brinco com suas desconfianças... por não balançar as emoções com meu envelhecimento. Que assim me venda por um preço maior que valho...

Por pensar em virtudes

Vou caminhar neste frio do inverno que se intensifica. Com a caminhada espero avivar a palavra e o sentimento para noite, na qual tenho o compromisso de falar sobre *aprendendo a cuidar... aprendendo a ser*.

Retorno para dizer de como me saí. Nem sei por que apreciaram tanto! Ou apenas me consolavam? Esqueci de dizer algumas palavras sobre a arte de monitorar o pensamento. Não ilustrei o caminho de minimizar os fantasmas que ampliam os males que nos afligem. Se temos uma dívida quando nos sobrevém a noite, ela se torna impagável... e lá se vai o precioso sono... a mulher ciumente fica pensando que o marido ausente está traindo-a em algum motel... e o desgraçado nunca me leva... uma pequena palavra pouco ofensiva passa a se transformar numa agravo tenebroso. Isso me faz lembrar um amigo que, na infância, orava todas as noites o Pai Nosso... quando chegava ao "livrai-nos do mal, amém", ele entendia "livrai-nos do malamém". E rezava muito devotamente pra que Deus o livrasse do "malamém". Temia haver um monstro muito grande, o qual poderia destruir toda a casa de madeira e sua família, que não era pouca. Pois é, muitas vezes ficamos com nossos "malamens", nos enchendo de pavor. Por isso é bom monitorar o pensamento associando a perversa fantasia a outras, cheias de humor, até que os fantasmas se afastem, devolvendo-nos o sono. Existe, também, para nossos "malamens" o espírito de humor, a exemplo da terapia de uma das técnicas de Frankl, também judeu como Kertétz. Ele costumava brincar com os fantasmas de seus clientes. Com aquele que era possuído de agorafobia, porque temia matar alguém na rua, o terapeuta saía junto pra

caçar a quem pudessem matar. Aquele gordinho....o que você acha?... aquele velho, quem sabe?... aquela criança agitada e gritalhona?... aquela mãe e a criança?... dois de uma vez e riam os dois. Ensinava a que brincasse com suas compulsões e temores. Brinquemos com os outros e conosco quando o tempo fica feio, mesmo que seja para rir antes de o raio cair!

Quando, na conversa da noite, abordei sobre a possibilidade de a gente provocar realidades outras que não aquelas que nos deixam desconfortados: não tenhamos apenas espontaneidade sobre nossos sentimentos, mas ponhamos nossos parcas decisões sobre eles. Assim, se o desejo for pequeno, podemos movê-lo pela vontade. Citei como exemplo: Se os tucanos no caquizeiro não são motivo de atração, podemos dizer: vamos ver os tucanos! Eis que surgem com seus papos vermelhos e corpo preto, seu grande bico esverdeado contrastando com o pé marrom-escuro dos galhos e as últimas folhas amarelas. Somente os caquis maduros se ofereciam à satisfação daquelas aves de voz grave, trazendo de graça a lembrança de minha infância e seu canto severo no momento em que nuvens negras se estendiam no horizonte e trovões profundos anunciavam a gravidade do momento. Aí estavam, agora, quietos. A Teresinha, minha vizinha, bem que poderia colher das frutas, enchendo sua geladeira. Preferiu dá-las aos pássaros a alegrar a sua boca. Estendeu sua vontade sobre o desejo de comer, e eu a minha para vê-los.

Busco agora o livro de Kertész, *Sem destino*, para ver de perto seu pensamento e sentir o quanto a humanidade pode lidar mal com a vida. Li como os SS iam degradando o corpo das judias, fazendo-as chorar quando viam suas cabeças nuas. E como doía quando raspavam até os pelos pubianos antes de mandá-las, em procissão, para o gás, e algumas, para o trabalho. Provoco meus sentimentos para avaliar sobre a necessidade da solidariedade, pondo na intimidade da alma o elogio da vida. Me dói a descrição do próprio Kertész sobre si, o menino de 16 vendo e sentindo tudo que faziam a si e aos seus. Sofro com a história que é capaz de construir a selvageria através de uma ideia sem argumento e

sem ética. Onde estava Kant com seu princípio de reciprocidade? E me sobrevém nitidamente o pensamento: a história pode corromper. E todos aqueles que estão sob seu jugo têm dificuldades de distinguir o que é melhor. Ao mesmo tempo, avalio que a virtude da inteligência, carregada de bens culturais, nem sempre é a melhor conselheira para a vida. Onde Heidegger estava com a cabeça quando reitor de uma universidade e metido em seu bigode nazista? A felicidade, mais uma vez se confirma pra mim, depende das virtudes, e de algumas delas de modo especial. A doçura, por mais feminina que pareça, não pode faltar, tendo em vista a que não se embruteçam os gestos. Se a austeridade coube em Thatcher, poderá a doçura também caber no coração masculino.

O perdão não pode nos faltar por duas razões: ninguém poderá dizer que a agressão do ofensor não poderá ser nossa também, e perdoar pode não significar bondade: não é bom levar pra casa quem nos ofendeu. Parece justo duvidar de quem diz que o sentimento de vingança faz bem à saúde. Que se faça justiça, mas querer fazê-la pelas próprias mãos parece não ser bom remédio para a alma. Só faz aumentar o círculo dos ódios. É bem aí que deve entrar a vontade, pois é natural o sentimento de querer destruir quem nos fez mal. A virtude da justiça não pode faltar no alforje de nossa caminhada. Isso não significa abandonar nossos interesses, mas submetê-los à prudência e à sabedoria. A prudência serve quando os acontecimentos tomam rumos irregulares e a sabedoria oferece todas as informações e o melhor jeito de aplicá-las. Não é fácil ser justo porque devemos nos ver como se fôssemos qualquer um. Por isso, nem sempre as leis são justas, uma vez que também se inserem dentro de privilégios históricos, criando-nos tendenciosidades: é fácil nos vermos, então, maiores que somos. A compaixão, prima da justiça, tem como premissa nos colocar no lugar dos outros, medindo o que aí se passa, respondendo dentro dessa realidade, não dentro do que gostaríamos que acontecesse. Rogers diz que a compreensão empática é necessária, pois faz com que nos coloquemos no lugar do outro, buscando nos descentrar de nós mesmos e avaliar com propriedade o que se passa. A ternura é outra virtude que pode servir para as relações pessoais, pois compreende a

vivência do amor, ou seja, a prática cotidiana de gerar cuidado íntimo com alguém. A solidariedade talvez seja a virtude maior para a prática do cuidado humano, pois não somente compreende a bondade universal entre as pessoas quando se trata de relações particulares, mas também de relações sociais mais complexas. Aí ela, então, se centra em políticas sociais capazes de dar a cada um o que é seu, ou seja, levar a efeito a justiça social. Dessa maneira, pode-se perguntar sobre as formas de uma política pública para a qualidade de vida, ou seja, como as escolas estão levando a efeito práticas para uma moral voltada ao desenvolvimento das virtudes? Se, de fato, a educação levasse em conta o desenvolvimento das virtudes, ficaria fácil a promoção do envelhecimento humano com inserções e vivências qualificadas. Quais as políticas solidárias em torno da proteção de idosos em situação de vulnerabilidade, em que medida e como se faz necessária a defesa de todos aqueles que estão sendo feridos em seus direitos fundamentais? Se não existirem tais virtudes, forjam-se campos de concentração em nossas cidades.

Muitas outras virtudes, como a simplicidade, a coragem, a humildade, a temperança, a polidez, a misericórdia, a gratidão, a boa-fé e a fidelidade, poderiam ser incluídas, mas numa palestra é bom ter a virtude da atenção para não causar mal-estar e cansaço. Boa noite!! Concluí minha conversa sobre... aprendendo a cuidar: aprendendo a ser.

Poderia, também, na conversa, mais uma versão particular que con-versa, ver o temor da morte, a qual pode ser minimizada pela compreensão do sentimento de justiça, uma vez que a medida é a mesma pra todos. E quem é que sabe, se a morte vivesse, não choraria sobre quem deve morrer? As ideias que acima foram referidas podem ajudar, também, em torno das perdas. Facilitam a pensar que chegou a minha vez de desembarcar. Ainda podemos pensar que morremos a cada instante, uma vez que aquilo que tivemos não volta mais. Morremos para os outros, pois aqueles que nos foram amáveis ontem, possivelmente, não teremos mais hoje, nem amanhã. Quantos dos presentes à minha fala não me ouvirão mais, nem eu os ouvirei. A nossa imortalidade, no pensar de Borges, é feita de falecidos. E por que falar em morte se para todos urge

viver? A menos que eu falasse dela para aproveitar melhor a vida. *Carpe diem!!*

A longa esperança

Vamos às meditações kertetzianas. Imre Kertész olha com certa satisfação as feridas da guerra, como alguém que olha seu porão e aí vê rotas as realidades passadas. No caso dele, amargas, uma vez que as ruas, as casas, as igrejas ainda mostravam as feridas da última guerra, expostas à luz do dia. Brevemente tudo estará esquecido. As ruas, as casas e as igrejas se erguerão com o brilho de outrora. A tragédia será deletada e ninguém para lembrá-la. É assim, a ambivalência humana, se apresenta duramente e, por mais que se cuide da maldade que deixou essas feridas, ela tende a voltar. Era a mesma sensação dos romanos que diziam: *si vis pacem para bellum*. Se queres a paz, se prepare para a guerra, que a ambição dos outros e a nossa rondam a pátria.

Salve Deus a Orlene que se foi! Pequena a tive nas mãos, e já a saudade começa a se apequenar. Sobre ela outras imagens convidam a que eu viva e que as torne melhores. E que seja em sua homenagem que faço isso porque sua bondade faz parte de minha alma. Em tudo parece que se põe, de fato, uma casca sobre a ferida. Me cuidarei de ter virtudes necessárias para não me perder por aí. Sei, porém, que vou chorar quando me defrontar com ela na Linha Divisa. E aí me pergunto: escrevendo será a melhor maneira de retomar sua imortalidade? Gostaria muito de ter a fé do meu cunhado, que acredita que os mortos andam por aí. Se assim fosse, diria pra ela que a amo do jeito que estiver. Se houvesse a possibilidade de uma transfusão de bondades, pediria que ela me desse um pouco das suas. Tomando sua mão vou pensar com Kertész e outros que olham de perto a condição humana.

Às vezes, penso que não vale a pena o esforço de escrever, buscando a ternura humana. Me dói e me frustra ver como o livro de Kertész, *Sem destino*, revela a maldade incruada do ser humano, o que faz com que escreva sobre a bondade, mesmo parecendo que os escritos sejam ingênuos. Gostaria que a bondade fosse um pouco mais velada, deixando a quem lesse descobrir a excelência da compaixão e de outras virtudes que acima referi. Imre diz diz: *é bom visitar certos cenários nos quais terríveis acontecimentos mostraram a face perversa, ao mesmo tempo que se diga: eles não têm mais nada a ver conosco*. Nada diz e ninguém pode dizer, porém, que não se repetirão. Gostaria, entretanto, de me mover pra que não se repetissem com tamanha intensidade. Se os cientistas afirmam que uma borboleta pode provocar tempestades, que meus movimentos sejam brandos para que seja afastada ou retardada a tempestade humana. Farei assim, prometo minha sobrinha, *que te partiste tão cedo desta vida. Se lá no assento etéreo, onde subiste, memória desta vida se consente*, lembre de deixar nos corações este presente: que se tenha mais bondade nessa vida. Converse com Camões e agradeça seu verso pertinente.

Bem sei que essa conversa apenas serve para passar o tempo e ter um pouco de consolo. É um dos jeitos de tentar afastar os limites e seus respectivos sofrimentos, dados pelas circunstâncias. Me associo, mais uma vez, a Imre, que no campo de concentração dizia haver três maneiras de fugir daquela sina que se abatia sobre os judeus: a morte, o devaneio e a fuga, a qual rendia a força diante de todos. Acredito, piamente, haver uma quarta opção: é conviver, pondo a boa vontade à disposição dos outros e da natureza, criando formas imaginárias e reais diferentes pra evitar a solidão. Parece tudo muito religioso, mas é o que tenho de melhor pra fazer. E me encho de cuidados, então, primeiro com quem me cerca com desvelo, e depois vou adiante. Mesmo que a vida mostre o portal do inferno, é bom ter a mão de alguém, não perdendo a esperança... lembro os versos de Dante ao entrar no inferno: *"Lasciate ogne speranza, voi ch'intrate"* [1], tendo a mão de Virgílio. Me aliviando divago com a canção, mais que ingênuo... *Schlaf, mein Prinzche, schlaf*

humana. Me dói, como em Kertétz, a perversidade humana, no momento em que revela o ódio do meio-irmão Charles para com seu meio irmão Adam. Quase o mata, apenas por ter perdido um jogo. O pior de tudo é o jeito como se mostra Charles no outro dia: como se nada tivesse acontecido. Relaciono com a insensibilidade dos cristãos em torno dos judeus. Mais uma vez se apresenta o apelo sobre o perigo por onde andamos e o cuidado necessário. Mais que a fé: a caridade!!! Apesar de tudo, não se pode perder o humor. O próprio Kertétz escreve: *Outro dia, na mercearia em frente, um cara, enquanto chacoalhava a garrafa de cerveja, gritava: "eles preferem ter sido sacrificados só para conseguir uma indenização!". Essa puerilidade nua e crua, porém, era tão irresistivelmente cômica que tive que cair na gargalhada.* Todavia, de todo jeito que se olhar não se pode furtar o pensamento sobre o século que lhe amortalhou a alma: *"o soldado tornou-se assassino profissional, a política virou criminalidade, a lei virou a regra do jogo sujo, o anti-semitismo virou Auschwitz, o patriotismo virou genocídio.* Entretanto, não se pode esquecer que a humanidade não aceitou a loucura do jogo perverso.

Nessa semana terei pouco a dizer em razão de ir a POA no congresso de gerontologia. Vou, de má vontade, apenas para não fazer feio diante de meus companheiros preocupados com a velhice. Direi do que aprendi.

Percebi, durante o evento da SBGG, que, cada vez mais o caminho do envelhecimento humano leva às casas de longa permanência, sem eufemismos, aos asilos. O interesse para o tema demonstrou-se inequívoco. Nada que se inspire no amor, mas em função da legislação se apresentam novos profissionais. Parece haver uma nova direção no entendimento dos asilos, como se aí fosse o lugar dos mais velhos. Surpreendeu-me a maioria das mãos se levantar e não eram poucas, dizendo que os participantes queriam envelhecer num asilo. Surpreendeu-me também que somente uma curta intervenção do Paraná veio demonstrar ter a escola papel determinante nas questões do envelhecimento. Tive a nítida impressão de que a educação para o envelhecimento, na concepção da SBGG, é uma proposta de pouca ou

nenhuma expressão. Ao que me parece, quase todos estão cegados pela opinião de que a velhice pode ser resolvida na velhice, mal pensando que sua qualidade é um resultado. Estão presos à estreita visão da medicalização e de ações sobre a própria velhice, como se fossem capazes de resolver tudo com pitadas de boa vontade, a começar pelo presidente internacional da entidade. Ou será que estou equivocado, ou estão os outros fechados em suas cavernas, como se presos dentro do que pensa Steinbeck: o pai de Adam convence seu filho a que vá para o exército: *Será obrigado a viver, comer, dormir e cagar junto com os outros homens. E quando o vestirem de novo, não será capaz de se distinguir dos outros. Depois de um tempo, não terá qualquer pensamento que os outros também não tenham. Não conhecerá qualquer palavra que os outros não possam dizer. E fará as coisas porque os outros também fazem.* Parece haver a imolação da pessoa em nome de verdades que são ditas, e não aparece quem as conteste. *Sabe o que acontece, diz Steinbeck, a máquina inteira se empenha na destruição de sua diferença.* De todas as formas é assim que se caminha dentro das instituições. E também não imputo nenhuma maldade, apenas não consigo convencer melhor sobre o caminho do envelhecimento. Não me afasto, porém, da educação nas escolas, que é por aí que se educa para relações mais significativas e na qual se pode pensar melhor sobre a velhice e criar hábitos de cuidados, trabalhos, artes e ofícios de serviços que se estenderão pela velhice. Se assim não for, vamos aos medicamentos precocemente e vamos todos aos asilos, que os mais velhos não terão mais quem os cuide em suas casas. Se me atiro a escrever romances, é porque acredito que pouco mais tenho a dizer para fazer a diferença. E sabe-se lá os caminhos certos nos quais podemos fazer a diferença. Estou também com Imre: por que fico rabiscando no computador estas ideias sem a concisão da academia? Parecem sombras do meu passado tentando se revelar, mas sem a exatidão das ciências e sem a metodologia e as solenes categorias de análise. Entretanto, diferentemente de Imre, não são sessões de autotortura. Me sinto um pássaro que voa. É bem verdade, não retiro do passado a angústia que o teve, dada por mãos alheias. Recebi melhor quinhão que ele. Não me comporto como um garoto que, resignadamente,

põe no seu boné as esmoladas, numa indignidade silenciosa. Entendo que, muito mais que por alguns trocados, posso me considerar bem e, se curto uma dignidade silenciosa em minha casa, ela nada tem de inferioridade, tampouco carrega torturas do passado.

Ontem fui abraçar o Vini, filho de minha querida Orlene. Parece que somos maiores e de maior confiança quando abraçados. A ternura faz bem. Amanhã vou a Santa Catarina e volto dia 12/06/08. Vou escutar a proposta da professora Helenice, dando continuidade à idéia de a escola ser instrumento de cuidados, além de conhecimentos. Ainda mais na escola, como na família, não são somente os momentos de relações doces que educam. Aqueles de tensões em torno da formação de hábitos sociais e de correção de condutas irresponsáveis podem criar verdadeiros laços de amor. Antes de ir para lá devo registrar que o amor é cheio de temores, tem seu lado frágil. Se fosse dizer de onde nasceu o amor, diria que é fruto da fortaleza e da fragilidade, ambas envolvidas pelo coração: filho inconstante e, por vezes, assustado. Mas é preferível a inconstância que uma certeza indiferente, sem oscilações. 13/06/08

[1] Deixai aqui toda esperança, vós que aqui entraís.

Vim de Santa Catarina

Apreciei muito ter ouvido Helenice em sua tese. A simplicidade e a competência andando juntas é o que tem de bom no ser humano. Observei com admiração o despojamento do marido Edson, ajudando como um serviçal a sua esposa, torcendo para que tudo fosse bem com ela que, por sua vez, apresentou, com perfeição, a proposta de pesquisar a escola como espaço de cuidados para uma ética provedora de qualidade de vida com vistas ao envelhecimento saudável. Por isso, não sei se paro ou não paro de pensar mais seriamente as questões dos mais velhos. Este ano, porém, não me animo a caminhar com eles entre metodologias estafantes. Vou deixá-las dormindo dentro de mim. Vou sonhando com outros viventes, mas não menos vibrantes. Vou dar uma folga aos mais velhos: viajar com personagens e com o cotidiano imaginários não faz mal pra ninguém. E sabe-se lá o que é mais importante? E quem dirá, com sabedoria, sobre o importa na vida? Dia dos namorados. Recebi de Solange um teclado. Ela quer que eu realize um milagre. Imitarei Beethoven ao inverso: sem ouvido e sem entendimento, vou compor músicas perfeitas num tecladinho quase infantil. Será como tirar um gênio matemático de uma criança com síndrome de Down. Depois irei para Viena tocar pra grandes plateias com meu tecladinho infantil.

Metido nessa brincadeira, mostro outra. À tarde fui jurado da carreata do DATI, a ver qual dos caminhões era o mais típico para a festa junina. Na frente com seu carrinho negro, veloz como todos os carros que vinham, corria a Solange, a motorista, com Marcelino e Lúcia. Atrás, o primeiro dos carros: uma gaiota em disparada com seu cavalinho que voava. Mal se divisavam as patas do animalzinho. E junto dele um caminhão cheio de idosos. Temia pela vida dos velhos coloridos. Assim

um e mais outro e mais outro bólido aberto, em alta velocidade, todos distraíam os examinadores. Seja pela velocidade, seja pelo número, seja pelas placas pequenas, não se divisava com nitidez quem era quem. Avaliei pelo tamanho dos vultos que voavam, perguntando pelo nome aos outros convidados. A Natália com seu namorado e a Pia prestaram mais atenção nos detalhes. Assim foi feita a escolha do mais típico, ou seja, do menos veloz. Me senti injusto e incapaz. Juro que pouco vi mais que o glorioso cavalinho que perseguia o carrinho negro de Solange e era perseguido pelos caminhões enfeitados: a própria loucura! Deus seja louvado que ninguém se feriu na disparada. Meditando: em tudo a carreata retratava a própria vida. Mal iniciara, pela velocidade já se concluía, e mal avaliada.

Bem diferente de Imre, vou eu curtindo a velocidade da carreata, sem qualquer filosofia. O que me faz pensar: do que adiantou a profunda reflexão de Goethe, Heidegger e outros tantos pra dar no que deu a relação da Alemanha com seus judeus? Vejo a velocidade do tempo feito de ternura bem aí, posta na ponte do rio Passo Fundo: os tropeiros ágeis e de bruacas cheias, joviais e ternos nas andanças de seus cavalos e muares. Mas não posso deixar de pensar nos índios prisioneiros. Eu bem passei pelo mesmo rio durante quarenta anos, cumprindo o papel de professor. De nada me queixo e rio dos passos dados, menos velozes que os do cavalinho que estava virado em pernas. Assim a vida em sua passagem por mim e pelos meus companheiros, mas há essa alegria pendente como o salgueiro sobre o gramado da margem. A velocidade do cavalinho era grande porque pretendia acompanhar o carrinho preto de Solange, que me falou: me agilizava no caminho de medo do cavalo atropelar seu carrinho. É isso na vida também, se anda mais rápido que o necessário por medo de ficar para trás e mais se anda de medo de alguém nos apanhar.

É bom ter hábitos que engendram virtudes, pelo menos pra gente não se perder. Todavia, não dá para se acostumar com as mesmas virtudes, pois as novidades são tantas, uma vez que a cada lugar e a cada tempo se apresentam histórias feitas e outras a se fazer. Novas virtudes

necessitam de forja. E misturam-se elas de forma irregular. Só a morte faz a gente ficar em definitivo, mesmo porque não há outro jeito, tendo ou não virtudes. E aí se perde a velocidade e nada mais se move. Enquanto movemos a alma, não há como ficar alheio às virtudes. Bem ao contrário dos caminhões de velhos seguindo o cavalinho, que seguia o carrinho negro, que fugia do cavalinho: há que se ter alguns termos de compromisso com a vida e uma direção autônoma, sem precipitação. Faz bem acompanhar a reflexão de Steinbeck nesse transe de velocidade: o romancista fala sobre uma mente que se expande na velhice, ao contrário de um corpo em contração. Ali na desabalada dos velhos que passavam pela ponte se podia dizer que viviam, mesmo que, pela velocidade impressa, espiasse a morte em corpos frágeis, esvoaçantes no apelo de seus desejos. Bem a exemplo da Olive, em Steinbeck: uma mulher pequena, irada por causa da morte de um amigo do qual apenas se podia dizer que era bom. Lá estava ela, recolhendo bônus e mais bônus para o exército americano, uma vez que não podia enfiar uma baioneta na barriga dos soldados alemães, vingando quem matara seu amigo, que nunca fizera mal a ninguém. Foi assim, a velocidade de Olive, frágil como um cristal, mas sua alma estava enfurecida e podia tudo. E Steinbeck avaliava que a Alemanha perdera a guerra porque Olive assim decidira. Por ter conquistado tantos bônus, ela foi premiada com um voo de aeroplano. Aceitou, não sem antes pôr calcinhas novas, pois morrer com calcinhas remendadas não era boa coisa. Pois bem, o motivo da reflexão não são as calcinhas, mas o fato de ela não ter entendido, pelos gestos do piloto, que o motor havia enguiçado. O medo não impediu que sorrisse, animando-o para que fizesse o necessário. Ela se equivocara sobre o que o piloto havia falado: ela entendendo acrobacia! (*stunt!*), enquanto o piloto dizia: enguiçado! (*stuck!*). Assim com loops e mais loops, Aline traduzia como aventura os perigosos movimentos. Sorria pra não ser motivo de perturbação. O corpo frágil, mas a mente poderosa. E viva a senhora Olive!

Parece, porém, que para alguém muito sensível torna-se mais difícil avaliar, diante da morte, a ambivalência entre o encanto e o limite. O

belo trabalho de Natália, em sua dissertação de mestrado sobre Drummond mostra um poeta avassalado, entretanto inspirado pelas perdas. O que sobra para ele são o apetite de comer, uma saudade, espinhos, lembranças nítidas e boas, presenças de sonhos, mas tudo ocultado pela distância. Todavia, aparecem, além das ausências, momentos de eroticidade, retornando, no limite, o amor, dentro da ingaia velhice.

*Hoje tenho um amor e me faço espaçoso
Para arrecadar as alfaias de muitos
Amantes desgovernados, no mundo, ou triunfantes,
E ao vê-los amorosos e transidos em torno,
O sagrado terror converto em jubilação.*

Junho/08

Faz frio, mas o sol insiste em aparecer, entretanto as nuvens se apresentam indóceis, provocando sombras. O sol, porém, é soberano, se não hoje, amanhã brilhará, se não sobre as mesmas cabeças, sobre algumas há de entornar a luz. Enquanto der, façamos loops e mais loops, enquanto o aparelho não enguiçar em definitivo, enquanto a gaiota andar, enquanto o cavalinho tiver perna, sem esquecer de ver mais longe. Melhor assim que ter por identidade próxima a de Kertétz, que é atravessado pelo suplício do saber. Sou mais Natália ao analisar Drummond. *O instinto não envelhece e mantém sua perícia, mostrando que sempre é tempo de se estrepalar ou de provar dos riscos e dos sabores que a paixão e o sexo propiciam.* Parece que o amor longevo é o que mais conta na velhice:

*Se em toda parte o tempo desmorona
Aquilo que foi grande e deslumbrante
O antigo amor, porém, nunca fenece
E a cada dia surge mais amante.*

Lá vamos, desejando, enquanto for possível esquecer - que não se tenha o rancor a tomar nosso tempo - o absurdo que faz com que pessoas

não consigam mais usufruir os instantes. Preferível é nosso poeta maior, com saudades vivas de sua juventude, mordiscando o amor que ainda lhe sobra.

Me pergunto, que aposentado sou eu? E aposentado, aprecio meus aposentos! Poucas vezes saio deles. Que delícia é estar neles, conversando com Solange sobre assoalhos e pinturas e viajando com autores e ideias. Servem para estar no reino dos céus, pois o espírito é povoado de criações, assim como Deus pairando sobre as águas. Mas logo o descanso do aposento é retirado bruscamente. Deve-se ir daqui para ali, perseguindo antigos costumes da academia. Ainda bem que aparecem a Natália e a Helenice a me transportarem para seus espíritos, e a comunhão acadêmica é boa na aposentadoria. Bem que poderia criar uma estalagem de nome aposentadoria, um lugar de conversas de caminhantes, cada qual tendo o que contar, pondo sua imaginação nos eventos de seus cotidianos. A água da fonte murmura, as noites são luminosas, as poeiras desenham figuras, cada qual mentindo alegremente sobre suas andanças, ou crente de suas verdades, bem a gosto de Steinbeck, bom contador de história, vendo o entardecer: *a tarde era dourada, devido à poeira amarelada que se espalhava pelo céu*. Desse jeito, a felicidade se parece com as histórias bem contadas, onde o trabalho parece ser uma obra de obrigação e elas, de libação: verdadeira jubilação.

Dia 23/06.

Desde ontem me veio a ideia: de como um gesto, uma palavra podem modificar os outros, as conversas e seus sonhos. Lembrei o livro: Os pequenos seres da terra, no qual deixei de dizer conversas múltiplas e alegres que poderiam acontecer. Não aconteceram porque as melhores ideias surgem fora de hora. Herbert poderia ficar falando ao vizinho Helmut:

- Poderei criar vacas de primeira e, para ter água boa, vou tirá-la do meio da terra. Ela vai esguichar para o alto fazendo uma névoa. Tocarei

nos peixes mortos porque essas águas nada mais são que o mar que uma vez havia aqui.

- ÔÔÔ Helmut, você tá ficando louco! Herbert pensaria estupefato.

Depois perguntaria ao professor de geografia de Santo Cristo se o Helmut não estaria mesmo louco.

O professor diria que o Helmut está certo. O Herbert conversaria com sua mulher se não iria também querer um poço de água boa de onde moravam os peixes do mar. A mulher de Herbert pensaria que o seu marido não estaria passando bem. Conversaria com o médico se ele não estaria ficando louco. O médico iria querer saber se o pensamento de Herbert não estaria avariado e também descobriria sobre os peixes que um dia nadavam em Santo Cristo. Pois bem, como não aprofundi as conversas, não aprofundi meus conhecimentos sobre a formação da terra. Prova-se, mais uma vez, que uma conduta pode gerar novas possibilidades. Alerta-se, então, para os cuidados que se deve ter com as palavras, obras e omissões. Nem falo de como os filhos de Helmut e de Herbert estariam modificando sua visão de mundo e suas condutas. Entretanto, se não estivesse aposentado, não estaria brincando com os peixes que um dia nadavam em Santo Cristo. Estaria contribuindo com a pátria de uma forma mais formatada.

Para ser mais efetivo para com minha pátria, digo, então, que melhor seria pensar a velhice não em idades da velhice, mas como podemos dividi-la em autônoma, semidependente e dependente e quais programas e ações a serem desencadeados nos municípios para contemplar os velhos dentro das respectivas categorias.

Haveria ações de promoção para velhos autônomos e ações protetoras para velhos dependentes, semidependentes e outras de defesa. Poderia, então, gerar uma nova proposta para entender a velhice, fazendo resultar ações correspondentes à dignidade do viver na velhice. Parece pouco provocativa a análise da velhice dividindo em idades, o que pouco resolve. Me parece que a velhice cronológica perde para a velhice funcional, ao se falar em ser efetivo. Deixo aberto a críticas sobre ações,

ponderações, ilações e outras consequências em torno de velhos autônomos e velhos dependentes e outros em risco. Mas, para continuar sobre a velhice do ponto de vista funcional, continuemos a brincar. Poderia dividir a velhice autônoma em velhice solitária, aquela que apenas é fiel a si mesma e a velhice solidária: aquela que é alegre, anda ligada e provocando mudanças generosas onde estiver ou aquela, como quer Combaz, mais contemplativa,. Os idosos dependentes também poderiam ser divididos em diversas categorias.

Acho que sou dependente e somente próximo da autonomia. Dependo das ideias livres que se assomam e de Solange, de Fernanda e de Tatiana, que também são dependentes. Dependo do sabor de minha casa e de palavras amenas. Diz Solange: do que você necessita para ter mais ânimo? Digo: estou animado, embora de alma carregada: tenho 68 e não sou mais livre como se fosse criança: o passado pesa um pouco, afinal, não se pode negar as lágrimas advindas da longa metragem. Quero ser mais alegre que Fernando Pessoa. Ele insiste em apresentar-se como muito ausente de si, tendo, porém, a presença intensa de tantas coisas. É só ouvi-lo:

*Despi a realeza, corpo e alma,
E regresssei à noite antiga e calma
Como a paisagem ao morrer do dia.*

Prefiro, ao morrer do dia, embora belo, o fulgor do meio-dia. Posso dizer que estou francamente solto, mas dos prazeres todos, nem tão altos. O alimento, o espírito suave e bem-humorado podem contar a favor do bem-estar. Os prazeres ilimitados da boca, porém, têm desvantagem: engordam e matam. Entretanto, além da gulosidade persistem outras insistências, embora mais vagarosas, mas como diz Cícero: não se tem saudade do que não se tem falta. Mas se tem saudades da falta que se tinha.

Me declaro, desta forma, muito melhor que Fernando Pessoa ao reclamar:

*Tênuê passar das horas sem proveito,
Leve correr dos dias sem ação,
Como a quem com saúde jaz no leito
Ou quem sempre se atrasa sem razão.*

Trouxe Cristina, irmã de Orlene, do hospital. Logo telefonamos para Linha Divisa para dizer que tudo está bem. Basta de morte! Demonstração excelente da preferência de estar nesta estada, tão breve, preferindo esta àqueloutra. Ainda que velhos e meio estropiados, preferimos estar aqui.

Se a velhice anuncia a morte num casal, mesmo que ambos alquebrados, ainda assim pode trazer um amor de lábios murchos, bem a gosto de Saramago, quando aponta para seu protagonista Sete Sóis em Memorial do Convento: despediu-se de Blimunda com *sofreguidão do beijo, pobres bocas, perdida está a frescura, perdidos alguns dentes, partidos outros, mas afinal o amor existe sobre todas as coisas...e depois... vamos aqui sentar-nos a comer o duro pão do mundo, comemos e seguimos logo, que temos ainda muito que andar.*

A história conjunta pode revelar, ao contrário do desamparo, uma fortaleza de sentimentos generosos e confiança. Vale mais, assim, de amores reduzidos, que a desvairada paixão. Isso também é percebido por Drummond:

*O amor antigo tem raízes fundas
Feitas de sofrimento e de beleza.*

E digo, em pobre complemento:
*Se mais calmo e mais silente,
Em tudo, mais verdadeiro e mais sincero.
E quando expresso, mais ardente.*

Estou indo a POA rever meu amigo Johannes, o bom teólogo e competente pedagogo. Digo mais do encontro e do evento sobre o idoso consumidor, promovido por ele.

Em vez de viajar, pelo mundo afora, reformo minha casa. Eu, consumidor inveterado me confesso quando se trata de uma casa: meu reflexo indiscutível, minha identidade feita de madeira, pedra e cores. Eu fechado nela, mas que seja bela em sua constante paisagem, dizendo com Combaz em *O elogio da idade: Nem o conhecimento de todos os povos da terra, nem mesmo a leitura de milhões de livros poderiam levar mais longe do que a viagem feita à noite, no estreito círculo iluminado por uma lâmpada, quando o espírito se entrega à mera consciência de ser alguém e de estar sozinho.*

Cabe dizer do encontro com Johannes: o consumidor idoso é sempre o mais vulnerável de todos os consumidores. Em razão de todas as vulnerabilidades, o mais que tem a fazer é se proteger. Sabe de sua incompetência técnica quando vai adquirir um objeto. Pode ter toda a sabedoria, mas diante da astúcia e complicação das coisas e dos eventos muitas vezes se sente incapaz de lidar com o movimento das diversas realidades do cotidiano digitalizado. Em tudo se revelou a fragilidade dos mais velhos diante da esperteza dos contratos, dos termos sofisticados e da dificuldade de buscar socorro. E nem é bom pensar, então, quando tudo é feito por palavra virtual ou de letras mal vistas, ocultando a grande maldade. Pobres velhos, pagam caro por tais iniciativas.

Agosto: na esperança de ventos melhores.

Pessoas, presas em dores passadas, cansam. Quanto mais repetem suas dores causam menos satisfação e a vulnerabilidade deixa o ouvindo aborrecido. Não será essa a uma causa de separações? O velho ou a velha quer recordações e vida com menos lágrimas. Na separação, muitas vezes não estão buscando outras aventuras. Buscam a paz. As dores de saber doem demais, quando repetidas, doem ainda mais. Dessa maneira, o nosso húngaro apresenta muita dificuldade de fugir delas.

Lembro como era triste a narrativa da tia Marietina, que perdera seus filhos Arquimínio e Ester. Dela também guardo a lembrança de estar vulnerável. Dizia: quando era menina sonhava que uma vaca devorava minhas rosas. Nesse contexto, IK também diz: *O parque decaído. Os ramosos arbustos de coníferas aqui, à frente da minha janela, outrora cheios de vida, com seus brotos abundantes, procurando subir sempre - chamava-os de "chama verde" durante longos anos -, agora secos, apagados, debilitados, estão murchando. O tempo e seus acidentes...por que repeti-los? Já não basta que se foram?*

Frequentei uma oficina de literatura para escritores. Assis Brasil convidou a que se escrevesse uma cozinha após um pesadelo de seu dono: cães perseguiram o sonhador. Resolvi, ao contrário, escrever de um afável sonho.

Manhã agradável, os filhos se enroscavam no pai e o seu corpo ainda sentia os ardores da mulher. Que maravilhoso sonho, mais belo que todas as orquídeas de Santo Cristo. Foi à cozinha e o pão lembrava o pão da mãe. O micro-ondas esquentara o leite e o café granulado aromatizava o ambiente. O piso da cozinha, com suas cores fortes e seus arabescos, mostrava o seu arco-íris de cores. Mal se percebiam as partes quebradas dos ladrilhos. O sonhador pensou: vou dar um jeito naqueles ladrilhos que se quebraram. Ao menos vou salvar a memória do chão, salvando este piso por onde caminhei por quase 30 anos. Ao olhar a pequena adega do móvel, decidi: hoje mesmo vou comprar um vinho chileno ou da serra gaúcha. Aliás, vou comprar um espumante para comemorar os meus sonhos. A geladeira acusava a porta aberta. Meu Deus, nenhuma cerveja para os amigos!? Vou encher de Bohemias: as garrafas vão ficar belas quando orvalhadas. Os mochos da bancada não se mantinham firmes. Estavam cansados de sustentar os mesmos pesos: pudera! tantos amigos e tantas vezes; eles sustentaram conversas e mais conversas, uma vida que fluía entre as palavras O yorkshire alegrou-se com as consequências dos abraços e do amor durante a noite: não lhe faltou um pouco de salame e queijo. Havia almas afáveis dentro das panelas.

Por essas palavras tem-se a impressão de o ser humano depende das circunstâncias, mais que de sua boa vontade. Isso também é provado por uma conversa com minha sobrinha-neta Marcela. Na face da pequena havia uma máscara delicada. Pensei que fosse de uma abelha. Brinquei: que abelhinha linda! Não é abelha, tio Au! É uma joaninha e lembrei da beleza das joaninhas de setembro. Disse que sempre me alegrava, quando em criança uma delas pousava em mim. Diziam que receberia camisa nova. A pequena se afastou e eu: vem cá, meu besourinho! Não é besourinho, é joaninha! Ela queria causar boa impressão, sendo joaninha. Era linda pela identidade nova! Que não me confundisse mais. A escola tem seu poder! O pequeno Vini veio de máscara do homem aranha. Cheio de poder! era isso que era! Me fiz de assustado. Mais causava boa impressão ao menino, e mais ele se alegrava com seu poder. Estavam fazendo dela um animalzinho afável, dele, um homem-aranha.

Por lembrar as circunstâncias e a liberdade nelas impressas, vem, de relance, o papagaio de Steinbeck, criado por marujos: só sabia dizer impropriedades. Quando Adam foi agradá-lo ouviu o desaforado dizer: Saia daqui, seu desgraçado! E por mais que a velha Liza quisesse que aprendesse salmos, não aprendia. Encanta a sua fala sobre os segredos da alma: de como a natureza bravia se impõe sobre a vontade. Quando está tudo bem, rumores soturnos começam avassalar o dia. Ou, quando tudo vai mal, podemos sentir um louco desejo de existir.

*Sinto, então, vontade de dizer o que disse Dante
Ao meio da jornada da vida, tendo perdido
o caminho verdadeiro, achei-me embrenha-
do em selva escura. Descrever qual fosse
tal aspereza umbrosa é tarefa assaz penosa...
Tão triste era que na própria morte não ha-
verá muito mais tristeza. Mas, desejando
celebrar o bem que ali encontrei, também direi
a verdade sobre as outras coisas vistas.*

Essas outras coisas vistas, para mim, dizem respeito a esse desejo louco de existir e de impressionar, tendo o devido reconhecimento. Como me falava um amigo gerontólogo: quando se é jovem, é como se tomássemos sofregamente um cafezinho, como se este não terminaria, mal apreciando o que é bebido. Quando se envelhece, sorve-se em pequenos goles o líquido precioso em seu final. Em tudo se revelam as memórias sobre o quer que seja e as coisas vistas têm, por referência, o que já foi vivido, aliviando a tal aspereza umbrosa. Os fenômenos mais simples começam a respirar como se tivessem alma. O tempo tem disso: pode imprimir sabedorias que somente ele contém. Fiquei avaliando algumas coisas. Um ranchinho pequeno como o de Kurusawa, onde mal cabe uma pessoa, em *Madadaiô*, em todo ele existe ternura. No mesmo filme os salgueiros também choram sobre um pequeno riacho: as circunstâncias deixam o protagonista sensível. Salgueiros, mesas, águas e outras coisas pequenas podem encantar... Acredito por isso e, por outras razões, que até a maioria das mesas sente saudades. Sua grande alma, depois de um tempo, recebe apenas gente estranha.

Em frente à casa, um humilde pé de caqui: não crescera o que podia e com o pouco do que poderia ter sido, serve frutos vermelhos aos tucanos, aos papa-figos e aos sabiás. Também as águas, me comovem em seus segredos. Pudera! Aí todos os viventes começaram as suas pretensões. A Igreja reconhece que seu silêncio possui uma alma divina. Tanto é verdade que a aliança da pessoa com Deus, na proposição eclesial, inicia-se quando ela corre sobre a testa do cristão. Entre a leveza da natureza não há quem não devaneie.

Me olhei no espelho: um verdadeiro mediador. Me surpreendi com que ele me dizia, em muito estava aí meu pai já envelhecido. Debochado é o espelho, revelador de faces que se quer ocultar. Não consegui ainda provar a metade das coisas e já se anuncia o fim. São como as bruxas: oculta-se nelas uma imensidão de espantos. Cheio de devaneios vai-se enfrente, negando a pretensão do destino. Mais uma vez me sirvo de Steinbeck para mostrar devaneios em *A Leste de Éden*. *O amigo de Samuel disse: crie pombos, mas não dos brancos! Os brancos só trazem*

morte e tristeza. Crie os cinzas; são maiores e tem carne mais saborosa. Mesmo assim Samuel encheu o céu de branco. Sua mulher falou, então: você já está se deixando levar pela beligerância. É uma mula de teimoso! Respondeu o marido: alguém tem de fazer alguma coisa. Caso contrário o Destino nunca seria desafiado e a humanidade ainda estaria pendurada nos galhos mais altos das árvores.

Essa luta protagonizada por Samuel parece fracassar em seu filho Tom. Depois que o pai se foi, ficou ele tentando sobreviver com seu jeito conflitante de ser. Mais morria que vivia...e *ele ficava deitado em seu quarto, no escuro, aturdido como uma criança. Podia ouvir o coração batendo, de forma um tanto dissonante. Sua mente procurava refúgio em pequenos planos, projetos e máquinas.* E o Destino nessas páginas de Steinbeck se tona implacável. Morre Tom e a irmã Dessie que imaginava espantar a dor da casa e suas ausências com uma viagem à Europa. Sonho! Veio morrer de terríveis espasmos. A diferença que tenho de Samuel é pouca. Peleio como ele, trocando seu poder de criar objetos úteis por meus livros. Tenho a sorte, todavia, de uma casa boa, de amáveis habitantes e de amigos fiéis. Da maneira como Samuel estava cansado de criar, sem dividir, o resultado de sua criação, estou tentando publicar as minhas novelas. Sou menos carregado de conflitos e pessimismo que Tom, mas, como ele, tento fabricar a felicidade com o auxílio de sentimentos menos encardidos pelo desânimo. Vejo Solange e me alegro de vê-la cuidadosa de sua mãe. Nos últimos tempos os cuidados rondam nossa casa. Ainda bem que não crio pombos brancos, entretanto levantei com saudades de Orlene. Fui ver o arrebol deste dia 12 de julho e pensei na fabricação terna do nosso casamento.

Buenas! Comecei tentando dar vida aos objetos e acabei chegando à minha gente depois de passar pelos pombos e pelo filho de Samuel. Estou indo ao hospital e o que lá vejo é o grande esforço para afastar o Destino dos males que se abatem sobre tanta gente. Vejo a maioria saindo com suas sacolas, trôpegos, mas loucos para chegar em casa.

Envolve-me em tudo isso com pensamentos kertzianos, tentando superar as feridas e rir sobre a miséria humana. Ir além é um bom propósito; se não se arreda o Destino perverso, ao menos se tem o prazer de pelear. Mais que Sócrates, ao mandar examinar a vida, Kertétz afirma: *se a existência não se tornar inacreditável não é digna de ser notada*. Mas de toda a forma, nele parece haver a opressão histórica contra as intenções pessoais. Não creio ser tudo tão ordinário, porquanto o simples pode ser extraordinário. Fico no Timshel de Steinbeck: *poderás superar o pecado*. As ambivalências podem ser minimizadas pela atenção bondosa e solidária. Um tico-tico pode se tornar extraordinário quando canta ou quando saltita silencioso sobre a terra. Por outro lado, se as circunstâncias são poderosas, e até injustas, a gente pode se apropriar da boa vontade e tecer certos arranjos que as tornem mais harmoniosas. Um pouco de alucinação não faz mal a ninguém, afinal, de alguma forma, o homem é a medida de todas as coisas; daquelas que são e ainda não são, mas poderão ser, pelo desvelo dentro de um pequeno espaço. Se a cultura e a natureza nos encurtam, convém esticar o pescoço sobre o muro, esperando que não nos acertem o nariz. É a esperança.

Meditação de final de inverno

*A morte nada é para nós, pois aquilo que
foi dissolvido não possui mais sentimentos e o que
não possui mais sentimentos não nos importa.*
(Epicuro).

Essa ideia merece outra meditação. Se assim é o Destino, a morte não significa muito, a não ser pela ausência, mas como nada é sentido, pouco importa. Viver, então, é necessário, embora tão impreciso. Concordo com um possível livro de Kertész, o qual pretende desenvolver o enredo sobre a felicidade nos campos de concentração. Acredito ser isso muito difícil, uma vez que Combaz aponta para a síndrome da concentração, isto é, um conjunto de sintomas que revelam o aniquilamento: o profundo silêncio do nada. Além da retirada absoluta e de toda e qualquer esperança, existem o espírito mau e o deboche, com os quais não se pode esperar que as pessoas possam levar a efeito a felicidade nem permitir que os outros a tenham. Desse jeito, nada mais está em segurança. A brincadeira abaixo revela o quanto pode haver de vulgaridade nas relações interpessoais, fracassando qualquer possibilidade de alguém estar seguro. As pessoas com esse perfil, quando morrerem, vão causar prazer nos outros. Enfim se foi quem nos causava mal.

Um coelhinho felpudo está fazendo suas necessidades matinais quando olha para o lado e vê um enorme urso fazendo o mesmo. O urso se vira para ele e diz:

- Hei, coelhinho, você solta pelos? O coelhinho, vaidoso e indignado, respondeu:

- De jeito nenhum, venho de uma linhagem muito boa. Então, o urso pega o coelhinho e limpa-se com ele.

No dia seguinte, o leão, ao passar pelo urso, diz:

- Aí, hein, seu urso! Com toda essa pinta de bravo, fortão, bombado! Te vi ontem com um coelhinho felpudo no rabo. Já contei pra todo mundo!

Sem dúvidas, as pessoas com o perfil do urso e do leão, quando morrerem, vão causar prazer aos outros. Conforme Heródoto nos conta sobre o rei Creso e seu filósofo Sólon. Sua majestade perguntou se ele o considerava um homem afortunado, ao que Sólon respondeu: *não posso dizer, vossa majestade ainda não morreu*. Por isso, salienta-se mais a importância de, por precaução, perguntar-se sobre a conduta de todos os dias. Com certeza, tanto do senhor urso, o sujo, como do leão, o matador, ninguém diria coisas agradáveis. A mata ficaria feliz pela morte dos dois. Não seriam tidos como gente feliz. Quem, num campo de concentração, poderia ser feliz com tais feras em torno de frágeis criaturas. Prova está que IK manifesta, seguidamente, seu desespero depois de ter sido prisioneiro em Auschwitz e Buchenwald. Sentiu em seu pelo o quanto a humanidade, pior que o urso, é capaz de fazer. Qual a boa vontade que sobriaria durante aquele horror? E ele revela sua dificuldade em ser feliz. Carregava o peso de sua história. A grande perplexidade: entrementes, os soldados que controlavam os campos sorriam e falavam como se estivessem com a graça do Senhor.

Julgo impossível ser feliz sem a solidariedade. Aqueles que não olham pelo prisma da solidariedade ficam como aqueles que voam de um lugar para outro em busca de algo que possa consolar os pedaços de si

mesmos. Vejo pessoas transcender quando estendem a mão a alguém importante. Ficam em êxtase, como se de um abraço ou do estender de mão pudessem retirar um pouco de poder e consolo para suas vidas invisíveis. Solidariedade, ao que me parece, está como o necessário acréscimo às estruturas fragilizadas de cada um, mas não é julgando os outros como doadores de poder que se faz a solidariedade. No Brasil, nesse momento em que são vistos economistas e políticos flagrados em roubos de bilhões, vê-se o estúrdio. O STF manda para casa os criminosos para que respondam em paz aos seus crimes, com alegação de que podem falar tanto em casa como na prisão. A prática dos roubos foi provada com robustas provas, mas tudo passou batido. Conheço, todavia, um jovem que trabalhava de empregado numa factory, a qual lesou algumas pessoas. Presumo-o muito jovem para avaliar a má administração de seu chefe. Contudo, teve de arcar com a perda de sua juventude, mesmo que provasse não ter suficiente discernimento da engenharia que se produzia na pequena empresa financeira. É então que se abala a fé na humanidade. A crença na solidariedade se reduz, e o juiz do supremo, que mandou os grandes ladrões para casa, vai, com toda honra, à Pontifícia Universidade Católica fazer parte de banca de uma tese de doutorado.

Vou caminhar para tentar preservar a sã razão e não desprezar a humanidade que também habita em mim. Vou ver minha sogra no hospital, uma velha senhora, a mais doce expressão do envelhecimento, que ainda me faz crer na humanidade. Um curto consolo diante da vergonha. Tenho por mim que havia tantos santos por não terem consciência de seu tempo. Caminhavam em seus jardins. Acreditavam que suas orações se derramavam em bênçãos pelo resto da humanidade. Meus Deus!, onde estais que não vos vejo. É como um celular tocando em bolsa de mulher; quando encontra, já não toca mais. Mas que toca, toca, diz-me ainda a pouca fé. O pecado constante de Caim por todo lugar, mas poderás suplantá-lo, diz o Senhor! Ouço os sinos da catedral, enquanto todos dormem nesta casa. Vou levar uma rosa pra Solange. Sua bondade com a mãe mostra o tamanho de uma alma. Nada, porém, afasta o travor brasileiro de outros roubos e favores. Imagino o que vai além dos roubos

fotografados. Ao menos, como ladrões, deveriam esconder o rosto com máscaras. Estão pouco preocupados com o desamparo que causam em tantos, deixando-os sem proteção e a pobreza nessa angústia. Fico a pensar sobre uma pátria tão bonita, mas tão contrastada com os crimes de colarinho-branco.

De Imre, Cecília e Drumond

Imre, ao procurar o lugar onde ocorrera um grande massacre de judeus, não encontrou ninguém que pudesse informá-lo. Contudo, ao chegar a uma paisagem cheia de pedras e negras cavernas, sentiu que era aí o local da mortandade. O ar lúgubre indicava a morte e a maldade. Temo, portanto, sobre a maldade brasileira, torcendo para que as pedras não se tornem lúgubres. Justifico, então: vale a pena gastar boa parte dos recursos que se tem deixando a casa bela e agradável. Se ela não retira o peso das coisas de fora, dentro dela pode haver bem-estar. Faz me lembrar da última pesquisa que realizei na UPF. Os velhos deprimidos, em sua maioria, não estavam bem, dentro de suas casas. *Sempre foi assim, dizia uma personagem da pesquisa. Se na minha rua houvesse uma casa feia, podia contar que era a minha.* Se os assoalhos, as paredes, os quadros, os tetos e as pessoas não envolverem o morador com certa ternura, como poderá haver um sentimento de dignidade? Foi por isso, em *Lugar e tempo de Juvelino Messias Pampa*, que o protagonista fazia de tudo para que seu bairro tivesse cores e as casinhas expelissem fumaça pelo telhado. O pai de Juvelino sonha, provocando o filho a não perder a caridade, fazendo de tudo para que sua vila não tenha o sem-sabor das mesmas cores. *Por que será que as andorinhas, em setembro, cham de um prateado som sobre as casas novas da vila Bom Jesus? As cores novas das ternuras verdes frequentam os jardins e os velhos sadios se dobram sobre eles, enquanto o som das painelas novas soa dentro das casas.*

Pode a alma passar maus bocados, mas que, ao menos, os olhos tenham do que se consolar.

Trocando de saco pra mala...ainda em junho/08.

Pois bem, parece que a ignorância pode gerar uma paz que não é concedida aos que sabem. Bem a rigor como diz IK: *e sei que o suplício de meu saber nunca vai me abandonar*. Sabendo, então, de toda a roubalheira e deixando que tantos fiquem marcados pelas vestes da miséria, há o sofrimento que se estende pelo princípio da reciprocidade, Isto é, não há mal causado que não fique colado na vítima. Ele se desprende, mas desconfio de que aos políticos o sofrimento alheio não cola mais. Penso, então, que a liberdade de saber tem seu preço. Reflito: melhor seria ser um pescador do rio Uruguai, ao qual não incomodam os grandes roubos, preferindo um barquinho miúdo. Estes poderiam ser providos por uma política pesqueira, mas antes que os recursos aí chegassem os dinheiros velejariam em outros barcos. É por isso que IK, sabendo, denuncia aquele desastre humano, com uma ponta de esperança de que não se repita. Imagino-o vendo a fumaça das chaminés. Imagino-o vendo as cabeças raspadas das mulheres judias. Saber que aqueles sapatos ou óculos não retornariam mais ao seu dono. Mas deixemos de lado o mal-estar do saber, volvemo-nos ao seu valor.

A memória bem provida oferece boas formas de pensar e de amar. Se dói saber, alegra-se mais quem mais sabe, ou, ao menos, pode encontrar mais objetos pra mover sua alma, pois quem mais sabe pode avançar em sonhos cheios de bons sentimentos. Por saber pode apreciar as artes e produzir ações apreciáveis, e mais dificilmente, estará sujeito a quem quer que seja. Poderá, ainda, ter mais amizades sem precisar se afastar daquilo em que acredita. Para saber mais, assim aprendi, há que se mover no espaço, hoje mais virtual que outrora. Estou fazendo voltas para dizer o pouco que segue. Quando me movi da Divisa para Santo Ângelo, não imaginei que teria tanto sofrimento por me afastar de meu pequeno lugar. Dores austeras e fundas atravessavam meu corpo. Mas, quando o fim de ano se aproximava... visões gregas e latinas punham mais luz sobre tudo. Busquei o saber ao custo de muita saudade, mas de que jeito tomaria conta do prazer de escrever? De fato o saber não vem solitário. Por se saber, pode ser que em poucos meses sejamos outros e

nos mover em direções diferentes. A liberdade, é certo, passa pelo saber, e quem acreditaria em quem não consegue se pronunciar, em profundidade e lógica.

Se hoje me afasto muito das crenças havidas, não desprezo o meu conhecimento. Às vezes, bate uma saudade da forma antiga de conhecer, místico e grandioso. Vivía confiante na inteira proteção divina e os santos conhecidos reforçavam direções seguras. A fé era boa, rendendo pertencimento, estudo e caridade. Mudaram-se as configurações da fé, melhoraram as da caridade. De tudo resultou um sentimento bom sobre o corpo místico de Cristo.

Passo aos sentimentos. Como o saber se diferencia de sujeito a sujeito, diversos, também, se fazem os sentimentos, ainda que seja no mesmo terreno. Um filho poderá compensar as limitações afetivas da casa por recursos materiais, até se tornar rico, mostrando na ostentação o que lhe falta; outro poderá tornar-se religioso, buscando em Deus o afeto negado; outro mais poderá repor em seus filhos o que lhe faltou, outro, mais ofendido, desejará ir à guerra para matar todos que puder. De todos os jeitos que se olharem, os sentimentos são governados pelos espaços culturais de inserção do sujeito que sente. Que cultura têm os americanos, os quais, volta e meia, organizam uma guerra para mandar seus filhos morrerem? Logo a seguir, prova-se o quanto foi estúpida a guerra, mas já se foram os rapazinhos.

Por tudo isso, é difícil determinar a direção da alma em seus ofícios de pensar, sentir e fazer. Se em IK os campos de concentração causaram profunda desconfiança na espécie humana, em outros os campos poderiam gerar um sentimento profundo de solidariedade, investindo suas ideias e ações para melhoria da raça humana, tão ambivalente.

Não é menos interessante refletir sobre a inconstância dos sentimentos. Por melhor que sejam eles, não se prestam permanecer. Quem nos aponta pra isso é Steinbeck. Quando, em Salinas, vinha o telegrama no qual a pátria agradecia pela vida de um dos filhos, havia

lágrimas e clamores, dores e consternação. A seguir se perguntavam: e sofreu? Consolavam-se por saberem que a bala não deixara o rapazinho gemer. Dias depois se orgulhavam por terem um herói na família. Mais uns meses, tanto a dor como a glória davam lugar aos movimentos do cotidiano. Somente as mães sentiam falta de abraçar e de dizer "meu filho"! Seus seios e seus ventres não as deixavam consoladas, uma vez que haviam trabalhado em vão. Os sentimentos tendem a esvanecer. Aqueles das mães, entretanto, são mais confiáveis. Por conclusão, nesta breve crônica dos sentimentos, pode-se dizer que somente aqueles sentimentos que nasceram de marcas contundentes e duradouras é que se arvoram no direito de permanecer. Muitos, entretanto, são mais suaves e constantes. Quando se envelhece no mesmo lugar, os sentimentos da alegria, em suas formas repetidas, podem não ser tão exuberantes. Fica-se a pensar se não seria uma maneira de a gente se despedir. Vejo muitos casais metidos em ranço constante. Ouvi um cônjuge confessar que gostaria de seguir a solicitação bíblica num de seus versículos: *se tiveres, em casa, uma mulher cheia de intrigas, fuja para o deserto*. Como não tinha deserto ficava dando voltas em casa. Bem que a vida poderia servir a velhice de menos cuidados e de mais vigor nos afetos. Ainda bem que na velhice pode haver o humor, essa alegre desilusão, no dizer de Sponville. Saber o lado disparatado de todas as coisas pode oferecer um alívio. Descobrir que toda verdade é relativa faz com que possamos rir até do que até bem pouco nos castigava. Se a morte é a tenebrosa fatalidade, posso dizer como Allen: não quero estar junto quando chegar. Se o arrumador de pisos se queixar de dor nas costas, pode-se brincar que, se fosse pôr no teto, seria mais complicado. Se o crente disser a outrem, o que você dirá quando chegar diante da eternidade vendo as coisas se configurarem de acordo com a minha fé? Aquele da menor certeza dirá: então, meu amigo tinha razão! A velhice pode ter disso: não se abate nas trevas nem se alegra tanto com a claridade. Não se lhe avoluma demais a aventura, pois sabe que a seguir a chama se extingue. Ainda bem que o velho pode rir de si mesmo e de toda a vida. Somente o absurdo acaba com o humor da velhice. É pois, aí que me vem a impaciência por ver Passo Fundo celebrar a matança em Pulador. Gente e mais gente se mobiliza para

celebrar, num grande teatro, as degolas e as feridas de maragatos e chimangos. Se peleassem por alguma razão! Fazem o que fazem para imitar as peleias bestas aí havidas? Ou não sabem pelear com o enfado do cotidiano? Acaso sabem, ao certo, por que se matavam os lenços brancos e colorados? Acaso não sabem o que fazer com a vida e, por isso, fazem o elogio da morte? A degola está sendo festejada. E convidam todo mundo para apreciar os faconços e a barbárie! Buenas, deixem que peleiem do jeito que sabem pelear. O que tenho de me meter em suas escaramuças? Tenho das minhas para me ocupar. De fato, o ser humano tem nas veias a morte: se não se mata, faz de conta que está matando. Um amigo falava-me, maravilhado, sobre o desempenho dos que imitavam os matadores de Pulador, no sesquicentário de Passo Fundo. Cada um dos desintegrantes mostrava seu garbo. Só não mostravam a degola e a razão pela qual lutavam. A morte tinha solenidade e admiradores. Irrita-me pensar sobre quem faz molhar a terra com o sangue de seus filhos. Mais irrita quem celebra a guerra, julgando celebrar grande coisa. Se acaso o ser humano não for capaz de usar a razão e a palavra para repensar seus modelos de governança, que ponham cães para se matarem. Por certo aparecerão os defensores dos animais, preferindo que se matem os homens, uma vez que os cães não têm culpa do fracasso humano. E ainda pensar que celebram a perda da razão. Terra é para se morrer em paz e dizer o que Cecília disse pela morte de sua avó:

*porque estás encostada à terra fresca,
e os teus olhos não buscam mais lugares
nesta paisagem luminosa
e as tuas mãos não se arredondam já
para a colheita nem para a carícia.*

Terra é lugar para se morrer de velhice, e não lugar das tresloucadas armações da ira e, aos gritos, cortar gargantas, disputando-se mais tarde sobre quem tinha ou não razão, ou razão nenhuma.

Terra é para se poetar mais ainda com Cecília:
Neste mês, as cigarras cantam

*e os trovões caminham por cima da terra,
agarrados ao sol.
Neste mês, ao cair da tarde, a chuva corre pelas montanhas,
e depois a noite é mais clara,
e o canto dos grilos faz palpitar o cheiro molhado do chão.*

Pelo menor pensamento humano que se tenha, festejar a mortandade de Pulador é a negação da competência de lidar com a vida e suas exigências. O que convém é lembrar um pouco

*Das mães em lágrimas distantes
Saber de seu filho e do sangue derramado.
Saber de tudo e antes
Se pudesse pensar e amar.
Que se fique com Drummond:
que se possa desejar de menos cruel:*

...
*Não o morto nem o eterno ou o divino
Apenas o vivo, o pequenino, calado, indiferente
E solitário vivo.
Isso eu procuro*

Mas que se pense em coisas menos tenebrosas que as da mortandade e de seus imitadores. Ainda bem que as cigarras, dentro de dois meses, vão cantar em Pulador.

O interessante seria falar dos enlevos arcaicos do amor, de suas alturas e miniaturas. Fico com as doçuras de quem ama. Desdobram-se as dificuldades de quem vive no meio de amargas sementeiras e de lembranças da insensatez. Nesse momento exato começam um rompimento e o desejo de outras circunstâncias. No meio do vapor envenenado não vinga a ternura. Caem a noite escura e os vapores sufocantes. Volta o pecado mortal da rejeição e há que se ter o *timesch*, a vontade de poder, abrindo a porta da compaixão. *Poderás superar o pecado*, diz Deus pra Caim. O amor tem lá suas tragédias e medram, em

seu seio, segredos de mares nunca navegados. Clama o peito para outros momentos em que se abrasa a ternura caseira, negando-se aventuras fáceis. O amor, em sua natureza, possui extensão, profundidade e força. Não há quem não carregue pesos a serem suportados. A extensão é a prova temporal da consistência amorosa. A profundidade se dá pelo vigor e pela resistência com que se enfrentam as tempestades. A força confere poder e proteção. Mas de pouco adiantam as três esferas da composição amorosa se não houver um tremor amoroso.

Da morte e da paz

Acho que envelhecer é isso também: ter de deixar o principal e, aos poucos, desnudado, se parte também. Me agarro, então, às pretensões do dia a dia, sabedor da finitude que me vem. Vou caminhar e depois comprar um fogão com Solange. Esse que se tem está desgastado. Para não sentir tanto o próprio desgaste, vou comprar algo de novo pra ter a sensação de estar bem. Os objetos têm disso: podem compensar um pouco o principal que se vai. Pedia aos céus - apesar de meu crédito ser pequeno - que a morte não se precipitasse tão vorazmente, mais uma vez, na casa de meu irmão Bento. Faça bom uso da tua fé! Ficarei quieto como um pássaro mudo. Que teus braços se tornem fortes como a montanha do Sinai, onde Deus costumava falar. Sei que o mano vai se entender com Ele. Coisa de louco, nem bem três meses se passaram e o insano destino devora novamente a paz. Vi como se servia de Deus diante da morte, tendo em tudo a solidariedade dos vivos e falecidos.

Voltei para a reforma de minha casa. Estava irritado com o vazamento de um espaço reformado. Refleti sobre meus cuidados e vi o quanto estava sendo mesquinho por tão pouco.

A ciência também tem disso: marca a hora de ir embora. Enquanto se perde o principal, fica-se aperfeiçoando a casa, o que serve para minimizar as perdas. Para mostrar que se tenha em questão o principal, fui escutar com Solange *Para Elisa*. Poetei pra ela sentir o quanto vale a ternura.

*Silenciosa e branca lua
No céu paira*

*Solene e triste.
Fique assim
No meu peito.
Em ti se debruça
A doçura.
Fique alta
E solene,
Quieta.
Medita em ti
O céu um pouco triste,
Mas na tristeza
Também existe
Ternura
Quieta!*

Vou com essa lua branca em céu escuro resolvendo a vida. Em cada hora se debruça o fim. Mas enquanto se move o corpo, empurra-se a alma da melhor maneira. Vejo que em tudo o que sobra está a solidariedade e um pouco de arte como esta de escrever para tornar engraçada a vida que se tem. Sobra a ternura que se debruça e sejam avaliadas, no meio da paz, algumas conquistas.

29/07/08:

Dia primoroso em razão de ter sido aprovado o mestrado sobre Envelhecimento Humano. Depois de oito anos de esforços, enfim, o resultado. Não me fiava de haver bom término. As exigências se exacerbavam, cansando a boa vontade. Ainda bem que o competente Pasqualotti e a turma do Vivencer estavam mais animados. Mais ele que todos. Foi a qualidade de lidar com os aplicativos da Capes que tornou viável a aprovação do projeto. É bom ver superada a pobreza dos dias, pondo melhor quota aos meus colegas. Não mais se reclama como Doba!

*Dão as faveiras sua sombra aos formigueiros
E os dias magros ao homem sua quota de vida.
E, de repente, a vida rebenta*

Na força muda que as sementes guardam.

Seja do jeito que for, temos o reconhecimento oficial. Não somos mais meninos e meninas *sem força contra a noite*. Todavia, a liberdade das universidades é igual àquela dos padres da Idade Média: tudo passava por Roma e por seus dogmas, trocando-se apenas o lugar e a fé pela razão.

Ao mesmo tempo em que via bem feita a história do mestrado, me perguntava sobre qual é o sentido de minha vida agora. Concedi parcela de mim nessa transitoriedade e imortalidade humana de sermos mais, cumprindo nossas ambivalências. Terei qual papel para justificar o meu tempo de vida? Escrever é o suficiente? Por enquanto vou me virar nas letras a ver se promovo algum sentido para mim e a quem quiser ter para si as minhas narrativas. Estarei atento como um animal protegendo a cria, olhando pra todos os lados a ver se surge algo de bom ou ameaçador. Do mesmo mar e do mesmo sertão podem se retirar muita caça e muita visão. Cada coisa contém milhões de seres, um devir em tudo se escala a perder de vista. Vou andar como se a cada hora estivesse fazendo uma reportagem muito cuidadosa. Cada instante será como acompanhar a visita de Deus à terra. E me agradaria dirigir-lhe muitas questões sobre abandonos e sofrimentos. Dói-me o peito, que cada dia se fragiliza, pelo temor de não ver o dia de amanhã melhor que hoje.

Será que não me dou ao luxo de vadiar? E que tem agora de um velho vago, vesgo e torto me chamar pedindo licença para existir. Me diz que ainda não tem forma suficiente. Se os séculos estiveram à disposição do adulto, pouco tempo tem para a criança e jovem, menos tempo sobrou para o velho. A felicidade reside nos hábitos, mas não os tendo, o que sobra? Uma errática circunstância é forjada a pau e corda. Imagino, então, um velho lutador mais afoito que Ulisses, que tinha deuses e deusas ao seu lado, inspirando a trajetória no mar bravio. Os velhos não têm seu destino em excelência, porque as virtudes não foram constituídas por políticas simples de praticar. Infelizmente, muito se tem a fazer para constituir um ser humano. É o momento de o velho tomar suas resoluções

da melhor maneira possível. É bom o conselho de Sêneca: *ceder de boa vontade às pressões das circunstâncias e não temer mudar*, contanto que não caiamos na volubilidade nem na obstinação. A prudência é uma virtude para aprender a ser, enquanto não forem oferecidos caminhos mais concisos. Além da prudência, parece menos ameaçador buscar amizades com as quais são divididos os momentos incertos e os certos. O espírito de humor ajuda um pouco: se não temos o que é melhor, temos de sorrir sobre as agruras. Isso significa que nem sempre o bom pensar é a melhor virtude. Dar um descanso às nossas questões também ajuda. Afinal, de nada adianta se desesperar e fazer como Catão, o virtuoso, que resolveu se lançar sobre a espada e dar fim a si mesmo.

Chega o dia dos pais e hoje: 08/08/08.

Penso na minha paternidade. A ternura está em bruma da manhã, suave. Me agrada viver esta ternura branda. Repito com Dobal:

*Não foge o tempo ao que lhe cabe. Breve
As suas marcas sobre nós dispõe.
E me sobrepuja a mudança das filhas que residem
Ainda pequenas no meu peito.
Delas não me livro um instante.
Elas em mim se depositam indelevelmente
E se chegam os dias com seus duros trovões,
Posso rezar que sejam férteis onde vicejam
Os trigos, as uvas, os sonhos e as amoras.
Ainda mais: que tenham seus dias
Livres do tormento
E dos maiores sofrimentos.*

Passaremos, por mais desdobrados que vivamos em torno do que amamos, e a nossa imagem perderá o seu relevo: o mesmo que Hesse diz de um jovem apaixonado, convertido em eremita. *Desde os recuados tempos em que viveu esse jovem, muitas centenas de anos já*

transcorreram e com que rapidez serão também esquecidos os nossos atos e os nossos nomes, e não ficará outro vestígio de nossa vida senão, talvez, uma pequena e incerta lenda...

Mas enquanto não formos a incerta lenda, podemos viver como se vivêssemos a melhor, jamais ouvida, lida ou feita. Afinal, o mundo existe enquanto vivermos. Pode ser magnífico. O seu volume e densidade terão a proporção de nossa comunicação. Filhas, as coisas são em nossa medida. E por sermos juntos, maior será o movimento das águas, das terras, das montanhas, das flores e tudo que os passos nos mostrarem em nosso caminho. Queria dizer muito mais e ser mais, neste domingo que foi convencionalmente ser dos pais. Foi o que consegui com minha amada, gentil senhora. Talvez diga tais elementos da comoção pelo esforço de garotas nesta olimpíada de Beijjing.

Imito, então, Pescini em *Dá pra acreditar*

Vocheis miama?

Munto¿ Munto?

Axim tantu como o xol?

Já tá bom!

Um pouco de virtude e de Borges

Que mania essa de se comer além da medida! Sabe-se de cor o quanto em tudo se prejudica a saúde com esses exageros. Vou na frente com minha vontade e esta semana será de eremita. Ficarei sem o adensamento do umbigo e o desejo estará submisso às minhas ordens. Não comerás para que não te mates de gordura! Olharei para mim diante de um prato e não adianta dizer: só isso? Serei fiel à minha saúde. Quero ver em quinze dias se os apetites podem estar subservientes em favor de minha alma. Que tenha o inspirador São Francisco, penitente, não o gordo de Aquino.

Para se chegar a bom destino não basta boa vontade. Há que se ter controle de hora em hora, para que não se pense que o propósito escondido e prometido seja o suficiente. Antigos demônios perseguem e são implacáveis. Que tenha sob controle os limites que se estendem sobre mim e que nada suceda sem a vigilância. Se se evitar que o cristal caia no chão, parabéns para quem age com desvelo, evitando que se quebre. Então, mais se aprecia o que poderia se perder.

As horas já carregam asperezas. Contudo, serão férteis se obtiverem um resumo de gentilezas ambulantes. Fica-se, então, como um cavalo descansando debaixo dos pés de sete-capotes, manso, sem maior pretensão que a de viver. Estou desse jeito, muito contente com o necessário. Tenho pra mim que a única precisão na vida é ocupar-se de forma interessante, nem que disso não se tire grande proveito. Dentro dessa perspectiva, fui ao curso de filosofia sobre *Felicidade Ética e Finitude Humana*. A reflexão se dava sobre o filme *Mar a dentro*. Estava bom, um tanto deprimente, ainda assim carregado de eroticidade, embora girasse em torno da eutanásia. Medi com exatidão o sentimento

ambivalente entre a obrigação de apanhar Henrique no colégio ou ficar discutindo sobre o direito de morrer. O resultado foi favorável ao meu neto. Disse-lhe que saí do filme e me sentia bem por apanhá-lo. Não percebi o quanto se sentiu bem por dizer que meus sentimentos se inclinaram a seu favor. Levei, a pedido dele, dois dos seus colegas. Me agradou esse pequeno gesto de solidariedade, ainda mais que chovia, e de dizer a ele sobre a generosidade humana e o agradável sentimento de servir.

Comecei a pensar no livro sobre *Conversas de velhos*, mas fico com certa culpa por não redimensionar os escritos sobre *Educação e Envelhecimento Humano*. A resistência é grande quando por longo período se pensa sobre a mesma coisa. De fato, por mais relevância que se tenha em torno de algo, por repetir o que se faz, vai que cansa o vivente. E me vêm os quatro velhos querendo passagem. Um velho vigário, Ataúlfo, carregando um mundo de bênçãos. Somente Deus o retém em vivacidade. Outro velho, viúvo de poucos meses, sente a ausência da mulher, bastando-lhe eróticas lembranças. O terceiro, Crespo, metido de corpo e alma em seus negócios. O quarto, um verdadeiro mandrião, Péricles, debocha de tudo, mas suas ausências e infidelidades o incomodam demais. Não mereceu o amor de ninguém. Invoco inspiração para que os velhos não me deixem mal na foto de escritor. Torço também para meus personagens de *Pequenos Seres da Terra, dos Excessos das almas e das coisas, da Professora Antônia e do Juvelino*. Entendo que podem dizer alguma coisa e suas histórias testemunhar sobre a angústia e os encantos. Eles me deram prazer, mas sem dividi-los com ninguém, fico solitário com eles.

Conversar sempre sobre as mesmas coisas também cansa. Então, passarei a me deter em Borges[1], com alguns seres extraordinários, fugindo do cotidiano dos meus e dos personagens, todos loucos por viver. O primeiro dos esquisitos e criados pela humana criação é Odradek. Não se pode estranhar que seja trazido por Kafka e reportado por Borges. *Seu aspecto é o de um carretel de linha, achatado e em forma de estrela, e a verdade é que parece feito de linha, mas de pedaços de linha, cortados, velhos, emaranhados e cheios de nós, de tipos e cores*

diferentes. Vai além de ser um carretel: da estrela sai uma hastezinha e dela outra se articula. Fica de pé como se tivesse pernas. Ainda que diminuto e estranho, busca comunicação. Entende o autor que, apesar de ser desse jeito, possui uma finalidade e quer manter seu diálogo. Ao se perguntar por sua morada responde: domicílio incerto, como os seres humanos desesperados por não ter um lugar apropriado para ficar. Kafka revela o quanto o pequeno ser sofre arrastando seus fiapos pelas escadas. Por menor que seja, não se deixa capturar. Habita dentro das casas e passa meses durante os quais ninguém o vê.

Se comparada aos seres humanos, sua figura pode evocar muitas ideias sobre o direito de ser e dialogar, mas, acima de tudo, comove o fato de o autor trazer do recôndito de uma tradição este minúsculo ser. Parece tão carente como se fora o próprio Kafka ou qualquer vivente quando se sente o último dos mortais.

Se a narrativa sobre Odradek gera sentimentos de compaixão em seu corpo feito de fiapos, Squonk, o excêntrico animal da Pensilvânia, gera um grande sentimento de pesar por traduzir toda a tristeza humana. É muito retraído e geralmente viaja na hora do crepúsculo... *é o mais infeliz dos animais. É fácil seguir-lhe os rastros, por que chora continuamente e deixa uma trilha de lágrimas. Quando é acurrado e não pode fugir, ou quando o surpreendem e o assustam, dissolve-se em lágrimas...* Algumas pessoas se comportam como Squonk, põem-se a chorar por serem muito sensíveis, tornando-se tristes por não aceitarem a maldade humana que, às vezes, cobre um tempo e um lugar de pura crueldade. Por mais que se olhe pode-se dizer que não existe ser humano que não tenha sentimentos semelhantes aos de Squonk.

No rastro desse animal vão outros seres imaginários da coleção de Borges. O Pelicano, da ordem dos ciconiiformes, não é imaginário, mas imaginários são seus feitos diante de ameaças. Diferentemente de Squonk, é destemido. Pode haver sangue em seu rastro, pois que rasga o peito... *ama muito seus filhos e, encontrando-os no ninho mortos pelas serpentes, dilacera o peito e, banhando-os com o seu sangue, devolve-os*

à vida. Na tradição cristã é possível vê-lo nos cálices, em memória do sangue de Cristo.

Outro ser fora de série é o peixe Rêmora, da família dos equeneídeos, dele também se diz o extraordinário. Costuma viver se fixando em outros peixes, fazendo-os demorar na busca de seus objetivos. A fantasia dos marinheiros o toma como possuindo certas intenções generosas, como a de sustar a velocidade de barcos guerreiros, dificultando a vida dos inimigos. Foi o que fez com o navio de Calígula, segurando-o, apesar de trezentos remadores se esforçarem a não mais poder. Invocá-lo é, portanto, bom remédio diante da precipitação de maus sentimentos. Não menos importante é o Grifo o que se destaca por ter cabeça de águia e corpo de leão. Também é entendido na tradição cristã como Cristo. Reina como um leão e sobe aos céus como a águia. Algumas tribos costumam invocá-lo em razão de sua força e sabedoria. Os últimos três seres de talentos imaginários merecem consideração, pois têm a finalidade de orientar os seres humanos. Afinal, a ternura, a paciência, a força, nem que seja de expressão, e a sabedoria caem bem para quem anda perdido. O que as escrituras e os frágeis momentos querem ensinar são *infinitos como as cores da cauda do pavão real*, principalmente para quem está disposto a ver e pensar com todo seu corpo. Isso significa que não é necessário nos convertermos em seres imaginários para termos boa sorte. Basta um pouco de boa vontade e alegria nos bolsos. Por um instante fiquei admirando outro animal proposto por Kafka: metade gato e metade cordeiro. Não se confunde com gatos nem com cordeiros. Aceita, todavia, uns e outros com seus olhos de animal. Por vezes sente insatisfação e quer ser cachorro também. Estando Kafka com dificuldades econômicas, quis vendê-lo, porém, ao ver lágrimas nos olhos do bichinho, pensou em outro meio para resolver seu problema. Volta e meia sobe aos ombros e chega o focinho ao ouvido. Cheio de compreensão, Kafka faz que entende os apelos, levando o animalzinho a ficar muito contente. Parece não haver dúvidas sobre as ambivalências humanas - no mesmo lugar se aninham cordeiros e felinos - e, ainda, sobre a crença de que é uma boa virtude saber reconhecer as conversas alheias.

Por certo, Borges, nem de longe, concordaria com as meditações, quase religiosas, retiradas dos seres imaginários. Mas como as coisas não importam tanto quanto o que delas se faz, escrevo fixando o olhar sobre a moralidade.

Antes de avançar com os seres de Borges, avanço com um ser imaginário de uma mulher que julga haver um amor encantador a ser continuamente expresso, mais refulgente que o sol e mais reflexivo que a brancura da lua. Um ser tardio de grande coração, como uma águia que, imperturbável, voa nos céus. Dessas águias que se renovam em lugares ermos, arrancando as velhas penas e garras e, depois, fortalecidas pela renovação, retornam aos céus. Dir-se-ia, então, que o ser extraordinário tem a pele suave da lua, o coração ardente do sol e os olhos precisos da águia. O ser que habita como fantasma a cabeça feminina que conheço não suporta as caladas noites, nem o frio da velhice. O ser imaginário converte-se nela como um ser verdadeiro e devora os momentos simples. Em tudo o voo amoroso vai alto por sobre as coxilhas e as aldeias dos pobres lugares. Diz ainda que assim chegou a este ser de alturas, que não conhecem limites, por graça de Nossa Senhora.

Apresentado o meu ser imaginário que entra em casa, continuo a mostrar os seres colhidos por Borges. Para superar todos os monstros imaginários, apresento os animais metafísicos. A humanidade se poria a salvo se, acaso, existissem, e até a mulher com o ser imaginário do amor inconcebível teria a sorte de conviver com a mediocridade, dela tirando excelentes qualidades. Os animais metafísicos possuem propriedades divinas. São um tanto bizarros: nascem, em princípio de estátuas e aos poucos se constituem, por engenhos teóricos e práticos, em solucionadores de toda ameaça. As informações que possuem se adiantam no tempo. Delas retiram hipóteses e deduções precisas. As palavras auxiliadoras dos animais metafísicos saem da boca fazendo com que facilmente sejam entendidos. As mãos práticas traduzem com perfeição tudo que é engendrado. As melhores teses de doutorado de conceito a são ridículas perto do que esses animais são capazes de produzir. Até hoje, entretanto, foram vistos muito escondidos e ainda se

acredita, em alguns lugares, que se apresentam apenas como estátuas. Semelhante a um animal metafísico é o Simurg, pássaro imortal que faz seu ninho na Árvore da Ciência. Sua cabecinha é humana, seu rabo é do pavão real, possui garras e quatro asas. Em tudo a analogia se aproxima ao da natureza daqueles que se pretendem conhecedores de muitas coisas e se entendem como muitíssimo capazes. Outros pássaros querem ser iguais a ele, para que possam dissipar as confusões nas quais se metem a toda hora. A maioria dos pássaros fica acomodada em sua maneira de ser e alguns ainda têm a desculpa de dizer que Simurg, do jeito que se apresenta, é muito antipático. O rouxinol julga que lhe é suficiente a rosa; o papagaio, a beleza que é a razão de viver engaiolado, sendo-lhe suficiente imitar a voz humana; o chopin está contente em produzir filhos por conta da boa vontade do tico-tico e a coruja, ninguém consegue afastá-la a das ruínas. Alguns pássaros, inconformados com a anarquia em que vivem, seguem até a montanha de Kaf. Percebem que o aprendizado é semelhante ao de Simurg e podem ser muito mais, conseguindo até reduzir a cauda real e suas garras, no que, na opinião de alguns anacoretas, fariam muito bem.

[1] BORGES, Jorge Luis & GUERRERO, Margarita. O livro dos seres imaginários. São Paulo: Globo, 1989.

Os dias sagrados

Neste primeiro de setembro de zero oito, volto ao costume de pensar o cotidiano, pois pensar grandezas em torno de pássaros e animais de cabeças arejadas só faz a gente se sentir inferior. Adeja, entretanto, um mal-estar que espero não vire uma tradição. Não há razões muito sérias de carregar esse sentimento de calcinação. Será em razão da mediocridade com que joga meu time ou será porque estou a fazer tão pouco? Mas o que tem demais em ser tão fortuito e insubstancial, pois que em breve tempo a luz do nome será pouca e de nada se saberá. Brincar é uma grande solução. Acabei de ver o que é digno de nota, mostrando que cada qual carece de seu capital de encantamento. Vou me estender na ternura de Solange e parecer a velha senhora que descia, com seu tamborzinho, a Chicuta, impregnada de importância por anunciar os mais velhos na avenida Sete de Setembro, lembrando Nana Mouskouri .

*A velha senhora.....ratatata
Com seu pequeno tambor.....ratatata
Vem conversar..... ratatata
Com meu coração..... ratatata*

Ela, concentrada, falava do seu capital pra causar uma boa impressão na avenida, e eu a dizer, não sei pra quem, algumas palavras sobre a querida mulher e seu tamborzinho. É preciso muito pouco pra encantar quando se tem ternura como a velha senhora que descia a Chicuta. Sete de setembro de outros tempos, em que brumas cobriam Passo Fundo. Agora, nesse frio intenso, uma velha anuncia o seu tempo. Pra ela pouco importa se alguém lembrará seu nome, mas faz soar seu tamborzinho. Se Deus tiver ouvidos, por certo, porá suas infinitas mãos em

concha pra ouvi-la. Rápidas são as impressões que amamos e rápidas se vão, mas o que importa é avançar sem perder o instante que, se não vibra pelas circunstâncias, faz-se necessário que vibre.

Vinha de Santa Maria, uma viagem muito longa pra uma estrada curta, buscava aí inspiração para o livro *Conversas de velhos*. Senti necessário que Péricles, o velho inconstante, nascesse de uma família bizarra, tornando-a, porém, cheia de graça: do tamanho que a vida de cada um se revele, e da forma como Kertétz pretende encontrar a felicidade até num campo de concentração.

A maior meditação cabe sobre a dificuldade daqueles que andam em sofrimento, crendo que seja purificador. Não consigo fazer o elogio da cruz com suas consequências, embora sem o suor do rosto, ninguém chegue a qualquer lugar. A orientação pode servir a São João da Cruz, cujo sofrimento servia para poetar sobre o deserto humano, todavia não como orientação de vida. Seria confessar a crueldade de Deus, semelhante aos deuses pagãos que exigiam sacrifícios humanos. A alegria, mesmo que contida pelos esforços de ser, é necessária para evitar a impressão de estarmos subjugados ao inferno. Acredito existir a possibilidade do absoluto e, vivamente, em Deus, como único sentido, e nele, todos os outros significados. Nesse caminho é possível a imensidão sustentar a fragilidade. A oração, então, seria como uma linguagem metafísica sugerindo uma realidade benfazeja na qual todas as contradições seriam superadas. Haveria uma alegria que transcende as preocupações. Mas quem pode usufruir as libações infinitas? O que fazer quando os recursos são mínimos e a possibilidade de um pobre velho é vestir-se de uma placa fazendo divulgação de um produto no meio do tumulto de uma rua. Cadê a dignidade e a possibilidade de ter em Deus a suavidade das horas? É o que é dito de um deles na pesquisa *"Quando a rua é dos velhos: trabalho informal, saúde e condições de vida."*[1]

Olimpio, um senhor de 70 anos, plaqueiro de ouro há dois anos, diz que o pior na sua função é "quando chove, porque molha o pé; ou quando esfria o tempo", já que a mudança de temperatura faz atacar a sua bronquite. Assim, seu Juscelino percebeu, pela primeira vez, que era

diabético: "Eu ficava como um bêbado, tentando segurar a placa e me segurando, até desmaiar".

Não é necessário ir a São Paulo para ver velhos vendendo sua dignidade para sobreviver. Tão difícil quanto a realidade de velhos plaqueiros é dividir apenas momentos obscuros.

E, mesmo diante de maiores ofensas, é bom tê-las como fumaça ou nuvem passageira. Acho que melhor do que eu, o tempo faz. A memória vai se refrigerando pela cronologia das horas. Ameniza-se com ela a terrível dor. Fico quieto igual a um morcego, nem guincho, então...

Rio de mim, lembrando as reclamações de Afonso de Guimarães:

O céu é todo trevas: o vento uiva.

Do relâmpago a cabeleira ruiva

Vem açoitar o rosto meu.

A catedral ebúrnea do meu sonho,

Afunda-se no caos do céu medonho

Como um astro que já morreu.

E o sino geme em lúgubres responsos:

"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

Brincar é urgente diante do que nos incomoda, para que, por associar uma música ou um poema, se possa alegrar o coração. E lá vamos nós montados num cavaleiro de pau rumo ao infinito, a exemplo de Quixote. Ao som lúgubre do sino de Alphonsus, prefiro o meu da Divisa... pequeno e terno, cheio de clamores diferentes. Quero que agora toque dentro de mim, sem nenhuma dor, como se fosse no Kerb de novembro. Então, com velhos plaqueiros, com o indecifrável sofrimento e outros horrores, vai-se em frente, com certas virtudes, que não é para perder o prumo nem o rumo.

[1] CERQUEIRA Monique Borba: In
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/viewFile/4820/3639>

Um pouco da fé e da loucura

As virtudes de perdoar, de ser compassivo, de amar e de outras referentes às relações podem ser explicadas de forma muito interessante ao se compreender o autismo, mostrando-se que tais virtudes são devidas, e muito, às competências nervosas, sem retirar, é claro, a força dos hábitos.

Os autistas apresentam grandes dificuldades na revelação da sexualidade e da afetividade interpessoal,. Sacks, em seu livro *Um antropólogo em Marte*, escreve sobre uma cientista na área de domínio animal. Expressa através dela as muitas dificuldades ao se tratar de sentimentos eróticos dos autistas. *Nunca tinha namorado. Achava essas interações completamente frustrantes... nunca sabia o que estava sendo dito, ou insinuado, ou perguntado, ou esperado. Não sabia nessas ocasiões de onde vinham as pessoas, ou suas suposições, ou intenções.*[1] Isso me faz crer que outras expressões afetivas tenham dependência da infraestrutura cerebral. Curiosamente, ao contrário, a cientista tinha grande facilidade em corresponder aos sentimentos dos animais em cuja área trabalhava. O autor faz pensar sobre as áreas preservadas da inteligência da cientista, ficando a compaixão, a ternura e outras virtudes do afeto com pouco abrigo.

Buenas, como os sentimentos de ternura possuem sua inclinação natural em razão da constituição nervosa, desconfio de que certos temas atraem a uns mais que a outros em razão das disposições orgânicas. Tenho alguns amigos inteiramente voltados à crença da reencarnação. Defendem-na pela razão de não aceitar que tenham de suportar a eternidade toda com a mesma identidade e as mesmas coisas por amar. Seria muita crueldade, pensam, ficarmos por séculos séculos na mesma

quietude divina, apreciando as etéreas paisagens. Por isso, eles julgam mais lógica a transmutação de identidades em busca da perfeição. Dizia a meus amigos que tudo que se diga depois da morte é mera fantasia. Fantasia por fantasia, dizia ele, a minha é melhor que a tua.

Me resta a ideia de haver uma inclinação natural para a fé sobre as formas da eternidade, tamanho é o sentimento da certeza que possuem. E creem tão firmemente como se estivessem vendo uma pedra ou uma flor no meio do caminho. Me alegro, então, com a forte inclinação da natureza humana deles em terem a inscrição das eternas realidades. Usam delas muito antes que lhes venham. Fico feliz por me consolar em meus amigos, ainda que não creia. Repetem: se fores um bom homem, terás a mesma glória e, na próxima vida, poderás ser um pouco mais perfeito. É pura loucura não acreditar sobre os acontecimentos após a morte. Dizem mais: há consolo em crer que voaremos sobre as misérias humanas, tendo um descanso de aposentado. Prefiro, contudo, deixar para depois os eventos dos quais não posso saber.

Mais me agradam as ideias de Erasmo ao dizer que a velhice tem tudo a ver com a loucura, deixando de lado as formas de ser enquanto ainda não somos. Diz ele: o único consolo ainda é a loucura, pois é desprovida da seriedade, da austeridade, dos grandes esforços, da disputa desenfreada, do poder inconsequente. Na velhice sobra tempo para se olhar a vida de muitos ângulos, não somente aquele que a profissão impõe. A loucura faz brincar com o que se tinha até então como a maior verdade. É o que diz o alegre Erasmo em *Elogio da loucura*[2] ao escrever dela... *cabe a mim(loucura), portanto, dar ao velho o delírio que o faz disparatar: mas é também esse afortunado delírio que afasta dele as inquietudes, as tristeza que atormentam o sábio.* Alegro-me essa aventura benfazeja de ter muita loucura, todavia sabendo que os velhos podem ter sabedoria, ou viver com as duas. Permito-me, entretanto, contrariá-lo quando diz que é pueril tratar de coisas sérias de maneira divertida. Também, nada mais divertido que tratar a sério os gracejos. Para mim, ambas as coisas podem nos divertir. Vejamos, ainda, alguém representando o papel de rei e que no teatro comove por suas sábias

decisões. Imaginemos cair-lhe a pompa das vestes e aparecer o pobre ator. Assim é com a gente: sempre estamos nos vestindo de nossas importâncias, sabendo que logo ali seremos dispensados de nossos papéis. Enquanto estamos exercendo o poder que nos foi conferido, muitas vezes esquecemos a pobre condição humana. É o mesmo que fazem os pobres no carnaval. Se soubessem de sua real condição, não andariam rindo como se fossem reais. Assim vamos em frente, morando sempre no andar que imaginamos. E é assim como agora, de nariz entupido e o corpo pesado por uma gripe, um cansaço indevido e a canção ao ouvido: *amanheceu, peguei da viola, pus na sacola e fui viajar*. Gostoso, então, por momentos, abandonada a gripe, imaginar um sol brilhante, um pingo ajaezado e ares puros do campo, não esse plúmbeo céu. Mas não dá para abandonar o que se tem pela natureza, pelo costume e pela exigência social. Não podemos sequer nos distrair, que o papel que temos a desempenhar, é obrigação inarredável. Lembro só de uma vez que tinha a dizer uma única frase ao final do teatro. Eu um médico trazendo um comprido para a cura do jovem que morria... e lá veio o que jamais poderia ter sido dito... *Tome esse cumprimento que lhe fará bem*. Maldita fala que tudo estragou. Em vez de lágrimas, gargalhadas estrondosas... A maldição caiu sobre mim. Assim é: somos pouco mais que as inscrições que assumimos e, se a leitura não for bem feita, somos expulsos e nos expulsamos. Mais triste fiquei adiante quando, de carona, soltei uma garrafinha de canha que tomávamos para nos animar e fazer um papel, sem temor. Como seminarista, vergonha diante do senhor que nos levava, por entender que seminaristas tomassem apenas algum vinho para não estranhar quando fossem rezar missa. Completou-se a noite. Entretanto, se bem olhar pra ela, a alegria despertada pelo erro, fez melhor que as lágrimas. E consolou-se o motorista por ver o seminarista em sua fragilidade. Enfim, não se perdem grandes coisas quando se cometem loucuras. E quem seria o humilde motorista que deu carona? Não me julgou menor pelo deslize nem se admirou da cachaça. Sua felicidade, possivelmente fosse maior que a dos grandes pensadores.

Quando a maior luz da inteligência se acendeu no Ocidente veio a Segunda Guerra e foi um tempo de perdição.

[1] SACKS, Oliver. Um antropólogo em Marte. São Paulo: editora Schwartz. 1995

[2] ERASMO, de Rotterdam. Elogio da Loucura. POA:L&PM, 2008

Entre o amor, a morte e o pecado

Entendo que o coração não pode ficar à deriva, ficando sem a luz da razão. A carência afetiva pode causar mal-estar, entretanto, como medir o tamanho do amor necessário? Hoje pela manhã comoveu-me o momento de ter encontrado minha sobrinha Cristina. Tão amável em ver minha saúde. Nela amei a Orlene, com a qual continuo minha purificação. Amei Edite em seu sofrimento. Amei nelas o meu pequeno lugar. Por vezes, então, eu penso que se anda com a metade de si. Como se sabe a alma se distribui em tudo, por menor que seja a parte, estende-se toda. Que se opere o milagre de se repor inteira a vida. Felizes aqueles que têm suas certezas. *Em mim apenas uma certeza me devora*, aquela que meu coração é capaz de avaliar com os outros.

Vim de Santo Cristo. Temi não poder trabalhar com os idosos, tal foi o meu descuido, misturando bebidas. Grandes festas, definitivamente, não combinam com trabalho. Nunca bebi tanta água, enquanto falava. Temia que fossem dizer: esse cara veio pra beber ou veio pra falar?

De todo o jeito, esse dia 29/09/08 foi muito importante. Falei na minha terra. Rezei timidamente, porque não tinha moral pra pedir. Espero que Orlene possa, de fato, descansar: *hier ruht in Frieden*[1]. Que encontre as montanhas azuis e o suficiente descanso. Ao encontrar o Perene, diga que não é assim que se manda embora uma mulher. Se perceber o quanto você faz falta, não chore. Breve é o tempo dos que ficam. Dia 10/10 e um joelho rebentado. Bem verdade é que se pagam caro as imprevidências e por uma natureza frágil: mais quieto o movimento e capenga o passo. Breve é o tempo... isso se percebe no andar. A velocidade anda longe de casa. Parece que os velhos andam devagar pra não chamar atenção da morte. E quem diz que, já passados 11 dias, o joelho estaria bom? Aos

poucos, a gente vai sabendo quem se é. Uma coisa é certa: o espírito pode andar em corpo frágil, mas bem que seria melhor tê-lo fortalecido. Vai-se aos poucos, bem aos poucos, a vida em revoada. Voltam as pombas de Raimundo, mas a força não volta mais. Mesmo que não se carregue um touro sobre os ombros, que, ao menos, se tenha forças para um cordeiro. Daqui a pouco sopra um diabinho: nem um cordeirinho, nem a ti mesmo. Mas não dá para dizer que é mau ter os joelhos dobrados ao tempo. Tem-se ainda o sopro: não se pode perder a oportunidade de soprar sobre todas as coisas. Não quero ser como as estrelas mortas: a matéria inerte que corre entre as constelações, servindo apenas para sustentar o consórcio. Um pouco de luz faz bem. Vou adiante como um procurador de amparos. E nesse 2 do 11 de 08, mais se tem de procurar amparos quando aqueles que falavam já não conversam mais. A comunhão que se tinha é pouco solene. A vida é apenas uma pequena esperança que caminha, mas chegar que é bom...! Há uma distância dos que partem, urge viver e esquecer. Apagam-se da mente os peregrinos do silêncio. Remotas são as lembranças e fica uma ternura pendente, como a lágrima que secou. É um pouco triste este início de novembro. Uma procissão silenciosa desenha-se na mente. Eles já partiram e ficou um adeus já sem lágrimas. Comprei as flores para a sogra levar pensando que se pode agradar aos que se foram. Que bom se pudesse penetrar na alma de quem partiu e confortá-los, ou, ao contrário, eles nos confortarem. Ó vida, esperança de muitos, salve a rainha na qual não esmorece a confiança de ter salvação. Quem me dera ainda ter a certeza daqueles que alimentam a fé em anjos, na mãe celestial, em santos e nas almas peregrinas. Repousa neles a sua imortalidade, e, peregrinos inseparáveis, terão ainda a eternidade pela frente. Quiçá, eu ainda tão descrente, tenha o amparo do incomensurável, do permanente, da imensidão. Afinal, habitantes de uma pequena constelação, mas tão sonhadores, não terei a bênção de iniciar outra caminhada? Mas por que me perguntar tanto sobre os pequenos seres?

Me surge Pessoa:

*Torna-me humano, ó noite, torna-me fraterno e solícito.
Só humanitariamente é que se pode viver.
Só amando os homens, as ações, a banalidade dos trabalhos,
Só assim -- ai de mim! -- só assim se pode viver.
Vem, ó noite!
Mãe suave e antiga das emoções sem gesto,
Irmã mais velha, virgem e triste, das ideias sem nexo
Noiva esperando sempre os nossos propósitos incompletos
Por isso sê para mim materna, ó noite tranquila,
.....Tu que és a paz!*

Por que me preocupar tanto com a noite se é de dia que se vive mais? Tenho a impressão de que seria mais vantajoso perguntar sobre a necessidade de reconhecimento que se tem. O velho que conta velhas histórias, já tantas vezes batidas, quer firmar sua presença e nelas ter aprovação. E eu que tive um sonho que, talvez, esclareça isso um pouco melhor. Acho que foi por isso que ontem de madrugada dia 17/11/08 sonhei que não reconhecia Passo Fundo. Queria chegar nalgum lugar, mas não tinha jeito. Andava por ruas e entre prédios jamais vistos. Queria uma referência, mas não! Desse jeito é que se fica sem ter a palavra dos outros. Então, me parece que não importa tanto o que se faz, mas o que possam pensar sobre o que se faz, como se, através do espelho dos outros, possa-se saber quem se é.

Fomos jantar, a Tati, a Solange e a Nina. Me ensinavam como pegar a salada. Ri comigo e, mais uma vez, a grande preocupação de sermos reconhecidos como gente habilidosa até na intimidade de nós quatro, pois não havia mais ninguém naquele local. Parece que o restaurante San Silvestre impõe um respeito maior e quer ser reconhecido como um lugar de gestos bem-educados.

Basta desse papo de ser aprovado. Vou buscar, em meu interior, num gesto de ternura, com as três e com Sêneca, um pouco de satisfação. É ele quem afirma para fugir da necessidade. Mas como isso é muito difícil, que ao menos me livre daquelas necessidades que se assoberbam

impondo-se mais que a razão. Ainda em Sêneca: é pena que não permaneça a mesma densidade afetiva do estado emergente em torno do que se tem como importante. É pena que se perca o volume do desejo que se tinha enquanto se escrevia o livro, por exemplo. Logo após é coisa passada e as ideias se diluem no esquecimento. Enquanto se escreve até o ar parece vivo em torno dos personagens.

Chego de Santo Cristo, 23/11/08, e lá a Orlene e o Queco. Mais diluída a lembrança deles. Persiste, mas também se vai como fumaça. Quatro coisas ajudam a solucionar a dor, já foi dito: o esquecimento; a amizade, a capacidade de olhar o destino como se fôssemos mais fortes que ele; ou Deus que resolva por nós o que não solucionamos. Ajuda um pouco o fato de saber que tudo anda dentro de certas leis e a que fragilidade as espreita querendo nos levar.

[1] Aqui descansa em paz

Da irracionalidade

Não sei a razão toda, mas, à vezes se assoma a irracionalidade. Acho que seja porque é uma loucura o fato de perder quem se ama, ou, perder tudo, quando quem vai somos nós. O pior, porém, é que se tem por racionais muitos comportamentos irracionais, isso é a maior loucura! A história está carregada deles, assumidos como se fossem naturais. E são tão absurdos e insubsistentes como se a história fosse suficiente para justificá-los. Quem alerta pra isso é Tchekhov. Cita, em *Um homem extraordinário*[1], a expulsão de meninos de um colégio porque fumavam. A punição causou maior mal aos meninos que o fato de fumarem. É então que se percebe o quanto ainda se carregam pensamentos irracionais dentro de nossa lógica religiosa: repito novamente, em vez de explicar a morte de Cristo como um evento histórico dentro de paradigmas de uma época carregada de violência - não havia necessidade de razões para alguém viver ou morrer - afirma-se que Deus carecia da morte de seu filho para se repararem o pecado e a fragilidade humana. Pode haver maior irracionalidade que ver Nele um sentimento mesquinho de querer seu filho morto para perdoar a falha humana? Pode haver maior irracionalidade que a escravidão por tanto tempo, se já Sêneca punha em questão a desigualdade? Assim sendo, não seria mais racional a atitude dos estoicos em ter na morte um fenômeno aceitável, não importa a idade: bem ao seu gosto quando diz: *Morrer mais cedo ou mais tarde não importa, importa é morrer bem ou mal. Morrer bem é fugir do perigo de viver mal*[2]. Não será melhor se pensar assim que a viver se debatendo em explicações sem comprovação? Se, acaso, Deus que é pai, tivesse interesse em nos dizer sobre isso, já não teria dito? Ou ele existe do jeito que nem imaginamos,

ou importa, de fato, apenas viver bem. E viver bem significa estar bem e fazer o bem com os outros para não se morrer de modo muito pequeno. Ou ainda, pensando em Sêneca, nada é grande para uma alma grande. Isso bem copiado por Pessoa: tudo vale a pena quando a alma não é pequena. Merece destaque o que é viver bem em Tchekhov. Diz que um pobre sapateiro pode ter uma vida cheia de alegria mesmo que não tenha os costumes soberbos dos nobres: se o nobre apenas beija delicadamente a mão de sua amada, o sapateiro pode dar uma palmada no traseiro dela dizendo: pode haver coisa mais bonita? Se ao nobre é dado andar com mesuras pelas estradas, ao sapateiro é permitido cantar e tocar sanfona. Um sapateiro alegre pode muito bem morrer feliz e um nobre, se estreitado em obrigações, pode morrer infeliz. E eu, por viver bem, vivo escrevendo essas coisas como se fosse a canção do sapateiro. E quando Solange me diz que não a amo, estreito-a no meu peito e faço o que faz um sapateiro. Mas ainda me atrai o que falei da racionalidade e da irracionalidade. Certas mães estudam exaustivamente as teorias educacionais. Ficam por aí dizendo que a criança deve ser mediada pelo diálogo; outras, pelos reforços intermitentes, positivos e negativos; e mais outras, que ela deve ser educada através de suas próprias experiências, sendo, no máximo, monitorada a distância. E nessa salada teórica a mãe fica indecisa e a criança, apesar de toda a racionalidade materna, fica molemente orientada, agindo afastada dos bons exercícios éticos. Ao contrário, certas mães desprovidas de tanta intelectualidade, apenas movidas por breves certezas do certo e do errado, conseguem oferecer segurança, mesmo que às vezes usando de força, quando a criança se mostra resistente em obedecer as ordens emanadas da autoridade. Assim, parece que nem sempre a racionalidade é o melhor caminho para se saber pra onde ir. Todavia, nada impede que a racionalidade seja mediada por algumas certezas baseadas na crença, contanto que o crivo da razão não seja afastado.

[1] TCHEKHOV, Anton Pavlovitch. Em casa. In: Um homem extraordinário, Porto Alegre: L&PM, 2007.

[2] SÊNECA. Aprendendo a Viver. Porto alegre: L&PM, 2008.

Lembranças e outros dias

03/12

Perdi algumas páginas que refletiam o pensamento de Sêneca. Mostrava, com clareza solar: quando achamos que fazemos algo de bom, deixando-nos orgulhosos, lá vem a dona fragilidade nos visitar. Sobre a morte de pessoas que amamos ou sobre quaisquer outras perdas, ele diz coisas interessantes: que saibamos que a morte é previsível e, por isso, não pode nos causar grande tristeza, apenas lágrimas espontâneas. Afirma, de forma interessante, que ao perdermos gente querida, mais fiquemos com seu legado, que lastimamos o futuro. Diz também que é bom lembrar que ganhamos mais do que perdemos com a morte de quem amamos. Não nega o direito à dor, mas que não a transformemos em tortura.

Deixo a morte e as perdas para ser atraído pela experiência de hoje de manhã. Promete chuva esse dia de 09/12. As lavouras precisam de água e a de meu amigo Airton, perdido o emprego, mais necessita do cuidado e do sucesso do milho que morre. Da lavoura passo para Pia, sua mulher. Ela apresentou uma obra de arte em DVD: um documentário dos Saraus Literários. Memória maravilhosa de momentos mágicos. O que era aquilo da menina imitar Chaplin? Sombras dela contrastando com o quadro dele na parede. Palavras qualificadas reproduziam o significado dos instantes-sempre de mulheres, algumas já falecidas, mas ainda vivas, pois guardadas. Mais uma vez, comove a busca humana para superar a fragilidade. Hoje também recebi da Fernanda seu pequeno livro de contos. Como os meninos de asa, perpassam-lhes rápidos os pensamentos: desejos de sua felicidade. Eu aqui dizendo essas coisas contra o esquecimento.

15/12/08

Estou com vontade de escrever sobre um alemão-russo[1] e, com ele, resgatar a história da sua comunidade. Não sei se vou encontrá-lo exuberante e cheio de novidades, vindo das terras russas. Se assim não for, vou pensar em tirar dele as maravilhas que a simplicidade de um homem pode conceder. Espero revelar o velho alemão russo conforme o pensamento de Rilke ao escrever a um poeta desconhecido, Franz Kappuz: *Caso o seu cotidiano lhe pareça pobre, não reclame dele, reclame de si mesmo, diga a si mesmo que não é poeta o bastante para evocar suas riquezas; pois para o criador não há nenhuma pobreza e nenhum ambiente pobre, insignificante.* Vou assim em janeiro buscar na história do alemão-russo, tendo a premissa de Rilke: retirar de um povo todo o encanto e miséria que a humanidade possa gerar. Nele também vou ver como se gera o envelhecimento de um homem simples e as mudanças que ocorrem em sua trajetória. Retirar a grandeza humana da simplicidade de um colono que nem sequer conheci: um bom desafio. Tenho uma lembrança quase física de todos os alemães-russos que passavam frente à minha casa. Não dá para esquecer seus cavalos. Venciam o vento norte e as poeiras. Atrás, suas mulheres, sentadas quietas com seus panos na cabeça. Seriam costumes gastos dos frios e, agora, no calor, os usavam conforme as antigas disposições. É uma experiência espiritual que elege o passado, decifrando quem eram eles. Uma espécie de solidariedade com aqueles seres que ainda são estranhos para mim. Pergunto-me: não seria melhor ocupar-me de outra coisa que não tentar resgatar a memória de um velho colono e, nele, a história presa em minha infância? Forte, porém, é a ideia de ir, em janeiro, para Santo Cristo ver a história do velho colono. Para março posso pensar algo mais produtivo e de corporal solidariedade. Assim será. Brinco com meus personagens e busco já encontrar um vivo colono que dirá de seus cavalos e de sua história. Assim mesmo: se for necessário, ficarei mais um ano em minha solidão ocupacional. Diz Rilke: não será a solidão uma espécie de profissão com a qual se podem ver melhor as contradições e imprimir nos personagens as irracionalidades racionais que cultuamos? O que mata é o silêncio vazio, não a solidão sustentada pela meditação. A comunhão humana é de infinitas possibilidades e, se essa me falta, posso dizer com Rilke: *ainda restam as*

noites e os ventos que sopram nas florestas, entre os animais e as coisas, tudo é pleno de acontecimentos. Entre essa larga possibilidade vou agora levar um documento para Míriam poder tirar sua licença maternidade e ter do INSS uma pequena recompensa. A imensidão pode também se servir de pequenos gestos. Sentei-me ao lado dela e, por ver sua mãe tão amável, comoveu-me a ternura que andava emergente entre ela, o filho e a avó. Os pequenos gestos, como o de dar uma pequena colaboração, podem tornar o ser humano um pouco melhor. Uma roupinha melhor pode refletir na criança, fazendo seus olhos terem na retina um mundo mais alegre. E, assim, pelo pequeno comportamento poderá nascer um político honesto. Nunca se sabe de onde vêm a bondade e a poesia. Achei interessante o ponto de vista de Jacobsen ao introduzir Niels Lhyne: a vida seria nada mais que um movimento como o de um nadador no mar. Cada braçada seria como um dia no mar imenso. O corpo envolto na vida e nada mais. E as grandes narrativas, apenas casquinhas fechadas, onde cada tempo busca encerrar seus habitantes. Tudo seria fugaz, sobrando a estética dos movimentos e a ousada elaboração de pensamentos para justificar a travessia, pondo-se em tudo um pouco de esperança. Creio que, mais que simples movimentos, a solidariedade reúne elementos maiores, mesmo que fugazes.

Extraordinário é o cartão de Natal recebido de Nara, a amável gerontóloga. Respondi com carinho, pois quem escreve de punho um cartão e o envia aos amigos revela uma doçura postada que parece desaparecer.

*Recebemos seu cartão, Nara,
Precioso com seus votos.
Mais que tudo, agradeu
A amizade confessada.
O verso está meio torto,
Mas sincero o peito que fala,
Dizendo que a vida
Tem mais graça e desvelos
Por tê-la como a doce senhora*

Em nossos corações.

Exímia contadora de histórias da campanha. Uma velha querida, religiosa. Tem a grandeza de Deus dentro dela e tanto crê que se torna do tamanho de sua divina crença. Melhor assim que andar dividindo a tristeza de não saber o destino humano. Uma índia chirrua com a bondade de uma pastora que só sabe servir.

Muito diferente das intenções da minha querida índia charrua eram as intenções de Colombo ao avistar e levar índios em sua primeira vinda, 1492. A indiada serena vinha trazendo cabaças de água e outros alimentos com um *coração tão grande e tão feliz que era uma maravilha. Eles, os cristãos, vinham em paz dizendo que ninguém queria lhes fazer mal.* Isso é lido no diário de Colombo, 21/12/1492. Vinham pra servir a Deus e sua majestade o rei, contudo não tiravam o olho dos enfeites à procura do ouro e da prata. Sobre isso era o que mais perguntavam. Nenhum interesse em suas culturas, em suas devoções e em suas famílias. Carregavam índios para comprovar a descoberta, levando até uma mãe com três filhos. O pai veio implorar para estar junto... poderia ter saudades. O pedido, por bondade do almirante Colombo, foi atendido. Se é verdade que nós, como os índios, *inter feces et urinam nascimur*[2], não é menos verdade que a vida estava mais para *morituri vos salutant*[3]. Por isso, mais reverencio a índia Nara em nome de todos aqueles que foram sacrificados. Deus me livre de amar o mesmo Deus do sacerdote cristão, dizia um sacerdote asteca. Por que amar o Deus dos cristãos, que é um Deus que mata? Nem ao menos poupou seu próprio filho. Mas chega o Natal e é bom que se digam amenidades, ao se olhar com doçura o menino entre palhas... pastores, cabras, bois e vacas e uma ingênua mãe que não sabe o que lhe espera. Ele dirá: amai-vos! Todavia, o poder romano e espanhol não sabe nada dessa estética social. Tomai dele a palavra para que não seja como o vento! Amém.

[1] Não encontrei o velho Gertz, pois quando iria visitá-lo dia 1º de maio/09, faleceu no dia anterior, dia em que cheguei em Santo Cristo com

a intenção de entrevistá-lo. A narrativa e os fatos subsequentes estão narrados no livro sobre a saga dos alemães russos.

[2] Nascemos entre fezes e urina.

[3] Os que devem morrer vos saúdam.

Do pequeno e do incomensurável

Ao olhar o estilo de Jacobsen, vejo seu esforço em ajudar o ser humano a se posicionar sobre algo que lhe dê satisfação. Acreditando ele, como Nietzsche, na inexistência de um Deus, optou por se debruçar sobre a estética e daí retirar um sentido. Preside nele a nostalgia da perda, uma espécie de tristeza de não estar mais seguro nas crenças que até então sustentavam a trajetória humana. Brinca sobre a ilusão das ciências e dos filósofos. Na situação de não mais crer em respostas definitivas, explora o fluído e o inconstante. Se debruça sobre flores e cores. Analisa os freixos e a suavidade com que filtram a luz e, nela, as poeiras. Qualquer coisa pode ter deslumbramentos. A hora pode ser de uma doçura incomensurável. Fico, por aprender dele, esperando o filho de Orlene, a ver a beleza de uma criança que busca existir, mesmo não tendo a ternura da mãe a imprimir-lhe palavras de proteção. Parece, portanto, não haver necessidade de vitórias ou de alguns feitos de grande admiração. Pequenos cotidianos são suficientes. Acabei de mandar um email para uma aluna decepcionada com o resultado da seleção para o mestrado. Vou depois ao velório de Ondina Daudt. Apenas vou agradecer o prazer de tê-la conhecido e tornado minha vida um pouco melhor pelo incentivo aos esforços em torno dos mais velhos. Assim é que é: os silêncios e os pequenos acontecimentos se acumulam, o que leva a que ouça melhor o que ainda tenho. Avaliar a vida somente em grandes pretensões parece ser um péssimo negócio. O principal é ter ações para delas tirar um bom motivo pra viver, estando-se alegre com quem a gente ama.

É triste ver Rousseau vivendo ofendido por esperar mais reconhecimento. Confessa os seus dias, ressentido, dizendo que não mais se importa com o que pensam dele. Escreve apenas para dizer que dialoga, ao menos consigo mesmo. É claro, outro é seu tamanho, todavia me alegra poder também me confessar, esperando sempre dialogar com

alguém. Não me importa se o que escrevo tem grande importância literária, necessito, porém, muito de conversar sobre meus sentimentos. É diferente esse tipo de conversação, pois que presume um pouco mais de cuidado e, as palavras ditas, são pensadas com certo pudor. Não tenho a intenção de menosprezar aqueles que privam de minha intimidade, mas pensar que se possa ter outros amigos com quem dividir o transcurso da alma no cotidiano, é ampliar a si mesmo. Por isso mesmo, acredito que a felicidade não possui na fé tanto significado quanto na caridade. A vida, esse espanto e esmero que evoluiu, não posso imaginá-la sem a ternura dos outros. Deus, na minha opinião, não se justifica pelas diferentes instituições, tampouco, pode ser medido pelas diferentes explicações. Prefiro avaliar a Inteligência que preside o andar da vida dentro de uma generosa compleição de eventos que se equilibram entre ser e não ser. Em tudo se ajustam as probabilidades dentro de uma força extraordinária que promove a constituição de todas as coisas. De tudo que vejo me encantam a doçura e a caridade nossa, salve! É verdade que nem com tudo dá para se encantar, embora baste a vida em sua exuberância para agradecer a inteligência universal que faz andar essa imensa carroça, sem sabermos como funciona. Se procuro alguém pra agradecer, vejo a Deus nesse processo infinito, no qual tudo anda.

Do pobre Rousseau

Agradeço a velhice, embora viva mais de lembranças que de realizações. Diz Jean: *minha imaginação menos viva não se inflama como outrora ao contemplar o objeto que a anima: eu me extasio menos com o delírio do devaneio; há mais reminiscências do que criação no que a mente produz agora: uma tépida languidez enfraquece todas as minhas faculdades, o espírito de vida aos poucos se apaga em mim, minha alma se lança com dificuldade para seu envoltório caduco. E até tais faculdades desaparecem em muitos idosos quando a velhice vai alta.* Urge dialogar sempre, uma vez que a vida não se dá solitária enquanto se fica na torcida para que a tênue luz não se apague. Mesmo assim, rondando os perigos, é preciso achar graça de tudo, embora por vezes se toldem os olhos. É bom ressaltar: embora se aquiete a necessidade voluptuosa, por desestímulo social ou arrefecimento da força dos desejos, tem-se a magnífica contemplação. É isso aí: quem de tanto trazer o mundo para dentro de si acaso não vai se admirar de uma folha cair?

Rousseau sempre foi visto como emancipador de jovens. Por que não tirar dele o que pensa do desenvolvimento humano na velhice? É muito difícil precisar a validade de afirmações educacionais, quando os autores se veem circunscritos a interesses muito pessoais. Rousseau faz uma idéia contraditória em torno da educação, considerando que o ser humano nasce bom. Como poder educar se os outros pervertem? Reclama severamente daqueles que o criticaram, sentindo-se perseguido aos 65 anos. A par de sua contribuição, concedendo valor ao indivíduo, não deixa de pôr em dúvida a excelência da cultura na constituição da identidade. Em Emílio defende uma educação de um sujeito

autocompetente em aprender e buscar criteriosamente o entendimento de tudo, incluindo a moralidade.

Nem sei se é justo o que diz pois o seu Jean Jaques chegou aos 65, sentindo-se perseguido como um rato, vendo muitos gatos famintos. Reservou algumas palavras duras pra inimigos invisíveis, preferindo a solidão. De fato, via-se capaz de devaneios maravilhosos em torno do homem particular e da tristeza que lhe infligia a velhice. Dizia, mais que tudo, que a velhice vive de lembranças e impedida de agir por falhas da vontade e do interesse. Lastimava com veemência a inutilidade do aprendizado. Aprender pra quê? Aprenderia sobre a morte de como deveria ter vivido? Sobrava-lhe, então, a contemplação. Realizava as suas caminhadas. Eram momentos qualificados de estar consigo mesmo a tirar as últimas conclusões, que já não eram grandes coisas para a humanidade. Alegrava-se com as moradias que habitou: os lugares de estar a sós. Melhor ainda era estar com a natureza, ouvindo os pássaros, contanto que longe da voz humana. Não seria essa excessiva preocupação com a má vontade da sociedade que o fez se garantir, escrevendo com tanta qualidade o seu *Contrato social*. Parece que via, como Hobbes, ser o homem um lobo para outro homem: que se tratasse de zelar por leis que o protegessem ou, melhor, que fosse individualmente protegido. E sua história pessoal demonstrava que, em criança, nunca tivera um teto confiável. Tem mais história sobre esse grande educador. Por razões suficientemente delineadas, invectivava contra certas instituições. Julgava as Igrejas cheias de preconceitos, preferindo sua inexistência. Uma boa civilidade poderia induzir a educação de seres humanos melhores. Os fiéis de um certo pastor, sentindo-se ameaçados com essas sugestões, apedrejaram sua casa, aumentando o receio que sentia da sociedade. Foi morar numa ilha em Neuchâtel, Suíça. Preferia que o tivessem posto aí em prisão perpétua. Aí aprendeu a amar a botânica: *poderia escrever um livro sobre cada gramínea dos campos, sobre cada musgo dos bosques, sobre cada líquen que recobre as pedras.*[1] Deixaram-no em paz apenas dois meses. Teve que deixar o aprendizado da natureza, fixado apenas num sereno e inofensivo herbário.

Aí nada lhe faltava: pena que foram poucos momentos de prazer. Se aí vivesse mais tempo, poderia se considerar um homem feliz. Estava em paz e nenhuma paixão perturbava sua calma. Depois dessa provisória felicidade foi dar em Paris onde teve um devaneio muito interessante. Descobriu que uma conduta, inicialmente agradável, pode se tornar um horror. Aproximar-se ou servir alguém, de boa vontade, pode se tornar um suplício se o serviço for prolongado ou começar a se tornar uma obrigação. Um belo passeio pode se tornar um sacrifício quando os passos cansam ou quando a companhia já não agrada.

De todas as maneiras que olharmos para Rousseau, há um temor austero em torno da sociedade. Toda sua obra educacional ou jurídica revela uma inclinação para a crítica social, buscando na civilidade sua esperança. Entende a educação como um procedimento autônomo, nem tanto por compreender as operações mentais que presidem o aprendizado, mas porque ele, Rousseau, possui uma inteligência aguçada a ponto de desprezar as mediações da linguagem alheia. Na velhice, por não mais ter a força da vontade tão viva e a ação tão enérgica, sente-a como um tempo de devaneios. Surge, então, a vivacidade das coisas da natureza. Flutua distraidamente em lago profundo, aproxima-se devotamente das pequenas plantas, concedendo uma atenção àquelas que não são percebidas pela maioria. Projeta-se nelas e, assim, supera sua dor, alegrando-se consigo mesmo. Persegue-o sua ambivalência: o poder individual e o temor do mal que os outros possam infligir.

[1] ROUSSEAU, Jean-Jaques. Os devaneios do caminhante solitário. Porto Alegre: L&PM editores, 2008.

Aconselhando-me

Dia 27|12|08. Solange falou-me, com severidade, que eu não apresentava boa vontade quando se trata de sair e até sou inconveniente e casmurro quando convidado a sair de minha solidão. Isso está mais para a verdade que para mentira. Que fazer se fingir não posso, ou o que é que me torna assim? O jeito é estar mais atento e amenizar meu temperamento, buscando agradar a minha amada e gentil senhora. Sempre detestei pessoas inconvenientes e, se não consigo ser tão agradável, pelo menos que tenha solidariedade, submetendo meu gênio à consideração dos outros. Vou olhar de perto o meu próprio ser. Não pode haver pior coisa que ser lembrado como um velho chato. Isso depois não faz diferença, mas não é recomendável que se fortaleça a má impressão da humanidade. Em nome do Filho, prometo me tornar mais agradável. Vou tentar, como Ele, melhorar a difícil humanidade. Vou me fazer um pouco melhor, tomando conta do Menino. Todavia, não sei se tornar-se agradável é o suficiente. Parece-me que, além de tornar-se agradável, é necessário tornar-se útil, embora tenha passado o tempo da profissão. Então, o que fazer? Ficar aí concordando ou participando da vontade dos outros de forma gentil seria o que melhor posso fazer de mim? Escrever dos destinos humanos alheios e imaginários é dar conta de minha existência? Estaria cumprindo os mesmos caminhos de certas pessoas que buscam atender seu tempo cuidando de plantinhas, ou daquele que, tendo uma floresta a seus cuidados, passou ao seu jardim e depois, satisfeito com um canteiro, concluiu, por fim, sua missão com uma floreira junto à sua janela? Estou com certa vontade de editar o que escrevi e desenvolver esforços com um trabalho voluntário em torno de idosos. Vamos ver no que tudo vai dar. Nem tudo acontece como se pretende, e o que se pretende nem sempre é bom ou oportuno. Costumamos impor tendenciosidades a tudo que encontramos pela frente. Assim se dá a

origem das desigualdades, pois que facilmente desqualificamos grupos, ou pessoas que de alguma forma possam diminuir nossas grandezas.

Faz bem poucas horas, apreciava um pardal e comecei a desprezá-lo em favor do tico-tico. Depreciava seu trinado feito um pipilo cansativo, contrapondo-o ao assvio ondulado do tico-tico ao cair da tarde, logo após a chuva. Desconsiderei os frêmitos tardios do pardal, avaliando que seu tremor erótico estava fora do tempo: não sabia o animalzinho que a primavera havia passado? Por outro lado, lembrei do infeliz tico-tico, que empresta sua ternura e esforço para criar chupins, fazendo que eu despreze as aves negras, porque oportunistas. Vou-me assim, preferindo pessoas, animais e condutas, dando-me conta da incapacidade de ser justo e respeitoso com as diferenças pequenas, mas suficientes para a prática da desigualdade. Vou-me solitário construindo armações preconceituosas. Cuidados, portanto, podem fazer bem, uma vez que facilmente fazemos de tudo para impor nossas preferências. Vem-me, então, minha mãe, lembrando o tapão que levei por debochar do pescoço torto de um amigo de infância, fazendo ver que mais vale a cabeça que o seu suporte e, pra minha maior dor, dizia-me: o sofrimento dos outros não pode ser motivo do teu riso. Carregarei o tapão cada vez que não der o devido valor a tudo o que existe. Vou me obrigar a dizer poesias sobre o que me parecer preconceituoso, fazendo o que já pratiquei com segunda-feira:

Bom dia Segunda Feira!

Eu te cobrirei com a bruma alegre de setembro

E com o melhor calor de maio.

Não serás mais a filha abandonada da semana.

Te conduzirei pela estrada onde balança o trigo louro.

Desfilarei tuas horas, suavemente,

Como o pequeno rio que corre pelos vales.

Ainda que nem sempre seja possível ter a devida atenção, aceitarei os limites das horas que vão escorregando entre os dedos, como se fossem joias ainda não trabalhadas. Pra tanto uma virtude é necessária

em todas as circunstâncias que se queira trabalhar as ditas joias: a doçura, a qual não se confunde com pieguice ou covardia, tampouco, com moleza da vontade. Elas podem habitar um coração esmagado pelo passado. Vendo as cenas de *A vida secreta das palavras* de Isabel Coixet, comove o diálogo entre dois desesperados: Sarah Polley, enfermeira, e o mais irônico dos sofridos, Tim Robbins, no papel de um trabalhador de plataforma marítima prometendo, após tentativa de homicídio : eu juro que aprendo a nadar. A comoção e a compaixão, que se revelam em doçura, acontecem pelo diálogo que amavelmente se contagiam pelas palavras. Elas carregam de um para o outro a ternura, mesmo que aí se deposite a pior coisa que a fera humana é capaz de produzir : a violência de soldados contra mulheres em tempo de guerra. Ambos os personagens se convertem em ternura. Então, a doçura é mais que a gentileza das maneiras, a benevolência que atestamos para com outrem. É mais que acolher o outro como alguém que queremos bem, nas palavras de *Aristóteles na Ética a Nicomacos*. É, então, ainda mais que a bondade que avassala o corpo e faz brotar lágrimas e responsabilidade diante do outro que está à beira do abismo, transformando o despero, tendo as horas o valor de joias que não se deterioram. Foi isso que senti em relação a Solange quando afastada do trabalho por um ato estúpido. A noite não passava e os sonhos estavam cheios de cães como no filme *Os sonhos*, de Kurusawa. Em ver-me desse jeito, preferi ir à luta para ter com o prefeito e dar a cada um o que é seu. Não obtive sucesso. Assim, voltei para casa e estou sem me conformar com o que aconteceu. Quando se perdem a medida do bem, o certo é que se perde o céu e a margarida do campo. Fiquei-me com desejos de não mais colaborar e de perder-me também em raivas. Veio-me, então, gratuitamente, a ideia de avaliar o que pode promover a doçura. Percebi, com certa nitidez - *como a brisa que toca as folhas, onde o ar cintile como prata iluminada* -, algumas possibilidades de seu nascimento e frescor. Na juventude a natureza oferece, sem esforços, muitas chances. O corpo se dá em desejos para a frutificação do deslumbramento. É a instigação da jovialidade e da participação. Na vida adulta ainda proliferam desejos e a vontade define o que amar, embora muitas vezes limitados os brilhos da efervescência em

razão da austeridade do trabalho. Quando se é velho surgem forças substitutivas dadas pela imaginação, tentando suprir as deficiências dos desejos emergentes de um corpo erotizado. Ainda mais, em todas as idades têm-se as palavras, que nos proporcionam linguagens cálidas onde os abismos causam vertigens. Com a mesma força da doçura, pode-se resistir à força da maldade, pois desejos podem ser destrutivos, a vontade pode oferecer propósitos irreverentes, a imaginação pode produzir fantasmas e as palavras podem conter os segredos da morte.

Sobre a virtude da doçura muito se tem a dizer quando se pensa em Niels Lihne de Jacobsen. Vejo o personagem Niels tornando-se adulto, e é o tempo de aperfeiçoar ideias com as palavras dos outros *com uma clareza e uma força que não eram suas, a falar das faculdades mais profundas e mais íntimas do seu próprio eu*. Era o fim de sua infância e sonhos o começam a atormentar por causa dos caminhos a seguir. É aí que a palavra alheia pode decifrar os mistérios. *Surgem também imagens de uma infinita delicadeza : cores leves, perfumes fugidios e a música imponderável das cordas de prata vibradas a medo, ansiosamente vibradas, até estalar; e depois o silêncio, lá onde não chega nem a mais leve aragem de som, lá onde tudo se consome no quieto reflexo de rubras cores e na vagarosa tepidez de cálidos perfumes*. É o jeito de Jacobsen entender parte da doçura que brota em Niels. Com ele me dei conta de que, além da doçura, outras virtudes não podem faltar, como a decisão e a criatividade. Bem, me vendo em dificuldades, posso me perturbar, não só não fazendo nada com elas, como perdendo possibilidades ou, pela omissão, prejudicar quem convive comigo. Quando um jogador recebe uma bola quadrada, ou deixa de dominá-la, inibe a continuidade da jogada, ou pode mostrar toda sua habilidade, tornando-a submissa às intenções do jogo, contribuindo para o bem-estar daqueles que jogam. Pode ainda dizer que não leva sorte, culpando os outros, pela bola mal lançada, o gramado, ou a si mesmo. Falei para Solange sobre a situação de ser exonerada de seu trabalho, mesmo que pareça que o técnico a tenha retirado no momento em que todas as jogadas estavam saindo muito bem. Se não se resolve o problema, se dá a chance a que se busque outro time. O jogo da

vida continua, entre nuvens surgem luzes tênues, ou até raios brilhantes, formando gotas rutilantes. Se aos patos selvagens o lago enregela, convém levá-lo para outro lugar! Com tudo isso vou ver se dou um jeito em minha casmurrice.

Da composição das almas

Pra todos os lados que se olhar a vida, pode-se ver o extraordinário ou apenas o necessário. Salienta-se que não é pra qualquer um abraçar com doçura o suficiente: ter água potável, pão, casa, luz, saúde, amizade, tem lá seu preço. O atendimento de necessidades de excesso, como amor e sexo, há que se batalhar. Pra dar amor há que se ter condições. Pra atender a sexualidade há que se ter cuidados. Pra se ter alimento, saúde e luz - necessidades de carência -, há que se ter finanças. E como ficariam as cidades sem aqueles que querem ir além do suficiente? Convenhamos, um pouco de arte também se faz necessária. O que parece exagero é a ostentação das coisas e de si. Por fim, entendo que é uma grande riqueza ficar apenas com o suficiente para sobreviver dignamente. Está aí, nesse 10/01/09, um dia de chuva e agora griz, entre as nuvens, insistentes com as águas dos céus. As chuvas não chegaram a tempo, deixando os milhos e os feijões em sofrimento, embora tardias, elas chegam bem. Nem sempre se tem quando e o que se quer.

Há uma irregularidade temporal que não pode ser desprezada. Vejamos os olhares desesperados das crianças palestinas, que não encontram paz nem ao menos nos colos das mães, que não sabem o que fazer com tanta violência. Essa ambivalência humana é de matar. E entre nuvens aceleram-se possibilidades de paz, apesar dos milhos perdidos e das crianças que não vivem mais. Não sou nem tão pessimista nem tão otimista como a pequena história de dois meninos. O primeiro recebera uma bicicleta e se lastimava todo. O outro, tendo recebido o pior, diante de um recipiente, com esterco de cavalo, dizia otimista: recebi um cavalo, vocês viram meu cavalo ? Ainda chego a ver pombas em gaviões. Esse espírito cínico que espia em mim merece um mais atenção. O que, porém, vou fazer com o medo das mães pendentes sobre o sono de seus filhos.

Estou triste pelo silêncio de Orlene. De outra parte, me equilíbrio através do verde do quintal que esnoba a tarde silente. Por essas transformações, entre a quietude e a exuberância dos sentimentos, fico pensando sobre o significado das alterações de humor e da sua fortitude. Desconfio de que a arte, a santidade e a maldade são devedoras, de fato, aos elementos bioquímicos, ora brilhando como sol intenso, ora toldando o espírito. Quem ou o que será responsável pela maravilha rutilante de tudo que nos invade com sentimentos diferentes, exagando nossa expressão? Somando-se a isso as circunstâncias, causa admiração de como muitos estão pouco preocupados em administrar mal seus bens, entre os quais a vida. Exemplo doloroso dessa limitada preocupação pode-se encontrar ao ler o início do livro de Tolstoi, *A Morte de Ivan Ilich*. Piotr, o pouco amigo de Ivan, pensou, mesmo antes do funeral, em buscar favores para ocupar o lugar deixado pelo falecido. Depois, diante do morto, pediu ao cunhado que intercedesse em seu favor para substituir Ivan. A esposa de Ivan, ao ver um amigo, apelou para que pudesse, já no velório, informá-la sobre como o Estado poderia melhorar a ajuda com a morte do esposo. Piotr, feito o pedido, foi jogar na casa de amigos, nada mais importando a morte de Ivan. Vejamos outro acontecimento que é pra consolar aqueles que acreditam que a alma produz efeitos extraordinários. Espiemos Gerassim, o enfermeiro de Ivan. Tantas vezes emprestou seu ombro sobre o qual Ivan repousou suas pernas buscando melhor posição para o terrível sofrimento que antecederia a morte. Tolstoi, ao revelar seu protagonista, diz que sua história era de um homem simples e comum e, portanto, das mais terríveis. O seu sofrimento foi de causar terror e sua intimidade não menos horrível. Sua esposa, no velório, mais queria era saber dos dinheiros. Seus amigos negociavam diante de seu cadáver. Terrível foi ver Ivan sofrer e morrer, e nisso Tolstoi põe sua competência. Dói vê-lo morrer: nenhuma solidariedade, não fosse a de Gerassim. Pai do céu, que elementos esses que fazem do ser humano tão preocupado apenas consigo? Para completar a reflexão sobre o poder dos elementos sobre a alma humana, ouço três grandes da música: Beethoven, Mozart e Wagner. O primeiro, em sua dilatada bipolaridade afetiva, trazendo a singularidade sonora de um tempo que rompia com a tradição. Sentimentos

contraditórios em razão da natureza turbulenta e de um tempo de sagacidades diferentes, de ousadias, sem mais utopias: a essência dando lugar à existência. Mozart: a doçura de um temperamento. A suavidade dos elementos em harmonia, como pequenos cristais ou vagalumes que reluzem. Wagner, os elementos em convulsão celebrando grandiosidades, deuses, Valquírias, duendes: o recôndito misterioso da humanidade. Basta de elementos. Entendamos a alma em sua simplicidade, como se apenas anjos e demônios dialogassem mais uns, mais outros, ou, em tudo, ambos em suas conversas pouco serenas. E veio minha sobrinha-neta, escrevendo uma historinha na qual uma pata e um porco buscavam consenso sobre o uso de dois quintais.

Finalmente, a Pata abriu seu bico: eu deixo você estender a roupa no meu quintal, se você deixar eu brincar no seu.

Hummmm, fez o Sr. Porco e, então, balançou o seu rabinho, assinalando positivo.

A disposição bondosa da menina parece inerente às crianças. Mas por não ter sempre o privilégio de tamanha simplicidade, busco pensares mais poderosos como os de Brás Cubas, libertando a humanidade de sua longa melancolia. Ficarei me desdobrando séculos e séculos, vendo aqueles que, pelo trabalho digno, ganham honradas patacas e aqueles que, acintosamente, roubam do erário público. Em ambos tudo parece tão simples como se a verdade se desdobrasse sobre eles. O desamparo também, por vezes, parece simples, como o sopro que balança a palmeira. Então, me ocuparei singelamente de olhar todas as coisas, aquelas próprias da fera ou da bondade humana. A simplicidade, então, campeia e poderei olhá-la com advertida alegria. Apenas ficarei com o privilégio de escolher o que for melhor. E nada pode ser melhor: que em tudo esteja um pouco de caridade. Se assim não for, a terrível simplicidade da morte e da dor alheias poderá me deixar sem compaixão. Vou em busca de uma filosofia pobre, que não se inflama, não se amedronta nem desconsidera, não tem a pretensão de converter ninguém, medindo as coisas e os fatos com respeito. As coisas e os fatos se dão no cotidiano, oferecendo-se em artes, ideias e moralidades. A felicidade, é certo para mim, prende-se a

esses três conceitos. No meio, a alegria ou austeridade inscrevem-se, modulando a leveza ou a dureza do ser. Nas artes as cores, os sons, a poesia e os movimentos. As ideias que sejam fortalecidas na lógica, quando confrontadas em outras de igual sustentação. A vontade de tantas virtudes, capazes de erguer uma amável habitação. Aí, pois, pode-se pensar em levar adiante o propósito de Obama: Deus nos chama a dar forma ao destino desconhecido. Já não haverá tantos temores, movidos por dogmas, ou por crenças. Para ainda melhorar, feliz de quem tem a intimidade em afagos, leve como um pássaro que voa ao ninho. Floresce, então, resoluta e bela, a família das possibilidades em que se desdobram as idades. Mas, como não se pode ter apenas a felicidade por decreto da natureza, pois existem as intermitências da morte com seus inafastáveis sofrimentos, aí é que valem certas filosofias e religiosidades para melhor se ter o domínio das aflições. Afinal, é uma boa razão a de pôr a cabeça em forças poderosas, ainda que imaginárias.

Ser um pouco mais

Existem muitas maneiras de externar as dores. Entre todas, me parece, é preferível a dos estoicos. Seguem o ritmo imposto pela natureza. Vendo, porém, a forma austera com que o estóico Machado de Assis se refere à morte de sua mãe, se tem a impressão de uma revolta profunda diante do duelo de ser e não ser. Mostra em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* sua desolação diante da agonia cruel e longa da mãe de seu protagonista. O autor se exaspera ao descrever a morte, vestida de uma crueldade minuciosa. De fato, ela, a inevitável, é indiferente às virtudes de quem morre. O seu ofício é implacável e simples como o carrasco que decepa vidas. De nada adiantam discursos retóricos ou filosofias amplas. Aí está ela cumprindo seu dever de romper, de qualquer jeito, o que se preza. E quando se vão aqueles que estão presos em nossas vidas, ela tem o poder de pôr seu dente implacável, morder a alma e, por mais que se queira fugir, continua mordendo de um modo cru. Mais ainda, então, se impõe viver, por mais obtuso que seja o momento. Talvez se careça da necessidade de um sonho tamanho como a imensidão para se ficar de bem com os outros diante do silêncio irretocável. Lá vou, tendo à frente companheiros e companheiras com os quais posso minimizar o desassossego de um dia chegar ao fim de tudo. Já apascentei um rebanho de palavras que carregam preocupações de pouca valia, uma vez que nada se pode com a única coisa que é prevista. Em vez disso, vou adiante a ver o imprevisto, pondo um pouco de razão para que tudo não seja tão imponderável. Porei nos ombros um pouco de humildade para assumir o que tenho, que é minha única preciosidade. Tentarei ser como os anões da mitologia nórdica: ourivesarei as minúcias do momento, prestando toda atenção na beleza de estar com quem amo. Acumularei pérolas como o avaro, ainda que se percam na hora de minha morte, amém.

Basta de buscar a dor. Olharei a posse presidencial de Obama. Para guardar sua memória, vou vestir minha alma de suas palavras, pois ele é a história de um sonho. Se não acabar de maneira importante e interessante, tem-se esse acontecimento como promessa. Seu discurso revela a prudência e a temperança. Faz apelo aos pais da pátria, revelando a necessária solidariedade nos tempos, afastando qualquer pretensão de particularizar o que deve ser feito. Nem ao menos deixou de agradecer Bush. Não usou empáfia discursiva. Avaliou, com sinceridade, a dificuldade que envolve seu país. Prometeu unidade, creditando-a ao desejo de respeitar as decisões da ONU, o maior desrespeito de Bush. Todos têm direito de serem felizes, significando que velhas estratégias devem ser abandonadas em favor da criatividade. Novos desafios precisam de novos procedimentos. Havia em seu jeito de ser uma estimável reverência por tudo aquilo que portava. Não merece grande consideração a importância de sua pátria, mas a história que ela oportuniza a outros povos. A morte de iraquianos e afegãos pode ter trazido um pouco mais de respeito a vidas que não sejam americanas. Espera-se que esse dia 20|01 tenha sabor de esperança sobre a igualdade entre os povos. Fiquemos com o menor e o abandonável: o tempo do cotidiano. Um pingo de misericórdia e afeição pelo vento irrequieto que bate sobre a casa, deixando um aturdimento em seu sopro, um pingo de paciência para com um velho que se torna impaciente. Um pouco de bondade com a tela de meu notebook que não segura as palavras.

De uma árvore e de outros animais

Me vêm à memória o sereno Baltês e a convicta Néri: seres da maior cognição e ética. A companhia deles é bom motivo pra se viver. Aproximo suas ideias do cotidiano, sem um pinga da pretensão de afastar a angústia e a solidão de quem quer que seja. A sogra, as poeiras, os pássaros, os peixes, o mar podem estar contemplados em grande consideração, pois, como diz o poeta português: *a mesma seiva vos enche, a mesma seiva vos torna*. Vejamos, então, a figueira estendida em seus galhos longos. Ela tem sua ontogênese qualificada pelo campo que empresta o solo às suas raízes. À medida em que envelhece, correspondem-lhe perdas e ganhos. Mesmo que sequem alguns de seus galhos, outros frutificam. Quando jovem, poucos pássaros pousavam: pouca extensão de largura e altura. A exuberância e o verdor não se mediam sequer pelos poetas. Se perdem frutos colhidos nas alturas. A árvore perdeu a fortaleza do tronco, mas tem na memória os frutos dados e os brotos plantados em outras paragens. O clamor da exuberância cedeu à simplicidade e à humildade. Carrega, sobremaneira, um ar de paciência. Assim, se acaso vão todas as coisas e o sol da manhã, agora tem pela frente o frescor da tarde e a meditação dos santos. Com essas duas realidades - a figueira do campo e os sóis de um dia - vai-se adiante. Olho a figueira de muitas direções e de múltiplas razões de existir. Se vista na singularidade biológica, poderá entristecer, pois que se fragiliza irremediavelmente, mas aprendeu a resistir aos ventos e às procelas. Quem a viu retorcer-se impávida, formando raízes fundas, haverá de dizer que tem uma história de lutas: aprendeu a sobreviver. Sua aparente fragilidade guarda a fortaleza do aprendizado entre granizos, solta os galhos secos, se necessário, novos brotos neles aparecem. A plasticidade de sua estrutura produz efeitos protetores, preservando-a da contaminação destruidora. Anéis de proteção e mais firmes garantem que

o seu interior conduza a seiva. Se acaso a violência da agressão atingi-la, sem delongas, fortalece outra parte enquanto socorre o ferimento. Se acaso o machado cruel vir a pôr abaixo seu esforço e beleza, resistiu, entretanto, com toda sua natureza. Ainda a figueira: sons diferentes encantam os passageiros do tempo. Aninha-se agora quem aprendeu a tê-la em sua amizade. E o sol esclarece ainda mais sobre a superação da singularidade. Ainda que singular, traduz em si o mesmo universo que assiste a outras figueiras. E dá-lhe Pessoa:

*Todas as madrugadas são a madrugada e
Todas as auroras raiam no mesmo lugar;
Infinito...
Todas as alegrias de ave vêm da mesma garganta,
Todos os estremecimentos de folhas são da mesma árvore,
E todos que se levantam cedo para ir trabalhar
Vão da mesma casa para a mesma fábrica pelo mesmo caminho...*

Tudo é a mesma coisa. A plasticidade, porém, anda solta em tudo. Nada se segura na tradição das interpretações e dos costumes. E quem pode julgar as formas que a figueira e o sol pode tomar quando em suas relações? Ambos são encantadores na revelação de fenômenos. Olhem a alegria do viajante na tarde que se esvai. Ele sente saudade porque a suavidade da hora permite que lembre. Então é que estende sua tenda sob a figueira e cumpre-se o ritual da saudade e das conversas antigas guardadas no peito. Gritos espertos são dados por crianças, graças às sombras da velha figueira, escondendo a austeridade do sol. Chora a viúva olhando a figueira. Foi meu velho quem plantou. Aí se esconde o amante que em noite clara se deitou com sua amada e os suspiros foram longos na docilidade da noite. Agradecida foi a lua, que pelo silêncio do sol foi autorizada a se pronunciar.

Vieram todas essas coisas para me oportunizar compreender que não somente o desenvolvimento humano carrega as oportunidades diversas de ser. Os velhos que estavam quietos podem ter sua maioridade se não se entregarem somente à singularidade do corpo, carregando na

mente outros frutos de sua idade. Deixemos agora a velhice em paz. Quero ver de perto o cotidiano: o menor e o imperceptível. As limitações da percepção inibem a magnitude das panelas, pratos, tarefas e íntimos seres que são contaminados pelas atribuições minimizadas do olhar. Minha sogra ambulante e irrequieta carrega a própria plasticidade. Se a sua força diminui, o desejo de ajudar põe amores tantos que faz inveja aos amantes. Sua hora está mediada pela delicadeza dos ares e da claridade. Os momentos, apesar da boa vontade, avançam implacáveis, atenuados, ao mesmo tempo, pela resistência concebida pela imensidade.

Chega de filosofias do desenvolvimento, apenas contemplemos. Contemplar é a indisciplina mental contra a lógica que põe em ordem, classificando fenômenos e coisas. É, mais que tudo, olhar ingenuamente as surpresas e os esmeros das formas, volumes e tudo mais que a natureza concede em suas relatividades. A alegria é a rainha com súditos rebeldes.

Dia 24|01|09, contam agora que tartarugas de POA estão à caça de pombas, melhorando seu cardápio. Em tudo se torna relativo o ser e mais aguçado pode se tornar o olhar. Moral da história: que se cuide aquele que se imagina distante do perigo.

Das aracuãs, de um cachorro e de Ovídio

Continuemos em meditação: tudo se envolve pelos contextos, como se a roupagem do espaço e da história dessem a configuração final das coisas. A verdade seria pouco mais que a mente humana envolta em diálogos concedidos pela evolução que edificam os seres em sua infinitude, ou, involução dos pensares que nos encilham. A meditação seria um mergulho de alguém que aprecia o que quer que seja sob a consideração dos outros com uma pitada de idiossincrasias individuais. Nos cágados de POA a natureza das coisas e dos animais também tem seus diálogos com o espaço: fazendo os bichos terem seus instintos ampliados.

Nascia o dia de 28\12, ouvia o canto ou grito num som estridente e forte. Era papagaio ou qual outra ave teria semelhante despertar? Fui ter com meu vizinho Rosemiro para saber qual seria a ave de canto estranho. É a aracuã que vive nessa serra do Tabuleiro, respondeu-me. Ave que esganiçadamente diz "quero matar, quero casar". Parece não se conformar com a solidão. Aquieta-se todo o dia e a ouço somente de manhã, pronunciando sua inconformidade. Tomo com certo fervor o som fremente das aves, de igual maneira como entro nas observações de Machado quando reflete sobre o quanto lhe faz bem estar atento aos outros, na expressão de Brás Cubas. *Firmo que foi a fase mais brilhante de minha vida*, ao socorrer a solidão e a monotonia da desgraça alheia, como membro da Ordem Terceira, sentindo-se ampliado em seu ser. Faísca brilhante a sua alma. Retornava-lhe a alegria concedida à alma dos doentes e dos pobres. Recebia como reflexo do bem feito e *tão grande que me dava excelente ideia de mim mesmo*. A seguir da leitura feita e do

estridente e austero canto, vi um menino pedindo para ver sua bola colorida, cada qual buscando ter seu reconhecimento. A ave em seu canto notório, os pobres em sua libertação, Brás no reflexo do bem recebido. Por fim, o menino em sua alegria de bola nova. E em tudo me reconhecendo mais humano. Também a vilania da sorte pode causar estremecimentos de bondade. É o que mostra Brás ao ver seu amigo Quincas endoidecendo: Justos céus! Um homem de tamanho espírito, um filósofo! *Não importa; a loucura entra em todas as casas*, mas ver perder-se a clara razão e os sentimentos solidários é triste e feio, assim como a perversão de um jovem sem criação e de um velho de história sem graça alguma.

Vejo hoje, como ontem e todos os dias, a delicadeza atenta e contínua de Solange e Tatiana em torno do velho cachorrinho. Com oclusão pulmonar aguda, cardíaco, diabético, problemas de próstata, malcheiroso e hérnia retal, vejo gestos, gastos, ternas palavras, diálogos farmacêuticos com a veterinária, que o trata como filho. Me sinto um ser rude e pobre por não me compadecer da sorte do animalzinho. Não tenho esse caráter gentil e condescendente. As antigas disposições da roça inibem a afluência da vertente afetiva das amáveis senhoras. Me comove também sentir as palavras doces de uma repetida poesia que pronunciam:

Meu Thorzinho, vem cá com mamãe.

Toma o remedinho e ficará bom.

Teu coração precisa.

Toma meu pequeno animal!

Deixando o cusco de lado, reporto-me à ninfa Calipso, tendo ternas histórias de Ulisses. A palavra do forte navegador deixa encantos na alma da fantástica esposa. Ainda aprendo a amar em minhas viagens. Em todas as partes de um lugar e das pessoas, há solicitações de generosa expressão. Não posso deixar de registrar, dentro do contexto desta fala, a preservação da ternura, que pela rotina pode arrefecer. Nada melhor que apelar para Ovídio em *A arte de amar: assim quando o coração se abate no indolente torpor da segurança, é preciso empregar agulhas penetrantes para acordar o amor. Faça com que sua amiga sintam*

se insegura a seu respeito: desperte o ardor de seu coração arrefecido. Aqui o poeta romano sugere a infidelidade, ou seja, que a mulher sinta que pode perder o objeto de seu amor arrefecido. Mesmo que ao contrário da ideia de reciprocidade e igualdade é justo, e às vezes oportuno, mostrar a possibilidade da perda. É assim com quem adoce gravemente: retoma a vida com outra disposição. O poeta diz que despertar o amor pela infidelidade pode trazer de volta e, com mais intensidade, o fogo que se extingue. Acredito, todavia, que a ofensa pode ser tanta que a amada pode perder o principal do pouco ou do muito que havia e estava escondido. Ovídio se põe no lugar daquele que usou a estratégia da falsa ou completa infidelidade, dizendo: *quem me dera ser aquele pelo qual suas unhas arranham suas faces delicadas, a quem ela não possa ver sem chorar, a quem ela olha com um olhar selvagem, sem o qual ela não pode viver.* Pelo amor da paz podem ser sugeridas formas menos radicais para despertar o que se escondia debaixo do cotidiano modorrento: convidar para uma viagem com paisagens distantes e exóticas ou surpreender o ritmo devagar com que se faziam as horas. A vontade pode ir na frente e, pela criatividade, encontrar um caminho menos ousado e perigoso.

A natureza humana repete a atmosfera em sua plasticidade. Ora tão amena, depois tormentosa. Ora *fortiter inter nubes, post, suaviter in modo. Nunc inter angelos, post inter diabolos*[1]. Em todas as circunstâncias palpitam as possibilidades de existir. E em cada uma delas se apresenta a ostentação do sofrimento, do bem estar ou da indiferença. O amor pode trazer inefáveis realidades, julgando-se a coisa divina, logo depois, o inferno como um javali enfurecido, uma áspide ferida ou uma galha presa. Vou entre tudo navegando em mares nunca navegados. Teria prazer em poder, com rédeas em cavalos, ter minha carroça entre paisagens diferentes. Por horas e horas ter a suavidade de uma planície que se estende no campo. Não como, nesse exato momento de 17 horas de 04|02|09, em que o tempo se agita desesperadamente sobre o mar da Pinheira. Tudo importa, contanto que haja vida e se possam administrar tempestades.

[1] Forte entre nuvens, depois suave. Agora entre anjos e depois entre diabos.

Insegurança e defesa

Semana passada uma ladra entrou na casa da Pinheira. Minha cunhada, vendo-a sair, saudou-a no escuro, efusivamente, crente de que fosse minha filha: a escuridão e o desconhecimento causam lá seus prejuízos. Levou apenas uma bolsinha e três reais. Na noite anterior havia sonhado com um gatinho que fizera sujeira, semelhante a que a ladra deixou. O maior dano, porém, foi de criar uma grande insegurança. O vento, corujas, sombras e outros ruídos da noite passaram a gerar sobressaltos. O mesmo acontece quando pairam ameaças, constrange-se a alma. A serenidade rola escadas abaixo. E do mesmo mal ontem abalou-se meu computador: o vírus - belo nome, *Cavalo de Troia* - entrou subrepticamente, e fez-me parar no técnico Jonas, que afastou o perigo. Por medo de perder meus arquivos, tive insônia e pesadelo. Em tudo que se tem se impõem muitas sombras.

Mas dias acontecem como se a graça de Deus atravessasse todas as galáxias e se resumisse na Pinheira. A velocidade divina faz sua exaltação em pequenos lugares. Não carece de se pôr uma placa aqui ternura, uma vez que em tudo relampejam as luzes como nos caixilhos de mel. O corpo se expande como rabo de pavão. Qualquer pardal tem o efeito do uirapuru. Depura-se, com tais movimentos, cores e sons, a existência de voos insondáveis da alma. Mais sabe a vida do que se possa tergiversar sobre ela. Sigo a usufruir o momento, que é curta a hora da graça. A austeridade das horas pode ser importante; o frêmito alegre, uma joia que vale a pena registrar. Embora não haja qualquer riacho, ouço com Ovídio os riozinhos que correm com um doce murmúrio; vejo as árvores que mal conseguem segurar o fardo que produziram. Vou adiante. Logo o

espírito santo se tolda ao pensar na negativa do neto em levantar muito cedo para receber sua mãe. Olho para ele e me conforta o seu jeito brincalhão, alegrando uma criancinha. Vou adiante. Chega-se em mim a minha amada sorridente. Tenho 67 e me sorriem regalos adolescentes. Vou adiante. Tenho de Ésquilo as visões de Tirésias, que lê, no voo dos pássaros, a sorte de Tebas. Prepara-se a cidade para as lutas em proteção de seus muros. Não tenho necessidade de ser herói e vivo com a tranquilidade de um pássaro que não semeia nem ceifa. Não tem a preocupação de defender sua vida.

*Tenho um coração fragilizado,
Entretanto, é companheiro,
Enquanto puder suportar
Meu costume comilão
E minha alma longilínea.*

Nesse contexto gastronômico e de pouca poesia, leio Ésquilo em *Os sete contra Tebas*. Assisto ao drama entre Corifeu e Eteocles. O Corifeu, feito mulher, pede aos céus a proteção e Eteocles a contesta, dizendo preferir a força dos homens à invocação feminina. A tragédia se desenrola com a angústia de uma cidade sitiada. A invocação aos deuses e o desespero feminino contrapõem-se à coragem masculina. Todavia, na luta severa o autor indica a necessidade de buscar apoio divino. Centrar-se apenas sobre os homens não é bom negócio, contudo a ternura não é suficiente na proteção dos muros. Por isso, os combatentes não podem mostrar qualquer fragilidade. Por certo, o medo, a gritaria e a ternura não garantem a segurança dos muros da cidade. Os momentos em que se anda entre a vida e a morte mostram o quanto a disciplina, a competência e a decisão contam muitopra afastar a escravidão.

Continuo meditando em Ésquilo: Tideu, um dos generais sitiantes, diante da porta do muro de Tebas, vinha cheio de ostentação, badulaques impressionantes, estandarte fulgindo com astros, a quem Etéocles responde: *enfeite de homem algum me fará tremer. Penachos e guizos não se confundem com lanças*. É desse jeito que penso responder a todos

que ostentam grandes gestos e grandes palavras. O barulho inconsistente das vozes e dos penachos que muitas autoridades ostentam faz pouco mais que rir. É um teatro onde se apresenta um pouco mais que o nada. Ao contrário, as palavras ditas assentadas em juízo brando e comedidas em heterofonia são capazes de provocar atenção. Me faz lembrar o que ouço dos discursos proferidos, solenemente, por prefeitos e outras autoridades em favor dos velhos. Dizem palavras melífluas, em final de setembro, que causam espasmos de contentamento. Crê-se que, pelas palavras ditas, os velhos terão toda sorte de proteção. Abundarão recursos físicos, materiais, psicológicos, sociais e espirituais. Nenhum velho terá sua dificuldade sem a devida consideração. Se farão disposições constituídas antes da velhice, e nela os mais velhos andarão com toda sorte de costumes sociais alternativos. Mas tudo não passa de penachos e guizos. Outro dia, os alcaides farão pouco mais que mandar rezar, tomar chazinhos e cuidar de sua família. Nem ao menos em casas asilares os velhos terão um olhar de política pública: o asilo, em Passo Fundo, é um refúgio abandonado.

Trazendo para a literatura os penachos e os guizos: pois bem, os discursos grandiloquentes se assemelham aos escritos de pouco conteúdo ou de pouco argumento. Fica-se a pensar sobre frágeis animais que ostentam barulhos e outros atributos extraordinários para garantir a defesa. Todavia, convém lembrar que cada autor projeta, conforme o seu poder linguístico, as mais diferentes expressões. Esgotam a verve, cada qual da melhor maneira, tentando superar o mal ou demonstrar o bem que desejam alcançar. Mais uma vez, me faz lembrar Ésquilo apresentando a defesa de Tebas. Ele mostra os defensores do lugar que amam, assim como fazem os escritores e discursadores, declarando, em páginas, seus desejos, loucos pra afastar qualquer injúria. O discurso e o texto, tanto acadêmico quanto literário, pretendem acima de tudo tornar visível quem fala. É o que faço. Vou em frente que a divindade que expande o mundo não deixa ninguém quieto. Também um átomo tem o poder de se expandir.

Das casas e do mar

Noite adiantada e a insônia fez-me ouvir sons e movimentos que o quarto novo da casa transmitia. Dele o mar chegava suave. A brisa brincava na cortina. Havia uma alma expressiva querendo se pronunciar. Pus-me em devaneios sobre as diversas almas de uma casa. A sala de jantar possui a mais complexa. As conversas ambivalentes, ora descontraídas, ora tensas, falam de uma alma familiar. A alma da casa, composta na extensão da mesa, avalia erros e acertos; rolam severidades e amenidades. Contudo, a alma se desdobra em desvelos nem sempre compreendidos: é a alma dos porões, irracional, guardadora de passagens antigas, risos suspiros se escondem. Nos guardados: saudades, temperos e glórias. Os quartos têm almas diferentes. Aqueles dos fundos: das inconstâncias, das crianças e dos velhos. O da frente, dos amores silenciosos e das vigilâncias. A sala de visitas mostra nas paredes as figuras abrigadas. A alma dos espaços caseiros consta de mutações. A severidade e a serenidade dos lugares se transformam como as formas humanas.

Quando as cidades se tornam severas, as casas, então, tornam-se austeras. Por razões internas e externas à alma pode haver a inquietude, Cortam-se, por longo período, os gastos com flores, e a identidade das almas familiares não recebe melhorias: a beleza dá lugar à segurança. Se as ameaças continuam, busca-se outra casa. Os pais envidam, então, esforços para demonstrar os novos termos com que se definem os ânimos dos espaços. Buscam a história da nova casa, mostram todas as vantagens para que a casa com novas faces possa tornar seus filhos contentes. Piores ainda são aquelas ameaças que,

silenciosamente, vão tramando a alma dos habitantes em feitura desagradáveis, aceitas como normais, entre lágrimas e indiferença. As pessoas, mais que as casas, pois, tornam-se perversas quando ameaçadas. O tempo e as circunstâncias podem minimizar ou agravar o medo e modular as defesas. Todavia, quando o ladrão da alegria mora dentro do habitante, o socorro é distante.

Veio minha amada e, curiosa, quer saber o que escrevo: meu precioso espaço de comunicação existencial. Penso, então, se constituo para ela defesa ou ameaça. Percebo nela medos não devidos, mas como a alma é particular e indevassável à avaliação alheia, fico quieto dentro de meus parcos esforços. Ainda bem que escrevo para deixar mais às claras minha casa particular, mesmo porque não existe clareza plena na caridade social: as distâncias inibem. Basta dessas filosofias sobre o escrever, as almas e a severidade. Fui ao mar; incomodavam-me os fantasmas. Envolvido pela tepidez da água, testemunhava o benefício do ventre primitivo. As gaivotas jovens não sentiam tanto perigo com minha aproximação. Ainda não tinham sentido os perigos do viver. Sobre as águas descansavam os barcos de pesca ao camarão. Nas canoas pequenas havia a dor de sua impotência diante da imensidão. Na areia, os pescadores das canoas falavam desolados sobre o mar e seus resultados. A severidade, por vezes, não mede as consequências. O escudo é ausente e o braço que defende é fraco. A força açoriana era pouca. A tristeza, grande. Voltei para casa e encontrei meu precioso espaço existencial, dividi com minha amada sua sorte e seus medos. As brincadeiras, em certos momentos, resolvem dores. Pela tarde retornei ao mar. O animal arcaico lambia o corpo inteiro, como fêmea parida a sua cria. Pensei: desse jeito terei a tepidez das ausências quando morrer. O infinito ventre tomará o frágil ser. Dia anterior vira o vice-presidente Alencar falar de sua delicada cirurgia: não tenho medo da morte. Não sei o que ela é. Antes de ir ao mar, lia sobre a morte de pe. Maldaner, severo e serviçal como as pedras. Tanto fizera em sua austeridade. Se obteve algum afeto mais terno, foi com rapidez e remorso. Fez somente caridade e fé, tendo-as como obrigação humana. Seus gestos duros traduziam sua

alma penitente. A caridade do mar envolvia o corpo em proteção e gentileza, agora longe da sincera fala de Alencar e do silêncio de Maldaner. O momento era suficiente. Na volta do mar encontrei um homem baixinho, impondo, nos passos, sua autoridade. Passou, querendo imprimir seu poder. Passei, respeitando sua solenidade. Cada qual se especializa em se exaltar. Era o dia 18/01/09, a vida e a morte perturbavam menos que o olhar triste de minha sogra. Que fique alegre a velha senhora e em seus infatigáveis movimentos! Que seus serviços tenham em Deus a recompensa, que não há terreno pagamento pelo bem que faz. Lá se vão os seres humanos com seus carmas e libertações. As violências e as bondades flutuam nos humanos. A alma é frágil como o barro que a sustenta. As virtudes todas buscam o difícil equilíbrio e o controle dos assombros. Lá vou eu aperfeiçoar meu jeito de ser, fortalecer a atenção, conviver com a dependência, amar com maior cuidado, perceber com antecipação a tempestade do sofrimento, avaliar meu egocentrismo. Ainda vou ser agradável a Deus mais que santa Teresinha do Menino Jesus e mais apaixonado que Dom Juan.

Nada contra a dependência, pois somos frágeis como enguias e lampreias nas mãos de pescadores. Ficamos, por vezes, pedindo colo, ainda que tenhamos mais de quarenta anos. É quando o coração, mal alimentado, carece de cuidados: não tem mais condição de atender o corpo inteiro. Levanto cedo e tomo o mar por companheiro, que é da imensidão que se alimenta a vontade. Esfria-se o corpo, devolvendo a disposição. Vou sorrindo entre ondas ternas donde vieram as moções mais vivazes. Vou sustentar quem não se sustenta. A caridade infinita é o prato necessário.

Chegando em casa

Chego a Passo Fundo somente no dia 25/02/09. É verdade: põe-se a perigo quem não garante seu rancho com a devida proteção. Um rato bagual e um exército de baratas se divertem à tripa forra. Duas noites já se passaram e dê-lhes veneno e ratoeira. Pode ser fácil nos proteger ou nos afastar dos males externos, ao contrário, retirar o mal que consome uma alma, por austeros que sejam os venenos e as formas de prender, é tarefa assaz complicada. Flagelos impostos, orações permanentes, promessas, culpas e reparações, confissões, constrangimentos, juramentos, reparações, tudo isso e muito mais é feito para amenizar o que vai na alma invadida por alguma contrariedade. E mesmo não havendo lógica no sofrimento, muitos no buscam por motivos culturais ou por limitações da espécie humana. Alegro-me sem grandes dívidas e por estar na minha casa. Tudo que nela existe é consolador e de espaço ameno. Que eu mate todos os ratos e os incômodos da alma.

Telefone: tua irmã do Paraguai chegou! Lá fui eu encontrar minha irmã de sete filhos todos bem criados e, para o bem dela, longe do marido. Ouvindo-a fico a acreditar que existem crueldades maiores dentro das casas que aquelas que se apresentam nas ruas. Mesmo assim, sua felicidade era simples e solene. Orgulhosa de seus filhos e de uma nora companheira, a Ivone, como dizia, cheia de consolação.

Ao fim de semana de sua chegada, meu irmão me convocou para falar para a comunidade reunida no domingo. Reflita sobre a campanha da fraternidade, ordenou-me. A Solange me afiançou que o tema era "trânsito seguro". Pouco antes do culto vi que era: Fraternidade e segurança pública. Entendendo que aí no meu pequeno lugar não havia necessidade

de tanta segurança pública, resolvi associar um carro em viagem com nossa vida, pondo em ambos a necessária segurança. Estimei que não se viaje sozinho, acompanhando-nos quem amamos, sejam vivos, sejam falecidos, que com minha idade, mais falecidos que vivos. Avaliei com devoção os falecidos que lutaram na história do lugar: seus corpos estão sendo absorvidos pela terra, mas suas almas não ocupam lugar. Suas virtudes tecem forças em nós. Enumerei alguns deles e seus créditos. Bom, comecemos nossa viagem. Primeiro estão todos bem? Viajar sem estar bem faz mal. Alegria no rosto e vamo-nos. Ia esquecendo, para onde vamos? O destino da viagem é como atravessar um rio: importa muito a outra margem. Vamos rumar para um bom lugar. Mas são diversos os caminhos. A solidariedade para com os outros está em primeiro lugar. É bom saber que Deus não mora dentro de nós, mas entre nós. Deus é amor e sua revelação se dá no amor do qual somos capazes. Para dirigir o carro da vida é bom ter alguns cuidados. Sem extravagâncias: com elas o carro pode ficar ingovernável. Cuidado com as estradas: podem surgir severas dificuldades com seus buracos e suas curvas. Também, não vamos muito devagar para não atrapalhar o trânsito. Se encontrarmos alguém caminhando à margem da estrada, não jogar poeira nem lama. Cuidado: fazer morrer alguém por nossa imprudência é levar uma culpa irreparável. Se em nossa viagem nos surpreender a noite, liguemos os faróis. Que a escuridão completa não nos aflija nem àqueles que viajam com a gente. As luzes da bondade alheia e a bateria de nossa força interior resolvam o problema, mesmo que entre lágrimas. Toquei, então, sobre a bondade que meu irmão encontrou na Divisa quando da perda de Orlene. Sei da noite escura que se abateu e da luz da solidariedade. E se o carro enguiçar, por mais cuidados que tivemos antes de viajar, busquemos uma boa oficina. É bom colher as melhores informações aonde levá-lo, esperando que fique melhor. Alguns levam à oficina de Deus; outros, aos vizinhos; outros, aos médicos; outros resolvem pela própria experiência. Suspendi a conversa que se alongava. Desejei boa viagem a todos. Estava leve como as frases suaves de Jacobsen: *E de novo o ciclo das rosas, o país dos sonhos surge da névoa, vapores dourados coroam os cimos macios das faias, caminhos escuros e perfumados sob a folhagem sobem e descem, levando não se*

sabe aonde. De brumas de setembro, de árvores douradas ao anoitecer, de perfumes variados, de movimentos serenos e austeros tive o suficiente na Divisa. Poderia nessa quaresma dizer palavras mais ternas, mas foi o que carregava em mim. Tinha, mais que tudo, o sopro sereno de minha irmã Cecília.

Ao ler Jacobsen, aprendi que é muito complicado querer manter relações boas sem os objetivos pelos quais os amantes ficam ligados, uma vez que, por mais ternura que tenham, mal se seguram em seu ninho sem pôr os olhos e as asas para fora dele. Se é verdade que, numa casa, duas almas, duas histórias e dois sonhos sejam importantes, duvido que essa proximidade seja suficiente. Parece, de fato, serem importantes objetos de paixão constantes para onde olhem, tendo aí permanente alegria de ser. Para mim fica esclarecido que a vida fica menor que uma ameoba quando nela não se introduz uma grande companhia.

A oficina da alma

Convém analisar um pouco mais a questão da companhia e dos múltiplos companheiros. O objeto de atenção que envolve a companhia é quem modula a satisfação. Ainda que o objeto seja interessante, põe-se mais outra dificuldade: é a repetição do objeto amável. Por mais precioso que seja o objeto, a repetição consegue fazer dele uma trivialidade. Por isso, meninos de palácios desejam pequenas casas à beira de um riacho e meninos de casas pequenas sonham com palácios. O pescador, orgulhoso de seu ofício e de suas ferramentas, fica rapidamente enfasiado de sua tarefa, a menos que aperfeiçoe os meios de seu ofício. O agricultor busca novas tecnologias com que lidar suas terras, buscando lucros e admiração. O casal, por mais que se lhes inspirem as vidas em reciprocidade, tendo, cada qual, encantos maiores pela íntima ampliação, não resistem ao fastio se não renovarem objetos de encantamento. Jacobsen revela a dor do casal Erik e em, especial, de Fennimore, por razões de não se lhes renovarem os objetos e as circunstâncias: *Essa era sua vida em comum, e os dias passavam sem trazer nenhuma alteração, eles contemplavam o deserto da vida, e diziam consigo mesmos que era de fato um deserto, que não possuía nenhuma flor, nem possuía perspectiva alguma de flores, de fontes ou de verdes palmeiras.* Se assim alguém se sentir, em conjugalidade ou em particular, o melhor que pode fazer é se sentar na soleira da porta e encontrar um sentido com o que consiga olhar para o céu e agradecer a vida e suas ofertas. Aí, então, fontes correntes começarão a jorrar, as brisas entrarão na varanda da casa e os silêncios pesados vão ser substituídos por risos e movimentos de abraços, beijos e outras reverberações do afeto: o homem ou a mulher poderão ser magros

como um espeto que a graça andar\u00e1 circundando seus corpos cheios de paix\u00e3o. A fome voltar\u00e1 e comprar\u00e3o uma garrafa de vinho a ser tomado ao entardecer. Depois s\u00f3 Deus poder\u00e1 avaliar com propriedade o tamanho da alma que habita aquela casa. Mais que sacrificar ovelhas e gritos na oferenda como faziam os gregos, vou modificando as horas de meus passos em companhia de minha amada. Com os outros guardarei meu destino, como quer \u00c9squilo. Mas vejo que a minha busca fica empobrecida quando vejo outros, cuja honra \u00e9 pouca, tendo um amor mal definido. Fazem pequenas tarefas, das quais extraem uma minguada alegria, sentindo-se menores; isso pode ser percebido porque fazem medidas diante de outros. Suas palavras s\u00e3o t\u00e3o pequenas que se tornam pouco mais que o vento que as carrega. Lidam com suas mulheres sem apre\u00e7o, como se lidassem como objetos sem valor. Como dizer que podem sustentar uma vida humana diante de tanta pobreza?

Hoje, 11/03/09, achei um opr\u00f3brio: a Solange chorar pelos cantos, ocultando sentimentos. Tem raz\u00e3o em se entristecer porque o prefeito n\u00e3o foi \u00e9tico com ela. Ela fez um brilhante trabalho em sua administra\u00e7\u00e3o, para, sem mais nem menos, ser retirada de um servi\u00e7o que amava. Servi\u00e7o, em raz\u00e3o do parco sal\u00e1rio. Mas n\u00e3o \u00e9 justo para consigo e com a casa toda que fique assim. Fui ao bispo ver um trabalho de verdadeiro servi\u00e7o: organizar a pastoral do idoso. Disse-lhe que pusesse um remedinho em sua cabe\u00e7a a ver se o humor crescesse em alegria. Abracei-a dizendo que estava de seu lado. Estou p. da vida!

Ponho-me, ent\u00e3o, em elevadas admira\u00e7\u00f5es, pois que as miragens do cotidiano nem sempre conformam as melhores horas. Ponho cuidado em minhas gavetas familiares, meu casamento, minhas filhas, o neto e meus escritos. Mais que isso, tenho uma sogra, a saudade de Orlene. e sua fam\u00edlia e outros parentes mais chegados. O que quero mais? O que est\u00e1 estendido \u00e9 o suficiente. Antes que tudo se apague, fico atento ao que me pertence. E rio com M\u00e1rio Benedetti em *Tr\u00e9gua... a experi\u00eancia \u00e9 boa quando vem de m\u00e3os dadas com o vigor; depois, quando o vigor se vai, a gente passa a ser uma decorosa pe\u00e7a de museu, cujo \u00fanico valor \u00e9 ser uma recorda\u00e7\u00e3o do que se foi. A experi\u00eancia e o vigor coexistem por muito*

pouco tempo. Eu estou agora nesse pouco tempo. Mas não é uma sorte invejável. Ah! se ele com 49 pensava assim com seu personagem, o que pensar de meus 67? Benedetti ria mais ainda com o que lhe diziam: como estás ainda jovem! Esse ainda incomodava-o. Então brinco mais: és ainda muito jovem! Depois vem: és muito jovem! Passados poucos anos: és jovem! Pouco tempo mais: és ainda jovem. Depois: como estás bem! Finalmente, com ares de preocupação: como estás? Me vou por aí afora e que ninguém me pergunte coisa alguma. O carro enquanto andar, os viajantes e a estrada é que contam Vou desse jeito com minhas três estrelas, mulher, família inteira e meus escritos. Se alguém não concordar eu digo: é o vigor que tenho. Poucas certezas me assistem. Sinceramente, invejo todos que vivem entre a vida e a morte e andam tão firmes e confiantes parecendo pássaros em voos sobranceiros. Dizem: Deus, meu salvador, terei vida eterna; meu anjo protetor, minha divina mãe, a bondade me cerca, e outras convicções, com grande segurança. Nada temem. Têm sorriso admirável e prelibam das maravilhas concedidas aos puros de coração. Tais pessoas não andam por aí invadindo as mazelas alheias. Em tudo existe o dedo de Deus. Convivem com fraternidade. A morte é apenas ir um pouco além. Em tudo buscam os melhores consensos. Buscam a afabilidade, parecendo doces como uma melancia colhida no tempo certo. Não deveria ser irônico: cada um da raça humana tem suas particularidades e até, quem sabe, os grandes fiéis terão o que acreditam e os infiéis ficarão olhando arrependidos pela pouca fé, completamente decepcionados. Terei um discurso para essa hora.

Dúvidas e perguntas

Semana passada, 24/03/09, estive em POA e assistimos, Solange e eu, à fita *Dúvida*. Acentuam-se nos assistentes opiniões diferentes sobre as relações do padre com um estudante, menino-negro. A diretora confia em suas observações dizendo que as intenções do padre não tinham nada de santas; antes, eram instigadas por satã. O caráter intolerante, os sinais da irmã diretora com um tridente na mão inclinam-se contra o padre. Em tudo, todavia, mostra-se a verdade tão dolorosa quanto a dúvida. Pode haver inclinações menos sacerdotais, contudo não significa que o padre não controle sua homossexualidade. A má fé da irmã e a dificuldade em comprovar a sua crença no pecado do santo homem insinuam que a verdade é tão obscura quanto a dúvida, que tardiamente se apossa da irmã. Como diz o padre Fynn, protagonista, o navegador pode crer que a direção de seu caminho é a melhor. Anda que te anda, e se instala o temor de não estar certo. Nem toda a verdade é concebida sem dúvidas. Assim estou: tenho me entregue de corpo e alma, exatamente os dois, mas ninguém me garante que meus escritos tenham algum valor. Podem as palavras e minhas intenções ser verdadeiras, mas quem dirá se certas ou as melhores. Persiste a dúvida.

Levei à consideração da empresa Marasca a possibilidade de assumir o patrocínio de parte da publicação de meus livros. Estou em dúvidas se pude dizer da melhor forma as intenções contidas nos livros. Entrará em dúvida a empresa se assume ou não o ônus? Dúvidas andam às soltas. Mas ainda assim, sei que me diverti muito com as letras. Por mais de ano ocupei, alegremente, meu tempo.

Dúvidas são as de Fernanda. que quer saber como realizar sua nova união amorosa. Dúvidas tem Livia de Machado de Assis em Ressurreição. Por que Félix a deixou por oito dias? Se a tivesse em consideração e amor, não a deixaria tão sozinha. Dúvidas tinha Félix. Seria melhor viver sua adiantada solteirice ou entregar toda sua vida para Livia? Entregar de bandeja todo o destino pessoal que dá uma guinada de girar os olhos em suas órbitas? No que daria tudo? Valeria se abandonar nas mãos dela? Habitam, pois, tantas incertezas. Mais grave que a dúvida vinda de fatos externos é a dúvida que nasce dos fatos internos. É o caso de Félix, que anda em desconfianças fundas, sem uma razão sequer. Duvido que não lhe insuflarão outros fantasmas duvidosos. Nunca pensei que as dúvidas fossem tão imperiosas e tão presentes. E quando, por debilidade de caráter ou por aprendizados doídos, impõem-se as constantes desconfianças, ainda mais se apresenta a dona dúvida que campeia solene em certos corações. Mas... quem sabe de todos os mistérios e quando os dedos da aurora vêm tecer a tênue luz?

Amanhã, depois do meio-dia, vou levar minha sogra a ver sua irmã de quase cem anos: a querida tia Laura, quando dói muito sua perna, diz que não vale a pena viver. Basta que desapareçam os incômodos, que não tem mais dúvida e ri satisfeita. E não é que ela veio para retirar uma dúvida. Não tenho nenhuma mais sobre os encantos da tia Laura. 96 anos e mal cabe dentro daquele corpo, que é todo fragilidade. Não me é mais estranha a virtude em corpo frágil. Não tenho mais dúvida sobre o encanto de uma senhora, que não é mais nada que uma pequena casca, o diminuído corpo, que segura sua alma, não sei de que jeito. Diz que sou especial por levar sua irmã a vê-la. Vou tanto pela sogra como por ela. Vê-la é um privilégio em razão de afastar a dúvida do valor de pessoas que andam seguras por um sopro. Sua memória luzidia revela sua trajetória e alegre anuncia seus eventos. Pouco mais que a morte tem por esperar, mas carrega uma insondável vivacidade e seus mundos particulares. Encurvada e seca, nada vê e pouco ouve. Sua face é incerta quando não consegue se comunicar. Mas quando se estende a alguém, aparece a luz. Deus do céu, que linda mulher! É minha grande certeza da singeleza

humana. Do resto, tenho minhas dúvidas. Se me fosse dado qualquer poder, porpequeno que fosse, nem tanto como o de transportar montanhas, mas de poder olhar para as pessoas e, pelas palavras, melhorar um pouco o que as incomoda, já seria muito. É o que a tia Laura fez a vida toda.

Transformações

Ontem, 06/04/09, julguei que seria tempo para as entrevistas com Levino Theodoro Gertz e ver de perto a história dos alemães russos. Tive comigo que poderia ver meus anjos e meus demônios atravessando os tempos de vida. Todos têm seus tempos auspiciosos e seus tempos de turbulência. É bem possível que sejam os melhores. O tremor da garganta de uma corruíra que canta, as penugens amarelas de um canário movidas pelo vento, os pingos de água sobre a cera das folhas de mandioca, é certo, em muito pouco contribuem para a salvação de quem quer que seja. São essas miraculosas fontes de ternura que jorram constantes e disciplinam os olhares sobre as coisas e as gentes. Acredito que os olhares de Benedetti também buscaram em coisas simples a perfeição de sua alma uruguaia, fugindo de sustos e das perplexidades.. Quando de um personagem seu em *Esta manhã e otros cuentos*: agora olha a taça branca. Sente o prazer fácil de contemplar a taça branca, rodeada de pires com manteiga, queijo, geleia e pão tostado. É um momento de intimidade, de solidão proveitosa e desnuda. Trata-se de algo simplesmente criador o fato de acomodar a manteiga sobre as fatias de pão e deixar os torrões de açúcar penetrar, lentamente, no líquido. Os momentos preciosos dos vividos são como repentinos poemas que brotam das circunstâncias. A alma fica de um jeito acalentador, não querendo fugir para paragens inóspitas, contudo, por vezes, a história se debruça solene e imperiosa deixando as vontades individuais desnorteadas e, muitas vezes, submissas. É sobre esses momentos que também quero meditar. O exuberante peixe que, fazia pouco, nadava em águas correntes pode em poucos instantes surpreender-se fora dela e, por mais que se debata, fica

submisso às vontades do pescador. Me penitencio de coração contrito e humilhado diante da falta de vigor ético quando, numa das eleições, neguei a mão a quem me havia apoiado. Por outro lado, consegui que fosse devolvida à amiga ofendida uma função para compensar a injúria feita. Me senti feliz por conseguir minimizar o que me transformou num coração consternado por mais de um mês. Por esses dias não havia pão, geleias, pássaros ou flores que pudessem acomodar a convulsão no peito. Víboras ocultas devoravam a paz e faziam gemer a alma onde quer que estivesse. Tentei olhar as fontes de outrora, mas estavam secas. Tentei olhar o azul, mas cadê o brilho. Trevas cobriam o menor horizonte e, ao longe, tornados pareciam vir em minha direção. Não tive nenhum pequeno deus para soprar uma brisa e me perdoar. A alegria chorava em frente de minha porta e o sono não era bom companheiro. Fidelidade foi o nome que dei a meus comportamentos que teria dora em diante, para maior glória da amiga. Para minimizar meu mal, percebi que ela também era assistida por um pequeno diabinho conselheiro. Vou tecer um tecido longo e protetor para esquecer o fio que se rompeu. Agora basta de falar sobre dores que nos infligimos.

É tão bom usufruir as mesmas coisas e os mesmos sentimentos alheios. Não invejo que outros tenham luares melhores que os meus; ao contrário, contento-me de vê-los por verem melhor. Com seus luares multiplico os meus, que às vezes são pobres. Pretendo hoje ver um luar tão bonito sobre o alagado. Vou para aprender das ondas, que detêm a luz branca por um momento, vendo que dividem o que é de todas. Têm a bondade de refletir, confiantes que nela a lua se eternize.

Vou ao encontro de outros momentos líricos nas gramas de Ronda Alta. Na volta eu conto dos comportamentos do outono no campo. Vi: as cores faleciam, oferecendo as vagens cinza, vazias da soja. O que colhi foram duas ideias que me agradam: a primeira, que me leva a escrever sobre o DATI, e a segunda, que me fez brincar com a alegria. Me assusta, entretanto, mexer no passado, pois topo com pessoas de grandes leituras tão perversas. Por outro lado me alegra muito ver que certas ações podem produzir efeitos admiráveis. Reconquistar para a vida aquilo que parecia

morrer gera um sentido de integridade; por outro lado, faz pensar o quanto de ousadia é necessária para não deixar o barco à deriva. Manter, no meio da tempestade, a virtude da alegria e da esperança, faz parecer ignorância. Quando forças mordazes e doentes interferem nas ações praticadas, os gestos tendem a ser toscos e as palavras, amargas. É aí que a medianidade da conduta prudente é uma virtude assaz difícil. Passou a tempestade e olho para trás. O que foi gerado aí está vivo, bem mais que desconfortos antigos. Imagino, então, um ser humano capaz de ser alegre apesar de danos e da perfeita compreensão de sua mortalidade. Os achaques de qualquer ordem não alteram seu humor. Se lhe querem tirar um bem, defende-o serenamente. Se o único peixe, ao final da pescaria, revolver-se, a ponto de lhe cair na água, diga apenas: que Deus te crie. A hora ainda é intensa, mesmo que se percam os dentes e o ouvido não mais leve a efeito uma conversa de voz amena. Ele sorri com facilidade e pratica delicados gestos diante de tenebrosas sombras. Aprecia o tempo e o lugar e suas circunstâncias como se deles viessem torrentes de oportunidades. Quando todos choram, ele, o grande devoto da alegria não sorri por respeito, mas carrega dentro de si boa dose de serenidade, pois sabe: do que está previsto nada se tem a lamentar. Enquanto sobra um trocadinho de vida é preciso viver, falava convicto. Dia desses vi o homem, o apreciador da felicidade, o contente da vida, o exuberante, andando por aí. Me saudou e seguiu seu caminho, revelando segredos, tais como, não acredite em grandes utopias, veja o mal com sabedoria. Não se delicie com o sofrimento de teus inimigos, presentes ou passados. Te basta o que te pertence. Reúna um pouco de boa vontade e alguns amigos, quando se acumulam dúvida e cansaço. Vá pescar. Depois se mandou, sabendo que ninguém é obrigado a acertar ou concertar os caminhos dos outros. Quando o homem, o mergulhador das infinitudes, já ia longe, tentei avisá-lo sobre a história, suas circunstâncias e seus poderes, muito além de nossos amigos - que todos são frágeis - e muito além das vontades próprias - que estão presas ao tempo. De todo jeito, aprendi dele que dá para resistir, espernear e rir enquanto os lábios tiverem cor.

Me entristeci, mais um pouco, por lembrar da angústia de um mês, causa: não ter sido fiel a um amigo e a uma amiga. Agora peno debaixo de uma pena, escrevendo o quanto tudo estava bem enquanto eram praticadas ações conjuntas e a fidelidade. Vou agora por lenha e papéis vermelhos e amarelos na lareira, lembrando do fogo do espírito capaz de levantar o caído e enverdecer o seco. Para finalizar meu pensamento: posso não ter muita alegria em escrever o que escrevo para reparar um erro, mas não deixa de ser um ato virtuoso. Faça-o por conta própria, ajo por opção e, em tais circunstâncias, é o melhor que tenho a fazer. Rigorosamente de acordo com o pensamento de Cenci e Aristóteles. O que faço não se inclina à leviandade, ao medo ou a qualquer outra força externa. Se o que faço não me faz, de todo, contente, pelo menos, indica uma disciplina elogiável. Não o faço porque me é agradável lembrar que falhei, mas, muito mais, por proporcionar acerto comigo mesmo. A minha alegria, portanto, é mais sisuda e circunspecta e, acima de tudo, não possui constância como a daquele que detém a alegria de forma espontânea e retilínea.

Cá estou com meu cusco envelhecido. Não sei se possuo a virtude da compaixão por vê-lo tão sofrido, tendo seu coração, sua pele e seu pulmão fragilizados e suas bolas retiradas. Não delibero sentir pena, nem ajo escolhendo a hora certa para sentir essa solidariedade pelo animal. Melhor que me tornar indiferente é tê-lo como se fosse um companheiro.

Chegam os dias em que lembro, novamente, a morte de Orlene, motivo primeiro dessas pobres meditações. Se constrange todo meu ser e é pouca minha alegria. Isso me leva a pensar sobre as formas de a gente ter a si mesmo. Nesse caso, habita-me uma espécie de sem-razão e pequenez. Fico acreditando que a história de alguém e das comunidades depende não só das condições culturais e sociais de um determinado momento, mas das pessoas que lidam com tais condições e de como lidam com sua vontade e seus valores. Se houvesse monitoramento da minha menina, ela teria melhor sorte, mas do destino humano posso ter apenas alguns palpites. E por lembrá-la narro a linda história ouvida de um contador de histórias das Ilhas Canárias: "O pato e a morte"

O pato nadava feliz em seu lago, limpo de misérias. Havia a alegria líquida balançando seu corpo. Assim distraído, sem nada mais que a límpida água, percebeu uma sombra que estava ao seu lado. Perguntou, assustado, por quem fazia a sombra. A sombra respondeu:

- Sou a morte!

O pato já tremia de medo, julgando que ela viera buscá-lo.

- Não fique desse jeito, ela disse-lhe - agora visível e em forma de uma simpática patinha. Eu sempre estive contigo.

Desenhou-se uma amizade. Veio a noite, sem demoras, e os dois foram dormir debaixo de uma pitangueira. Como fazia frio, o pato enlaçou-a em suas asas para que tivesse um sono bom e a morte menos fria.

Amanheceu. O pato acordou-se muito contente porque a morte ainda dormia, não causando mais temor. Reconhecia nela uma companhia de seu cotidiano, fazendo com que apreciasse ainda mais a vida. Mas depois, noite ainda mais gelada, ao amanhecer, a morte percebeu que o pato já não vivia. A morte, por um bom tempo, alisou-lhe as penas arrepiadas. Levou-o até ao lago, depositou-o sobre as ondas dizendo:

- São coisas da vida!

Pois bem, minha querida Orlene. A intenção não é meditar sobre a força ou ausência de ti ou em torno do que devia ter sido feito, ou sobre como devo chorar por mim por ter-te perdido. Fico com uma ideia curiosa de Benedetti. Diz em seu conto de *No tenia lunares*, em *Esta mañana e otros cuentos*:..que, às vezes, ele consegue *ter una sensación de reposo, esta espécie de coherente aproximación de si mesmo*. Ao contrário, eu penso numa espécie de coerente distância de mim mesmo. Isso se dá quando desejo que algo não vá me acontecer. Pretendo estar noutro lugar, mas não, permaneço aí e não dá para tirar os látegos que despedaçam cada parte. Quero, então, que não seja eu o desafortunado. Anjo nenhum consola. Parece que um animal ruinoso devora o que de melhor se tem. Vejo ainda seu rosto suave entre rendas e zelaria melhor por sua vida se vivesses. Mas... para melhorar a imagem fugaz, busco sua voz na

memória e a suavidade retorna. Não tanto quanto em Benedetti, sinto novamente uma melhor aproximação de mim mesmo. Faço-lhe, então, uma homenagem sem muita graça, com meus escritos de reparação de meus descuidos e cuidados. Busco, por homenagem e por monitoramento de minha existência, ter você como minha melhor amiga. Que se perdoe o que está errado, para que se habite melhor a própria casa. E prossigo na espantosa viagem de viver. No assomo das horas, algumas mutiladas pela dor, ainda bem que inteiras, a maioria delas: diversas burlonas, levemente cínicas algumas, várias deliciosamente obrigatórias, contemplativas muitas, a ponto de não se saber quem é o contemplador e quem o contemplado. Assim, nobilitado pelas virtudes, se não invejáveis, ao menos, capazes de fazer viver com ternura.

Dia 21 de abril é que é um dia de pouco destino. Fico esvoaçando o pensamento como um barco de curtas proporções. Entretanto, é um dia de misericórdia com a simples humanidade que desfila sem grande pretensão. Não se pode pretender grande coisa a toda hora. Assim é a noite de lua sem grande iluminação. Boa de se esperar. Entretanto, é um dia de misericórdia com a humanidade. Não se pode pretender grande coisa a toda hora. Assim andamos nessa vida, pequenos instrumentos de um tempo. Mais que devemos fazer é realizar com ternura o que deve ser feito, pensado e vivido, porque, vivendo com a humanidade que se tem, tudo pode acontecer... até perder um filho sem as condolências de alguém.

Vou adiante...

Dia 03/05/2009, fui ter com meu irmão. Já estava amenizada a dor inquieta e lancinante. Somente via a dor da mãe, mas já não mais tão reconhecida por todos, portanto menos dolorosa. A alma fica à deriva, mas depois, encontrada a bússola, navega-se novamente, embora com uma ausência. Para distração, busco consolo em Drummond: o perfeito artífice das palavras, pondo um pouco de ventura em instantes e em fracassos. Assim é o amor antigo tão carregado de vida e lembranças, que toscas são as possibilidades de rompê-las. E fica aquela ternura presa e faiscante, mesmo que o tempo desmorona aquilo que foi grande e deslumbrante.

*Tenho a cumprir nobre missão de bardo,
Devo cantar o amor naquele instante
Miraculoso, antigo e sempre novo,*

Espero mais que o dizer de Drummond:

*Estais casmurros, calados
Entre carinhos cansados
E sonhos desanimados.
Quero ainda um desvelo confortante
Sorrisos lindos e um corpo amante.
Deus tenha seu poder de me dar este milagre!
Se assim não for o vinho fica um vinagre.
Silenciosa a barca desliza com destino certo
Incerto, porém, é o caminho. A esperança em tudo
Habita no amor antigo e que venha livre e sem estudo.
Sonhos meus, tão livres e seguros!*

Lia em Cuentos de Benedetti sobre uma mulher argentina e um homem uruguaio, ambos buscando aperfeiçoar as suas artes: ele como escritor e ela como pintora. Não tinham tanto talento que se impusesse, nem tempo e dinheiro para avançar nas artes. Trabalhavam muito para sobreviver e a arte já os abandonava. Encontraram-se no metrô. Para desanuviarem-se dos males foram lavando a alma um com a do outro. O que mais acontecia era dele encostar sua mão nos cabelos dela, consolando-a do fracasso. Nenhum dos dois podia voltar para suas pátrias: ou porque não tinham coragem de mostrar seus insucessos ou por não lhes sobrar mais dinheiro para a viagem. Nessas alturas dos acontecimentos interrompi a viagem que Benedetti fazia com os dois. Perguntei-me sobre como eu terminaria aquele conto. Muitas ideias: um golpe da sorte fazê-los obter seus respectivos sucessos; a narrativa poderia ser concluída: voltarem sem culpa para casa, arranjando um dinheiro aqui outro ali, afinal, quem não

provou da vida o sufocante limite. Pensei melhor: melhor seria que ambos, cada qual em suas dificuldades, buscassem a vida antes da arte e dela tirassem tudo que lhes poderia oferecer. Afinal, as luzes, as catedrais e suas histórias e os sentimentos de cada um poderiam constituir razão suficiente para acenderem as luzes da alma. Poderiam dizer que o amor latino tem mais luz que as luzes de Paris.

Se o reconhecimento mútuo em torno do sofrimento não resolve muita coisa, pode, todavia, amenizar o constrangimento e até sugerir lampejos de glória. Não sei se estragaria o conto de Benedetti, mas o casal poderia mostrar que a felicidade não reside nos livros e nos quadros, mas no que fazemos: até de míseras possibilidades. Assez! Ça suffit!

Pode haver certa alegria até na morte, foi isso que aprendi quando fui entrevistar, dia 30/04/09, o senhor Gertz. Nem havia chegado a Santo Cristo e o homem entregava sua alma, por sua fé e merecimento, a Deus. Fui, então, a suas exéquias e me contentei por estar aí entre tantos alemães russos, bem mais que o necessário para matar meu desejo de conhecê-los. Brinquei comigo: a memória deles era com cabelos ruivos e seus cavalos vermelhos e de mulheres de lenço na cabeça. O que encontrei foram poucos ruivos, nenhum lenço e, em vez de cavalos, carros de todas as marcas. A fantasia era corrigida pela realidade, mas não sem deixar um espaço para a alegria.

Hoje faz bem um ano e um mês que comecei a meditar sobre o que lia e via. Pergunto-me em que me transformei ao escrever? Pouco sei, mas, com certeza, mais solidário, vendo o ser humano se atirar de um lado para o outro, buscando superar o sofrimento ou dividindo suas alegrias. Não me tornei pessimista a ponto de dizer com Schopenhauer que os esforços, mesmo aqueles que se atiram nas mãos de Deus, nada mais são que formas de transformar o nada em alguma coisa. Sinto uma bondade penetrante que me faz acreditar que a alegria, entre as penas, faz mais que as lágrimas, que a solidariedade ameniza e reforma a estrutura da angústia; que o passar pela vida se torna interessante quando deixamos nas pessoas algo que não envelhece com o tempo; que a poesia, doce ou amarga, alivia os transtornos; que ter alguém para dividir os momentos

traz a condição de não sentir o abandono; que uma casa, uma mulher e filhas, é um negócio do outro mundo: é a íntima certeza que não se está só e que os momentos não se diluem em nada; que a imortalidade mais certa é aquela que possuímos pela herança da cultura e passamos adiante em nossas palavras e, sobretudo, em nossas ações.

Por fim, se eu fosse o criador, retiraria o tempo, ou o deixaria menos veloz, para que as pessoas boas pudessem conviver mais, sem esperar tanto para serem felizes. Mas, como apenas sou uma criatura perecível, e, logo ali, vou estar como o pato, digo minhas poucas palavras em minha casa e aos meus amigos.

Meditações muito breves

Perdoar não necessariamente seja uma virtude, pode ser um problema de memória, a qual não permite mais lembrar e, assim, onde fica grandeza de quem perdoa? Perdoar os males feitos também pode ser uma covardia por deixar as coisas andarem de mal a pior, não levantando a mão para protestar ou fazer alguma coisa diante de situações que fazem mal. Aceitar o outro como ele é, perdoadando suas deficiências, nem sempre faz bem. Um pilantra, se não for barrado, pode ser um desastre pra muitos. Uma criança que é aceita assim no mais, pode se tornar um tirano, o que é quase certo, pois o ser humano não precisa muita coisa pra querer ser mais que os outros. Perdoar as ofensas pessoais pode não ser virtude, pois poderá se agravar o mal-estar do ofendido e convencer o ofensor da justiça de sua maldade. Assim sendo, perdoar nem sempre é grande coisa.

Perdoar é ter a capacidade de lidar com a ofensa de forma a pensar que também temos a mesma fragilidade, ter a bravura em si mesma, não se entregando à vingança. É buscar a medida justa da palavra ou da lei.

Estar sempre de bem com a vida pode compreender um sujeito sem exigências, aceitando as mazelas suas e as dos outros sem ver um palmo na frente do nariz. Não reclamar de nada pode significar a violação de direitos. O cuidador de um velho demente pode se conformar e até sorrir, mesmo que esteja solitário em seus cuidados, mas não pode deixar de saber que assim está criando um costume que poderá afetar a outros

cuidadores, levando muitos deles a um grande sofrimento. Nada do que se faz fica sem consequência.

Amar se parece com mil desvelos e aparece de diferentes maneiras. Ora amar se parece a um pequeno pássaro que quer fugir da gaiola, ora ele é simples como um velho casal que já teve muito que fazer. Não poucas vezes o amor está aí diante de nossas mãos ou de nosso pensamento, mas estragamos tudo em razão das distrações ou de fantasias. Deixar de amar significa suspender nossa liberdade de sentir que tudo vale a pena. Nem sempre, porém, a suspensão é voluntária, porque o amor é também um pássaro rebelde que não faz ninho em qualquer toco.

Em certos momentos, a vida nos prepara poucas e boas. Ao recebermos uma resposta que nos humilha, às vezes, ficamos sem ação. Depois, sozinhos, temos palavras que poriam o opositor em nocaute. Lembro Camus, que certa feita se enfureceu no trânsito por causa de um magrinho, que não saía do lugar com sua motoca. Preso no trânsito, ele começou a dizer algumas palavras pouco gentis, o que irritou mais o rapazinho. Camus saiu do seu carro pra pedir satisfação do magrinho, que insistia em não sair. Outro cara saiu do seu carro e bateu no rosto do escritor, dizendo se ele não tinha vergonha de querer bater num homem de meia altura. O escritor, acovardado, em silêncio, sentou-se no seu carro e arrancou quando o motoqueiro já ia longe. Depois viu o quanto fora ofendido, lembrando que alguém gritara: babaca! Por vários dias envenenou-se com essas ofensas. De fato, a vida e nós, às vezes, ficamos atarantados e depois temos de andar... engolindo em seco o acontecido: que os outros não estão muito preocupados com nossos defensivos sentimentos.

Duvido quem não quer ter sempre em dia sua imagem, e quanto mais bela, melhor. Alguns se acham melhor que os melhores de seu ofício ou o melhor de toda a vizinhança. Mesmo que esteja de humor de espantar, desculpa-se que tudo é passageiro, minimizando a ofensa com vingadas fantasias. Estava assim nosso amigo Camus até que apanhou em público. Aí que viu o tamanho de sua raiva, de sua crueldade. Passou em sonhos e em fantasia pondo de joelhos uma porção de gente. Ave coração, tão complicado que acho que Deus deveria ter pensado melhor quando o fez. Melhor seria deixá-lo em seu estado anterior, ou, de vez, guindá-lo a um estágio menos contraditório.

Por estar vivendo minha velhice e por ter convivido com tantos idosos, não tenho o coração seco e mais facilmente vertem as lágrimas, de modo especial, quando ouço canções alemães de minha infância. Fico pensando mais uma vez na contradição humana: como é possível ter acontecido o que aconteceu em Treblinka e em outros campos? Fico de coração mais enternecido ao lembrar o tempo em que coordenei o centro de atenção aos idosos da UPF. Bem me lembro de duas velhas senhoras que vieram se despedir, sabendo que iam morrer. Me vieram elas e as canções juntas. Aí o coração fica de um jeito todo cheio de amabilidades. E nesse exato momento veio minha sogra dizendo que deve cortar seu rosto por causa de uma ferida pouco amistosa. Fui tomar um chimarrão com ela vendo que olhava pra distâncias... E eu quieto, que calar também é uma forma de amar.

De fato, o coração é um ser inquieto. Nem começou o passeio meu e da Solange pro Mediterrâneo e me encho de informações pra saber depois o que escrever. Nem fui e já estou voltando. Meu Deus!, o que aconteceu nos dois extremos dos dois continentes é coisa de louco. Se alguém quiser saber o que é o ser humano, basta ver um pouco mais de perto o que andou acontecendo entre os dois lados. Três ideias me vêm de cara: o desejo de conhecer - os povos tentando compreender a

natureza de todas as coisas -, a cruel ambição humana, e o equívoco religioso que traz infinitos e judiarias: o que é que deu no santo bispo Teófilo em botar fogo na biblioteca de Alexandria, dizendo que sentia muito não poder arrancar as fundações porque eram muito fundas. Esses pequenos versículos buscam revelar a insensatez, a grandeza, a miséria, o sofrimento, a beleza e *naltri multi cose!* Surpreender o pensamento, sem muitas reservas, também é uma forma de amar, ainda que a revelação seja tosca. Na verdade, tem de tudo e pra todos os gostos: pra santos, eruditos e gente mal disposta. Cada pessoa tem seus momentos passageiros, pequenos detalhes de vida. A gente pensa que não valem ser registrados.

Será que a mensagem cristã teria sido tão fortemente percebida na história da humanidade se Cristo tivesse morrido como um comum dos mortais, envelhecido, encanecido e morto por alguma doença degenerativa. A morte traumática bem no meio de sua mensagem é que deu credibilidade a suas palavras. E acredito até que a suavidade de seu discurso se perdeu muito em razão da ambição e das certezas radicais da verdade duvidosa e das lutas feitas pra preservar a mensagem não mais da palavra, mas do poder. Espiemos Alexandre VI e Júlio II. Estou contente como hoje Cristo é traduzido em sua mensagem. Que estejam bem os últimos papas.

Tenho minha vida muito religiosa, mas não agradeço a Deus nem que outros agradeçam diante de certos momentos. Vejo pelas estradas montes de gente vendo a última paisagem e rolam seu corpos sobre o asfalto, quando não, pedaços de carne humana se penduram nas unhas-de-gato. Logo ali alguns se salvam por não terem sido atingidos pelas leis da velocidade e do atrito. Louvam a Deus por estarem vivos. Até entendo que deveriam agradecer à sorte, mas não serem tão egoístas de se sentirem privilegiados por Deus. E aqueles que estão aos pedaços seriam piores?

O sentimento religioso que me envolve muitas vezes é desperto por lembrar das canções infantis. Então me parece isso mesmo: que o sentimento religioso tem algo de busca de proteção e quem, volta e meia, não se sente menor que um passarinho diante de um gato faminto. Me recolho e até solto uma lágrima solitária só de ouvir a canção mais ingênua que conheço: Weiss Du wieviel sterlein stehen... sabes quantas estrelinhas existem. Gott der Herr hat sie gezehlet... Deus contou a todas. Se é coisa mais infantil que se possa imaginar? Fico até pensante que me alieno a elas e não será uma preciosa alienação? Cada um sabe de suas infantilidades. Essa pra mim é uma delas. Tem outras bem piores.

Diferentemente dos sentimentos infantis escondidos e, de repente, despertados são as paixões. Ponho dúvidas sobre elas, pois, geralmente, carregam atrás de si muitas dores. Não prego, porém, a suavidade constante das pessoas ingênuas. Vejo as paixões religiosas: acho que nenhuma paixão matou tanto assim. As paixões pelo poder deixaram tantas pessoas humilhadas. As paixões amorosas romperam tantos laços de ternura. As paixões da raiva precipitaram tantas feridas. A paixão do medo minimizou tantas pessoas, tornando-as pequenas e sufocadas. A paixão da preguiça deixou tantas obras inacabadas Mas sem elas a vida pode se tornar insípida, mas se, ao menos durante seus assombros, se pusessem a razão e a reciprocidade...

Meu amigo falou que, às vezes, não sabe o que dizer quando sua mulher pede pra que responda: Bem, você me ama? Se diz que ama, acha que, naquele momento, estará indo além de seus verdadeiros sentimentos. Se diz que não ama, tudo ficará bem pior. Se, por acaso, fica pensando como vai dizer, também não fica legal. Ela, por certo, vai pensar que, se ele pensa é porque está em dúvidas. De todo o jeito, as coisas se complicam e a hora seguinte pode ser amarga. Por isso, se existe algum sentimento de amor, nem que seja escondido atrás de uma máguá, diga

que ama e assim a benévola mentira faz parte da bela prudência que evita angústias e hematomas. Isso significa que nem sempre temos à mão o melhor a fazer. No coração e na cabeça nem sempre cabem certezas, amenidades, sensibilidades, doçuras e outras competências e afabilidades. Por esses dias em que meu peito andava com certo aperto, não sabendo se era porque o coração andava mal ou se a angústia fugidia deitara praça por algum tempo, minha mulher me olhava com olhos assustados. Foi então que desejei que tudo passasse, como de fato passou. Cheguei à seguinte conclusão: o desejo de me livrar do mal se inclinava em favor dos olhos dela: o casamento religioso tem disso, as ligações absolutas vão além das idiosincrasias. É muito claro que preferia sempre a leveza de meu espírito.

Por essas e outras se vê que existe muito pouco sobre o que temos algum poder. Mesmo as ideias que até podem nos parecer brilhantes, seja por causa do sol, seja por causa de nossa pretensão, nós as temos em razão da cultura na qual estamos inseridos. Lá pelas tantas, entretanto, por causa de alguma substância incômoda, nossa mente vacila, e lá se vai a confiança que tínhamos de nós mesmos. A chama emprestada, que já não era lá essas coisas, fica quieta e se quebram os cristais tão lindos de nossas representações. Mas nesses embaraços todos, que podem surgir sem nossa licença e apesar de todos os cuidados, vive-se, então, como um caboclo que vai pra cidade com seu pingão de trânsito agitado. Puxa o animal daqui pra ali e segue em frente: andar não tem nada de preciso.

Chega dessas ardidias considerações. Ouço Mireille Mathieu. Isso traz mais delicadeza e familiaridade que avaliar as contradições que assolam as almas preocupadas, contudo, fico pensando que o prazer possui diferentes formas. Pensar a complexidade humana pode não ser uma tarefa suave, entretanto a verdade sobre a natureza humana pode

conter prazer, ainda que rude e mais sério. Nem todo o prazer tem gosto de mel.

Desconfio de que algumas horas possuem certas forças particulares ou, ao contrário, certas fragilidades. Esse exato momento, três da tarde, me parece uma hora propícia para a preguiça ou, se não tanto, uma vontade a meio pau. As horas da madrugada ampliam os medos sobre os temores do dia anterior. Prefiro as horas das manhãs de sábado. Acho que a Ressurreição cristã tem muito da força dessas horas. Não foi numa manhã dessas que as vestes da noite foram jogadas sobre as pedras?

Não seria nada mau se pudéssemos ter um antivírus contra os hackers. Poderíamos pôr em quarentena ou destruir determinados incômodos mediante uma clicada naqueles que invadem ardilosamente nossa intimidade. Se, acaso, outros vírus mais fortes quisessem detonar o corpo ou a alma, seria só baixar ou comprar outro antivírus, e assim, antes que fôssemos afetados por qualquer mal, mostraríamos nosso poder de defesa. Mas não, em nós valem antigas forças aprendidas e, se surgirem novos diabos devastadores, o jeito é fabricar as armas de defesa. Se a devastação for inevitável e final: não sabemos tudo e a criação pode ser pouca, o jeito é ir embora, apagando todos os arquivos. Pode ser que tenhamos enviado alguns arquivos durante a vida, podó-os a salvo. Que sejam benfazejos a quem os abrir.

Mãe é um ser muito importante no reino animal, pois, além da vida, tem uma interferência muito grande na formação continuada. Mesmo que não queiram, ela se acha no direito de pilotar nas adversidades e nas amenidades. Poucas são as que abandonam o direito, que entendem existir, de mexer em tudo pelo resto da vida. Tem uma certeza curiosa. Acham que o ser ainda não saiu delas, está ainda palpitando no ventre,

mesmo que o pequeno já tenha se transformado em dois metros de altura. Parece o mesmo com muitas pessoas: criam entidades e instituições e sentem muito quando não são mais lembradas e, pior, quando se lhes negam a origem da criação. A paternidade, me parece, tem a semelhança a um serviço sem muitos vínculos.

Comprei um binóculo. Coisa mais delicada. Vou ver as costas do Mediterrâneo. Quando chegar em Éfeso, vou ver São Paulo apaixonado, escrevendo palavras boas e outras duvidosas. Vou ver Alexandre o Grande chegando a Alexandria. Vou saber dele o que aprendeu de Aristóteles pra querer tanto poder. Vou saber das rochas de las Palmas: o que elas têm a ver com a conquista da América? Mas muito mais vou ver sem saber o que estou olhando. Pra quem não sabe ver, de pouco adianta olhar o tamanho das coisas. Tomara que encontre alguém que nos diga mais e melhor.

Ao pensar em Atenas e Aristóteles, dei pra pensar em política. E quando ela aparece, um grande desânimo toma conta de mim. Por esses dias falava com um amigo, que me dizia não haver mais conchavos particulares do tipo: me dá um dinheiro aí que depois te dou em dobro. Me atentei: mas como vai ganhar dinheiro pra campanha? Fácil, me disse. O próprio governo, por troca de apoio, garante vantagem! O poder se reproduz! O interesse é intestino, a sujeira não vaza. O consolo da integridade não durou mais que um minuto.

Muitos pensam em serem imortais. Me contento com minha mortalidade, embora, ao escrever, tente prolongá-la um pouco mais. Falo daqueles que tem a si mesmos como únicos e poderosos. Se é verdade que seja mau se alguém não possui a si mesmo de um jeito razoável, menos ainda será se achar que tenha somente a si mesmo. Quem se entender com onipotência verá logo ali adiante seu fígado

entumecido e se humilhará pela fragilidade que virá visitá-lo mais cedo do que pensa. Tá meio profético meu dizer... é apenas uma maneira de não querer aceitar a simples mortalidade.

A simplicidade quase sempre faz bem. Saber que tudo pode acontecer e que a incerteza faz parte da inteligência também faz bem. Saber que o diabo espia os incautos, aumentando a probabilidade do mal, faz muito bem. Ficar quieto quando não se tem muito a dizer é ótimo.

Então busco Camus pra ter o que dizer. Ele não é profundo quando fala de se sentir culpado. Diz também que de nada adianta a liberdade quando se sente mal, ou quando não se tem quem amar. Afirma, categoricamente, que todos precisam de um senhor. Brinca dizendo que, como Deus não está mais na moda, é difícil achar um senhor pelo qual se justifica a existência. É essa a razão de não existir nenhum mal em ser tão simples quanto a um caboclo, vendo Deus em tudo. A luz do sol, um filho e uma mulher são motivos suficientes pra valerem por um senhor. Nesse momento me ligo aos meus, e a viagem ao Mediterrâneo tem muito a me dizer, e o que penso e pensarei dela me fará bem. Vou ver Deus atravessando os mares.

As formas cruéis de se infligir o sofrimento extremo para punir ou obter confissões sempre me causaram mal-estar. Nossa mãe!, que coisa era a cela, na qual colocavam malfeitores ou inimigos do rei, que de tão baixa não dava pra ficar de pé, de tão estreita não dava pra se deitar. A liberdade significaria apenas poder estirar o corpo. E dizer que alguns morriam esquecidos assim. Por isso a liberdade tem mil rostos. Me agrada dizer que a liberdade é o poder de afastar os limites. Se doente, a saúde. Se o perigo, o afastamento. Se a dor, o alívio. Se a tristeza, a alegria. Se a seca, a chuva. Desse pouco que se disse infere-se que a liberdade tem a

ver com a fortuna e a virtude de quem anda sem ela. Ainda posso estirar meu corpo.

O bem-estar dos outros nem sempre nos faz bem, principalmente a alegria das pessoas que não recomendaríamos a ninguém pra amigas. Os sentimentos de bondade, então, nem sempre fluem tão livremente. Não são constantes os voos altos. Por vezes entramos em cavernas que nos causam assombros. O mal estar de quem nos fazia mal pode nos causar alívio, senão prazer. Um grupo de alunos que se sentia prejudicado por um professor foi ao seu velório. Por quê?

O melhor dos sentimentos, pelo que transparece em filósofos, e todos sabem, é a alegria com todas as formas dela se meter em nossas casas. O espírito elevado se dá em pessoas confiantes e bem tratadas, as quais estão, quase sempre, de sorriso fácil. Um tumulto benévolo as envolve e não é pouca coisa que as tira de seu estado de bom humor. Olham o mundo com delicadeza, sem perder a defesa necessária.

A relatividade tem suas consequências dentro de casa. As certezas se foram com Einstein. Certa vez dizia-se: Não responde ao teu pai e à tua mãe. Agora a menina diz: essa é minha opinião a esse respeito! E o pai se cala diante da melhor resposta. A autoridade está posta em quem mais sabe, sobrando o respeito apenas quando existir um vínculo amoroso, porque o resto foi por águas abaixo. Que o saber está entre as pessoas e em quem possui a melhor informação, disso poucos duvidam. Assim vale a pena estar sempre bem cercado de gente que ajude a interpretar o mundo.

Da cabeça pro coração. Dizia um amigo tão velho quanto eu: sabe que olhar o mundo feminino é como estar numa prisão. Pode-se querer a

liberdade, mas o movimento é restrito: as grades fortes e os guardas são muitos. Outro também me dizia: meu caro amigo, vou te dizer! Coisa mais rude é ser fiel e não amar. Falei de coração: para de falar bobagem, isso é impossível. Ser fiel é lançar o coração sobre quem amamos. No máximo você está acabando com qualquer virtude, seja de quem você pensa ser fiel, seja com a tua. Dê uma olhada melhor nisso que me falou. Me parece que existem três maneiras de lidar com uma mulher: ou amamos e somos fiéis pra valer, ou somos pássaros de pequenos voos, amamos e suspendemos o amor logo em seguida, ou, como você disse, fazemos de conta que estamos juntos.

Hoje me lembrei de Santo Agostinho, que falava: se alguém ama, pode fazer o que bem entender. Descobri também que ele era da raça africana dos berberes: atravessou todos os mistérios e todas as fantasias; portanto, ele também estaria sob o sopro dos desertos e das brisas dos oásis. Aprendera a negociar, tanto que negociou com o infinito. Amar compreende fazer bem ao ser que se ama; seria proporcionar as maravilhas do coração e da mente, indo além, muito além da realidade, sabendo-se que a natureza oferece um caminho diferente a cada um.

Se antes o mundo não me bastava, agora basta uma pequena tumba. Alexandre o Grande sentiu que era um ser humano, ainda que falasse: vence aquele que resiste. Buenas, 33 anos e ter de morrer depois de conquistar tudo que vinha pela frente. Enquanto havia sangue a ser derramado ele ia firme em seus propósitos. Na Índia seus soldados cansaram. Tiveram a coragem de dizer: agora basta! Aceitou, entretanto morreu por tal aceitação. Mas o que assusta é que nenhum dos poderosos ficou quieto e a gente fica cantando com Mireille Mathieu: *Que a paz esteja sobre o mundo pelos próximos cem mil anos.* Enquanto cantamos, as decisões dos poderosos avançam sobre a Líbia. A diferença entre Alexandre e a Otan é que antes um trucidava; agora, muitos. O matar é o mesmo.

Mas vamos adiante: quem sou eu pra avaliar com justeza e justiça o que acontece na Líbia? Fico no meu canto olhando de perto a virtude. Que bom seria se ela se alimentasse apenas de si mesma. Seria ótimo se a pessoa se vestisse da humildade por causa da condição humana, não pra que dela se pudesse tirar alguma vantagem. Que bom seria se o homem generoso tirasse prazer somente da generosidade. Aqueles que amam, veja só, não pretendem mais que dar tudo de si pra que o amor faça bem a quem eles amam: meu Deus, em pouco tempo as feridas cicatrizariam.

O contrário do homem virtuoso é o criminoso, que assim vive porque se sente sem forças. Mata pra mostrar o poder, perdendo o anonimato. Compensa a falta de reconhecimento. Camus defendia os criminosos com essa ideia: vou aliviar a pena pra que não se sintam ainda pior. A fama efêmera se foi e depois se apagam novamente. Que não sofram tanto por querer ter visibilidade. Apenas a forma encontrada foi matar. O juiz tem sua compensação e reconhecimento por julgar da melhor maneira possível; eu, por defendê-los o mais que posso, enquanto eles morrem num canto qualquer. Eu fazia boa figura!

E lá vai o Albert Camus dizendo suas palavras interessantes. Somente a morte desperta os melhores sentimentos. Morreu o porteiro, todos se solidarizam... é claro... ele não vai querer mais nada. Albert tem um amigo chato e desagradável... a caridade é pouca mas... Desenganado o chato, Albert o visita, esperando que não demore muito. O amigo chato morre de mãos dadas com Albert. A morte tem disso: revela bons sentimentos. Acabam-se as restrições... a morte pode muito e, por vezes, até mais que a vida.

Mais que os sentimentos são as paixões... e mais perigosas... li de Camargo em A história do goleiro inviolável: apaixonado demais pra ser levado a sério. Gostei. Se a razão não entra na questão, seja qual for, a chuva pode levar tudo pela enxurrada. Veja a paixão religiosa que mata. A paixão da mulher que casa com bêbado; julga: meu amor há de curá-lo. Veja no caso do livro de Camargo: “Helena é homem, transmite o futebol de seu time com tal veemência que não dá pra acreditar. O pastor que, aos gritos, convoca pra pureza, está muito tentado. Pior que tudo: a paixão causa alucinações. Aí ninguém segura o cristão. A fé enorme pode fazer mal, a caridade é modesta. Se fosse o contrário, o mundo andaria melhor.

Vi de perto o menino bordejando a vida vegetativa e me doeu vê-lo. Mais que amo a mãe do menino. Sofreria como um cão surrado se aquela fragilidade fosse ainda mais próxima de mim. Me alegra ver o esforço em tê-lo como filho de Deus com minguardas forças humanas. Ainda vou ser como ele, tão menos, qualquer dia que chega sem minha permissão. Me persegue a dor de não poder oferecer um presente melhor à minha pequena senhora que tanto queria um filho.

Já que falo de fragilidade, vou pôr em questão aqueles de mais de 60. Não me atrevo a dizer que as ideias são minhas: é daquele amigo que é possuído de um certo pessimismo e até, às vezes, de cinismo. Disse-me a mim, que já chego nos 70, coisas mui triste: os que têm mais de 60 começam a se parecer com aqueles que comentam uma partida futebol: são pobres de conteúdo e de palavras. De conteúdo porque os de 60 já não convivem tanto com a animação do mundo e de palavras porque ficam mais lentos e esquecidos. Digo que ficam até piores que os jogadores de futebol: eles têm movimentos eletrizantes e os de 60 mal se movem. Não concordei, mas vá lá dialogar com um homem convencido.

Eu ia dizer pro pessimista, e às vezes cínico, o seguinte: Acho que você está equivocando por generalizar. Conheço velhos com bem mais de 60 que não só têm conteúdo e expressão, mas são capazes de fazer como um centro-avante do qual fala Camargo: um guerreiro que rompe as fileiras *adversárias*(que não são poucas), *sagaz, que se infiltre pelos claros, que dribla sem tocar nos adversários*(pelo modo prudente de ser), *que enfim chegue até o gol* (ao objetivo colimado). Diria isso, mas como todo velho sabe, é melhor calar pra não perder tempo com quem sabe tudo.

Mais uma vez me encanto com Camus: ele fala de forma contundente e profunda sobre a duplicidade humana. Pode-se usar a humildade pra vencer, a modéstia pra brilhar e a competência pra oprimir. Por outro lado a indiferença, coisa mais feia, pode gerar maior atração afetiva e o egoísmo liberalidades. O silêncio pode revelar modéstia como omissão e assim por diante. Até o santo pode se mostrar piedoso e moralista e ocultar uma tentação obscura que corrói.

Deixemos essas coisas mais profundas e olhemos agora o próprio Camus se autopunindo por não querer se molhar, salvando uma suicida. Um átimo de indecisão pode punir um ser humano, mas, ao mesmo tempo, pode levá-lo a escrever como esse exímio escritor em suas navegações depressivas: *veja à nossa esquerda aquele monte de cinza, o dique cinzento à direita, a margem arenosa, lívida a nossos pés e, à nossa frente, o mar com a cor esmaecida de espuma, o vasto céu onde se refletem as águas pálidas*. Puxa! O homem diz esse poema entristecido porque estava muito mal. Isso é a duplicidade da alma.

Pois é... dia desses me lembrei do pequeno perfeito texto de Camus por causa da culpa, quis esnobar também. Chovia e eu liguei as luzes do meu jardim tosco, mas cada flor e folhagem conseguiram estar rútilos. Olhei pra o verde de um lírio... é lírio?... e ali, as onze-horas que

terminavam seu ciclo... seriam as onze horas? Me disseram depois que eram beijos. Perdi a graça de olhar, por implicar com minha ignorância em jardinagem. Achei melhor deixar de admirar por não saber o que via. Afinal, nem o nome sabia, e elas ali mostrando toda sua singularidade. Ao menos estava bem mais contente que Camus.

Morreu João Carlos. Amigo quieto. Convivia mais com seus antepassados e amigos distantes. O silêncio era-lhe propício para o amor. Fez-se notar pelo seu olhar sereno quando jovem e buscava encontrar alguém com quem dividiria os dias e as noites. Uma garota se envolveu de amor e cuidados pelo rapaz meio triste. Hoje, fui dar um abraço triste nela por perder seu rapaz silencioso. O dia corresponde bem ao jeito quieto dele.

Por respeito, me calo.

E acho que pensei bem em amar na quietude, que é virtude imitar aos bons, como João Carlos. Então resolvi estender-me, com amor quieto e sem grandes razões, a parentes distantes já falecidos e à gente que mora em qualquer rua com seus números ímpares. Dediquei-me um pouco aos que agora estão saindo de circulação. Nem ao certo sei quem foram os sarracenos infiéis, mas rendo meu preito humilde, pois nunca se sabe dos possíveis encontros. Amo, por fim, aqueles que, de tanto sofrer, quiseram matar a dor e morreram.

Pensei em escrever um livro sobre a ansiedade na velhice: pra não dizer angústia. Se faz de um tudo pra que se tenham minimizados os efeitos deletérios dos movimentos menores do corpo que nos levam a morrer. Vejo velhos que buscam compensar nos alimentos o medo de morrer, bem como as melhores virtudes podem ser perdidas na ansiedade. O silêncio de alguns começa a se pronunciar em muitas palavras. Outros, ao contrário, se calam por não serem ouvidos ou por falta de motivo do

que falar. Alguns precipitam suas atividades, como se não sobrasse mais tempo pra nada. Agora vem o principal: quem nunca orou começa a orar.

Dentro dessa precariedade que se acumula, as angústias se desdobram em diversas direções. Os netos, os bisnetos e os filhos começam, como nunca, a se tornar mais que familiares. Há um sentimento de despedidas antecipadas. Acontece o seguinte: querem saber, a toda hora, como estão. Pelo fato de os terem próximos de si se alegram intensamente, nas despedidas os olhos se enchem de lágrimas com muita facilidade. À noite, quando se acordam, divagam assustados, ou tomam seus remédios, esperando que se lhes devolva o sono.

Penso, então, diante do sofrimento que a fragilidade e a morte trazem um pouco de remédio que não seja o medicamentoso. O primeiro está na amizade ativa, porquanto concede a sensação de proteção, de afeto e de autoestima, afastando a angústia de estar só. A virtude da amizade exige prolongado exercício para que se tenha segurança. Não é o movimento dos desejos nem do pensamento que constitui a amizade, mas a fidelidade e o bem-estar que são gerados mediante o costume, comprovando que tal relação nos deixa mais seguros diante das vicissitudes e da fragilidade. Como diz o romano Ênio: uma vida é vivível somente quando encontrar descanso na afeição partilhada com um amigo.

Muitos afastam a ansiedade ao lançarem em alguém a sorte da vida, salvando-se da morte definitiva. Conversam com tanta afabilidade como Nossa Senhora, por exemplo, que nada mais pode perturbar o coração e a mente. Ficam serenos como se estivessem sentados na casa de Maria em Éfeso, nada mais importando se aqui ou acolá tiverem de viver. Alguns tomam pra si outros santos de sua confiança e é então que a visão transcende para um lugar em que comungam da mesma serenidade. A fé e a fantasia têm poder!

Posso imaginar a mais quieta das mulheres, ausente de todos. Aquela de último apelo pra que se lhe venha um humor mais doce. Já não mais ansiosa, cansada da ansiedade de tanto esperar. Estendido o ouvido, pode-se ouvir: Sei de ti, doce senhora minha, a mais desesperada por ver morrer o filho de tanta ternura; sei de ti uma velha em Éfeso, com saudades daquele que te deu João como filho, mas não o suficiente pra encher um coração de ausências. Aquilo é que foi violência. A beleza de homem que foi teu menino não merecia aquilo. Não quero trazer a triste lembrança, mas me tenha em teu amparo. Feita a conversa, alivia-se a solidão.

Outros há que com seu coração constrangido dirigem-se ao Senhor e na plenitude do infinito recobram um pouco de alívio. Ao menos deixam de gemer. Se o medo não é justificado, justifica-se pela fantasia, espantada diante de pequenas coisas, as quais não causariam nem o susto de um pássaro. Então, termos como companheiro de infortúnio a um Senhor capaz de espantar com chicote o que nos parece mal, pode nos deixar um pouco melhor.

Já vi gente ansiosa buscar em lugares conhecidos uma boa razão de sair de um estado ruim para outro melhor. Alguns entendidos explicam que a realidade conhecida não traz coisas muito interessantes, mas pode nos tranquilizar por que sabemos que dela não vai sair nenhum monstro angustiante. Repousam os olhos sobre a grama ou sobre os números pares, ou sobre a rua deserta, ou sobre um livro que apenas serve pra divagar e nada mais, o que, se não nos salva, faz passar o tempo sem assombros.

Não sei o que pensam os muçulmanos dos muezins, que mais parecem chorar que orar no alto dos minaretes. Se espantam seus medos

e angústias com tais lamentos, por certo não espantam os meus. Pois é, então, cada um encontra maneiras de forjar meios pra tomar conta de seus espantos. Prefiro qualquer canção suave e até infantil aos sons assustadores que vêm do alto. Pra ver só! Essas últimas frases nasceram com a intenção de um livro. Pensei que nossos espantos poderiam render bem mais. Ficaram nessa fraca proposta de elucidação. Ainda terei a propriedade de formalizar um texto mais justo diante dos santos pra mandar pra longe a impressão incontida de nossas dores ocultas.

Disse antes que a morte faz criar ansiedades, e eu, quando a vi muito de perto, posso dizer de boca cheia: ela promove alucinações. Borges escreve sobre um antigo livro dado a uma princesa por uma viajante. É retratado pelo autor: *Em Roma conversei com filósofos os quais dizem que dilatar a vida dos homens era dilatar sua agonia e multiplicar o número de suas mortes. Todavia a mim foi posta a tarefa de buscar a cidade dos imortais. Flávio, proconsul de Getulia, entregou-me duzentos soldados para intentar a empresa de encontrar a dita cidade. Acho que foi encontrada a cidade onde, por menos que se vivesse, se vivia mais de 100 ano[1].* Apenas refleti sobre o tema pensando que parece ser verdade: prolongar a vida não seria bom negócio, mesmo que se tenha medo da morte e se tenham alucinações quando ela bate em nossa porta. E diz o viajante da cidade dos imortais que, uma vez que encontrado o bendito lugar, ninguém aí era feliz.

A angústia de morrer ou não morrer costuma habitar em todos. A fantasia, a louca da casa, não é mansa quando começa a se bobear. Açulada ainda mais pelo medo de desaparecer, ela provoca assombros completos e incompletos. Lembro um sonho no qual eu morria. Santa Maria mãe da pobre gente desconsolada, que coisa quase física era isso. Me doía tudo ter de deixar minha casa. Mais ainda se convulsionou o peito quando minha mulher falou: não quero dizer nada, mas o carro fúnebre está aí na frente. Santa Maria, mãe da alegria, acordei! Prova-se o quanto,

uma vez liberada a consciência, a miudinha pode aparecer e provocar sentimentos muito desagradáveis. Ainda bem que, quase sempre, estamos convictos de não morreremos. Mas não tem jeito quando a pele começa a mostrá-la, outras partes a silenciar e mais outras a falar aos gritos. Reflito, então, sobre coisas bem melhores, mas ainda tendo pela frente a ansiedade a ser controlada, mesmo porque não há coração que agüente a picante dor da ameaça.

Cristo, por certo, foi muito claro ao falar sobre maneiras de não se afligir com as preocupações e consequentes ansiedades. *Olhai os pássaros dos céus que não semeiam nem ceifam...* E respondendo Jesus, disse-lhe: Marta, Marta, estás afanada e perturbada com muitas coisas! Lá se vão outros conselhos pra reduzir os temores em torno da realidade e da fantasia. Frankl, o psicólogo preso em campo concentração, sem dúvidas, usou uma estratégia, que depois usaria em sua clínica: a associação de situações angustiantes com idéias brincalhonas. O humor faz bem e alivia ao minimizar o mal-estar. Pode haver maior consolo diante da morte ao se crer em outra vida? Rir de uma situação embaraçosa pode mostrar nossa grandeza. Rir dos próprios defeitos pode não curar...

Me chama atenção como Borges administra a palavra quando lida com criminosos. Bem do jeito de Martin Fierro, as piores crueldades são ditas quase rindo. Assim é com o personagem Otolara, que se bandeia da Argentina pro Uruguai, tendo o imprevisto e a coragem como companheiros. Lá pelas tantas é convidado a trabalhar no campo, e o bandido *começa, então, uma vida distinta, uma vida de vastas manhãs e de jornadas que tem o cheiro dos cavalos. Essa vida é nova pra ele, e às vezes, atroz, mas já está em seu sangue, por que do jeito que os homens de outras nações veneram o mar, assim nós ansiamos pela vastidão inesgotável do campo que ressoa debaixo dos cascos.*[2] Com idas e vindas, o pobre bandido, um portenho entre os gaúchos do Uruguai, acha-se muito, mas pros uruguaios é visto nada mais que um estrangeiro metido a besta. Por fim é morto e humilhado por muito pouco. De fato, a morte dos bandidos sempre é traiçoeira. A gente a enfrenta de frente, mas nos

encontra de qualquer jeito. O melhor é andar peleando com um cotidiano menos agitado, rindo dos desencontros e aproveitando a alegria e o soldo sem balaços.

Poderia comentar no texto anterior que, além da alegria e de um soldo sem balaços, o que mais importa é levar a vida, tendo-a aberta em constante solidariedade. E esta curta reflexão pode ser um tanto temerária, pois busca repensar a fé em favor da solidariedade. Ponho, então, em questão o pensamento de Spinoza, que propõe a existência de Deus no interior de tudo, não como um ser que paira sobre tudo. A caridade seria um ato de participação na constituição de tudo e de todos. Jesus seria a expressão evidente de Deus enquanto presença muito viva do bem, da justiça, da verdade e da beleza. Pois bem, me parece que isso nos remete à existência de outras formas de vida e da divindade. Se a transcendência fosse força tão poderosa já estaríamos bem melhor. Pode servir de alívio e esperança, mas não de decisão salvadora. Me reporto, mais uma vez, ao conto de Borges: os teólogos. Começa assim: *arrasado o jardim, profanados os cálices e os altares, os hunos entraram a cavalo na biblioteca monástica e queimaram todas as letras, pois poderiam encobrir as blasfêmias contra o seu deus*. Basta isso pra avaliar o quanto a fé pode estar longe de fazer bem. Se os hunos tivessem caridade, a ideia de seu deus não faria cometer a barbárie nem o bispo Teodósio queimaria até os alicerces as bibliotecas de Alexandria.

Em oposição à ideia da imanência de Deus, ponho a beleza da transcendência. Não se pense que a transcendência sem a razão, sem a reciprocidade de Kant e sem a caridade de Cristo ou de Paulo, possa chegar a um bom lugar. Isso não significa que a contemplação e o olhar da fé não seja coisa máxima. Penso nos colonos do Rio Grande do Sul, enfiados em montanhas e no meio das florestas, de como poderiam suportar a agressão da violência política de suas pátrias sem a crença pra além de seus dias e sem a proteção de seus santos. Havia, porém, a

santidade de pastores e sacerdotes que eram movidos pela melhor da caridade que se possa imaginar. O olhar que vai além das intempéries pode conceder a impressão suave de não morrer e que a realidade não nos devora.

Por pensar na caridade de pastores e de padres das comunidades do norte do Rio Grande do Sul, essa virtude veio, mais uma vez, cutucar minha escritura. Lembrei de uma professora de pouca fé, mas que cumpria seu dever escolar com rígida convicção. Quando tratava da Revolução Francesa, ela conseguia pôr nas palavras uma precisão forte, mas uma certa desconfiança de que nunca se cumpriria a definição dos propósitos revolucionários. Nela, a fé na humanidade e em Deus era diminuta, dizer isso pra não precisar dizer inexistente. Mas era fiel como uma cadela em anunciar os propósitos revolucionários de 1789. Não esperava nada da humanidade, mas acreditava que seus alunos mereciam a crença na igualdade e na solidariedade. A bondade das palavras fluía melhor que em seu coração. Assim se fez uma alteração na alma de uma de suas alunas. Nascia uma mulher cheia de fé e caridade, ainda que a professora não revelasse tal poder em si mesma. Bastou-lhe a caridade de dizê-la.

Pra confirmar o que digo, registro duas expressões de paixões e de respeito: a primeira de Borges em sua solidariedade com Cristo na cruz

*Cristo na cruz. Os pés tocam a terra.
Os três madeiros são de igual altura.
Cristo não está no meio. É o terceiro.
A negra barba pende sobre o peito.
O rosto não é rosto de finos traços.
É áspero e judeu.
Cristo na cruz. Desordenadamente,
pensa no reino que talvez o espera,
pensa numa mulher que não foi sua.*

*Não lhe é dado ver a teologia,
A indecifrável Trindade, os gnósticos,
As catedrais, a ciência exata,
A púrpura, a mitra, a liturgia,
A Inquisição, o sangue dos mártires,
As atrozes Cruzadas, Joana D’Arc,
O Vaticano que contratou exércitos.
Sabe que não é um Deus: é um homem
que morre como morre o dia. Não importa.
Importa-lhe o duro ferro dos cravos.
Não é um romano. Não é um grego. Geme.
Tem-nos deixado esplêndidas metáforas
E uma doutrina do perdão que pode
anular o passado. (Essa sentença
escreveu-a um irlandês numa prisão).
A alma busca o fim, apressada.
Escureceu-se o rosto. Já está morto.
Anda uma mosca pela carne quieta.
De que me serve aquele homem,
Que tenha sofrido, se eu sofro agora?*

Acrescento: Borges não refletiu o amor de pastores e de padres nas montanhas e matos do Rio Grande do Sul. Por certo acalmaria um pouco a dor do homem que morria.

A segunda impressão colho de Carl Sagan, ao ver o ponto azul da terra visto em uma foto. Solidariza-se por vê-la tão perdida na escuridão da galáxia:

Veja essa foto[3] da Terra, colhida à distância e, ao vê-la, você vê um ponto. Isso é aqui, pequeno como cabeça de alfinete. Isso é nossa casa. Sobre ele, qualquer pessoa que você ama, tudo o que você sabe, todos aqueles que você já ouviu falar, todo ser humano viveu aqui a sua

vida. A soma de nossa alegria e sofrimento, milhares de religiões, ideologias e doutrinas econômicas, cada caçador e coletor, cada herói e covarde, cada criador e destruidor da civilização, cada rei e camponês, cada jovem casal no amor, cada mãe e pai, cada criança-esperança, inventor e explorador, cada moral do professor, cada político corrupto, cada "superstar", cada "líder supremo", cada santo e pecador na história da nossa espécie viveram lá - em um pedaço de poeira suspenso em um raio de luz solar.

A terra está numa estrada estreita numa grande arena cósmica. Pensai nos rios de sangue derramados por todos aqueles generais e imperadores, para que, na sua glória e triunfo, vieram apenas a ser amos de uma fração desse ponto. Pensai nas crueldades sem fim infligidas pelos moradores dum canto deste pixel aos moradores dalgum outro canto. Quão frequentes as suas incompreensões, quão ávidos de se matar uns aos outros, quão veementes os seus ódios.

As nossas exageradas atitudes, a nossa suposta auto-importância, a ilusão de termos qualquer posição de privilégio no Universo, são raptadas por este pontinho de luz frouxa. O nosso planeta é um grão solitário na grande e envolvente escuridão cósmica. Na nossa obscuridade, em toda esta vastidão, não há indícios de que vá chegar ajuda de algures para nos salvar de nós próprios

A terra é o único mundo conhecido até agora que é lar de vida. Não há nenhum outro lugar, pelo menos num futuro próximo, para que nossa espécie poderia migrar. Visitar, sim. Colonizar, ainda não. Quer queiramos ou não, neste momento, a terra é que temos de permanecer.

Tem-se falado da astronomia como uma experiência criadora de humildade e de caráter. Não há, talvez, melhor demonstração das tolas e vãs soberbas humanas do que esta distante imagem do nosso miúdo mundo. Para mim, acentua a nossa responsabilidade para nos portar mais amavelmente uns para com os outros, e para protegermos e acarinharmos o ponto azul pálido, o único lar que tenhamos conhecido.

Deixemos Sagan de lado e vamos ver de perto outra coisa, bem mais comezinha. Se a terra nos comove, quando vista de muito longe, de outra parte, um fenômeno cotidiano pode nos comover tanto quanto. Vejo pessoas que estiveram muito mal, a ponto de a morte bater à porta. Ao retornar de sua quase distante viagem, vejo-os tão afáveis com a vida, pensando que vieram de outro planeta. O volume afetivo ressoa dentro e fora de casa. Aos poucos, pouquinho, voltam os antigos humores e desaparecem os íntimos e volumosos afetos. Os velhos também vão voltando, como pássaros aos ninhos. Começam a estreitar sua intimidade. Enquanto os filhos olham seus filhos em relação ao futuro, levando-os austeramente na direção do futuro, os avós olham seus netos cheios de ternura. Enquanto os adultos jovens analisam, ponto por ponto, determinado evento desastroso, os velhos podem compreender tal acometimento. Lembro de um senhor, o mais azafamado das pessoas. Era cheio de posses e de ações. Um câncer o vitimou, sendo certa a morte. Fui ouvir seu discurso público ao lhe promoverem uma homenagem. Com lágrimas convocava a todos a limitarem seus trabalhos em favor de suas casas. Moral da história: a morte ou sua proximidade traz emoções nunca dantes navegadas. E o que estou eu fazendo aqui a escrever?

Refletindo sobre o lamentável falecimento do meu amigo João Carlos penso que enquanto alguns morrem de causas "naturais" outros podem ser vítimas de tentativas de homicídio dentro da UPF. *Recebi do amigo Gilboé o seguinte email: uma unidade da UPF comemora 50 anos na qual você viveu intimamente 45 deles. Aposentado e fazendo quase qualquer coisa para estar no seu antigo meio, recebe um telefonema um dia antes da maior solenidade destes 50 anos, solicitando endereço para*

envio de convite que leva, mesmo com sedex, em torno de 5 dias de Passo Fundo a Florianópolis. Como meu jato e meu helicóptero estão emprestados para uns magnatas daqui, fica impossível estar presente no ato. Incompetência? Sem dúvida. Qual tipo, não sei. Como estou vacinado contra aquela doença chamada NORMOSE, continuo sofrendo muito com as coisas que me fizeram deixar a UPF e com as coisas que me dificultam matar a saudade (talvez sejam as mesmas).

Esse email recebido revela muito bem a desconsideração das instituições em relação àqueles que nelas trabalharam e, muitas vezes, deram o sangue pra que tivessem um pequeno reconhecimento, disso tirando grande valor em todos os sentidos. Se lembrarmos da Revolução Francesa, podemos pensar: estamos longe da fraternidade, da solidariedade institucional e a liberdade está por nascer.

Me agradam as *Rimas* de Gustavo Becker. Suaves como parte da alma espanhola: ela é capaz de fazer poesias lindas de um touro morto ou sobre as covas dos índios mortos. Algumas são apenas poesia.

Gustavo é assim na rima IV:

Enquanto a ciência não descobrir
as fontes da vida,
e no mar ou no céu haja um abismo
que ao cálculo resista,
Enquanto a humanidade curiosa
não saiba pra onde caminha,
enquanto haja um mistério para o homem,
haverá poesia!

Lá vai o poeta, entre outras rimas, desenhando o coração e as manhãs espanholas e outras horas em que a alma se desdobra loucamente.

Me cansei de traduzir, que poetas não se traduzem! Por mais que me agrade o poeta, não consigo dizer seu encanto e intimidade: moral da história: não me meto mais a dizer o que não me pertence, que tudo sai tosco. E os poetas não merecem esse martírio.

Isso me leva a outras considerações. Não somente os poetas têm o sentido da liberdade individual. Todos resistem a interferências. Imagino, então, um adolescente em seus devaneios grandiosos com suas hipóteses e deduções, mas lá vêm os pais roubando-lhes os sonhos. Imagino o amante ao qual se proíbe a consumação de seus idílios e a mãe à qual se lhe rompe o amor materno. Imagino o escritor louco por dizer um texto diante do qual pararia Camões, Pessoa ou Machado de Assis, mas sabe que os três chorariam pela língua maltratada. Paro de escrever que estou do mesmo jeito. Mas a palavra, por breve e pobre que seja, não se importando com a beleza dos outros, quer a sua vez. Por isso vou adiante que sempre haverá quem queira ler um pobre mortal.

Por menos que se tenha, perder significa sofrer muito. O computador veio me dizer que poderia perder o arquivo e perdi a calma, temendo perder os versos de Becker e tudo mais. Fazemos como o pescador que lamenta o peixe que não consegue ter nas mãos. Estranhamente, ficamos repentinamente assustados em saber onde ficou o esforço despendido. Não admitimos perder, ainda que o resultado de nosso esforço não seja uma obra de Gaudi, Miró ou outro inspirado artista. Vou me prevenir e guardar num pen-drive minha desejada produção. Se não resistir ao tempo e não provocar idilidades, expressa meu momento, sendo como um grão de areia que compõe as areias do mar. As pretensões são grandes e nada se pode perder, sob pena de não se ter ao menos a recordação de nossa pobreza.

Muitas tarefas são temerárias na velhice, mas e nós com isso? A cabeça, convencida de um poder que já não lhe pertence, avança, embora de pouca perna. É momento do largo sorriso contemplativo diante da fragilidade. Dizemos que não temos mais a força de um atleta capaz de entrar num estádio com um boi sobre os ombros, mas desafiamos nossos temores querendo um lugar que tenha mais que nosso tamanho, pois ainda não sabemos no que vamos dar. Não queremos admitir que somos pouco: mais que uma erva que seca e a onipotência tem lá sua insistência. Estamos de coração partido, com mil remédios na algibeira, e por eles confiamos que não vamos morrer. Caem os companheiros ao lado, mas vamos adiante como se nada tivesse acontecido. Não é conosco o silêncio de quem morre. A solidariedade com os falecidos é boa, mas não a ponto de nos entregarmos a ela. Rimos embora não sobranceiros, mas tiramos uma lasca da continuidade avaliada como imorredoura. Pudera!, por que dar tanta bola pra quem quer nos acabar?

Dizia que a solidariedade para com os falecidos é boa, conquanto não seja a ponto de sumirmos com ela; me parece bom, entretanto, buscar nela a força da imortalidade que nos acompanha. E quanto mais velho fico, percebo que há um retorno dos amigos falecidos de forma exuberante, quase uma comunhão. Curiosamente, falava pra Solange que meus temas se esgotaram e que não havia grande coisa mais a dizer. Apenas, sem muita convicção, dizia que me faria bem resgatar aqueles que fizeram parte de minha trajetória: um dever de gratidão por ser quem sou graças às intervenções de muitos daqueles que silenciaram. Não é que poucas horas depois, num encontro com um amigo, ele me convidava pra resgatar os amigos padres que foram decisivos não somente pra mim, mas pra muitas comunidades da Congregação dos Missionários da Sagrada Família e muitas comunidades do Rio Grande do Sul. E lá vou eu retomando os amigos falecidos e aqueles que foram amigos de tanta gente. Lembrar é fazer viver.

[1] El Inmortal, de Jorge Luis Borges,
<http://www.apocatastasis.com/borges-la-muerte-y-la-brujula.php#axzz1Lsu5cRdV>

[2] Referencia: El muerto, Borges, idem, ibidem.

[3] No dia 14 de fevereiro de 1990, tendo completado sua missão primordial, foi enviado um comando a Voyager 1 para se virar e tirar fotografias dos planetas que havia visitado. A NASA havia feito uma compilação de cerca de 60 imagens criando neste evento único um mosaico do Sistema Solar. Uma imagem que retornou da Voyager era a Terra, a 6,4 bilhões de quilômetros de distância, mostrando-a como um "pálido ponto azul" na granulada imagem.

Brevíssimas meditações

Quando os viajantes retornarem às suas casas tudo será diferente. Nem os lugares nem os viajantes serão os mesmos. A tristeza não mais tomará seu lugar, pois o caminho tem essa propriedade: pode apagar o que o caminhante carrega. E os lugares dizem coisas de acordo com o coração de quem os vê e tais espaços são mais generosos do que se pensa. Vou viajar.

O viajante dirá: vou pra minha casa. Os lugares são belos, a saudade, porém, me faz retornar e, então, mais amo o lugar que me encheu os olhos por tanto tempo. Não me acostumo ao brilho de tantas coisas. Prefiro o silêncio das coisas que conheço. Meu amor aí se deposita ternamente.

Na imanência divina deposito todos meus atributos e tudo que me cerca, a começar pela casa com todos meus amáveis habitantes. Nenhum deles fica de fora, pois se me falta um, morre definitiva a parte mais importante de mim. Minha imortalidade principal aí reside e a alegria de ser, se ela me faltar, não mais existirá.

A figura louca do imortal Dom Quixote me aparece, vez por outra, de forma tal que me reporto à humanidade da qual sou forjado. Não só a estroina aparição me diz de mim. Me diz da humanidade que me faz ser o que sou, incluindo o vergonhoso criminoso do qual não posso dizer que é

desumano. É humano ter ações de barbárie, as quais devo dizer que são humanas também.

Em tudo me solidarizo e a ninguém me sobressaio. Perdoo a quem me ofender, ainda que depois de muitos anos, que matar e salvar são também de minha humanidade. O pecado dos outros está escondido em mim e me espia demoradamente. Tenho medo que a qualquer hora alguém possa aparecer e me dizer: chegou a tua hora e não poderei resistir. A bondade de agora é um privilégio momentâneo.

Se alguém erguer a voz e disser que é assim porque teve muito a fazer para tal, pode tirar o cavalinho da chuva. Se não fossem os hábitos concedidos pela família, a natureza dada por Deus e o juízo dado pela cultura, poderia ser um pobre diabo enfiado numa cela esperando a ordem de libertação.

Bem que a alegria merecia mais na criação humana. Não critico a Deus por não ter dado gratuitamente mais espaço nervoso pra celebração desta virtude, mas que cairia bem, cairia. Não critico nem aos pais pela educação rigorosa e pela diminuta da alegria, pois não é fácil entre tantas peleias deixar o sujeito sempre em sorrisos. Mas faz bem pensar que poderíamos manifestar nossa felicidade mais vezes e com mais suavidade.

Se não consigo fazer sorrir, pelo menos a serenidade das palavras pode me deixar de suavidades. Pe. Júlio Emílio de Lombaerde, MSF, certa feita escreveu, ao se dirigir de barco pra sua missão em Macapá,: *Aquí tudo apresenta uma beleza singular e selvagem. Ao mesmo tempo, paira sobre todo o conjunto uma bruma poética. Neste momento, a região outorga uma visão deslumbrante, mas o ar é pesado e sufocante. Nenhum*

sopro de vento encrespa o espelho da água e nenhuma folha se agita nas árvores e nos arbustos.

Pra não estragar a harmonia de Lombaerde, medito um pouco mais. Que alma estrangeira poderá descrever a ternura do missionário? A fé do homem encarnou-se na divina sabedoria e caridade. Vendo tais coisas brasileiras, sente a humanidade mais ampla que se possa imaginar. A bondade, às vezes, tem nome. Nesse momento: Júlio Emílio de Lombaerde.

As últimas vezes que me deparei com santidades fiquei admirando os seres humanos que carregam tantas adversidades, tirando delas o melhor proveito. Me refiro aos primeiros padres dos Missionários da Sagrada Família ao chegar em Marzagão no Pará, em 1911. Recebidos por um senador, esperavam uma casa suficiente para repousar. Encontraram um lugar imundo. Eram estrangeiros, ainda não acostumados com a política nacional. Buscaram, então, por conta própria um lugar onde pudessem pôr suas cabeças. Adoeceram da malária e continuaram entre dores e tormentos. Mal dominando a língua e mal entendendo os costumes, tentavam trazer a ordem cristã. Ainda bem que pouco se importavam coma própria sorte, tendo na fé o melhor penhor.

Reflito em torno desses santos. Acredito que Deus se mostrava face a face pela exímia ternura, revelada nas palavras e nos movimentos desses zelosos cuidadores. Iam e choravam lançando a semente, ajudando os fiéis a que não tivessem em abandono a saúde. Que suas casas estivessem mais asseadas, os templos mais lindos e as escolas, melhores. Salvavam pela humanidade dos encontros e das conversas mais simples.

Por vezes, de pouco adianta grandes propósitos se as circunstâncias físicas internas e externas estão de mal a pior. A virtude, porém, pode limitar o poder do acaso. Ao menos sobra ao espírito pedir perdão pelos deslizes provocados pelas circunstâncias. Antigamente os demônios levavam a culpa pelas falhas e pelas tempestades da alma, agora podemos renomeá-los pelos produtos químicos indóceis, por falhas da educação e outras circunstâncias que, às vezes, rugem dentro e fora de nós.

Pode-se ficar decepcionado com a moleza de espírito. Pode ser a química cerebral que não quer saber de nada. O melhor a se fazer é tomar um livro e ver o ânimo de outros com suas palavras provocadoras. Não tem outro jeito, vou tomar de um cambão e engatar meu ser a outro e ir de empréstimo um pouco adiante.

Fui e vi: missionários e mais missionários sem uma questão a mais que a devota fé como garantia. Eu fico agora mais animado por ver com virtude se faz um coração humano. Fico melhor vendo-os de missão em missão, doentes e assustados. Andam distante de seus costumes, semelhantes aos pássaros de arribação, perdida a trajetória, lamentam-se em cartas sobre o destino incerto. Mas não desistem...

Por muitas vezes me sinto um missionário, se não com tanta fé, aos menos, assustado com o que se tem por fazer. Suportar o sofrimento alheio consiste numa grande missão, uma vez que se empresta tudo que se tem para que o sofredor esteja melhor. Esse sentimento de transporte pessoal para o constrangimento alheio revela que entre a vida e a morte não existe distância.

MEDITAÇÕES AVULSAS

MÁSCARAS E A INTIMIDADE

Havia sobrecarga de serviços nas olarias romanas quando a produção de sementes era muita. Isso levava a que os oleiros nem sempre conseguissem produzir bons recipientes de barro para guardar as sementes para o inverno. Vendiam também aqueles que não eram tão bons, cobrindo com cera as rachaduras ou qualquer outro defeito. Punham uma máscara de cera para esconder o limite. Durante o inverno apareciam as rachaduras, soltando-se a cera: a máscara do vaso imperfeito. Perdia-se o esforço do outono. Ano seguinte os agricultores, pediam aos oleiros que lhes entregassem vasos sem cera (*sine cera*). Daí surgiu a palavra sinceridade. Isto é, que não se troque ou venda o que se quer esconder, ou seja, não se ponham máscaras para esconder as verdadeiras intenções. Que se possa oferecer aos outros o que de melhor se têm, mesmo que nem sempre seja o melhor dos desejos alheios.

Pode-se também entender a máscara como os papéis sociais pelos quais, como num teatro, representamos personagens, sem mostrar o que se passa por detrás deles. Assim, um bom esposo não pode ficar demonstrando sentimentos que não se enquadrem naquela representação social imposta aos maridos. O mesmo vale para as mulheres. Em última análise, o nosso verdadeiro eu pode ficar atrás da porta.

Me parece que se deva aproximar, da melhor maneira possível, as máscaras sociais sem trair o melhor que se tem a revelar, pois, do contrário, deixamos de pôr nossa alma nessa vida e perdemos o principal. Ficamos como aquela mãe que, ao lavar seu filho, joga fora a criança,

ficando com a água suja. Nesse momento, por exemplo, estou contente por ter a oportunidade de ver melhor o que eu mesmo penso a respeito da comunicação. Se o vaso que ofereço não é o melhor pra quem um dia vier a se ocupar de minha alma posta nestas linhas, sinceramente, é o melhor que posso oferecer.

PRUDÊNCIA E COMUNICAÇÃO

A prudência pode ser levada em conta em desfavor do dever. Ela é mais humilde, não se impõe como absoluta, mas olha com cuidado o que deve ser feito. Aprecio a prudência que não se torna pernóstica como o dever. Olha com carinho todas as coisas e fala depois. Olha as consequências das ações. Ela põe em questão as circunstâncias mais que os princípios. A prudência é uma inteligência aplicada: olha o que há de melhor, acima dos princípios e das verdades. A prudência é humilde e condiciona as verdades às circunstâncias. Bem como diz Sponville: *a prudência supõe a incerteza, o risco, o acaso, o desconhecido e o contingente*. É a paciência em busca da duração. É meditação sobre os meandros das irregularidades da vida. Não é retilínea, mas amadora da vida. Não comunga tanto com a verdade quanto com a boa ação. Medra em campos difíceis e olha para todos os lados.

FIDELIDADE E COMUNICAÇÃO

Esquecer é deixar de lado a verdade, a justiça ou o que quer que se tenha em profunda conta. As memórias das relações afetivas não se resumem em promessas de guardar. Por consequência, a fidelidade não se fixa apenas na esperança de guardar, mas em guardar o que importa. É isso: portar dentro da gente o que se tem como parte do espírito. Seria, então, a fidelidade uma espécie de gratidão em relação ao passado. Fidelidade

seria, assim, o dever de memória e do coração, pois, o lançamos no ser que amamos. Mas se a memória se apaga ou se o coração perde seu vigor, qual será a extensão da fidelidade? A fidelidade, em face da sua fragilidade no processo de seu existir, carece de outras virtudes, como a atenção e o afável reconhecimento. A memória deverá ser visitada pela boa vontade. Importa aprender a amar constantemente e carregar seguidas lembranças, e isto se faz necessário, pois, de fato, vivemos um tempo de breves fidelidades, de breves discursos amorosos, de brevíssimos casamentos. A lógica desse tempo está mais para existir do que para ser, mais para andar que para permanecer, mais para circunstância que para metafísica, mais para contrato social que para um Deus vigilante, Senhor de todos os corações. Vem também a consciência e diz: “pelo amor desta infinitude que te assiste, não termine com todos os valores, afinal o que possuímos tem seu valor e em seu nome não se põe tudo a perder”. A aventura das circunstâncias não resolve: elas falam principalmente em face das fragilidades. Há um diálogo interminável, então, entre o absoluto e o circunstancial. Carecemos acreditar nas permanências, mesmo que clamem tanto essas ausências e essas faltas que nos apresentam os momentos! Estes, por sua vez, com seus conteúdos, insistem em se constituir em memórias substituintes das promessas principais. Mas, sobretudo, ser fiel é não esquecer esse amor passado. Mesmo que o amor se arrefeça, permanece o amor que se teve e pode permanecer em constante atenção. Que ao menos tenhamos essa fidelidade.

DAS CIRUNSTÂCIAS E DA PAIXÃO

Os objetos de paixão nos fazem admirar muito. Eles nos movem a diferentes direções, a intensidade na qual somos envolvidos pode ser medida pela falta que eles nos fariam em sua ausência. Mas não é dos objetos de paixão vou falar um pouco sobre as circunstâncias que os suportam.

Quem é que já pensou com suficiente respeito e encantamento sobre os sofás que suportam os movimentos dos amantes. As camas, então, deveriam receber homenagens especiais. Que ao menos se instituisse o dia da cama, pois a maioria dos seres humanos deve-lhes um grande preito. Ao menos, um breve discurso cairia bem em atenção aos serviços amorosos e seus generosos e, muitas vezes, inesperados resultados. Trouxe estes dois exemplos para avaliar o quanto se deve aos figurantes dos objetos de paixão.

Não falo das partículas dos vitrais que compõem ideias coloridas e desenvolvem sentimentos de complacência e infinitude. Quantas lágrimas são devidas à madeira de um pé de açoita-cavalo que traduz a imagem piedosa de um Cristo na cruz? Quem agradeceu às cadeiras pelas conversas amenas ou rudes? Quem já disse obrigado às gavetas onde se guardam as calcinhas e as cuecas, as meias, as camisinhas e as camisetas. Conto com os assoalhos, os telhados, as janelas, as portas, as escadas, as chaminés e tudo o mais que abriga e dá conforto. Mais ainda: as mesas, o alimento aí servido aos filhos, as silenciosas refeições e os momentos em que nos debruçamos sobre elas e choramos. Quem há de ver seu jeito de ser nas alterações dos tempos. Aí o menino e logo adiante o rapagão: ela pacientemente administra as transformações.

EST-ÉTICA AMOR E COMUNICAÇÃO

A linguagem artística não re-presenta um conteúdo já sabido; ao contrário, provoca nossas perguntas, cujas respostas só se encontram ao longo de um processo de aventura, ao qual temos de nos entregar.

Trombeta diz: *experiências estéticas realizadas a partir de objetos possibilitam um jogo e tem forte carga ética, incentivando a substituição do gesto dominador pelo gesto da compreensão bem como práticas de tolerância com relação ao diferente e não imediatamente dominável.* Por tudo isso, confundo o que possa ser ética, estética e amor. Pois que a

ética não se deixa dominar nem domina quem quer que seja. Ela é essa relação harmoniosa na qual os seres se encontram e crescem ternamente, tornando o mundo um pouco menos sombrio. O amor é tudo menos dominação: ao contrário, é o esvaziamento de quem se ama, a fim do outro assumir mais plenamente suas formas dentro da gente. Quase como uma criança que cresce no ventre materno. Estética é esse tremor resultante de um olhar admirado sobre a harmonia existente, e fluem perguntas e mais perguntas sobre a composição do mundo.

COMUNICAÇÃO E AMOR

Agora vem a força que tanto nos move como nos frustra, tanto nos alegra como pode nos fazer deprimir. Ela tem a velocidade das estrelas sem nunca chegar, mas existe enquanto faz andar, não importa tanto em qual direção ou para qual fim. Reside na falta e na possessão. Descansa na posse e logo a seguir nos faz buscar. Ele se faz no encontro e no desejo que é falta; na paisagem, na ação fruto de objetivos e na esperança de ser. Na poesia do momento e na salvação imaginada de um projeto buscado. Essa força existe na memória do casal e de laços constituídos. Existe na cinza apagada e que, em sopros, ainda contém uma chama pequena. Esta força perpassa as linguagens e as ações. Reúne interesse e fraternidade. Veste-se de homem e de mulher, de Deus e de poemas, de ciência e de trabalho, de ternura cotidiana e da paixão indisciplinada.

Vou falar, abaixo, de três formas de amor: quando se veste de paixão ou apenas o amor erótico, quando se toma como amizade e quando se doa sem cobranças.

A PAIXÃO:

A paixão é filha do deus Poros, cheio de recursos e poderoso, e de Penia, uma deusa pobre e pedinte! Tirou de ambos seu jeito de ser: de um lado concede proteção e segurança e, de outro, sente tanta falta! Vou analisar, porém, o que não foi analisado: Penia usou Poros enquanto bêbado. Deitou-se com ele pra ter um filho e da relação nasceu sua filha Paixão. Acredito que a alma de Poros é distraída e boêmia! Anda cheia de vapores! A alma de Penia que habita sua filha Paixão está sempre presente, pondo os mortais com desejos! Então, fica-se assim com muitas promessas, por causa de Penia, e pouca segurança, por causa de Poros, o deus poderoso, mas bêbado. E quando acorda não sabe o que disse ou o que fez. A Paixão, por querer deuses poderosos, puxou à mãe, é insaciável. Não se contenta com o que tem! Assim nos ensina Sponville. Depois da breve Paixão, que súbito vazio! Ela tem desejos de outros deuses! Mas, por fim, fica por conta do deus Cuidado. Ela pergunta a ele: *você me ama? Ele responde que sim, é claro. Sempre sobra pra mim o amor e o cuidado.*

DA TERNURA

Parece haver verdade no que foi afirmado, mas o que foi dito sobre o amor parece incompleto. Não comungo com tal idéia, pois que o amor tem mais que falta. Não concordo em reduzir o amor a tão pouco.

Confesso-me inclinado a dizer que o amor é mais que esta carência que se diz geralmente dos amantes que choram sobre pedras a ausência do objeto amado. Isso é sofrimento, não Ternura. Proponho avançar no propósito de achar a Ternura. Sigo os passos de Sponville.

Não esgotemos a Ternura nas conseqüências parciais da pobreza enquanto nos diz de falta. Então pensemos que a Ternura tem consigo a

alegria de ser e do encontro. Há uma polissemia com sentido de vibração, onde brotam o regozijo e uma íntima performance do encantamento. Dançam com a Ternura a expressão do toque, do ver e do imaginar. É celebrar a presença, ou mesmo a ausência, porquanto se sabe carregar o objeto amado. Há um sentimento de gratidão. É como o sentimento de a natureza dobrar-se generosamente através do que amamos ou do que esperamos amar. Há uma benevolência mútua que proporciona satisfação. Mas como a Ternura não é quietude, neste encontro benevolente surge a possibilidade de ações que ampliarão as formas de se alegrar pela multiplicidade de objetos a serem perseguidos, tocados, vistos e sonhados. Assim é com os casais que por muitos e muitos anos poderão se regozijar pelas formas constantes de apreciar o que tiveram, o que possuem e o que ainda desejam, sem esquecer que o amor é imprevisível e jamais perdura quando os horizontes se tornam diferentes, ou mesmo a falta começa a sumir. A repetição dos dias naquilo que nos satisfaz pode gerar o tédio. Há que se ter atenção. Assim parece, pois, que a Ternura persiste diante daquilo que ainda não penetrou. Quando esta procura desfalece por não se ver mais o que ver ou tocar, então a Ternura pode desaparecer. Na Ternura convivem a cumplicidade, a fidelidade, o humor e a compaixão. Então, digo-vos: são necessárias muitas virtudes para se constituir um casal. O sentimento e a atitude de expansão constituem-se em qualidades inarredáveis. E não fecheis a Ternura em redomas sociais, o ser humano tem mais a dar que a linguagem convencional. Não se perca o passado nem o futuro, ambos se completam.

DO AMOR GRATUITO

A seguir falou um profeta sobre um amor ainda mais pleno!

Amar o que nos falta é mais simples que comer um pão recém saído do forno. Amar os amigos ou aqueles a quem queremos bem não foge à regra da normalidade e daquilo que nos agrada. Amar aquilo que é distante, indiferente e a quem não apreciamos, aí reside um amor quase perfeito. A

primeira e a segunda formas de amar são caracterizadas por algum interesse e não são gratuitas. A terceira forma de amar não constata valores, cria valores. É o amor de transformação. Então, quem ama se despoja de suas pretensões para acolher os objetos de sua consideração. É capaz de acolher com generosidade a natureza toda com suas imprecisões. Esse amor comunga da opinião de Sponville: *não é porque as pessoas são amáveis que devemos amá-las, é na medida que as amamos que se tornam amáveis*. O objeto a ser amado não possui horizontes segundo nossas pretensões: há uma solicitude *a priori* de quem decide amar. Há uma espécie de esvaziamento pessoal para que caibam mais seres e, por nós, possam se tornar amáveis. Uma vez que somos capazes de libertar-nos da prisão de nós mesmos, somos capazes de sermos mais alegres e leves para que os outros, as coisas e os eventos possam encontrar seu repouso e melhor significado. Há um descentramento, no qual quem ama fica à mercê da realidade, evitando os fantasmas pessoais e para onde podem ocorrer mesmo aqueles que são obtusos nas formas. A existência daquele que quer amar intensamente deve possuir uma espécie de obscuridade e de crepúsculo para que tudo o mais: pássaros, poeiras, sombras e luzes, pobres e abandonados possam não ter vergonha de suas penas, sujeiras e vestes. Suas rejeições não contam.

Amar assim não significa não desejar, não é somente se regozijar: é estar numa atitude de compaixão diante dos acontecimentos. Mesmo a morte dentro dessa forma de amar teria a sua chance e nem nos causaria pavor! Não seria a maneira estoica de ser, mas também dela não se distanciaria!

COMUNICAÇÃO E HUMOR

A ternura também reside no humor. A comicidade e a ironia, porém, não se aproximam dela. A primeira ri do ridículo e de palhaçadas, e a segunda é mordaz: se traduz em dureza da alma e até em violência. O humor, porém, nos liberta, porquanto revela a leveza de nosso espírito que paira sobre

todas as coisas, principalmente sobre si mesmo. Quando se estende sobre os acontecimentos humanos, o humor tende a torná-los menos dramáticos e, portanto, suportáveis. Nas situações em que se gera harmonia, o humor sintoniza com calma e admiração. O humor de uma pessoa é uma espécie de compaixão sobre a natureza humana. Quem a possui sabe avaliar os momentos que fazem verter as lágrimas, aqueles que motivam a indignação e aqueles que solicitam distância. E mesmo aí com determinados cuidados podemos gracejar. No pensar de Sponville podemos gracejar sobre tudo: *sobre o fracasso, sobre a guerra, sobre a doença, sobre a tortura... Mas é preciso que este riso acrescente um pouco de alegria...um pouco de doçura ou de leveza à miséria do mundo, e não mais ódio, sofrimento ou desprezo. Podemos rir de tudo, mas não de qualquer maneira. Uma piada sobre judeu nunca será humorística na boca de um anti-semita. O riso, porém, não é tudo e não desculpa nada.* Isso significa que não podemos nos contentar em rir dos transtornos. Pode-se, assim, revelar insensibilidade. Ajuda, porém, a melhorar ou, ao menos, suportar nossas dores e contradições. O humor solicita que saibamos, em primeiro lugar, rir de nós mesmos. Vai além o nosso pensador de virtudes: *como diz Vian: é a polidez do desespero. É impolido dar-se ares de importância. É ridículo levar-se a sério. Não ter humor é não ter humildade, é não ter lucidez, é não ter leveza, é ser demasiado cheio de si, é estar demasiado enganado acerca de si, é ser demasiado severo, é quase sempre carecer, com isso, de generosidade, de doçura, de misericórdia...* Em minha vida sempre vi os demasiados severos como aqueles que escondem uma fera que mal conseguem controlar. Pois bem, no instante em que escrevo ria de mim por digitar tão mal estas ideias... ainda bem que ainda localizo as letras no teclado... pior será o dia em que começar a me perder mesmo estando sobre elas. No humor, portanto, há uma espécie de fraternidade com tudo que nos acontece... principalmente com aqueles eventos com os quais temos dificuldade de lidar...Victor Frankl é quem sabia disso desde que passou pelo campo de concentração. Ele que poderia chorar sobre a natureza humana. Aconselhava brincar com as fobias e neuroses. Entendia que é mais fácil lidar com os males quando são olhados com certa criatividade e leveza.

COMUNICAÇÃO E TOLERÂNCIA

Pus-me a pensar sobre a tolerância e a comunicação, chegando à conclusão de que uma tem pouco a ver com a outra. Não me cai bem pensar a tolerância e entendê-la como virtude. Sou da mesma opinião de Sponville: se a tivermos como virtude, é somente como a menor. Na falta de amor, de respeito, de generosidade, vai a tolerância mesmo. Pode valer para o Estado e certas Igrejas que tendem a ser despóticos, e como só sabem respeitar dentro de suas provisões, que ao menos tenham tolerância. Ela, a tolerância, só serve quando há o perigo de tudo se tornar pior nas relações. É a virtude pequena para evitar a violência. O ideal seria viver entre a intolerância e o respeito. A intolerância se justifica quando se nos antepõe a injustiça vista como tal por muitos olhos, quando a desigualdade cresce, desobedecendo totalmente aos critérios da razão; quando as verdades relativas são postas como absolutas, submetendo a razão ao silêncio. Por que tolerar a crença do outro? Por que a tolerância no casamento? Em ambos os casos parece haver alguém dizendo ser melhor que o outro. A tolerância remete a suportar.

A tolerância é uma espécie de sabedoria diante da fragilidade das opiniões e de condutas, por exemplo dos chatos que quase são insuportáveis. Serve, então, para evitar o fanatismo, o qual absolutiza a verdade, que nada mais é que uma convenção com mania de grandeza. Parece, pois, de fato: a tolerância está bem longe da comunicação. Humildade e compaixão fazem bem, mas aí já não se carece mais de tolerância!

A SIMPLICIDADE

Um homem, simples como uma ervilha, confessou: Hei de ficar como sou e serei o que melhor convier quando estou com os outros, sem afetação. Sem pretensão de querer ser mais do que sou e nem me importar com a importância dos outros. Olharei o mundo com olhos admirados, sem

dissimular meus sentimentos, avaliando com prudência, entretanto, a minha circunscrição. Andarei leve como um pássaro mesmo diante do inevitável. Andarei como solicita Fenelon dizendo constantemente. *Essa verdadeira simplicidade parece às vezes um pouco negligente e menos regular, mas tem um sabor de candura e verdade que se faz sentir um quê de ingênuo, de doce, de inocente, de alegre, de tranquilo, que encanta quando olhamos de perto e imediatamente com olhos puros.* Olharei com naturalidade todas as coisas sem, entretanto, ser bobo, pois o olhar profundo faz ver a grandeza e o que parece mínimo com igualdade. A simplicidade possui um convênio com a graça de ser. Não dissimula, se expressa com pudor. Há uma sinceridade, mas não admite uma exposição demasiada ao sol. Faz de corpo e alma, pondo os outros à vontade, não realizando muitos rodeios e manifestando a alegria de ser, sabendo que o mundo precisa de sua presença, sem acreditar que seja absoluto. Saberei de minha importância sem jactância. Sou provisório, mas não nego a mim mesmo. Sponville: a simplicidade é espontaneidade, coincidência imediata consigo mesmo, improvisação alegre, desinteresse, desprendimento, desprezo de provar, de prevalecer, de parecer. Não dá voltas, mas não ofende. Diz sem magoar. Ando lépido e faceiro, deixando minha casa inteiramente habitável, mas também saberei ser triste e afastado quando assim a vida quiser que seja. A minha autoridade reside em ser sem nada desprezar. Uma espécie de acolhimento antecipado.

A PRECARIIDADE

A rua nos ensina de diversas maneiras. Agora vim de uma aula dada por dois meninos sobre uma gaiota. Uma pintangueira se dobrava sobre a rua. Em boa altura estavam as pitangas. Brilhavam maduras e rútilas, provocando quem passasse. Os meninos, do alto de sua gaiota, comiam alegremente dos frutos. Havia um lado generoso e de comunicação nesta pobreza. Outros meninos passeavam de carro, mas jamais iriam tomar conta dos altos galhos da pitangueira. Havia um festival e o cavalo

paciente aí ficava até com gratidão. A sombra também lhe era afável. Parece, pois, haver generosidades para quem está à espreita de oportunidades. As pitangas maduras podiam estar escondidas, mas estavam à mão para quem ficasse atento aos galhos das árvores que se estendiam sobre a rua! Mas há que se ter uma gaiota! Comunicavam-se livremente os meninos em sua autonomia de gaioteiros. Pareciam mais tristes os meninos ricos que andavam de carona com seus pais.

SOBRE A HUMILDADE

Não aprecio exageradamente esta humilde senhora! Parece até haver nela um ressentimento escondido! Uma espécie de dor de não ser mais. Há também, sinto assim, uma fala repressora: para-te quieto; sossega e não vá para além do que as pernas podem! Mas, por outro lado, penso que é necessária porque a soberba é detestável! Parece virtude, quando ela nos aponta e exige a compreensão da realidade. Ela nos aponta para o que é justo, sem ferir a sensibilidade dos outros, pois o que é justo pode parecer injusto diante dos olhos menores de alguém. A humildade é amar a realidade, razoavelmente bem concebida, tanto quanto a nós mesmos. Rio até com meu companheiro Spinoza: *A Humildade é uma tristeza nascida do fato de o homem considerar sua impotência ou sua fraqueza.* Temo que já não se trata mais de virtude que é força e não tristeza. Isso está mais para o sentimento ou estado de pequenez do que para um talento para existir bem! Concordo mais com a ideia de a humildade ser um estado de aceitação do que se é com tudo que podemos ser, sem perder a compaixão. Jamais, porém, humildade pode significar dobrar os joelhos diante dos outros. Não somos vermes para nos encolher, ou para não sermos pisados mais! Aqueles que mais se fazem menores são aqueles que mais têm ambição e inveja. Não creio tanto assim, mas Spinoza pensa assim. Não se confundem remorso e vergonha com humildade. Pois bem, assumo, então, um ditado: quem é não precisa aparecer! Sabe de seu pequeno poder e não ignora o pequeno poder dos outros. É, então,

generoso e grato. A humildade tem a ver com a sinceridade, o que dá conta de levar a vida sem tapar os limites e as dificuldades com cera. A humildade é a honestidade em pessoa, pois não se ilude nem busca iludir. A humildade, então, recorre ao amor, porquanto aceita incondicional e sinceramente o que se é e o que se tem. Sabe-se das rachaduras de alguns vasos que transportamos, porém não se nega a beleza de outros. A humildade sonha, sabendo-se que o sonho está carregado de viabilidades.

PEQUENA CONVERSA SOBRE A GRATIDÃO

Há uma humildade alegre ou uma alegria humilde, afastando a soberba. Pois bem, me sinto devedor a ponto de me sentir impossibilitado de existir sem a presença de quem se ocupa com minha vida. A gratidão, pois, é isso: um sentimento de fragilidade e ternura que conforta. Por isso, a gratidão é uma espécie de devoção a quem conspira para que se possa existir melhor. Sinto essa alegria firmada por Comte-Sponville...*essa alegria da memória, esse amor do passado – a alegre lembrança do que foi.* Embora seja eu devedor, não me sinto em dívida, pois partilho e *nada se deve aos amigos. Partilha da superabundância de alegria comum, de alegria recíproca.* Tenho esse reconhecimento, pois retomo essa consciência de existir. Gratidão também é isso: é não esquecer que existo pela consideração dos outros e, de modo especial, de quem esteve bondosamente comigo por tantos anos. E quero ainda mais exercitá-la, lembrando de tudo cada vez mais!

CONVERSA SOBRE CRIANÇAS AGRADÁVEIS

Faz bem ler o *Pequeno tratado das grandes virtudes* de André Comte-Sponville e *Vidas desperdiçadas* de Zygmund Bauman. Ambos estão me provocando a pensar numa sala de aula como espaço para educar as

crianças a serem seres humanos interessantes através das virtudes. Me agradou pensá-las como pessoas prudentes, justas, compassivas, misericordiosas e, acima de tudo, ternas e cooperativas!

Quais seriam os exercícios para a maior liberdade em torno destas forças? E percebi que o bom espírito nada mais é que a força das virtudes internalizadas. E a graça nada mais seria que o seu resultado. Imagino as ações a serem solicitadas às crianças para serem encantadoras pelo resto de suas vidas. Existe tanta gente saindo deste mundo com um espírito tão miserável que não deixa saudade nem em seus filhos. Assim como existem temas de casa para a criação da inteligência através de um pensamento capaz de reversibilidade, da classificação e de organização por meio de diversas disciplinas. Dessa maneira a disciplina do espírito estaria servida através de convites a que se realizem exercícios sistemáticos em torno das virtudes. Para tanto, é necessária a formação de hábitos por meio de atividades mediadas por intervenções do cotidiano escolar e dirigidas para a prática dessas forças. Assim se formaria a vontade cheia de inclinações para o bem, que nada mais é do que a composição de diversos hábitos, os quais definem as formas perfeitas e imperfeitas de ser e conviver. Me parece que não há como existir sem a convivência que se traduz eticamente pela forma de habitar as nossas casas e os nossos lugares. Gostaria muito de caminhar nesta direção! Acho, portanto, que as convenções resistem a essas proposições. O que penso, então, é chegar à velhice de forma agradável, podendo dizer que vivi intensamente e, acima de tudo, fiz viver a quem amo.

UMA COMUNICAÇÃO MENOR

Parece, às vezes, haver uma espécie de perversidade nas relações sociais. Isso é percebido quando os seres humanos ficam à margem e em situação de risco absoluto. Aqueles que se tornam mais frágeis, por conta da natureza ou por circunstância histórica, parecem sofrer uma espécie de concordância geral em que fiquem postos em situação de desqualificação

e conseqüente desigualdade e sem forças para buscar justiça diante da humilhação, incapazes de qualquer direito sem o auxílio dos outros. Quando aqueles que sofrem em sua minoridade não se manifestam expressando sua presença desnecessária e desvalorizada, todos passam ao largo, rindo como se nada estivesse acontecendo. Parece haver também uma silenciosa concordância daqueles que sofrem a desconsideração geral. E por não haver resistência ou por não manifestarem seu constrangimento, passam a ser percebidos como se fosse natural e a não ter mais consideração. E até Hume afirmou que não seria injusto tê-los em situação de não participar dos mesmos direitos. Andei, então, pensando que seria possível compreender que até Aristóteles tenha sido enganado, julgando que a natureza fosse de tal forma diferente entre homens e mulheres, entre livres e escravos, que uns pudessem explorar os outros sem o menor constrangimento. O que levaria a se pensar que as almas sejam tão diferentes? Seria a capacidade humana de atribuir o ser e a existência uns aos outros? Naturalmente, aquele que tivesse mais poder teria a palavra e a instrução, negando a dignidade e a igualdade àquele que não lhe fosse igual. Isto faz crer, por outro lado, que a servidão humana empobrece até aquele que está em preferência, pois, se alguém é minorizado, o reflexo recai também sobre sua autoridade e, pela reciprocidade, torna-se menor. A integridade daquele que possui mais poder social fica à mercê de uma subjetividade diminuída, uma vez que sua identidade não se furta à identidade que os miseráveis também lhe conferem. Enquanto houver, então, o silêncio das almas inferiorizadas, ele não se torna gratuito. Existem o silêncio e o azar de todos.

PARA A SALVAÇÃO DOS MAIS VELHOS

Vieram perguntar a um gerontólogo por que ele se dedicava tanto aos mais velhos. Ele respondeu com razoável convicção:

Quiseram que eles negassem seu capital cultural e sua possível solidariedade, e eles resistiram. Quiseram que estivessem submissos ao silêncio imposto, e eles não calaram. Disseram a eles que já não era tempo para expressões eróticas, e eles foram dançar e comungar com seus corpos. Eles disseram que não havia mais homens suficientes, e elas expressaram a ternura sem se abater de saudade. E, ao contrário do que vinha sendo propalado, o gerontólogo resolveu descobrir a virtude dos mais velhos, expondo seus direitos a tudo que lhes fosse próprio. Ainda mais: compilou uma série de regras e de imagens que garantissem a visibilidade deles e lhes fosse outorgado o direito de ser em constante mudança para serem e existirem ainda mais. Dizia o gerontólogo: isso tudo é feito aos mais velhos não para se sobreporem a quem quer que seja, mas pra não se pronunciar em vão o nome dos mais velhos. Assim, por aqueles dias o gerontólogo pensou: o ser humano não nasce pronto, mas deixemos que desfaleça pela natureza, e mesmo aí, busque-se, rigorosamente, a concessão de um tamanho ainda não visto pela memória e a vida a serem cultivadas.

CONVERSANDO GREGO

É de chorar ver o que se perdeu, mas aproveitemos o que ficou. Colunas eretas olhando o mar. Lá se foram os arquitetos, mas sua alma se ergue sobre elas. Os ventos levaram a alma de Sócrates, mas as rochas guardam sua lição e os homens e as mulheres dizem ainda: examinemos bem o que devemos fazer! E tomo nas mãos suas últimas palavras: cuidem bem dos meus dois meninos e de minha menina: façam com que examinem constantemente o que fazem.

Os barcos vindos do Egito trazem a maior exatidão e todas as medidas, e o homem comunicou sua própria opinião a respeito de todas as coisas, acreditando ser responsável pela compreensão e renovação das leis.

E Platão aparece acreditando que o amor é assim: feito de uma deusa pobre e de um deus cheio de recursos. Metade é carência e outra metade proteção!

As almas que sopraram e todos os gestos fundos pedem comunicação. Sobre o mar e as múrmuras vagas se consolam o esforço e a bondade que resistem aos espaços inóspitos dos seres humanos. E assim nasceu nossa pobre imortalidade, feita de deusas, de um pouco de ciência e de tantas esperanças!

FINADOS

Partiram sem avisar. A comunhão que se tinha é pouca, fica à mercê das lembranças. Remotas são elas; sobra uma ternura pendente como uma lágrima que secou. Nesse dia a vida parece uma pequena esperança que caminha em direção do adeus! Apagam-se da mente os peregrinos do silêncio. É um pouco triste este início de novembro. Uma procissão silenciosa desenha-se na mente. Aos poucos os amigos falecidos são mais que os vivos.

ESPAÇOS D'ALMA

A alma é também feita de imprecisões e espaços vazios. A consciência dos objetos certos para conhecer e amar é passageira, como uma gripe que faz tremer o corpo. A alma não reclama de seus espaços vazios, mas se alguém aparecer para mostrar essa imprecisão, essa indefinição do ser, se avoluma a existência e, como lebres ligeiras, começamos a reproduzir outros seres semelhantes que correm velozes anunciando a vida por toda parte. A felicidade, então, reside também na descoberta de espaços vazios da alma e pode ser percebida em pés feridos, já cansados.

Não pode haver maior infortúnio que navegar a vida toda dentro do mesmo cais, pois que, por maior que sejam os propósitos e as responsabilidades, não se mata o desejo alegre de renovar os sentimentos que falam da ternura da mesma companhia e de tantos portos visitados! Quem poderá, então, avaliar os caminhos a serem tomados? Quem poderá diminuir a ansiedade de correr com um pouco de criatividade? Quero andar poetando de coração renovado, dizendo e ouvindo palavras de uma boca sonhadora com toda a sua história. Haverá uma comunicação, mas tão profunda, que os anos jamais apagarão os sinais dos passos dados. As palmeiras se renovarão e os pássaros cantarão como se fosse a primeira vez.

Minha alma é feita de uma longa história! Falam em mim os alamanos, os etruscos que enterravam os seus filhos com seus cavalos. Nesta pequena alma cabem os romanos e os gregos e todos os santos da santa madre Igreja e, de modo especial, santo Agostinho que me diz: em tua alma repousa o Senhor, e não terá paz enquanto Nele não repousar. Essa infinitude que percorre meus vasos é feita de saudades e de ausências. Esta é a nossa imortalidade, que aufere vida de uma história diferente e conversa agora, lembrando o que fomos e seremos. Ah!, sim, comporta a alma esta paixão ainda não definida, pois que some à medida que for conhecida! O infinito, enquanto estiver viva a alma, é o seu espaço.

AS HORAS

As horas também têm alma! Algumas delas, então, parecem diferentes por produzirem inspirações com identidade própria. No momento antes de o sol se pôr há uma espécie de finitude que invade a alma e perpassa o corpo. Saudades..., diz o caboclo, agoniado de dor, sem ao menos saber de quem. Há um banzo de lugares distantes. Nesta hora em que a natureza toda se dobra sobre tudo, há um leve impedimento de ser! Há uma conspiração da tristeza e da ternura. Catulo da Paixão Cearense dizia de um lugar onde à tarde a sussurina canta a sua viuvez. Há um sonho daquilo que não fomos e chora a criança em cada um, ao pé da escada,

esperando um consolo. As horas primeiras da manhã são diferentes, mesmo que um plúmbeo céu caia sobre a cabeça. A coragem e a alegria se reúnem às sete da manhã. Um silêncio de águas paradas anuncia a fertilidade dos minutos. As outras horas dependem das circunstâncias e daquilo que se pode fazer com elas! As horas falam, pois.

MEU CUSCO COMUNICADOR

Me olha buscando o que não está em casa! Quer sair e me convida, olhando com insistência! Entendo que esteja cansado deste cotidiano modorrento! Quer novas paisagens! É só dizer: vamos!!! Sai em disparada em direção a qualquer carro que o possa conduzir para longe! Ao entrar se conforta com o vento que lhe esparrama as melenas! Olha as paisagens e briga com os cachorros grandes e pequenos que lhe passam rápidos pela janela! Mal percebo o quanto lhe faz bem o mundo que lhe empresta suas inúmeras faces! Quer devorar as paisagens do verde que se faz em seu olhar e o vento que brinca com seu focinho! Então me percebo semelhante, apenas diferente: que a vida me emprestou a palavra! Então me comove a minha própria pequenez! Apenas divido as impressões que se apresentam ao meu redor com todas as suas pretensões! Sofro mais por saber que tudo se vai; ao contrário, para ele o momento é absoluto! Denomino tudo que se passa com formas pretensiosas e volto para casa com meu cãozinho que mijia em todas as árvores. A vergonha e o medo não lhe assistem nem sabe rezar ou se arrepender.

COMUNICAÇÕES EMPRESTADAS

Ouvindo Brahms, 2ª Sinfonia, repassou-me um desejo insólito de ser ele, filho de uma mulher muito feia, mas carregada de músicas. Ainda mais avancei em meu desejo comunicativo. Quisera entrar em muitas almas

tirando suas percepções e sentimentos. Estava escutando Brahms, 2a Sinfonia. Aí pensei num determinado movimento muito comovente: já pensou entrar nos sentimentos dele na hora em que está enlevado. E como eu escutaria esta música enquanto o extraordinário Metha regia a orquestra. Como sentiria o mundo se pudesse sentir o mundo como Borges sente? Como sentiria o mundo se fosse Santo Agostinho? Parece, entretanto, que, de alguma forma, a alma empresta abrigo, embora reduzido, para todos aqueles que fazem parte da imortalidade humana e que comungaram brevemente de nosso ser.

COMUNICAÇÃO COM A MORTE

Então, o cidadão perguntou a um filósofo irreverente:

O que podes me dizer da morte?

Respondeu-lhe o filósofo irreverente.

Tomai, pois, tento, que ela é motivo de criação dos homens e das mulheres. É motivo infinito de cogitações e comunicação. Vejam, pois, ó cidadãos: Na pior das hipóteses podemos nos resumir naquilo que fomos antes de nascer. Podemos andar e pensar alegremente que, uma vez cansados desta vida, não queremos repetir a mesma história por uma eternidade. Vamos nos despedir como os pássaros ou as borboletas, que não sabem o que lhes acontece. É, então, um mínimo sopro que se esvai! Não tenhamos tanta pretensão, vivamos e morramos como pequenos animais. Eles não reclamam de sua hora.

Céus, alegrai-vos com a eternidade, dizem outros. Músicas suaves e palavras benditas já não necessitam de ouvidos. Um Deus, que perpassa mais nítido, aparecerá em paisagens ainda não conhecidas. Os anjos estarão visíveis e, por certo, mais cuidadosos. Aqui não conseguem governar o coração humano. Lá tudo vai lhes convergir! Uma direção de estrelas guiará outro coração, já não mais aquele que enterraram na terra.

Peregrinos do eterno alegrai-vos que não morreis enquanto filhos e netos disserem as mesmas palavras num projeto de imortalidade. E pequenas luzes se acendem lembrando-vos.

Ainda mais outros dizem: a morte produz uma beatitude estranha. Fica-se por aí sem saber que não se está. É de Borges, que avaliou de um inglês esta religião que afirma que o inferno é de lutadores e o céu, dos generosos. Ainda dizem os espíritas que ficamos como ambulantes, corrigindo os erros passados.

E eu aqui a me debruçar sobre minha alma, ou estará ela debruçada sobre mim?

NÃO ACREDITAI NO CORAÇÃO

Que sabe o coração além das medidas da ternura? Mal se segura no peito e, como uma criança, seria capaz de realizar somente seus desejos. Por ele tocaria a vida alegremente e sem pudor nenhum a intimidade, sorrindo de alegria, sem perguntar sobre consequências. Apreciaria a alegria que povoasse o ambiente. Avaliaria apenas o êxtase de quem ama. Não perguntaria às partes superiores da alma se têm outros desejos a serem ministrados. Agora ainda mais, se este coração encontrar outra criança, ou seja, um coração ainda mais brincalhão, então outras inconsequências podem se suceder. Basta uma hora para se revelarem mil e novecentos movimentos de intimidade. Risos incontidos soarão pelos ares.

Ó homens de pouca fé desconfiai de vossos corações! Deus, a quem deveis obediência, tudo vê e tudo registra através de seus anjos vigilantes!

Portanto, ponde desconfiança em vosso coração, principalmente, quando envelhece, pois, além de não ser muito prudente, não quer perder tempo. Ponde uma prudência na mente de tal forma que dialogue com o coração, por vezes até de forma austera. Mas, pelo amor à vida, não perdei a ternura.

Em tudo subsiste a infinita fonte da comunicação.

AS DORES SE MULTIPLICAM

Meus entrevistados da pesquisa Comunicação e Depressão são cordeiros em longo martírio. Velhos em sofrimento, conversam em torno de seus sacrifícios! O questionário se transforma em diálogo de dores! De Maria ainda soa em meus ouvidos: foi o que sobrou em minha vida: lágrimas e Deus. Mal se punham seus joelhos e sua coluna. Estava tão triste! Um velho pássaro ferido e cujos voos sempre tão pequenos, parecendo um sabiazinho da terra! Sua dor desfiava-se entre sussurros! E dizia por final: sabe que estou melhor depois que falei! E disse-lhe apenas que ela falava muito bem! E que seus filhos eram maravilhosos. Um brilho se pôs nos olhos até então apagados! Uma breve reflexão se fez, em silêncio, como o momento requeria: a dor implantada e antiga jazia sem nenhuma proteção. Menos visível que uma fratura exposta, mas de proporção igual, pois dóia vê-la sem a comunicação. Era Maria uma peregrina de muita oração. Bem que tinha a um Senhor misericordioso, vendo a remissão dos pecados que não possuía. Conversava com seu Senhor das paixões irremediáveis e esperava a salvação sentada em sua velha cadeira, companheira fiel e via um cusquinho de fiel companhia.

DISCURSO PARA A PARA A PAZ

Certos convites me assustam. Deveria falar sobre a paz aos meninos da professora Sônia! Pensei, pela manhã, em como falar aos meninos dela. Meninos de 10-13 anos. Assumido o compromisso, mesmo arrependido, não havia como não ir!

Ao entrar no recinto quem ficou sem paz fui eu. Mais de 200 meninos agitados e havia tanta vida que mal se compunha o controle! Era vida

saindo pelo ladrão! Me senti assustado, o que já não era uma realidade distante como pela manhã! Falar como aos meninos da professora Sônia e do professor Antônio? Se moviam sem parar os garotos! Qual será a palavra que fará parar estes meninos com tanta vida! Me comoveu por vê-los pobres! Mereciam mais, mesmo com todo cuidado da professora Sônia e de outros cuidadores de meninos pobres! Troquei, então, o medo pela ternura!

Comecei meu discurso e eles estavam serenos com a palavra do prof. Antônio Jorge, que os convenceu sobre a importância da atenção. Eles entenderam.

Falei: Saí a caminhar pela manhã de hoje. Preciso caminhar porque tenho um coração que está doente e a caminhada ajuda que ele fique mais forte! Saí a caminhar de manhã a ver se acharia a paz que todos querem encontrar! Fui caminhando. Encontrei um homem fumando! Pensei comigo: ele não está praticando a paz, porque quem pratica a paz cria o bem-estar. O fumo que tragava não promovia a paz ao seu pulmão porque fazia mal. Se o peito dele pudesse gritar, gritaria dizendo: Não faça isso comigo! Esta fumaça está me matando! O homem que fumava não estava levando a paz, porque sua mulher teria pouco gosto de chegar perto dele Quem fuma fede! Talvez seus filhos não o abraçariam porque ninguém gosta de um pai que cheira mal! Assim o homem que fumava não estava levando a paz, porque não estava levando o bem-estar ao seu corpo nem para dentro de sua casa! Então pensei: aí não existe paz!

Fui adiante na minha caminhada: encontrei a seguinte cena: um homem forte e alto estreitava em seus braços uma criança. Havia ternura no jeito daquele pai segurar sua criança! Dava para notar que havia bem-estar na criança! Tinha mais: ao seu lado caminhava sua esposa. Ele olhou para os lados com todo o cuidado para ver se poderia passar, ele, a criança e sua esposa! Pensei comigo: aí existe paz, porque a paz se dá bem com as pessoas que cuidam! E vocês cuidam bem de quem vocês amam? Pois é: a paz cresce no meio de muito cuidado! Sem cuidado, a gente diz o que não deve e faz mal o dia todo! A vida da gente é como uma criança que deve ser cuidada!

E a caminhada estava ainda pela metade. Ventava muito e por todos os lados a sujeira da rua se espalhava! Jornais e folhas de cadernos, sacos plásticos e papelões rodopiavam! Pensei: desse jeito a natureza está sofrendo! As fontes não gostam de sujeiras! Os rios também não! As valetas se entopem e a água nem sabe para onde ir! Aí também não havia paz, porque a sujeira faz mal às águas e a toda natureza! Pensem comigo um pouco! Como eu cuido da natureza? Onde eu jogo o lixo? É verdade, a gente não estraga tanto quanto as chaminés que cospem os gases no ar, fazendo aquecer a terra e aí gerando tufões e tempestades! Sofre a natureza, e então ela não fica em paz! Mas quando a gente joga latas e folhas sem cuidado, está ajudando a matar a vida, que gosta de todas as coisas em seu devido lugar. Cada um é necessário para fazer a sua parte. Dizem que certa feita houve um grande incêndio numa floresta! Os pequenos e grandes animais mal conseguiam fugir, tamanho era o fogaréu! Os pássaros se reuniram e decidiram carregar toda água possível para apagar o incêndio! Até a corruíra de bico um pouco maior que um alfinete voou na direção do rio a ver se aliviaria a floresta do fogo! Chegou o bicudo tucano e debochou da pequena ave!

De que adianta teu esforço com este biquinho pequeno! Não carrega nem um pingão de água!!

Respondeu a corruíra: Eu faço a minha parte!

Com certeza, a corruíra estava promovendo a paz, porque fazia de tudo para que a floresta estivesse bem!

Lembremos: estava caminhando para ver se encontrava a paz!

Encontrei um velho, bem mais velho que eu, esperando o ônibus! O motorista do ônibus parou bem próximo ao velho, que era de origem japonesa! Parecia que o motorista queria dizer: entre, meu velho japa! E o ônibus não se moveu enquanto o velho de origem japonesa não se acomodou em seu lugar! Fiquei espiando de longe! Ele estava em paz e estava indo com todo respeito para onde queria ir! Eu vi a paz na atenção do motorista! Vocês prestam atenção assim quando os professores falam? Vocês prestam a mesma atenção que o motorista prestou quando em casa

alguém fala? Lembrem do motorista que prestou muita atenção para que o velho muito velho, de origem japonesa, pudesse entrar no ônibus! Se fizerem assim, a sala de aula vai se encher de paz e a casa também!

Vamos já terminar a caminhada! Mas vi mais uma cena que nos ensina a paz! Uma mulher cuidava de seu jardim! Olhei melhor! Plantava algumas flores para que seu jardim pudesse florir neste início de primavera! Ela queria colaborar com as cores bonitas e também com a beleza da vida! Ela estava fazendo tanto bem ao seu jardim! Vocês já plantaram uma flor? Vocês cuidam das pequenas árvores? Vocês apreciam o canto dos pássaros? Vocês já prestaram atenção quando a pequena corruíra canta? Acho que até o pardal gostaria de ser ouvido! A natureza foi feita para a gente ter o maior carinho! Cuidar da água, do chão onde pisamos e da terra, com tudo que ela tem, é promover a paz!

Alguém poderá perguntar onde a gente deve promover a paz?

Eu gostaria de dizer que, em primeiro lugar, seria fazer o bem dentro de casa! Cuidar com atenção como o pai que cuidava de sua criança, como o motorista do velho de origem japonesa, como a mulher do jardim!

Tenho uma pequena história de minha casa que me comove! Eu era menino de sete anos! Meu pai e minha mãe haviam se desentendido! Meu pai perdeu num jogo de cartas o dinheiro que minha mãe havia ganho criando porcos! Ela foi comprar roupas para seus oito filhos e deixou a mesma quantia de dinheiro como dívida na loja de roupas para que meu pai pagasse! Eu guardo, minuto a minuto, aquela manhã de domingo! Segurava minhas calças curtas com a mão já que não havia prendido o suspensório de pano, porque estava tomado de medo pela briga! Quando meu pai bateu nas costas de minha mãe, meu irmão mais velho, que tinha doze anos, se pôs na frente de meu pai e disse! Meu pai! Se nós estamos errados, nós pedimos perdão! Mas, se o senhor estiver errado, eu peço que não surre a nossa mãe! Foi o suficiente! Meu pai viu melhor o que estava fazendo! Meu irmão promoveu a paz! Assim também, quando em casa de vocês as coisas não vão bem, pensem, e façam alguma coisa para que tudo esteja melhor! Não pensem que só os pais têm

responsabilidade no bem-estar da casa! Meu irmão tinha o tamanho de vocês!

Onde mais podemos promover a paz? Acho que a sala de aula é um ótimo lugar para promover a paz! Diante dos livros e dos cadernos, diante dos colegas e dos professores, como é que eu posso promover a paz? Prestar atenção e participar e mesmo corrigir o que está errado é produzir a paz! Fazer os temas de casa, pôr os livros com carinho dentro da cabeça. Aproveitar as tardes na Secretaria de Ação Social é fazer, de fato, a paz! Todo momento é momento de promover a paz! A atenção com que vocês prestaram agora ajudou a que eu também me sentisse em paz! Não se esqueçam do meu irmão, do motorista, da mulher do jardim, do pai que segurava o filho com ternura!

Um abraço de paz!

Poderia ter feito isso e não fiz! Acho que teria ajudado se eles pudessem dar o abraço da paz! Deixo isso para a professora Sônia e o professor Antônio Jorge fazer, num dos tantos encontros que têm com a gurizada!

Depois o que eu vi me comoveu. Apreciei como ninguém o quanto é possível produzir a paz no cuidado do canto, da dança e da harmonia da banda! Saí em paz tanto por ver a vida que rolava harmoniosa e vibrante na vida dos meninos quanto pelo cuidado da professora Sônia, do professor Antônio Jorge e de todos os cuidadores de meninos.

DE REPENTE

Ao investigar uma senhora em sua depressão, ela me dizia que estava melhor por avaliar de perto a origem de seu sofrimento. Apenas havia posto o ouvido em seu coração e ela discorria aflita sobre as angústias e de quanto dói perder partes de seu corpo para os anos. Ia se aliviando. Mas reclamava de haver gasto seu tempo com o bêbado de seu marido. De seu corpo e de seu amor sobraram penúrias. Dizia estar feliz por dizer

a um entrevistador com quantos paus se faz uma depressão. Queria falar mais e mais, pedindo que lhe fosse o porta-voz de suas aflições. Ao lado um pequeno cusco roia um chinelo velho e vinha de momento em momento querer um carinho da velha senhora, que se debruçava sobre sua narrativa. Há que se pensar sobre a validade de viver se houver mais lágrimas que sorriso.

COMUNICAÇÃO DE UM PSQUIATRA

Me comoveram os esforços do psiquiatra que atendeu a sua colega Kay Jamison. Assim narra Kay em *Uma Mente Inquieta: Lembro-me de sentar em seu consultório, centenas de vezes durante aqueles meses sinistros, pensando a cada vez no que ele poderia me dizer e que faria com que eu me sentisse melhor ou com que eu me mantivesse viva. Nunca houve nada que ele pudesse dizer; isso que é engraçado. Foram todas as expressões idiotas, desesperadamente otimistas, condescendentes que ele não disse que me mantiveram viva; toda a compaixão e carinho que eu sentia nele e que não poderiam ter sido postos em palavras; toda a inteligência, competência e tempo que ele dedicou ao meu atendimento; e sua fé inabalável em que minha vida valia a pena ser vivida. Ele era terrivelmente franco, o que era de enorme importância, e se dispunha a admitir os limites de sua compreensão e dos tratamentos, bem como reconhecer que estava errado. O que é mais difícil de expressar, mas que, muitos aspectos, é a essência de tudo: ele me ensinou que a estrada de volta do suicídio para a vida é fria e cada vez fica mais fria, mas que – com um esforço inflexível, com a graça de Deus e uma inevitável mudança no tempo – eu conseguiria percorrê-la.* A comunicação realizada e vigorosa resume-se na ligação incondicional do terapeuta em relação a Kay. Me parece, então, que a comunicação absoluta e incondicional é que resolve não somente o desespero de um suicida, mas também o aprendizado em sala de aula, a integração social dos idosos, a boa vontade da maioria dos sádicos, enfim, somos o que os outros podem nos conferir, não pelas

palavras ou discursos, mas pela disposição afetiva daqueles que pretendem educar ou simplesmente conviver.

COMUNICAÇÃO E PEQUENEZ

Estou de olho naqueles que envelhecem, só pra saber de seus desejos. Não careço de ir longe: volto meu olhar sobre mim. Um desejo constante de buscar a jovialidade e a ternura andante nas ruas. Preferencialmente em corpos mais juvenis. Há um sentimento de querer compensar as próprias fragilidades na força de quem anda por aí mostrando um corpo hígido. Um desejo imenso de vencer com meu time e com minhas filhas. Até sou indelicado quando solicito se alguém sabe de um bom lugar para elas mostrarem suas competências. Olho encantado para os verdes de setembro pra ver se renasce mais em mim mais esperança. Há uma infinitude debruçada em minha janela já que a finitude me abraça e não arreda pé. A velhice é chata por ser tão insistente. Não larga um minuto do meu pé e do meu coração, e lá vou eu afastando-a com manias de grandezas projetadas nos seres vivos e nos seres imaginários. Há um desejo de bagunça, um tumulto dentro da alma, já que até agora a direção sempre foi sistematicamente controlada: uma nova comunicação em torno de novidades e grandezas. É o paradoxo dos pequenos.

ANTES DE PARTIR

Antes de partir em definitivo, ou em qualquer viagem, cuidarei de dizer palavras amenas para que não fique a impressão de ser indelicado! A verdade é que o ser humano é frágil e, de comum com essa espécie de animal, tenho demais em conta esta fragilidade que me machuca e faz machucar! Não tenho a constância dos homens retos, embora conheça de perto a austeridade. As alturas me atraem e sou lançado, por vezes, aos

abismos. Meu corpo dói e a morte espreita satisfeita! Talvez que minha alma também fique à mercê deste corpo inconstante e permanentemente em declínio. Luto para que minha alma seja melhor e não sofram aqueles que estão comigo! Digo essas coisas para ver melhor quem eu sou e poder dizer mais suavidades que aguilhões! Então, com todo direito poderei dizer orientações nos momentos difíceis! Enquanto isso, fico no aguardo de minha alma tornar-se melhor por conta própria, pois já fiz esforços razoáveis para que não decepcione quem eu amo!

COMUNICAÇÃO COM A SOGRA

Quando não se tem muito amor ou se anda em baixa, faz bem conversar com a sogra. Vou fazer isso e descrevo os resultados. Pouca conversa. Mas eu a vi deixando uma cesta linda para a empregada. E falava apenas: ela me disse que quer dar pra a mãe dela! Aqui em casa tem outras cestas. Uma só não vai fazer falta. Consolo eterno este de fazer os outros felizes.

BUSCAS PARA UM CONSOLO

Quando a vida se parece muito pequena, surge o desejo de desaparecer. Vem a ideia que pensa: ninguém é obrigado a viver. O melhor que se pode fazer é ficar de boca calada ou conversar com um amigo, buscando-se superar a dor pela palavra amena, que flui da boca angustiada para os ouvidos que recebem generosamente o tenso conteúdo. É bom também repousar sobre o colo de alguém revendo oque-o-como-e-o-porquê, de estarmos tão apequenados quando a vida mal cabe num pequeno copo. Sorver uma água límpida faz bem, pois que, senão for removida a sujeira que nos magoa, ao menos causa boa impressão ao estômago. Por momentos olhar o horizonte pode levar a que, posta a dor na distância, se

amenize a aflição. Também o olhar sobre o verde das plantas jovens e crescentes pode trazer algum consolo: pela identificação com cores e tamanhos pode-se chegar a um estado melhor. Dirigir um terno olhar, em pensamento, à mulher que faz anos comunga de sonhos e desesperos pode arrefecer um pouco o incômodo momento. Era isso que eu tinha a comunicar no momento. Então, pela multiplicidade do amor e sua grande extensão pode haver um consolo alegre até no inferno.

A TRISTEZA E COMUNICAÇÃO

Pode não ser o mais interessante objeto de comunicação, entretanto a tristeza traz consigo elementos de importância para quem pretende dizer alguma coisa para alguém. Este expediente pode comover, porém não se pode repetir muito, pois ninguém suporta ter a constante presença de quadros que entristecem. O ato de buscar um pouco de compaixão pode enternecer, principalmente quando a díade em comunicação for sensível. Mas se houver abuso, a compaixão pode se transformar em sentimento de piedade, e ninguém suporta por longo tempo comiserar-se sob pena de entrar em recesso afetivo. A amizade pode partilhar mais facilmente do sentimento da tristeza. Ambos da díade tendem a se abraçar buscando no momento se sentirem mais protegidos face aos lânguidos gemidos da tristeza. Mesmo diante da morte, com um pouco de boa fé pode-se achar que a vida continua, já não mais praticada na mesmice. Assim rezam os atos de fé de tantas crenças. É bom que assim seja para que não se passe uma eternidade sendo o mesmo e fazendo as mesmas coisas.

COMUNICAÇÃO E AMIZADE

A sinceridade preside na grande amizade. Nada pode ficar oculto ou ocultado. Nenhum fantasma pode ficar na escuridão! Nenhuma dor pode

ficar sem o devido cuidado! Nenhuma lembrança e comportamento podem ficar sem sua narrativa. O rosto triste, cansado ou envergonhado terá sua fonte para se lavar! A amizade empresta o silêncio reverente quando a angústia se instala na voz do amigo ou da amiga que quer falar! Nenhuma alma ficará solitária com seu conteúdo se tiver um amigo para escutar! No casamento ou em qualquer arranjo mais íntimo, o casal, por perceber fragilidades no companheiro ou na companheira, pode ocultar partes menos interessantes! Entre amigos não! A amizade é a mais nobre das relações, pois, quanto mais se abrem todas as portas e tudo se torna recíproco, mais podemos dizer que existe a prática da amizade! A amizade ainda não se plenificou enquanto cada qual apenas fica mostrando o lado dito o mais divino. Na amizade verdadeira e sem cera, os demônios têm vez, pois pela amizade ficam serenados e se transformam em seres sensatos! E os fantasmas, à luz da amizade, se transformam em paisagens ou figuras aceitáveis! Os amigos emprestam todo seu ser e, assim divididos, comungam da paz e da certeza de que vale a pena viver. Cada um segue seu curso, sabendo que os acidentes podem se tornar um caminho generoso quando se estender na alma do outro! Os amigos não podem se amar pela metade! Não pretendem o corpo, pretendem a vida! Somente na amizade pode haver a comunicação absoluta! Vou falar todas estas coisas para os matemáticos, a ver se me dão uma fórmula pela qual se possa traduzir a força da amizade!

CONVERSAS COM MINHA AMADA

Escrevo somente a ti estas coisas e saiba que existe um consolo em minha existência: a tua existência. Sou menor, por vezes, que uma planta pequena; outras, semelhante a um pássaro ferido. Entretanto, por saber-me em suave amor, me sinto um cedro ou uma carnaúba, como em Alencar: onde canta a jandaia em suas frondes. Não fossem as palavras, ficaria como uma planta que não cresce. É isto: sou pouco, mas debruçado

em teu ser sou quase uma montanha! Velhos anos nos fizeram amar o que não se pode perder.

Em tudo se põe um calor antigo como um fogão à lenha que acolhe os filhos nas conversas animadas. Em tudo se debruça esse amor que envelhece, e as circunstâncias circunscrevem palavras boas e alimentam a vida de quem já provou o que significa amar dia a dia. Amar sonhos distantes é fácil, mas nada como andar sob as árvores, falando dos filhos que sonham e sofrem em seu cotidiano. Essa amável ligação nos protege! Ainda que frágil e tênue, é mais forte que a morte! Fico a esperar o momento certo para ser transparente como a água da fonte! Que o anjo celeste, autor das fragilidades e das fortalezas, possa nos pôr em ordem. Então, caminharemos solenes como os grous, que migram para encontrar o seu lugar! Vejo, então, a comunhão: um desejo qualificado de pertencer e fortificar no ato de ser, dizendo: minha amada, nada se qualifica sem você. Tal laço faz estremecer o corpo como possuído de uma energia. Uma onda de estremecimentos na comunhão de ideias, um vigor suave que faz declamar poemas e cantar sem voz. Retornam as memórias para conspirar a favor de mútuas invasões. É quando flui o verbo de um para o outro e se acendem luzes muito claras ou apenas pequenas lâmpadas iluminam a alma. Ou, por vezes, uma palavra se mostra fértil ao acontecer o milagre de tantas outras, as quais se transformam em ações que decidem vidas.

Não se é, nem se existe, senão mediante a extensão nas almas de um a outro. Ora a profissão, ora a poesia, ora o silêncio, ora o suspiro, ora apenas o desejo de dizer de um encanto qualquer. Pouco vinha em meu socorro e precisava dizer desse vazio para me confortar em alguém que estivesse satisfeito. Assim é: nossa alma se estufa sob o sopro; conseguimos sobrevoar sobre nossa própria ausência. Aí ficamos abraçados, cada qual sendo o que é na proporção da comunicação: quanto mais afáveis e densas de significados as presenças mais sentimos que a vida vale e que a bondade é um privilégio. E tem pretensões infinitas de ser. Não há carência de se terem visões solares como as tinha Dante. Basta uma visão humana tão simples como a brisa. Não se tenham

em demasia objetos, nem alforjes carregados. Um alimento como pão de milho, uma água pura e um pequeno amor. Uma tarde basta quando cai o sol, com o que se perde a nitidez das coisas. Então se revelam seus mistérios e fica um pouco triste a alma, pois que de um pouco do infinito se carrega o peito. Vou tecendo as horas mais serenas, como quem conversa para ver feliz. Uma comunhão de estrelas se revela, então, nas horas destinadas à visão conjunta. Um pouco de ternura brota nas palavras ditas sem a preocupação de grande coisa. Um fio de luz nos reúne.

Há um sonho pendente dos ramos da jabuticabeira. Tenho como um campo o tempo pelo frente. Em cada palmo pode nascer um crisântemo, uma nova árvore, que dará frutos em anos vindouros, com frutos em veludo. Criei vaga-lumes para iluminar os postes e cigarras que vão cantar ao meio-dia. Para enxugar as lágrimas importarei da China uma árvore de papel e plantarei no quintal. Erguerei uma casa para a festa de meus amigos. Porei um banco na frente para olhar o horizonte. Vou afofar a terra para plantar palavras que iluminarão as almas. Os mais velhos sentarão no meu pátio e aprenderão sorrindo. Do resto dos meus dias plantarei uma mata para os animais ferozes se esconderem.

Sento ao teu lado e imprimo em ti tudo o que um ser humano pode conceder ao outro. Somos frágeis, por mais que queiramos expor nossas forças.

Não somos como as montanhas que acolhem todos os ventos de forma imperturbável. O fio de nossas conversas e ações é como um pequeno riacho: não toca a roda de um moinho. Fico a te dizer coisas pequenas que possam te fazer bem, falando de nosso cotidiano como se falasse da eternidade. E é isso mesmo: a minha e a tua eternidade são breves, embora carreguem tantos passados de tantas gentes. Comungamos, então, do pouco que podemos conceder. Se o riacho não serve ao moleiro, pode, porém, servir ao pescador que pesca o pequeno peixe, enquanto se abriga sob uma grande árvore cujas raízes retiram do rio a água necessária. Por isso, sento-me ao teu lado e me abrigo em tua suave presença, enquanto colhemos sem grandes pretensões o que cada um pode oferecer. Essa terna comunicação ninguém pode substituir, pois que

perfazemos uma paisagem que não pode ser afastada por nenhuma outra, por mais sagrada e eterna que possa ser. Deixa o meu existir fluir contigo um pouco mais, que assim, correndo, pode chegar ao mar, onde, tu acreditas, se reúnem todas as águas e os grandes pescadores. Mesmo que a casa seja nossa e nos veja envelhecer cheios de cuidados por tantos anos, é aí que fazemos o nosso milagre de viver.

SÃO MILTON CAMPOS

O direito à comunicação e o modo de fazê-la não podem ser afastados de ninguém. Me encanta o que o governador de Minas nos ensinou, posto o que nos diz Drumond: foi o governador que não só lamentava não poder falar mal de seu governo, como admitia que seus correligionários o fizessem... Não tinha um conceito abstrato de liberdade: queria vê-la garantida na vida social e na vida do cidadão. E fica claro para todos, mediante tal exemplo, que se divulgue abertamente o direito à ternura e à comunicação. Nenhum velho acamado fique sem o direito de falar. Que seu cuidador possa trazer todas as novidades para que a casa não fique em silêncio ou para que não se pronunciem dia e noite as mesmas palavras. Viva o governador Milton Campos!!!! Se eu fosse papa canonizaria o santo homem. Canonizo assim mesmo. São Milton, rogai por nós, que fazemos tanta gente ficar quieta no seu canto. Fazei que falem todos os quietos, que falem mal do governo com todos seus ladrões!

O QUIXOTE DE MENARD

Borges faz um grande elogio a Menard: aquele que reescreveu Quixote, e depois de tanto esforço com mil correções, pegou tudo e lançou fora, mas parece, no dizer de seu admirador, que conseguiu deixar algumas ideias brilhantes, mesmo que esparsas. Acredito que tenha entrado em

depressão ou até em Alzheimer. Não lembrando o que fizera, lançou fora pensando ser lixo. Mas em tudo jaz o infinito desejo de ser com os outros. Entendeu que fosse tão perita a obra de Cervantes que bastaria imitá-lo para chegar à perfeição. Aí, no meio desse movimento em que os homens se reúnem falando e falando, vão tecendo seus princípios e seus fins. Choram praticamente pelas mesmas razões e se debruçam como loucos em seus objetos de paixão também pelas mesmas razões. Ainda gritam bem alto que encontraram a verdade, a justiça e a beleza. Se abraçam nas mesmas conquistas. Passados mais alguns dias, já resolvem que a verdade, a beleza e a justiça moram noutras explicações. E assim vão falando, peleando, juntando preces, e parece que encontraram a salvação. Menard, ao rasgar todas as páginas de Quixote, queria que cada qual encontrasse o seu Quixote. Eu também quero tão pouco: o sonho, o cavalinho que andava de castelo em castelo, um amigo gordo e a colona que ele tinha por rainha. Mas não, fico na minha, com minha casa e todas que nela habitam e uma verdadeira mulher, que me ajudasse a ler o mundo e esta história, que contém toda a verdade, a beleza e a justiça. Andarei assim pelos caminhos ao encontro do Senhor, minha derradeira comunicação.

PEDRA E AMOR NO MEIO DO CAMINHO

No meio do caminho sem sentido, em que a minha retina se cansava...no meio do caminho sem sentido...só uma pedra. Que tudo se perdeu na estrada infinda. Só a pedra ficou sob o meu passo. Assim falou Drumond, que só tinha uma pedra em seu caminho. No meio do caminho Dante tinha outra imagem, Beatriz fora seu nome, que lhe voltava os olhos de ardor divino, a ponto de quase perder o domínio dos sentidos. No meio do meu caminho vem a amizade, que faz lançar distante a pedra do caminho, tendo a luz que de Beatriz provinha. E fico com a história já feita no meio do caminho, sem perder de vista trinta anos de amor no meio do caminho.

O DELEGADO SAMPAIO

Drumond de Andrade narra sobre um delegado Sampaio: *Ainda menino, eu sentia vagamente a tristeza de sua vida forçada a comprimir aspirações intelectuais no âmbito mesquinho e antipático da delegacia de polícia.* Tocou em mim a ideia de que o preso de Itabira era o delegado, pois que, amante das letras e possuidor de sensibilidade, teria constrangimento em prender um criminoso. Faria como minha amável sogra que ao se deparar com um ladrão, interrogou solícita: o que o senhor deseja? Como o ladrão não soube se expressar sobre sua presença inoportuna, solicitou minha sogra que tivesse a bondade de se retirar. Assim fez o ladrão. Como Sampaio, imagino que ao prender um bandido, solicitaria que não praticasse mais esses atos, pois que a bondade humana estaria sendo ferida com tais irreverências. Solicitaria, então, que o criminoso estendesse suas mãos para que procedesse ao ato de captura. Entendo que pediria desculpa por estar procedendo dessa maneira, afirmando: mostrarei meus livros e te mostrarei histórias encantadas na prisão. Verá, os dias passarão ligeiros, e você sentirá novamente o sol sobre seus ombros. Farei de tudo para que estejas bem!

Existem muitos sampaios que em razão de profissão, religião, compromissos anteriores e circunstâncias outras ficam sem poder revelar a sua mais íntima vocação, nem ao menos revelar seus mais densos desejos. Somos, então, prisioneiros de nossa história e condição. Assim como o delegado não pode revelar a delicadeza literária, o pastor não pode abraçar mais demoradamente uma fiel, o professor a uma aluna e o vigário, louco para dançar, fica advertindo os perigos da lassidão. Em nome de sua condição escolhida ficam olhando as oportunidades de toda ordem como se fossem cavalos proibidos de montar. No máximo, ficam praticando ações substitutas: como os mais velhos que se envergonham de amar ou o pai que, em nome de sua austeridade, fica guardando beijos para a eternidade. Ficam continentes de seus mais profundos desejos, fazendo pouco em nome de promessas feitas.

DESEJO ETERNO

Há um vazio intenso dentro da alma: um infinito se esconde e, por mais que se lhe dê alimento, quer devorar ainda mais, sobrando essas ausências, que em alguns dias especiais se tornam mais intensas. Buscam-se, por conta deste ser devorador dentro da gente, todos os livros, todos os professores, todas as notícias, todos os sonhos, todo o esforço comunicativo, e até Deus, que é infinito, põe-se a serviço deste ser que pede mais e mais, cada vez mais. Acho que envelhecer, lá pelas tantas, é a diminuição das forças deste ser e um apagado sol da manhã já satisfaz. Há uma nostalgia pelo que se foi e um parco desejo de ainda ser. Olha-se para frente, encurtam-se os dias. É quando o ser devorador se acalma, vendo que não dá mais tempo para ter o que ainda falta. Com pouca autoridade ordeno a este ser devorador: fique assim, que já está de bom tamanho. E começo a chorar porque diminuem os encontros e, como um pobre Lula, não acabei com a fome. Aparece aí um novo ser de nome devoção! Amiga da contemplação e com ela me reúno com os pequenos seres que o dia me traz! Enquanto assim se sucede ponho dormir o ser devorador e me reúno com meus pensamentos, e até converso sobre o sexo dos anjos e contemplo a suavidade das horas.

MEMÓRIA DE UMA TARDE

Cai a tarde como um pensamento triste! Não sei se devo consolar ou buscar consolo. Ou tudo se prepara para uma terna comemoração de sexta-feira! Que não ouça tal coisa a segunda-feira! Dialogo com essas horas perguntando-lhes se são desse jeito porque traduzem o final do dia. Ou se anunciam dizendo que a última tarde que se fará não demora tanto. A quem darei os últimos afagos e a quem pedirei o último perdão?

Esqueci a ternura pelos cantos? Aí, menor e amarrado, sinto as horas penetrarem um coração que mal se aguenta! Ou me dizem que estou virando, pelo tempo, um artefato de poucos recursos. Como na tarde, em mim também a luz se apaga. Não reclamo, pois que na penumbra ocorrem os mais ternos desvelos! Todo carinho tem sua tristeza, imitando a tarde, brigando com a distância e a ausência, mas querendo sempre um amor ainda mais profundo, tendo o desvelo de quem espero ao final da tarde.

POEMA RÁPIDO

Quero te dizer agora que a aventura maior é este convite à poesia. Uma espécie de devoração do momento. Tão forte o azul acontece que sumimos e somos a cor diáfana do céu. O mesmo é, de repente, uma voz não definida: um pouco mais que o movimento do ar. Então, somos o ar. Um balanço lento da amoreira querendo respirar. Um Bach distante, desesperado, dentro da catedral com seu órgão solitário. Esta amável lembrança sobre mim e morrer quisera nesta evocação e, quando me acordasse, houvessem se passado 2000 anos. Diria então: como é ligeiro o tempo do amor! A esposa amável em seu corpo, cuidado pelo cirurgião que modela as formas largas, brigando com a natureza! Poesia da Samanta que se desdobra sobre a dor dos professores: assim passam os ensinantes tristes, pondo as mãos nas costas enquanto ensinam. E eu aqui tentando achar poesia sobre esse teclado cinza!

ESTÚRDIAS COMUNICAÇÕES

Já a palavra estúrdia indica um adjetivo de algo estranho, bizarro. Existem formas comunicativas que parecem seres imaginários, frutos de uma mente em convulsão. No momento me vem à mente o louco amor de Gabriel, em *Memórias de minhas putas tristes*. Um velho que busca dar-se

um presente nos seus noventa, tendo uma virgem como primícias deste novo tempo. Rosa lhe dá uma virgem de 14 anos. Um amor das distâncias: certo, um elogio à velhice, mas entendo que mais se faria um homem de noventa com uma virgem de, ao menos, vinte. Ou, quiçá, uma mulher de trinta, capaz de estúrdias evoluções. Estarei, nessa crítica, apelando para o absurdo da escolha ou me inclinando ao seu desejo? Mas, de toda forma que se olha o cenário de um velho se esgotando sobre um corpo púbere, fica-se a afirmar sobre a absoluta necessidade de cada um se haver com uma intensa promoção de seu ser, mesmo que esteja se evaporando com ares de pedofilia.

A DOR E A COMUNICAÇÃO DIVINA

Acendem-se as velas. Rezam contritos os pecadores. Uma certeza existe: a perfeição se transfere ao supremo e a paz retorna para a casa. É preciso comunicar a imprecisão e pedir o consolo da retidão. Não se aceitam as inúmeras interferências das circunstâncias como desculpa para a indecisão. A vontade particular pode ser anexada à divina e revela-se um pouco de tranquilidade. E diz o padre sobre o adolescente e o velho que a exuberância ou a chama que se apaga têm o mesmo destino. A simplicidade se converte em patrimônio e o gesto curvado da impotência tem sua profundidade a ponto de as lágrimas lavarem o rosto de quem reza. Ninguém mais ficará à mercê da solidão: o infinito possui as almas sofredoras. Mais uma vez as lágrimas são tomadas pelo amor que definitivamente consola. O desespero não mais assola, tendo-se a infinitude por consolo.

A INVENÇÃO DO PODER

Parece: quando pouco se é, sobra sempre o sonho de ser! Dizia-me a velha que mal podia caminhar e era quase cega: sobraram-me as lágrimas, mas tenho a Deus. Bem como os velhos religiosos vendo a morte entrar em casa como uma égua doida. É poderosa, mas Deus é maior, e com Ele vão confiantes, entregando o corpo. Quando parece que tudo se põe a perder, entra em cena a bela fantasia, vivendo o incurável. Quando o corpo silencia, em partes que antes se pronunciavam vigorosas, fala alto o inevitável ponteiro, eis que surgem as lembranças melhoradas e ferve ainda o corpo encantado pela alma. Basta alguém dizer que os cabelos brancos revelam o poder dos sábios pra acontecer o imponderável: dois seres, um mais pobre que outro e um prestes a morrer, entendem que nunca foram tão felizes.

AS MEDIDAS DO CORAÇÃO

Gabriel foi embora de trenzinho, vagaroso como a marcha de um cavalo cansado. Ia mais a antiga puta, que tantas vezes estreitara ao peito. Juntos com o silêncio das lembranças. Uma vida, mais que uma esperança que caminha, é o resultado findo em lembranças. Assim faziam os dois. Velhas e rotas as memórias e um pingo de alegria advinda da solenidade do mar. Nada mais tinham a dizer que apenas uma ternura distante que insistia em repousar. Passageira é a hora dos amantes, mas quem há de perder? E sobre os momentos de túrgidas alegrias ainda tinham o que dizer. Mesmo que pouco, come-se o pão que se tem.

SOBRE A RESSURREIÇÃO DE UM ANJO

Quando as horas ficam amargas, é bom pensar sobre a ressurreição dos anjos. Embora não saiba de suas expressões, tentarei fazer uma oração para o ressuscitador de anjos. Em nome de um carinho mesmo distante que ele me trazia, traga-me de volta este anjo dos anos de minha infância. Se estiver sentado à sua onipotente direita, faça-me o favor de devolver. Em hora propícia, faça com que apareça nem que seja na penumbra das horas, na hora do entardecer. Sei que descem para ajudar aqueles que penam. Mostrarei uma face serena para não pensar que agonizo. Não estarei alegre para não pensar que não careço de consolo. Quero me comunicar com quem anda por onde caminho. Devolva o anjo das peregrinações dos anos carregados de fé. Que tenhamos as pérolas dos instantes.

DA AMIZADE EM OFERTA

Quero ser um amigo que não devore os momentos e a alma de quem eu amo. Quero imprimir tal sabor e tal vibração que seja parte da imortalidade. Quero que a pessoa que eu amo possa ser como o telhado e o assoalho da casa onde a sua vida se desdobra. Não quero, em momento algum que me perceba, mas que, mesmo sentado numa cadeira, possa agradecê-la quando espreguiço meu corpo cansado. Quero que não pense em mim em momento algum, mas que todos seus momentos sejam como se os objetos e as pessoas de sua comunicação sejam carregados de minha parca infinitude. Não quero uma amizade que deixe um sentido de quero mais, porquanto é boa enquanto serve como a mãe que cumpre sua tarefa com a maior naturalidade. Quero ser como a amizade de uma mãe já falecida, que está presente na palma da mão e em cada suspiro. Faz parte de um passado carregado de vida e da vida que nos carrega. Quero uma comunicação suave como um vôo de pássaro e um sorriso sincero.

FRÁGIL COMUNICAÇÃO

Estou ficando velho e, por isso, busco uma casa para guardar minha alma. Me alegrei em querer a imensidão e, agora, ao sentir que o tempo se esgota, quero algum lugar que valha a pena deixá-la. Já não admiro seu poder e suas virtudes como a compaixão, mas ainda é minha. É o que consegui. Nela me concentrei como uma criança que brinca e como um adulto muito esforçado. Não quero ficar triste como um pássaro que não voa mais. Quero deixá-la num coração que possa preservá-la carinhosamente. Nem ao menos sei se tenho o direito de ocupar um coração para impor meus mistérios. Quero um diálogo capaz de me consolar.

ENTRE A MELANCOLIA E A ALEGRIA

Nestes dias de inverno, próprios para a meditação, me chegaram de surpresa ideias que podem explicar parte de nossa alma. O primeira provem do livro proibido de Ecco: *O Nome da Rosa*. Fala a lenda que o livro continha o sorriso e a alegria, e quando fosse descoberto e lido já não haveria mais a necessária fé para segurar o desespero. E os homens já não necessitariam temer tantos demônios. A segunda provém do livro de Cordás ao tratar sobre a história da depressão. Traz, de relance, o testemunho de Paulo Zacchias, médico de Inocência X. Na opinião dele não existe distância entre a melancolia e o demônio. Afirmava: o Demônio se compraz com o humor melancólico... *“o demonopata é uma criatura que, em virtude do estado melancólico é possuída pelo Demônio que dele se serve como objeto”*. Fico a pensar em Hipócrates que me diz serem os regimes mal feitos do movimento e dos costumes aqueles que distorcem o corpo e a alma. Aprofundo minha parca teoria dizendo que, em última análise, os seres humanos ficam abatidos e a mente fica consternada quando perdem a comunicação, ou porque, simplesmente, a função

primária das vias nervosas não consegue dar conta daquilo que se passa no pensamento e nos sentimentos. Quero, então, meu corpo inteiro, os ventos, e um ser humano para me fazer sorrir. E, nas despedidas, algum anjo brincar com o sopro que sobrou.

PEQUENO CANTO E FLORES FORA DE HORA

Com o calor extemporâneo deste inverno, ouvi a corruíra cantar, dando a entender que as horas não são o único indicador do que fazer. Bastam as circunstâncias, que a direção já pode tomar novo rumo. Dizemos, então, palavras melhores, pois ousamos mover nossa vida para novos ventos e novos cenários. Mas ainda se faz inverno e a corruíra se equivoca a respeito de suas pretensões. Poderá silenciar e seu pequeno canto amoroso ficará pendurado nos ramos sem a devida conclusão. Entretanto, ninguém poderá acusar o entusiasmo dela, pois se cantou foi para dar continuidade à comunicação, que é de sua natureza. Comoveram-me também as flores do pessegueiro: mal apareceram os suaves calores e lá estão elas cheias de esperanças, sem saber que ainda não é seu tempo. Morrerão no primeiro frio: as pobrezinhas não sabem de cor os meses que se sucedem. Espero, porém, esperançoso, que voltem rápidos os dias de calor, que é para que o túrgido corpo do pequeno animal dê sequência às suas intenções e as flores ofereçam seus pêssegos maduros.

DA PALAVRA VIRTUAL

Confesso-me pequeno diante do que está por vir, mas a comunicação pode assumir proporções compensatórias. Poucos, porém, terão a sorte de estar uns dentro dos outros em movimento de palavras e gestos. Para alguns, porém, as almas já não necessitam de fios para estarem juntas. Contrariamente, as crianças chinesas de uma aldeia diziam: as palavras

ficarão mais bonitas com o giz colorido que ganhamos. Agora já não usamos quadros e giz para dizer as ideias que fluem e os sentimentos que se precipitam. Só não sei se saberemos dizer, como as crianças chinesas, as melhores palavras ou se elas poderão controlar o movimento certo de nossos corações. Este turbilhão de oportunidades pode arrefecer o cuidado das palavras que se fazem junto às lareiras ou junto às mesas onde fazemos nossas refeições. Então, falamos e falamos sem poder tomar conta de nossa intimidade, que é dita a distância. Ficamos à mercê das palavras como o barco à mercê do vento, sem saber ao certo aonde chegar. Que exista sempre alguém para escrever com seu giz colorido e alguém para ver bem de perto!

DIA DO AMIGO

As esperanças ficam túrgidas quando se tem alguém para amar. Não importa se amanhã a morte nos espera. Importa que hoje se possa confessar a alguém que o dia é maravilhoso, embora frio. Primorosas são as horas desde o amanhecer até que se ponha o sol. Então, pelo resto do dia fico a dizer para todo mundo que você contém o sol e a lua: o sol para aquecer e a lua pra sonhar. E eu fico a compor meus mosaicos como nas catedrais e, nessa composição de vidros e cores, espero conter a salvação. Me calo neste instante para ouvir alguém que queira comungar comigo de um movimento que jamais se repetirá. Mesmo que fale ao vento, dou graças ao Senhor, tenha ele o tamanho que tiver. Espero não ser pouca coisa, pois quem faz emergir leis tão seguras não pode ser apenas uma ilusão. E assim fico sabendo que posso confiar na vida por passageira que seja. Tenho, pois, a certeza de ter na minha casa o suficiente para o resto de meus dias. Se houve um sofrimento, o que importa é que se renovaram os dias.

AS POUCAS FLORES

Vejo poucas flores no pé de Quaresmeira, bonitas e vigorosas. O frio não lhes diz respeito. Em janeiro punha flores, e tantas eram que nelas as folhas desapareciam. Veio o outono e suavizou-se o entusiasmo exuberante. Vejo nelas a perfeita comunicação de uma intenção profunda de existir. Aprecio mais essas flores poucas e resistentes que todas aquelas que em janeiro e fevereiro disputavam os espaços na ramada. Saio de manhã e de tarde e olho ternamente a cada uma delas e nelas me retrato. Também me surpreende o inverno e, por não serem tantas minhas virtudes, recompenso minha debilidade na coragem da quaresmeira, que não desiste de me mostrar suas extraordinárias flores. Ainda mais: a comunicação da quaresmeira não renuncia à minha admiração, e eu lhe empresto minha palavra, bem como fazia Calvino pra fazer falar o que não tem palavra: o pássaro que pousa no beiral, as árvores no inverno, a pedra, o plástico e o cimento,. Falo a quem possui a doce palavra. Penetro então em sua alma e divido essas flores poucas e corajosas. E minha amada me diz também poucas palavras, deitada sobre meu peito.

PARA LER MELHOR TODAS AS INFORMAÇÕES!

“Ser consistente, duvidar, inquietar-se com o que nos é afirmado – é esse o aprendizado mais difícil e absolutamente necessário neste momento em que somos estimulados a nos conectar com o mundo num só instante, a abrir hipertextos, que sempre se abrem a outros, a outros mais, infinitamente, textos que nos chegam de todas as parte do mundo, a ponto de já se falar em direito à não-informação. A saturação das coisas ditas e a impossibilidade real de nos enfronharmos de todas elas exigem habilidades novas de todos nós: não apenas a habilidade de lidar com uma outra gramática, a gramática digital das sofisticadas máquinas a que temos acesso, mas a recuperação da boa e velha habilidade de discernimento,

de arrumação de dados, de prioridade e, fundamentalmente, de coerência interna com nossos projetos pessoais e sociais. Ao mesmo tempo, exige-se a atitude da dúvida permanente em relação a tudo o que afirmamos como verdade, mesmo que provisória”. Isso nos fala Rosa Fischer em *Formas de ser e habitar a contemporaneidade*. E o título revela o quanto é difícil ficar à mercê das informações, pois a velocidade nos arrebatava a ponto de não se saber ao certo quem se é e quem é o outro. Rápidos entram, em nossa casa, paixões, roubos e mortes, e os personagens dividem o tempo e suas emoções convidando a que sejamos seus dependentes, e ficamos. O púlpito é outro a dizer suas verdades. Ninguém mais nos toma nas mãos e nos olha nos olhos. Ficamos prisioneiros de imagens distantes, e o pessoal da casa passa sem saber para onde vamos. O vigário é outro: antes nos advertia sobre os pecados e seu púlpito tremia e tremiam os cristãos: lá estava ele, mesmo escondido em enorme aparato das vestes, ouvia-se sua voz que repercutia na nave. Todos, um ao lado do outro, devotos, ouviam. Agora um pequeno púlpito e toda a gente desconhecida a nos fazer apelos os mais diversos, e ficamos como pequenos barcos ao sabor do vento. Mas ainda julgamos que somos um pouco mais que um inventário de objetos.

DA TERNURA FINAL

Na comparação entre o que se foi e o que se é, para muitos velhos, fica esta grave decepção sobre o corpo. Sufoca-se uma prolongada alma. De madrugada ele anuncia as dores, que permanecem quase sempre constantes. Aos poucos se suaviza a alma, como um peregrino cansado, e fica-se à mercê das despedidas. Isso também é percebido por Kawabata quando faz deitar seu velho com meninas adormecidas para não saberem o que estão fazendo. É o texto mais doloroso sobre a velhice. Prefiro as putas que sorteiam e fazem esforços acordadas. Em Kawabata elas dormem em sono profundo, entregando seus corpos porque sua alma não quer ver de perto o que lhes acontece. E ainda, num fascínio triste, fico a

ler o sofrimento do velho da casa das meninas adormecidas. Penso também sobre o velho de Kawabata e reflito: prefiro o silêncio do corpo ao sono das putas.

PALAVRAS E O DOMÍNIO

A revelação é sempre dada através de palavras e de poucos toques, como se os corpos fossem extremamente perigosos. Fica-se conversando: as palavras fluem e os desejos ocultos, perfeitamente dominados. Surgem em revoada os preceitos e os respeitos. E se mostram os pequenos feitos e defeitos. E conversa-se como desculpa para estar frente a frente. Lá fica quietinha a ternura, que brilha nos olhos e se revela apenas num delicado abraço. E conversa-se. Palavras, feito um jogo de dominó onde se movem as pedras na intenção de um jogo. Apenas se diferenciam as palavras das pedras: na conversa, neste tecido de palavras, não se pretende dominar. Elas rolam como água que lava suavemente e tiram a sede de estar juntos o quanto permitem a lei e os poucos desejos concedidos. E digo como Marisa Eisirik:

E da minha boca cessa o canto

Esta espécie de acalanto,

Que em seu afã de dizer,

Vai trazendo, enfim, algum prazer.

Mas agora sinto já um passo diferente. Um encanto começa a devorar minhas horas, pois que a gratuidade dos dias me traz um amor sereno, que sobrevoa minha alma como pombos que querem pousar na grama.

MEU DEUS PORQUE ME ABANDONASTE?

Deus, em verdade, ficou sem comunicação. Nenhum cristão, porém, ousou julgar o grande medo de Cristo. Um medo soturno: o medo do abandono. Fico a pensar sobre o constrangimento de Deus pendurado sobre uma cruz, respiração sem ar e febre nas carnes rasgadas. O varão do abandono. Ninguém o acudia no suplício, mas esperava de um braço divino toda a proteção. Ninguém providenciava qualquer palavra protetora. Uma mãe chorosa e uma esposa sem dizer uma palavra de socorro. Sem saber por que morria entre ladrões, pois que nunca roubara um peixe de um pescador ou uma ovelha dos campos de Jericó. Talvez constitua esse fato o maior consolo de um homem. Se ainda estamos vivos, temos uma casa, como num ninho macio, dividimos uma prosa, enquanto alguém estremece de prazer por nos ouvir. Se nos sentimos melhor que Deus em esgares de dor e abandono, então, estamos a salvo. Quando estiver próximo o último sopro, não mais choraremos, porque se Deus gritou de desespero, quem somos nós para querer mais quando estivermos tão profundamente solitários e ninguém pra nos acompanhar?

BUSCANDO AS COISAS PERDIDAS.

Mais que a dor, na perda de qualquer coisa, chega a vontade de dizer: escutem: eu ainda existo? Acontece uma exclamação e logo, a seguir, um silêncio que busca uma nova habitação para proteger-se do vazio que fica. Surge a escolha de algo que possa nos dizer: eu quero ter de volta minha oportunidade. Abraço o que me era caro e ausente, falando aos meus amigos: consegui para mim o que me faltava. É quase tudo que se pode dizer sobre o que importa para sermos um pouco melhores. Falo assim quanto aos objetos, sonhos e pessoas que se perdem. Mas, muito mais, podem-se encontrar jeitos outros de ser com aldeias e com as horas lembradas e que falam de sombras e despedidas. Recordo, agora, Borges:

A cidade, às sete horas da manhã, não tinha perdido este aspecto de casa velha que a noite lhe infunde; as ruas eram amplos saguões, as praças como pátios, o que leva a crer, de forma absoluta, na necessidade de se terem constantes referências. Como os galhos de uma pequena floresta, uns se sustentam nos outros. Ainda mais se pode dizer sobre os espaços que nos sustentam. Lembrá-los ou tê-los leva a que fiquemos firmes e inabaláveis. Aí estamos nós, como as árvores de raízes fundas: fincados no chão, tendo ninhos que balançam. Como dizia minha filha em profunda dor: queria estar no colo de alguém e chorar, ela por ter perdido uma oportunidade. Preciso me comunicar: ao menos tenho a tela de um computador, que me faz ver nas palavras a fluência das ideias que outros me concederam. As ausências continuam dentro de mim. Alguém pode me ouvir?

COMO DIZ SPINOZA

Apliquei-me escrupulosamente, não em zombar, deplorar ou maldizer, mas em compreender as ações humanas; por isso, considere as paixões... não como os vícios da natureza humana, porém, como propriedade que lhe convêm, tanto quanto o calor, o frio, a tempestade, o trovão, etc., convêm à natureza da atmosfera. Pode-se dizer continuando: ao contrário as paixões todas podem se constituir em maravilhosos objetos de comunicação. O medo de um amigo ou de um filho faz com que nos aproximemos dizendo-lhe: o que você está vendo não é tão assustador assim. Daqui a uma hora tudo estará melhor. A gente, então, prolonga a conversa e, entre múrmuras palavras, os sons da boca denotam suavidade. Da mesma maneira pode-se dizer da tristeza. Fazemos que o filho ou amigo triste revele a perda ou a saudade e vamos, palavra por palavra, devolvendo-lhe o bem-estar. Se a dor for tão grande que não conseguimos ajudar tanto quanto gostaríamos, ao chorarmos juntos sabemos que nossa silenciosa comunicação poderá dizer que o amigo ou filho não estará sozinho neste inferno de dor. Fica assim posto como

reforço às palavras de Baruch Spinoza: as paixões, como a atmosfera, podem ser motivo de grande sorte. O vento enfunda as velas e o frio faz crescer o trigo, contanto que oportuno e na medida certa. Assim, pra ele, em tudo se manifestava a alma divina, e se não formos capazes de amar este pouco de vida, devemos pedir demissão de nossa humanidade.

CONVERSAS COM AS CADEIRAS

A soleira da porta, a poltrona, um toco no campo, a cadeira, o banquinho, o chão, possivelmente nos suportam melhor que um coração humano quando a angústia está em demasia.

Muito já se falou das casas e de seus lugares, mas as pobres cadeiras, de fato, é que mais são solidárias com o mundo humano. Todo nosso peso se deposita sobre elas. Nem ao menos nos damos conta de sua generosidade. Se foi uma criação humana, pouco importa. Aí estão a madeira, as palhas, os panos, o couro, o feltro e tudo mais que se compõe para nos dar um pouco de descanso e, na sala ou à mesa, faz reunir nossos risos, angústias e nossas tristezas. Apenas sentem que acima delas brotam palavras e suspiros. O seu silêncio é admirável, pois o montante da realidade humana é vasto, o que poderia fazer falar até as pedras. Mas não, a cadeira fica solidária, quieta e serviçal. É bom que nos compadeçamos delas. Entretanto, podem ser retratadas, generosamente, pelos artistas, sem ter de passar pela inconstante forma humana de ser. De toda a maneira que se lhes olhar, fica a lição de podermos ter um pouco mais de generosidade, pois aí estamos frente a frente, sem ter de suportar o peso de nossos traseiros. Falemos, pois, do alto delas... que assim cumprem sua natureza, e nós, a nossa.

UMA PEQUENA MÚSICA

Passam por mim e saúdam as meninas da minha infância que eram minhas queridas meninas, pequenos apetites sem conclusão. Agora são apenas lembranças pequenas, Mirca, Cacilda, Irene. Agora ao vê-las, já velhas, mais com elas me comunico com uma serena compaixão. Diz uma canção: o amor que vai e volta, na volta sempre é melhor! Não sei se melhor, pois que um pouco triste. Mania desta vida, passar inscrevendo pequenas paixões e depois envelhecer, acuando a vida e apelando para o infinito, diante do qual se têm, apenas, informações imprecisas. Mas em tudo se põe um céu acima de nós, impiedoso e vazio, e esta vontade de ser e dizer! Será o céu a possibilidade de conversar com os olhos cheios de lágrimas de tanta paixão? Em tudo semelhante a uma cena de um filme que vi não se quando nem onde: uma festa bela e uma bela guria! É isso que eu vi nas cenas. Um velho muito velho é que vi. Logo a seguir, o velho muito velho ouvia de seu médico: se esgota a vida do homem! Por favor, me chamem esta menina! Sei que meus olhos estarão velhos e nada em mim responderá adequadamente, pois tudo já silencia na santa paz e as cores não se distinguem! Me chamem esta guria, o último motivo de comunicação. Possivelmente, Deus operará em mim seu último milagre. Levantarei as costas de meu leito e lhe direi. Por favor, garota, não faça o que você está fazendo. Busque um homem que cuide melhor de teus dias. Não aceite que te amem pela metade. A tua beleza tem este direito. O teu amante passará como passará tua beleza. O amor e a beleza são breves. Essas ligações protetoras que você sustenta são frágeis demais, demais! Buenas, falo isso tudo sinceramente. Agora posso partir em paz! Te digo isso como minha última comunicação, juntamente com o suave pensamento de ter amado tanto uma mulher por mais de quarenta anos!

SAUDADES

Saudades: é a própria vontade de se comunicar. A gente fica remoendo a figura, fazendo dela mais do que é. É isto: quando não se tem, a gente faz mais do que se tinha. As lembranças podem dar mais vida que os próprios fatos acontecidos. Por isso, um dia vou querer contar tudo que fui, sendo, então, melhor que sou agora. Não sei por que esses rodeios se não é bem isso que vim contar. De fato, Santo Agostinho tinha razão: em nossa cabeça existem fantasmas não solicitados se antecipando às lembranças e às decisões.

Pois bem. Conversava com uma colega que me dizia ter sido precipitada em mandar embora seu marido, por se ver preterida, anos atrás. Dizia mais, que ainda amava o homem de sua vida, e que ainda ardia de desejos. Perguntei-lhe se ele havia se casado. Não, que eu saiba, respondeu. O que você está esperando para dizer que ainda tem vontade de estar com ele? Tenho medo que me diga não. E se ele está na mesma que você? Será? O que você perde se ele disser não? Nada. O que você ganha se ele voltar? Silêncio e um ônibus cheio de desejos. A conversa parou por aí. Mas continuou o diálogo dentro de mim. Disse ela: ganharia de volta o homem que amo! E o que mais? Um monte de relações cheias de saudades!! Quer mais? Barbaridade! É pena que a gente fique no meio da estrada, não levando a sério as possibilidades da comunicação. Os medos são fantasmas que não podem ganhar da saudade, guria! Terminou o meu diálogo.

ENTRE A FÉ E A MEMÓRIA

A comunicação com o absoluto é coisa de pasmar. Tão breve é o ser humano e tão pretendente! A minha amada desenha o rosto de Deus com

traços de um rosto humano perfeito. Reza para este rosto orações infinitas e deita tranquila, tendo a certeza de sua proteção. Quisera ter o seu peito fiel! Outro que tem representações de infinitas possibilidades é Borges, o sonhador. Traz, para tanto, um personagem de nome Funes, que *sabia as formas das nuvens austrais do amanhecer do trinta de abril de mil oitocentos e oitenta e podia compará-las na lembrança com as listras de um livro espanhol encadernado que vira somente uma vez e com as linhas da espuma que um remo sulcou no Rio Negro na véspera da batalha do Quebracho. Essas lembranças não eram simples; cada imagem visual estava ligada às sensações musculares, térmicas etc. Podia reconstruir todos os sonhos e entresonhos. Contou-me: mais recordações tenho eu sozinho que as tiveram todos os homens desde que o mundo é mundo.* Ambos, minha amada e Borges, ficam aí mostrando os tamanhos de seus corações. Ela me dizendo de ternuras infindas e, crente, vai em frente, revelando as formas que a povoam. Borges revelando um imaginário ser de competências inigualáveis. O mais agradável é que converso com ambos, cada qual tirando de seu poder sua melhor expressão. Serei mais feliz se tiver a fé dela e a memória dele? Me basta comungar com ambos, já é o suficiente, espero que não escapem de dentro de mim. O meu temor é fundado: todos sabem que a gente bem dotada como minha amada e Borges não gostam de ficar quietos, e eu não posso perder suas conversas. Definitivamente, eu não me basto!

A MEMÓRIA E O PENSAMENTO

Comunicar também é mostrar o palácio da memória que instrui, mais ou menos, o pensamento e a linguagem. Sobre ela, quase piedosamente, Santo Agostinho diz em suas *confissões*: *É em mim que tudo isso se dá, no imenso palácio da memória. Lá é que tenho às minhas ordens o céu, a terra, o mar e todas as sensações que deles tenho podido experimentar, salvo as que esqueci; e lá é que me encontro a mim mesmo, que me lembro de mim mesmo, do que fiz, do momento e do local em que o fiz,*

das minhas disposições afetivas ao fazê-lo: lá é que ficam todas as minhas lembranças, as que se fundam em minha experiência, ou as que se originam de minha crença em outrem... O santo continua a divulgar a maravilha da guarda que faz de todas as coisas que apreciou. Brinca dizendo que, quando quer se comunicar com suas lembranças, outras lhe acorrem pressurosas, muitas sem muita vergonha, perguntando se não são elas a quem procura. Isto é, existem tamanhas revelações que brotam e nos dizem que nada mais somos que a comunicação estabelecida e guardada. Não será ainda mais? Assim eu guardo a poesia e toda gente que pensou antes de mim cada palavra. Em tudo, então, existe um elo que nos cria e condiciona.

O TEMPO SE BIFURCA

A comunicação é obra também do acaso. É isto que diz Borges: *O tempo se bifurca perpetuamente para inumeráveis futuros.* Em cada bifurcação ninguém sabe o que ou quem quer se comunicar. Faz poucos dias, andando por aí, encontrei uma pessoa que não pretendia encontrar e o tempo se bifurcou. Em outro dia fui buscar um livro e novamente o tempo se bifurcou: gastei horas com ele e seu conteúdo modificou as minhas horas. Descobri que os tempos se bifurcam para trás e antes de mim. Sou um transeunte que se compôs nas bifurcações do passado. Milhões de falantes, antes de mim, me deram a palavra tal qual a pronuncio, naturalmente a constituíram em bifurcações de seus tempos. Agora estou aqui com as Ficções de Borges. E novamente o tempo se bifurca e a seguir, em seu nome novas estradas são percorridas. Me sinto, então, um emigrante do tempo que me leva de um lado para outro. Alguém me diz que o tempo o leva tão freneticamente que já não tem tempo para viver. O tempo já o toma em tantos caminhos que se sente em torvelinho. Penso, por isso, em sonhos, de mandar o tempo ter paciência, enquanto possa descansar, para que se bifurque menos intensamente em seus futuros. Quero falar ao tempo para que seja infinito, mas eis que mais rapidamente

flui, tomando minhas horas e levando minha vida. Então, vou saber em quantas estradas se bifurca, ou se não se bifurca mais.

O TEMPO E OS MOMENTOS

Borges, num momento, se sente querer andar por labirintos nada modestos e num outro, apenas visualiza o cotidiano com suas esparsas poesias. *Pensei num labirinto de labirintos, num sinuoso labirinto crescente que abarcasse o passado e o futuro e que envolvesse, de algum modo, os astros. Absorto nestas imagens ilusórias, esqueci meu destino de perseguido. Senti-me, por um tempo indeterminado, conhecedor abstrato do mundo. O vago e vivo campo, a lua, os restos da tarde, agiram sobre mim, também o declive que eliminava qualquer possibilidade de cansaço. A tarde era íntima e infinita. O caminho descia e se bifurcava, entre várzeas indistintas. Uma música aguda e como que silábica aproximava-se e afastava-se no vaivém do vento, turvada de folhas e de distância.* (Ficções). Continua se comunicando com pequenas coisas mais, tais como vagalumes, palavras, jardins, cursos de água e poentes. No primeiro momento busca reunir de uma só vez todos os astros e todos os tempos. Não quer perder nada, precisando, para tanto, de infinitos olhos, infinitas bocas e infinitas palavras para se comunicar. Não haverá, por certo, nenhuma mulher, muito menos um homem, capaz de sustentar tamanha comunicação, pois que não existe estrela quieta e nem um dos seus habitantes. Depois mais modesto surge um Borges, um pequeno poeta, avaliando com bondade e ternura os esgares dos dias e o choro fino dos ciprestes. Vejo-o gritando por socorro entre os apelos de quem não quer perder nada e tampouco morrer... quer o futuro, quer o passado, enfim todas as existências de uma só vez.

POR FALAR EM DOMÍNIO NA COMUNICAÇÃO

Proponho um livro que contenha todo o conhecimento. Que contenha a ordem de todas as coisas. E, mesmo, ao acontecer qualquer neurose, teria, numa só leitura, uma tal inspiração, que o exagero afetivo iria por água abaixo. Minha solidão, por imitar Borges, teria um grande consolo e esta elegante esperança. Quando um pobre coitado me perguntasse o caminho da fortuna, folharia o meu poderoso livro e lá estaria contido o seu nome e os caminhos mais próximos da sua grande sorte. Se ele me disse que teria muitas dificuldades, pois os costumes da pobreza são débeis, olharia para dentro do meu livro e de lá tiraria a fortaleza necessária para superar todas as vicissitudes que inferiorizavam o pobre homem. Pois, diz a sabedoria popular que as coisas, às vezes, se dispõem de tal forma que até Deus duvida. Pois se Deus tivesse alguma dúvida, pegaria do meu livro e, num processo pedagógico comunicativo, tiraria as dúvidas do Senhor. Faria de tudo para não transparecer minha maioridade, dizendo: Desculpe, Senhor Deus, é que aqui está escrito. Se um pobre ladrão quisesse devolver o produto de seu roubo, também o roubo dos políticos, buscaria encontrar uma forma de não passarem vergonha e os ladrões políticos não perderiam nenhum voto, podendo continuar a roubar, que sempre o livro daria uma resposta para não passarem vergonha. Aliás, para tanto, acredito, não precisaria muito de instrução, tamanha é a falta de vergonha que já poucos ladrões a perdem. Bem, se tivesse tal poder de comunicar e resolver problemas humanos e divinos, ainda assim a comunicação redundaria de pouca virtude se não houvesse um pouco de poesia e ternura. Mas se da doação do meu poderoso livro pudesse obter um pouco de ternura, valeria a pena doá-lo. Como não tenho o livro, nem tanta certeza, comunico apenas esta opinião final. Dominar, ou seja, ser senhor absoluto sobre o que ou quem quer que for revela uma pobreza absoluta de comunicação. Gente há que gostaria de dominar o voo dos pássaros, a beleza das flores, a generosidade de uma abelha, a leveza da brisa e a figura triste de um urutau. Gente há que gostaria de ter o domínio da filha do Onassis, o domínio de bola do Ronaldinho gaúcho, ou da

música de Bethowen. Fica entregue a esses sonhos de dominação e ao largo de si mesmo. Perde a chance de conviver consigo de uma forma de comunicar-se com a vida – aquela que concede a amplitude e a profundidade da humanidade que se expressa em pensadores e pequenos amigos. A expansão de si se dá na liberdade de não querer tirar à força o que ainda não lhe pertence. Ao contrário, ela conjuga muito bem com a humildade, que não se distrai, seguindo um rumo de ausências de si que se completa na opinião da história que ferve ao redor. O verdadeiro domínio se dá de porta aberta, onde tudo pode entrar e sair, mesmo a figura triste do urutau. Ou como num espelho onde tudo se reflete e nada se fixa: isto é, uma comunicação de rápidos murmúrios e de sombras que passam.

O HOMEM DA TAL INTEGRIDADE

Um dia alguém sonhou que haveria, em algum lugar, um homem íntegro: o mais perfeito ser de todos os seres humanos. Um homem de coração palpitante *na penumbra de um corpo humano*. Isso é dito muito bem por Borges: aquele que, como poucos, soube usar a palavra. E por virtudes sobrenaturais fez-se nascer tal homem que o tal sonhador havia sonhado. Sabia, porém, o sonhador que o tal homem era um simulacro. E ficou imaginando o que sonhava o homem sonhado. Finalmente o conto de Borges diz que o próprio sonhador era um simulacro, sonho também do homem perfeito o que me deu a impressão de apenas andarmos por aí pouco mais que nuvens leves e passageiras. Mas diz o nosso autor que o homem – gerado num sonho pelo ser que sonhara e que havia sonhado o homem perfeito – tivera sua vitória, mas que ao final ficou embaciada de fastio. Fiquei sonhando comigo mesmo no tal homem perfeito. Acredito que teria mesmo um coração palpitante na penumbra do corpo humano, se eu tivesse o dom de educar com tal perfeição a ponto de torná-lo(a) perfeita(o). Poria um tal motivo que fizesse dele(a) um homem ou mulher solidária(o) e que não tivesse vergonha de se comunicar. Soubesse

integrar perfeitamente os mais veementes apelos de suas carnes com os dizeres mais perfeitos da terra e, ainda mais, soubesse equilibradamente ponderar tudo, entre o que pensava, sentia, ouvia e fazia.

Mais possuía meu homem perfeito ou mulher perfeita. Não ficaria por aí só falando e se comunicando. Mandaria fazer ações e coisas perfeitas. A passagem deste homem ou mulher, entretanto, não podia ser por muito tempo, porque de alguma forma poderia se perder no poder que possuía e, também, como os homens sonhados, ficaria enfasiado. Afinal não há quem aguente, por muito tempo, tal poder de comunicação e, possivelmente, sentiria saudades de sua incapacidade.

ENCONTRO

Trago o Borges no peito. *Em algum ponto da terra há um homem de quem procede esta claridade; nalgum ponto da terra está o homem que é igual a esta claridade. O estudante resolve dedicar sua vida a encontrá-lo.* Nisso já se percebe o argumento principal dessa conversa de Borges. Crê que somos filhos da imortalidade humana, porquanto arrastamos atrás e na frente de nós todos aqueles que de alguma forma passaram por nosso sangue e nossa alma. Avalia também uma insaciável fome de uma alma de ténues reflexos que estão fixos em nós e desejam a melhor expressão. Assim, somos simples espelhos nos quais antigos sorrisos, pensamentos e ações querem tomar vulto. Da claridade que provém dos outros querendo abrigo em nosso peito e daqueles que nos cercam podem ser acesos os lampiões, e nossa casa terá a eterna e terna alegria que insiste em não desaparecer.

A PALAVRA TOMA VIDA

Aqui, nesta habitação, podemos gerar múltiplos seres e múltiplas esperanças enquanto a noite não vem. Mais que tudo, quero não me afastar de ti, pois teu reconhecimento amplia minha existência como numa explosão, embora minha alma seja apenas um pequeno ser que se move sem muita direção e, mesmo que minhas palavras sejam as mais efusivas que posso ter, tenho certeza de que são poucas e pobres para te deixar feliz. Tua bondade chega à abóbada celeste onde habita o espírito de Deus e as minhas palavras são pouco mais que um vento que sopra de manhã. Te amo nessa finitude. Meu alento, portanto, reside em que possa ser reconhecido, e essa solidariedade finita toma jeito das coisas divinas, pois que postas entre as vontades maiores do mundo e de uma alma sempre peregrina.

QUEREMOS DIZER

A história escrita e guardada, a mais bela história de um coração humano vazio querendo encontrar outro: é sempre assim: não há como poder existir sem a revelação dos outros. O corpo sozinho e triste querendo abraçar, porém tendo vergonha de dizer eu te amo: quero que me toques de fora para dentro até encontrar minha alma e Jesus dormindo lá no fundo. O velho livro de 1000 páginas que os autores escreveram dizendo eu quero viver em cada letra que sai de minha pena; a mãe que olha seu filho admirada de sua letra - este piá vai longe e diz para os transeuntes: fui eu, mãe, que o fiz e vocês não estão vendo o que meu ventre gerou? Tive um prazer indizível na noite em que comecei a geração desta vida. Torci tanto para meu filho e vocês nem sabem o seu nome. Todos esses seres testemunham o princípio da comunicação: a alma quer se expor nas palavras que se avolumam como uma bola que se enche. O máximo

prazer não nos satisfaz: apenas queremos nele e rapidamente dizer, nem que seja ao mais surdo dos homens, que ainda vibramos.

ANGELUS

Pensando numa pessoa amiga é que neste final de tarde – hora propícia para a maior intimidade – é que digo um pouco mais do caminho - único caminho quase perfeito para ampliar uma existência: o caminho da comunicação. Olhando bem para este estado de comunhão humana, verifiquemos se ele não tem horas especiais. Diz Cortázar em as *Armas Secretas*: “*Seis da tarde, a hora grave*”. Nas horas graves temos o que dizer...e continua “*a hora dourada em que o bairro inteiro de Saint-Sulpice começa a mudar*”. Ao sair do trabalho, no papel de embrulho no qual nos embrulham, renovam-se as intenções e ficam tristes os solitários por não terem para quem dizer, na soleira da porta, como foi o dia ou dos cotidianos refrigérios e preocupações. É a hora necessária da palavra, como esta que agora me possui. Uma espécie de angústia domesticável. Careço de alguém que me diga “meu amigo”. Minha alma se encantará em Deus meu Salvador, da mesma forma que se encantava o agricultor ao ceifar a aveia para o pasto ao gado, fazendo-se ao longe o Ángelus. Duas alegrias quase sempre o apraziam para a ternura do corpo e da alma: o descanso merecido e a esperança em Deus da infinita misericórdia e dono absoluto de todas as noites. E é nessa hora que se ouvem preces assim: Querido Deus das alturas, ponha o teu auxílio, concedendo ver o que ainda não vi. Que a escuridão ainda não posta tarde o mais que puder, mesmo que inevitável. E neste ínterim, que se precipite a tua graça na dimensão humana. Afaste a angústia e me deixe como um caboclo que vive satisfeito, tendo apenas sua violinha debaixo do braço.

DA DOR E DO ÓDIO

A dor e o ódio, talvez, sejam os maiores impedimentos da comunicação. Ambos concentram sobre nós todo o cuidado. Em ambas as situações pode haver gritos e sussurros que inibem o contato, mas na dor pode haver remédio, assim como no ódio. Em ambos os casos, depende da profundidade de como se instalam. No ódio e na dor o inimigo pode se instalar cruel e permanente, tirando toda a energia de quem sofre ou odeia. Nos dois casos de nada adianta querer abrigá-los, o que mais importa é livrar-se deles. No ódio é perdoar ou encontrar qualquer forma de libertar-se daquele que nos feriu. Não é bom recurso ferir o outro de morte. Isso pode oferecer apenas um leve alívio e até deixar pior o nosso envolvimento naquele que nós odiamos. A liberdade sempre significa o poder que temos de afastar nossos obstáculos em busca do bem-estar. É mais livre quem mais adequadamente pode se livrar do ódio e da dor. Pode haver lágrimas, mas que sejam passageiras, caso contrário, a morte nos olha de todos os lados. Penso também que a fragilidade pode nos roubar a alegria e a energia em razão de estarmos expostos ainda mais diante da dor e, possivelmente, do ódio. Gostaria de ter um pouco da fortaleza amiga e ter dos amigos a maior proteção pra poder afastar os inimigos da comunicação.

A PERDA I

A dor da perda de alguém é medida por aquilo que a outra pessoa foi capaz de comunicar. A interrupção é que dói. Fica-se a perguntar e ninguém responde. Mais ou menos assim: e agora, para onde vou? Quem tomará conta de minhas palavras e de meus sonhos? As palavras e os sonhos são obscuros ou indiferenciados sem o esclarecimento daquele que partiu ou deixou de vir. Ficamos mais ou menos como cegos por muitos dias, a nos perguntar pelo próximo que tomará conta de nossos

sonhos e de nossas palavras. Perdemos o nosso corpo, porque o sentido da palavra é que o governa. Assim, a corporeidade fica como que evaporada: estamos vazios. E, portanto, já não somos mais os mesmos e ficamos, em última análise, com saudades de nós mesmos, pois que também desaparecemos.

A PERDA II

A rejeição de um pedido torna-nos tristes pelas mesmas razões expostas em perda I. Entendemos que, quando pedimos alguma coisa, o que foi solicitado daria conta de um princípio de comunicação. O objeto motivo de nossa solicitação, uma vez rejeitado, deixa a sensação de nossa invalidez. A palavra portadora do nosso desejo não foi aceita ou compreendida. Ficamos sem a desejada expressão pela qual teríamos, possivelmente, uma melhor impressão da vida. Ficamos como aquele que volta para casa sem encontrar aquele a quem esperávamos encontrar em nossa viagem. Voltamos diminuídos em razão de voltar sem ter dito o que queríamos, sem ter ampliado nossa vida com a visita. É pertinente pensar que existem pedidos diferentes. Diferente é solicitar um livro do que solicitar uma mão em casamento. Entretanto, não se pode rir da comparação, pois não se sabe o resultado final, se ambos os pedidos fossem aceitos. Um livro pode produzir magníficos efeitos e é fácil deixá-lo de lado. Ao contrário; os efeitos do casamento geralmente são mais imprevisíveis e é mais difícil deixá-lo de lado. Do livro podem nascer sonhos; do casamento, uma relação quase absoluta, filhos amáveis e sonhos mil, fabricados em cada canto da casa.

DIÁLOGOS EMERGENTES

De repente me pergunto por que tenho de contar tais coisas. Mas se a gente começa a se perguntar por que faz tudo que faz, se a gente se pergunta apenas por que aceita um convite para um jantar ou por que quando alguém nos contou um bom caso, em seguida surge como uma cócega no estômago e não dá para ficar tranquilo até entrar no escritório ao lado e contar adiante a mesma história, só então a gente se sente bem, contente, e pode voltar ao trabalho.

Continuo a conversa de Júlio Cortázar: Queremos dizer: veja o que estou fazendo. Que bela obra estou fazendo ou, ainda melhor, que bela coisa estamos fazendo. Este dizer é o essencial. Se ficarmos apenas conosco fica a impressão de não se concluir nada na vida. Nem ao menos sabemos se isso que fazemos está bem feito. É verdade o trabalho realizado na reflexão também se constitui em comunicação, ainda que rudimentar. Todas as lembranças dos diálogos constituem-se numa forma de comunicação, mas se distantes, perdem seu valor, porque não se costumam mais na opinião: passam silenciosas pela alma. Portanto, para se ter alguma certeza do benefício, de verdade ou de expressividade, precisamos dizer ao fazer. Se assim não for, o feito esmorece dentro de nós e o peito se entristece às lágrimas ou, ainda pior, queremos nos distanciar não se sabe para que mundo, já que neste não sabemos por que estamos fazendo.

IMORTALIDADE E COMUNICAÇÃO

“Cada um de nós colabora, de um modo ou de outro, neste mundo. Cada um de nós quer que este mundo seja melhor. E, se o mundo realmente melhora, eterna esperança: se a pátria se salva – por que não haverá de salvar-se a pátria? – nós seremos imortais nessa salvação, não importa que conheçam ou não nossos nomes. Isto é o mínimo. O importante é a

imortalidade. Essa imortalidade se concretiza nas obras que deixamos, na memória que alguém deixa nos outros. Essa memória pode ser ínfima. Pode ser uma frase qualquer. *Por exemplo: “Fulano de tal, mais vale perdê-lo que encontrá-lo”. Não sei quem inventou essa frase, mas cada vez que a repito eu sou esta pessoa. Que importa que este companheiro tenha morrido, se ele vive em mim e em cada um dos que repetem essa frase? Estou usando a língua castelhana. Quantos castelhanos mortos estão vivendo em mim? Talvez o mais importante seja o que não recordamos de modo preciso; talvez o mais importante nós o recordemos de uma maneira inconsciente....”* (Borges, Cinco versões pessoais). Ah! Sim, parece ser a imortalidade esta presença de todas as coisas em nós, as mais imprecisas e as mais nítidas. Carregamos todos os seres de todos os latinos pelos diferentes nomes criados. Ao menos carregamos seus fantasmas evocados cada vez que os pronunciamos. E ficarão todos os seres multiplicados nessa invasão. Invadimos tantas almas e lá no recôndito de suas almas também habitamos.

EXPLICAÇÃO DAS DOENÇAS

Pode não ser verdade – e quem há de sabê-la? – mas que pode se constituir numa razoável explicação pode: adoecemos porque perdemos alguma coisa ou não conseguimos expressar a alguém o que percebemos. O problema, portanto, consiste em não poder comunicar ou comunicar-se. Perder uma perna não constitui o principal problema, afinal há outros jeitos de ir adiante. O problema é que nós não nos reconhecemos mais. Em algum lugar ficou uma parte que não se comunica mais. Ela não participa mais das conversas e, quando nos servimos de uma muleta, falta em nós o que nos era amigo. Perdemos parte do texto com o qual perambulávamos buscando de um sentido para viver. Agora, sem a perna estamos mais solitários. Então adoecemos. Ao contrário, se pudermos substituir a perna ou até, em sua falta, ampliar o texto com o qual buscamos explicar nossas vidas, possivelmente estaremos mais

saudáveis. De modo especial, se tivermos para amar a quem tanto tempo já nos amou, contanto que não nos olhe triste pela perna ausente!

DIALOGANDO COM O CORAÇÃO

Pode-se justificar o egoísmo de não querer morrer. Afinal, depois de tantos percalços, estradas e calçadas, conseguimos fazer alguma coisa contribuindo com as tentativas da pretensa e humana imortalidade: bem que merecíamos ficar um pouco mais. E sentir o coração quebrar-se ou a mão ferir-se pode nos fazer perder o fio da meada de nosso texto, pelo qual buscávamos as melhores explicações para viver. Mas se ainda pudermos realizar ações, mesmo de coração ferido, tendo o reconhecimento, então nada está perdido. Pois dizer importa mais que fazer. Queremos é nossa ampliação na alma dos outros. Se assim não for, ficamos aí sozinhos com nosso coração e com todas as nossas intenções. Portanto, não me abandone, ó coração, pois, se assim for, também tu não mais terás com quem se comunicar. Nem mais terás saudades: boa forma de comunicar-se com quem partiu. Nada, porém, poderemos fazer se ele nos disser, como o escorpião, é de minha natureza morrer. O único reconhecimento poderá ser o de buscar a palavra naquilo que deixamos nos outros e, de modo especial, a quem podemos dizer: ó minha amada!

O TEMPO E O ESPAÇO COMO DIÁLOGO DIVINO

Como diz santo Agostinho: *Non in tempore, sed cum tempore Deus creavit caela et terram*¹. Farei disso uma explanação talvez até esquizofrênica do pensar do santo. Deus estava sentado na imensidão e na intimidade absoluta, tendo ideias perfeitas. Tudo corria bem, mas faltava-lhe objetivar

¹ Não no tempo mas com tempo, Deus criou os céus e a terra.

melhor para ver melhor e sentir melhor o tamanho de seus pensamentos. Resolveu expressar melhor o que se passava em sua infinita cabeça. Se nós com um pequeno caso ficamos com cócega no estômago pela necessidade de falar, ou melhor, de expressar o que sabemos, podemos imaginar a vontade divina em querer revelar o que se passava. A infinitude tem um aspecto extremamente indeterminado; por isso, havia que limitar mais o que se passava. Daí que criou o tempo e o espaço. Por isso, diz o santo, Deus não criou o mundo no tempo, já que seu espaço é a eternidade, mas precisou de uma medida mais exata para dizer o que pensava. Dessa maneira, criou o tempo e o espaço, e neles as horas, a luz, a terra, os mares, e ainda, para ver melhor, criou o homem e a mulher. Teve, acredito, alguma dificuldade para reunir num só lugar todas as implicações da trajetória humana. Aí, então, começou a reconhecer o que fizera. E quando erguemos nossas cabeças para o alto queremos também dizer que ficamos aturdidos conosco mesmos. E como a resposta é parca e imprecisa, olhamos para os lados e falamos, fazemos, escrevemos para reconhecermos a nós mesmos.

ENTRE MÃE E FILHA

O silêncio se fazia na entrada da sala de exames. Alguns e algumas queriam saber de novos e antigos objetos de comunicação: dos corpos que podiam adquirir ou perder. A menina grávida, meu Deus, atenta pelo momento de saber sobre seu filho ou filha. Deixava seus espaços comunicativos e, talvez, distraidamente, arranjou outro que agora se revelaria. Outro estava para ver seu coração, objeto importante de suas comunicações. Tinha-o com cuidado, pois que a natureza não lhe fora favorável.

Eu estava lá a ver também as formas do meu coração. Não quero ainda me completar apenas nos outros, pois aos poucos, as ondas da memória se apagam e serei pouco mais que palavras dos outros. Por mais que meu coração diga: é de minha natureza morrer, eu resisto. Tenho vinhos,

gestos e palavras ainda não consumidos. Estava com uma comunicação reduzida, pois que voltada tão só para meu peito.

Ouçó, então, a menina de dez anos:

Mãe, você me deve dois reais!

E você quanto me deve?

Um murmúrio se fez entre as duas que dividiam seus valores.

Pensei, retomando a conversa das duas: é tão pouco o necessário para ativar este espírito que esvoaça irrequieto em busca de complementação. Algumas querendo saber da vida que vinha e alguns querendo escapar da morte. Cada qual querendo encontrar ou, ao menos, não perder. E as duas, dividindo seus débitos e créditos. E eu vendo mais... lia enquanto aguardava.

COISAS PRA VELHOS

Falava do coração enquanto lia Gracián². Dizia esse profeta da Idade Média: *acumule suprimentos pra se precaver contra a fragilidade... Assim como a natureza duplicou os membros do corpo mais importantes e mais expostos, a arte deve suprir-nos em dobro das coisas de que dependemos*. Isso cabe bem à feição dos mais velhos que, aos poucos, vão perdendo talentos e outorgas. Se não tiverem o que fazer a mais do que faziam ou pra quem fazer, ficam mais perdidos que cusco em procissão. Vale, de outra parte, o que nos diz ele: *o espinho é mais agudo quando o petisco é mais doce*. Fala, assim, da contradição: se, na velhice, somos um pouco mais experientes, contanto que não tenhamos apenas sobras inúteis, convém lembrar que estamos mais frágeis, o que nos leva a certos cuidados. Eu, de minha parte, sei o quanto devo aproveitar os dias, mesmo que sejam aziagos. Os espinhos se manifestam no corpo e a

² GRACIÁN, Baltasar. A arte da prudência. Martin Claret: São Paulo, 2009.

memória, dispensa da inteligência, vive se negando a entregar o que me convém. Isso leva à aceitação de limites. Imagens de mim devem ser revistas e, pacientemente, tecer algumas conquistas ainda não costuradas. A humildade é uma virtude já dita e faz bem nessas horas de o sol se pôr. Se não for desse jeito podem acontecer certos paradoxos que se metem na alma, querendo negar o que se é. Assim alguém vai querer retomar a juventude que já viajou para outros rostos, pondo pinturas ou mostrando forças que podem levar ao ridículo. Querem mostrar competências que já não possuem mais e, pior, querem avançar por regiões nas quais a alma já cansou de se revelar. Alguns, de rara inteligência, querem se botar a fazer coisas que outros realizam e são mais aptos. Teimosamente, querem mostrar poderes perdidos ou nunca havidos, ao invés de utilizar de forma conveniente talentos dominados e que ainda buscam aprimoramento.

MEDITAÇÃO SOBRE O RISO

Acho que estou perdendo o riso. Ficou na infância entre as brincadeiras ingênuas. Depois vieram as horas de burros pra aprender, de cavalos pra trabalhar e de cachorros pra cuidar. Poderia haver mais risos no meio dessa tibieza de inteligência e de trabalho. Ficaram lembranças produtivas, mas de poucos risos. Foi então que recebi uma história que me foi dada 58 anos depois do acontecido. Meus 11 anos... Crisma. Lembro que veio o solene bispo de Uruguaiana: Dom José Newton de Almeida Batista. Não sabia que, ao crismar a gurizada da então vila de Santo Cristo, tivesse ocorrido um fato que só agora foi contado por Adair Philipsen³: *Avança lento, o jipe dirigido pelo vigário Adolfo Gallas, com o bispo de pé, paramentado. Por certo, a vila até então nunca vira coisa mais solene. Quando os dois religiosos começam a subir as escadarias frontais da igreja, Reinoldo – por certo o maior brincalhão do lugar – ajusta o violino*

³ PHILIPSEN, Adair(org). *Sem esquecer dos esquecidos 29-33 in Histórias da História de Santo Cristo*. Porto Alegre: WS Editor, 2011.

sob o queixo, vibram os acordes iniciais de popular marchinha carnavalesca. Os músicos atendem à risca o maestro e, instrumentos em punho, sem vacilar executam e cantam com entusiasmo:

O palhaço está na rua

E vem anunciar

Que o rei momo já chegou

E é hora de brincar.

Este ano vamos ter variedade

Vai ser um barulho na cidade.

Hoje tem marmelada?

Tem sim sinhô!

Hoje tem goiabada?

Tem sim sinhô!

O palhaço o que é?

É ladrão de muié!

Isso é coisa de alemão cantar? Uma loucura!

Ao ler a história de Adair, perdi minha sisudez e minha velha austeridade. Uma das melhores vibrações de minh'alma nesses últimos anos. Ria descontrolado pelo paradoxo, e só quem conheceu os dois religiosos, poderá rir o que eu ri ou rir ainda mais. Escrevi pra meditar do quanto valem velhas histórias..., por certo, muito mais que antigas meditações, que não fazem muito mais que nos tornar sérios como os dois religiosos.

DOIS QUADROS E TRÊS LOUCOS

Não tem jeito... a alegria está querendo passagem... por isso continuo... o riso requer situações inusitadas ou inesperadas, como uma queda, tirando o sujeito de seu equilíbrio, ou como no paradoxo entre o sagrado e o profano: caso dos dois religiosos. Ainda medito sobre o riso, querendo ver sua extensão e suas vizinhanças. A alegria nem sempre faz encher o rosto de contrações momentâneas, mostrando toda a vibração que o inesperado ou inusitado proporcionam. Pode haver uma doce vibração em acordes sutis dentro do peito. Via, faz pouco, uma recomposição da *Mulher e Pássaro* de Miró. O monumento louco de cores não provocou um riso largo, mas me comoveu a sensação das cores bem postas e a louca abstração do catalão. Senti depois, de meu peito, o encanto num quadro de *Quixote e Sancho*: mais uma vez o cavalo me falou: *e eu aqui: ninguém vê como é difícil carregar um louco?* Sorrio na transposição da lembrança.

PARADOXOS

De fato, o que dá pra rir dá pra chorar. Pensava contente, muito contente, quase rindo com meu zíper: Barcelona é uma cidade de loucos. E a alegria está por toda parte. Vai da Sagrada Família ao time do Barça, sem esquecer de Dali, Miró, Picasso e dos loucos que se vestem nas Ramblas. Pensava mais... é gente linda e aberta pra todos lados. Mas não tem jeito... o ser humano tem lá suas complexidades, ambivalências, paradoxos e tudo mais que encanta e desencanta. Andando nas ruas da louca cidade, encontrei um catalão que dava graças a Deus por ter casado com uma brasileira. Disse-lhe que eu não conhecia as mulheres catalãs e que, possivelmente, fossem tão interessantes quanto as brasileiras. Falou sério: *usted habla eso porque não conoce las españolas e lo digo: não perdió nada por no las conocer*. Fiquei abismado, achando que os lugares têm muita força em deixar as pessoas melhores. Pior foi depois, no

aeroporto. Ouvia duas brasileiras falando mal dos seus maridos catalãs. Metiam um pau direto neles. Quando assim falavam, mostrei minha admiração e, pra dar mais ênfase ao que diziam, as duas concluíram, em uníssono: *São uns brutos!* Mais uma vez ri sobre mim e a humanidade.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](#)
www.projetopassofundo.com.br



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

